



FAHIMTB

- BRASIL -

PENSADORES MILITARES TERRESTRES

(1631 - 1990)



Cel. CLÁUDIO MOREIRA BENTO

FHE POUPEX



Em sua obra pioneira, Brasil – Pensadores Militares Terrestres (1631 – 1990), o insigne autor, Cel Claudio Moreira Bento, nos brinda com mais um de seus eruditos e excelentes trabalhos literários. Percorrendo cerca de três séculos e meio, o autor reúne preciosos e lapidares conceitos relacionados ao emprego da expressão terrestre do Poder Militar nacional, em muito contribuindo para a cristalização e o registro dos melhores momentos das concepções tática, operacional, estratégica e mesmo política que têm instrumentado e orientado o preparo e o emprego da Força Terrestre brasileira ao longo de sua evolução.

O Cel Bento, douto historiador sobejamente conhecido, é o fundador e presidente da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil, a FAHIMTB, há 23 anos. É, certamente, o maior historiador militar brasileiro em atividade.

O autor, com base em seu amplo conhecimento da atividade militar, conduziu detalhada e abrangente pesquisa, garimpando exemplos práticos das ideias, convicções e juízos profissionais de uma miríade de ícones históricos da Doutrina Militar brasileira. Seu estudo se inicia com Antonio Dias Cardoso, um dos heróis do berço no Brasil, da nacionalidade e do Exército e líder de operações militares não convencionais, cuja atuação em muito contribuiu para a expulsão do invasor holandês na primeira metade do século XVII. Antonio Dias Cardoso, mentor da Guerra de Emboscadas, é, com justiça, reconhecido como o primeiro operador de Forças Especiais

do Brasil, das quais é hoje o seu patrono e inspirador.

Avançando no tempo, já em meados do século XVIII, o Cel Bento explora a notável contribuição de Guilherme de Schaumburg, o Conde de Lippe, militar e político prussiano o qual, quando a serviço do Exército Português, reorganizou-o em profundidade e o liderou durante a participação portuguesa na Guerra dos Sete Anos.

A seguir, o autor dedica-se à análise do pensamento militar de grandes capitães brasileiros nas campanhas deflagradas no decorrer do século XIX. A genialidade militar do Patrono do Exército Brasileiro, o Duque de Caxias, é explorada nas diversas epopeias, internas e externas. Não se olvida o Cel Bento de examinar, em detalhes, os exemplos legados pelo Marquês do Herval, Osório, o maior herói e líder popular brasileiro, na lúcida visão do autor.

Adentrando ao século XX, o presidente da FAHIMTB estuda o juízo político e estratégico de grandes astros do exercício da perspectiva militar brasileira e precursores da Doutrina Militar Terrestre. Com muita propriedade, o autor examina o pensamento e a visão além de seu tempo de eminentes líderes nacionais como Leitão de Carvalho, Bertholdo Klinger, Tasso Fragoso, José Pessoa, Meira Mattos, Castelo Branco, para citar mais conhecidos. Sem qualquer dúvida, lega-nos o ilustre mestre, Cel Bento, magnífico compêndio de História Militar Terrestre brasileira, de incomensurável valor didático e elevado interesse no universo acadêmico e na evolução da Doutrina Militar Terrestre do Brasil.

Dessa forma, todos nós, militares e civis, que reconhecem e reverenciam a importância da História Militar, agradecemos ao autor por mais esta memorável e pioneira obra. Sinceros cumprimentos, Cel Bento! As instituições FHE e POUPEX sentem-se honradas em contribuir com a FAHIMTB. Aos leitores, adianto-lhes a certeza de mais uma boa e enriquecedora leitura da lavra do Cel Claudio Moreira Bento

Gen Ex Araken Albuquerque
Presidente da FHE-POUPEX

CLAUDIO MOREIRA BENTO

- BRASIL -
PENSADORES MILITARES
TERRESTRES
(1631 - 1990)

1^a Edição
2019

Gráfica Drumond
Barra Mansa - RJ

2019 - Copyright© do autor
1ª edição - Claudio Moreira Bento

Composição da capa: Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento.
Grande Colaborador da FAHIMTB, IHTRGS e ACANDHIS.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Avila

Revisão: Manoelina G. F. de Carvalho

Pedidos desta obra:

Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil
Rua Alfredo Whately, 365 Bl. 2 Apto. 603 - Cond. Porto Aquárius
Campos Elíseos - Resende - RJ
Tel: (24) 99924-7757
E-mail: bento1931@gmail.com

**A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bento, Coronel Cláudio Moreira

Brasil: Pensadores Militares Terrestres (1631 – 1990) /
Coronel Claudio Moreira Bento – 1ª ed.– Barra Mansa – RJ:
Editora Irmãos Drumond, 2019.

356 p.: il.; 21 cm

Bibliografia:

ISBN 978-65-5031-007-3

1. História.
2. Brasil História Militar.
- II. Título.
3. Pensadores militares do Exército Brasileiro.
4. Doutrina Militar do Exército Brasileiro evolução.

5031

CDD-981

Sumário

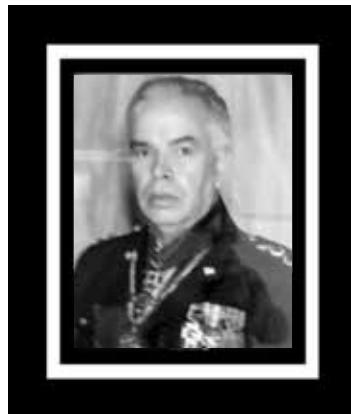
Introdução - Cel Claudio Moreira Bento	5
Prefácio - Cel Amerino Raposo Filho	20

PENSADORES MILITARES

Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso.....	23
Conde de Lippe	36
Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoyn.....	42
Marechal Luiz Alves de Lima e Silva - Duque de Caxias -	45
Marechal Manoel Luiz Osório (General Osório).....	67
Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet	77
Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.....	79
Cel Inf Mario Clementino.....	82
Marechal Estevão Leitão de Carvalho	86
General Bertoldo Klinger (1884 - 1969).....	90
Marechal Fernando Setembrino de Carvalho	101
General Augusto Tasso Fragoso.....	108
Marechal Tristão de Alencar Araripe	127
Marechal José Pessôa.....	137
General Francisco Paula Cidade	149

General Pedro Aurélio de Góes Monteiro.....	188
Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes	192
General Carlos de Meira Mattos	214
Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco	225
General Aurélio de Lyra Tavares	251
General Golbery Couto e Silva	261
General Francisco de Paula Azevedo Pondé.....	263
Coronel João Batista Magalhães.....	271
General Alfredo Souto Malan	285
General Antônio de Souza Junior	299
General Aguinaldo José Senna Campos	317
Coronel Francisco Ruas Santos	321
Coronel Amerino Raposo Filho	329
Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves.....	334
Posfácio - Daniel Mata Roque	346
Comentários de Israel Blajberg.....	348
Sobre o Autor Cel Claudio Moreira Bento	350

Introdução



Cel Cláudio Moreira Bento

BRASIL PENSADORES MILITARES TERRESTRES (1500 - Atualidade)

Foram portugueses do Brasil Colônia e brasileiros do Brasil Independente que, por suas reflexões sobre a Doutrina Militar Terrestre Brasileira, contribuíram expressivamente para o desenvolvimento da mesma e, dentre eles existiram muitos anônimos que um dia a pesquisa da evolução da nossa Doutrina Militar irá revelar. Incluo o pensador alemão Conde de Lippe, que foi contratado por Portugal para organizar seu Exército e que no Brasil projetou sua Doutrina através de seu discípulo, o tenente general John Henrique Bohn que comandou o Exército do Sul na Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis 1774-1776, conforme abordo em meu livro *A Guerra da Restauração do Rio Grande 1774-1776*, disponível em *Conflitos em Livros e Plaquetas* no site www.ahimtb.org.br. O presente trabalho é artesanal, que desenvolvi aos 87 anos depois de 49 anos pesquisando, resgatando e divulgando a nossa rica História Militar Terrestre Brasileira, procurando, da análise militar crítica, à luz dos Fundamentos de Arte

e Ciência Militar Terrestre, dela extrair Sabedoria Militar e, não só Conhecimento Militar. Experiência que creio foi muito enriquecida desde 1º março de 1996, há 23 anos, ao fundarmos a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB, desde então acolhida como hóspede pela AMAN, em suas instalações externas, no comando, do Gen Div José Mauro Moreira Cupertino. Estimulada pelo Gen Div Domingos Carlos Curado. Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes, Gen Marcos Antônio de Farias (acadêmico da AHIMTB), Gen Bda Gerson Menandro de Freitas. Em 2011, no bicentenário da AMAN, ela foi acolhida como hóspede, em amplas instalações internas, ao fundo da Biblioteca da AMAN, pelo Gen Bda Edson Leal Pujol, hoje acadêmico emérito da AMAN e apresentador de nosso livro 2010 - 200 anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras. E continuou estimulada pelos comandantes Gen Ex Júlio Cesar de Arruda, meu ex aluno de História Militar e que foi meu comandado como Aspirante e 2º Ten no 4º BCmb em Itajubá-MG; Gen Bda Thomaz Miguel Miné Ribeiro Paiva, ex aluno de História Militar, que reforçou a FAHIMTB com uma impressora e recebeu todo o acervo acumulado pela FAHIMTB pelo Boletim Interno da AMAN de 17 nov 2014 com a ressalva que documentos e livros doados que estiverem carimbados "DOADO A AMAN Cel BENTO AHIMTB" integram o acervo doado e, mais o Gen Bda André Luis Novaes Miranda e o Gen Bda Augusto Ferreira Costa Neves. Os dois últimos acadêmicos, emérito, e titular da cadeira Marechal José Pessoa que passou a ser vinculada aos comandantes da AMAN, os quais foram empossados como 3º Presidente Honra da agora Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e 1º Presidente de Honra da AHIMTB Resende Marechal Mário Travassos. E a FAHIMTB muito realizou, conforme consta em ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (1996-2018) disponível na página de abertura do site da FAHIMTB (www.ahimtb.org.br). Mas como hóspede da AMAN e não oficializada, não pode naturalmente receber apoio oficial da AMAN. E ela cresceu muito e sua continuidade depende de

ela ser oficializada e de receber do Exército recursos colocados á sua disposição na AMAN. O apoio da FHE-POUPEX e de parte dos oficiais do Exército que descontam em folha já não atendem as suas necessidades. Napoleão afirmou certa feita que o sucesso de um empreendimento depende de 4 condições. 1- Uma boa ideia; 2- Dinheiro; 3- Dinheiro e 4- Dinheiro. Até agora a FAHIMTB creio que foi uma boa ideia. E sua continuidade depende de oficialização e apoio financeiro. E caso esta hipótese ocorra, mandar oficiais com vocação (vocare–chamado) para História Militar para eu poder lhes passar conhecimentos e sabedoria histórica militar terrestre e me substituírem e durarem na ação. Creio que o site da FAHIMTB encerra o meu legado, o qual preservei em DVD, graças a meu filho Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, atual professor de Navegação Integrada na Escola Naval, que criou e administra o citado site que pretendo perenizar na *NUVÉM*. Sinto que existe um desânimo entre os acadêmicos da FAHIMTB, seguramente explicável pelo historiador norte americano professor de História em Yale, TIMOTHIU SNYDER, em entrevista na Rede Globo, no programa Milênio, sobre Democracia ameaçada, “declarou que todos os setores descartam as lições da História no momento em que o mundo mais dela necessita”. Como historiador militar brasileiro lamento profundamente:

“Pátria que não valoriza ou não considera relevante a sua História Militar, corre o risco de acordar escrava.”

Oeste de um pensador militar turco: “Nações que adormecem, morrem ou acabam escravas.”

E visualizo no futuro incerto, um pouco provável confronto bélico EUAxCHINA mais Rússia em que o Brasil será envolvido. E as lições de sua História Militar serão preciosas neste momento. E disto decorre a relevância das lições de nossa História Militar Terrestre, Naval e Aérea. Será lamentável que autoridades responsáveis pelo desenvolvimento destas histórias, em especial de suas histórias militares críticas que agregam SABEDORIA MILITAR, fundamental para o desenvolvimento da Doutrina das Forças Armadas do Brasil, não valorizem as lições de nossa História Militar, no caso do Exército

Brasileiro e passem a História como omissos. Creio, salvo melhor juízo, que a História do Brasil é de responsabilidade das lideranças que seu Povo elegeu para os representar nos Executivos e Legislativos Federal, Estadual e Municipal. Mas em realidade estas histórias são desenvolvidas por abnegados historiadores civis e militares, a custa de seus recursos financeiros, sem apoio do governos citados que pela Constituição, deduzo, são responsáveis constitucionalmente. E creio salvo melhor juízo que nossas Forças Armadas tem esta responsabilidade de cuidar, em alto nível, da sua História Militar. Alimentamos a esperança que o atual Governo em todos os seus escalões, cujo lema muito divulgado Brasil acima de tudo e Deus acima de todos, volte sua atenção em todos os escalões para ensino de História do Brasil e para sua História Militar, ambas nestes últimos anos depois do Presidente Emílio Garrastazu Médici, muito desprestigiadas, manipuladas, ensinadas ideologizadas e vítimas da indiferença! Conferir é obra de simples raciocínio e verificação!

O Marechal Ferdinand Foch que saiu da Escola Superior de Guerra da França para liderar a vitória aliada na 1^a Guerra Mundial. Escola de Guerra onde ensinava História Militar crítica, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar declarou:

“Para alimentar o Cérebro de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações que o livro da História Militar.”

E creio tivemos a oportunidade de publicar o mais atual livro de História Militar, à luz da Teoria de História do Exército Brasileiro, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis:

Brasil – Lutas contra invasões, ameaças e pressões externas (Em defesa de sua Integridade, Soberania, Unidade, Independência e da Liberdade e Democracia mundiais). Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2014.

Brasil – Lutas Internas 1500-1916 em defesa da Unidade e Integridade. Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2016 Ambos disponíveis para serem baixados no site da FAHIMTB.

Segundo o General Pedro Cordolino de Azevedo, em Setembro de 1949:

"Durante 26 anos fiquei á frente da Cadeira de História Militar... No decorrer desse largo período foram várias as extensões dos programas. Estes sempre modificados. Ora por regulamentos que determinavam os assuntos e a maneira de transmiti-los. Ora por determinações expressas de autoridades a que estava subordinado. Daí as profundas modificações, na extensão e natureza, às vezes inopinadas, sem tempo para coordená-las e transmiti-las com proveito. No tocante à História Militar do Brasil chegou-se a este extremo. Seu estudo compreendeu algumas vezes o início de nossa vida colonial, as lutas contra as invasões estrangeiras, todas as nossas campanhas com os povos vizinhos até 1º MAR 70, em Cerro Corá. Vezes houve que de todo o nosso glorioso passado militar só se deveria estudar uma única campanha, por ano letivo. Quanto à História Militar Geral seu estudo foi alvo de profundas modificações. Desde a Maratona até nossos dias, em alguns programas. Em outros, em doses mínimas, o estudo de algumas campanhas notáveis. Aconteceu que houve ocasiões em que se estudaram assuntos que em nada nos podiam interessar. Disto ficou alguma coisa de minha longa permanência na cadeira de História Militar. Daí os meus 2 livros agora publicados".

Obs: O General Cordolino foi professor de História Militar do Realengo e em Resende, de 1923 a 1949. Fonte: p. 132 de nosso Manual como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro publicado pelo EME em 1978 e republicado em 1999.

Importância da História Militar

Ela é de suma relevância para os exércitos, como fornecedora de subsídios para o desenvolvimento da sua Doutrina e da sua Instrução e para a preservação e controle de seu patrimônio Histórico e Cultural. E neste último se insere a SABEDORIA MILITAR, os ensinamentos colhidos na forma acertos no caso de nosso Exército, em sua História Operacional e Institucional. Subsídios de grande valor que o CÉREBRO do Exército deve dispor na formulação e atualização do seu Corpo de Doutrina.

História Militar Descritiva e História Militar Crítica – Diferenças

História Militar Descritiva é aquela que é resgatada por historiadores com apoio em fontes primárias, íntegras, autênticas e fidedignas. História Militar Descritiva é CONHECIMENTO MILITAR.

História Militar Crítica é a que resulta da análise militar crítica da História Militar Descritiva, à luz dos fundamentos da Ciência e Arte Militar. História Militar Crítica é SABEDORIA MILITAR.

O meu primeiro trabalho de análise militar crítica, à luz dos fundamentos da Ciência e da Arte Militar foi meu livro. As batalhas dos Guararapes, descrição e análise militar, com os ensinamentos que adquiri na ECEME e, os por conta própria, na Literatura da ESG. Livro este na sua 3^a edição.

Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro é meu livro publicado pelo Estado-Maior do Exército e está disponível para ser baixado do site da FAHIMTB. Obra que redigi em 1977, como preparação para assumir as funções de instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980.

Cérebro e Corpo de um Exército

Cérebro, referido pelo Marechal Foch, no caso do Exército Brasileiro, seria constituído por uma minoria. Um exemplo: Comandante do Exército e seu Estado-Maior e Gabinete, Generais comandantes e chefes e seus estados-maiores ou assessorias, táticos, estrategistas, geopolíticos, historiadores diplomatas, geógrafos militares terrestres e planejadores militares, adidos militares e encarregados de administrar e atualizar o Corpo de Doutrina. As informações colhidas por adidos militares e oficiais cursando em outros exércitos são fundamentais para alimentarem nossa Doutrina.

Este Cérebro teria a missão de desenvolver a Doutrina do Exército, que a cada dia evolui com maior rapidez, em função da Tecnologia.

Corpo do Exército seria a sua imensa maioria, a qual cabe treinar e executar a Doutrina do Exército, E neste particular, no tocante ao desenvolvimento progressivo da Doutrina Militar, tem desempenhado relevante papel, os Pensadores militares terrestres brasileiros, motivo do presente ensaio pioneiro.

Explosão das informações de História Militar Terrestre do Brasil e os descarte generalizado das lições de História. Segundo afirmou o citado historiador Thimothy Snider que o mundo está descartando as lições da História no momento em que mais delas precisa.” E creio, por extensão, acontece o mesmo no Brasil e, em especial no tocante a sua História Militar. As informações explodiram!!! Segundo um analista, “elas dobravam de 200 em 200 anos. E hoje elas dobram de ano em ano. De modo que uma criança de cerca de 10 anos dispõe de mais informações do que um imperador romano, no auge do Império Romano”.

Hoje 11 fev 2019, na magnifica palestra do Comandante do Exército Gen Ex Edson Leal Pujol, intitulada SER CADETE, a nossa História Militar apareceu em CIVISMO-Culto de nossa História Militar, aos seus heróis e chefes do passado”.

E como temos reagido para tentar dominar as informações históricas. Como instrutor de História, já historiador militar consagrado, premiado e membro de instituições históricas e com o patrocínio do Estado-Maior do Exército, coordenamos e enriquecemos os livros textos da Cadeira de História: História da Doutrina Militar e História Militar do Brasil e mais o Manual Como estudar e Pesquisar a História do Exército. Os dois primeiros foram livros textos durante 20 anos até 1999, quando foram descartados no contexto da chamada Modernização do Ensino, ou de iniciativa do instrutor chefe da Cadeira de História.

Como Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985-1990, elaboramos índice do conteúdo de revistas militares etc. Eles foram micro filmados e seus arquivos deixados no Arquivo Histórico e, em Brasília, na Diretoria de Informática. Inclusive o livro registro de alunos da Academia Real Militar, Revista do Clube Militar, Relatórios do Ministros da Guerra, Revista o Instituto de Geografia e História

Militar do Brasil, etc. Eles foram micro filmados e disponíveis no AHEx e guardo exemplar deles para que depois de digitalizados os incorporarei em Instrumentos de Trabalho do Historiador do Exército, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB.

Na atualidade nossa produção histórica está sendo digitalizada e disponibilizada, no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. E inclusive livros de nossa autoria para serem baixados. Mas creio que não será suficiente e estamos colocando o site em DVDs, para tentar assegurar sua perenidade e distribui-los à Bibliotecas.

Estamos consultando índices de revistas militares para salvar as obras dos Pensadores Militares Terrestres Brasileiros, que contribuíram para a evolução da Doutrina Militar Terrestre Brasileira e chego à conclusão, que atualmente periódicos sem índice, são sepulturas do pensamento militar brasileiro e dos autores que os produziram. E que para resgatá-lo impõe-se a indexação dos índices destes periódicos militares e mais do que isso, a digitalização do conteúdo da revistas e a disponibilização dos mesmos na Internet em sites militares diversos. Dá pena ver que trabalhos notáveis jamais serão consultados se não forem digitalizados.

Teoria da História do Exército ou Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras

De 1970-1974 trabalhamos na Comissão de História do Exército do Estado-Maior como assessor do seu Presidente, o Cel Francisco Ruas Santos. E lá participamos de trabalho publicado pelo Estado-Maior do Exército intitulado Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres do Brasil SCAHFTB e com apoio nele classificamos todo o precioso acervo de História Militar acumulado por cerca de 72 anos por sua Seção de Geografia e História Militar. Sistema que no Centro de Documentação do Exército foi abandonado e reclassificado por bibliotecárias contratadas o que causou ao Cel Ruas Santos e a mim uma grande decepção. O SCAHFTB que em realidade relaciona o Emprego de forças terrestres brasileiras, nas mais variadas condições, em lutas

externas e internas, desde o Descobrimento.

Como instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, em nosso manual *Como estudar e pesquisar a História do Exército*, simplificamos a Teoria de História do Exército para os casos de Emprego de Forças Terrestres Brasileiras em diversos tipos de lutas. E de cada uma, procurar-se à luz dos Fundamentos da Ciência e Arte Militar, determinar os erros e acertos praticados e, se possível, a Doutrina Militar empregada no tocante a Organização, Equipamentos, Instrução, Motivação e Emprego.

Historiador Militar Terrestre Brasileiro

Em contrapartida a explosão das informações militares terrestres, os historiadores militares terrestres críticos brasileiros diminuíram a níveis perigosos. O historiador militar terrestre brasileiro é decorrência de vocação. Assemelha-se a um alpinista, o qual faz um enorme sacrifício físico para chegar ao topo de uma montanha, e quando lá chega esquece todos os sacrifícios que são compensados com a satisfação de ter atingido o topo. O historiador militar passa por trabalhos imensos para realizar seu trabalho, enfrenta a indiferença geral, o isolamento, a inveja e o boicote mas se sente compensado por ter completado o seu trabalho. No meu caso a satisfação de ter realizado algo importante é relevante para pesquisar, preservar e divulgar a História do Exército, em 48 anos de atividade. Este é o meu legado!!! E lamento a perda do acervo de destacados historiadores do Exército, por não terem suas obras preservadas na Internet com o auxílio da Inteligência Artificial. Mas suas obras podem ainda ser resgatadas, dependendo da decisão superior, no sentido de digitalizar seus periódicos militares e seus conteúdos e disponibilizá-los em sites militares. Mas como convencê-los da situação de gravidade da historiografia militar terrestre brasileira. Tenho esperança que Escalão Superior me ajude nesta tarefa de salvar a historiografia militar terrestre do Brasil e, a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil que há 23 anos, na AMAN, pesquisa, preserva e divulga

a História Militar Terrestre do Brasil. Enfim, que se faça uma avaliação da situação do ensino de História Militar Terrestre do Brasil depois de 1999, com a praticada de 1960-1998 de como ela está, ou nos moldes de anterior por orientação do então general Castelo Branco, como chefe do Estado-Maior do Exército o qual abordaremos neste ensaio como pensador militar, consagrado como denominação histórica da ECEME.

Importância da História Militar para os Exércitos

Trabalhando por vocação com História Militar há 48 anos e, em especial com a História das Forças Terrestres do Brasil (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Policiais e Bombeiros Militares) e com ênfase na História do Exército, aprendemos alguns conceitos que passo a abordar.

O já citado Marechal Ferdinand Foch que deixou a Escola de Guerra da França onde lecionava História Militar crítica, para comandar a Vitória aliada na 1^a Guerra Mundial, assim definiu a importância da História Militar para os exércitos como já nos referimos.

“Para alimentar o cérebro de um exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro da História Militar.”

E os seguintes cabos de guerra assim definiram a importância da História Militar.

Frederico o Grande: “Eu estudo toda a espécie de História Militar, desde César até Carlos XII. E a estudo com todas as minhas forças.”

Orientação de Frederico o Grande ao professor de História Militar de seu filho:

“Não o faça decorar como se fora um papagaio. Faça ele racionar e tirar conclusões sobre erros e acertos praticados. (História Militar Crítica).

Napoleão: “O conhecimento superior da Arte da Guerra, só se

adquire pela experiência e pelo estudo da história das guerras e das batalhas dos grandes capitães. Façam a guerra como Alexandre Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Eugênio e Frederico o Grande. Leiam e releiam a história de suas campanhas e guiem-se por elas. É o único meio de se fazer um Grande General e de aprender os segredos da Arte da Guerra.”

General Patton: “A leitura objetiva (crítica) da História Militar é condição de êxito para o militar. Deve este ler biografias e autobiografias de chefes militares. Quem assim proceder concluirá que a guerra é simples!”

O general Patton era um historiador militar fecundo, além de um grande general que sempre recorria as lições da História Militar.

Molke, o Velho: “A História Militar por dominar completamente a conduta prática da guerra é uma fonte inesgotável e ensinamentos.”

Moshe Dayan era arqueólogo e batizava suas vitórias com nomes bíblicos. Depois da Vitória na Guerra dos Seis Dias reuniu os historiadores do Exército de Israel para lhes agradecer a Via de Acesso que lhe indicaram, na qual conseguiu surpresa.

Presidente Emílio Médici. Não se governa bem sem História e historiadores.

“A ninguém é lícito ignorar a importância da História no Desenvolvimento Nacional, como instrumento de ação na elucidação de temas e na definição de alternativas prospectivas, assim como no encontro de métodos de análise dos acontecimentos que sirvam ao individual e ao coletivo. Aqui também podemos afirmar que não se governa bem sem História e historiadores. E nós brasileiros dizê-lo melhor do que ninguém, pois pacificamente nenhum país cresceu mais do que o nosso, pela pesquisa e análise de nossos historiadores.

“Ignorar as lições de nossa História Militar é correr o risco de revivê-la com sangue”.

“Na Paz é a melhor quadra para que a nossa História Militar contribua para a elaboração e desenvolvimento da Doutrina Militar e da Instrução dos Quadros e da Tropa”.

- Fundamentos da Arte Militar. Os abordo em meu livro Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro em seu Capítulo 4, onde ressaltam Princípios de Guerra, Manobra e seus elementos, além de uma enorme relação de outros fatores. O citado livro Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro, publicado pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e 1999 está disponível para ser baixado ao final de Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br. Nele encontram-se os seguintes assuntos relacionados com a importância da História Militar para as Forças Terrestres do Brasil e em especial para o Exército Brasileiro.

Capítulo 1 - História um entendimento e fontes de História p.1-1 a p.1-16,

Capítulo 2 - História Militar ou da Doutrina Militar p.2-1 a 2-12.

Capítulo 3 - Um pouco da História do Exército Brasileiro p.3-1 a p.3 a p.3-p.17.

Capítulo 4 - Fundamentos para a pesquisa e estudo crítico da História Militar p.4-1^a p.4 a 4-30.

Capítulo 5 - Temas históricos sobre o emprego de Forças Terrestres Brasileiras, para a pesquisa e estudo militar crítico, com vistas à formação do combatente e ao desenvolvimento da Doutrina Militar ou Teoria de História do Exército desenvolvida pela Comissão de História do Exército do Estado-Maior 1970-1974 e aprovada e publicada pelo Estado-Maior do Exército p.5-1^a p.5-21.

Capítulo 6 - Metodologia de Estudo e Pesquisa de História Militar p.6-1 a p.,6-34.

Capítulo 7 - Onde estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro p.7-1 a p.7 -21.

Apêndice 1 - Esforço editorial da BIBLEx, na divulgação de obras de interesse da História do Exército, História Militar Geral, Arte e Ciência da Guerra, Estratégia, Geopolítica e Segurança Nacional Apd 1-1 a Apd 1-10.

Apêndice 2 - Trabalhos de História Militar publicados fora da BIBLEx Apd 2-1 a Apd 2-4.

Apêndice 3 - Lista Parcial da principais fontes brasileiras,

argentinas e uruguaias sobre a batalha do Passo do Rosário ou Ituizangó em 27 fev 1827. Apd 3-1 a Apd 3-7;

Apêndice 4 - 1ª Batalha dos Guararapes 19 abril 1648 (Análise Militar Crítica). Apd 4-1 a Apd 4-14.

Apêndice 5 - O Combate de Monte Castelo 21 fev 1945. Análise militar crítica pioneira á luz dos Princípios de Guerra e da Manobra e seus elementos.

Apêndice 6 - O Exército o Desenvolvimento Nacional. Ensaio pioneiro e interpretativo à luz da Teoria de História do Exército Brasileiro. Aliás Teoria cujo conhecimento é impositivo para intitular-se historiador do Exército Brasileiro.

Apêndice 7 - Diretriz para as atividades do Exército no Campo da História do EME - Portaria nº 061 - EME de 7 out 1977 que define os objetivos das atividades de História:

a) Contribuir para a formação e aperfeiçoamento dos quadros e tropa.

b) Contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar do Exército.

c) Preservar e divulgar o Patrimônio Histórico Cultural do Exército.

E como patrimônio cultural todos os artigos e livros sobre história militar terrestre do Brasil, dos quais hoje estão sepultados em periódicos militares não digitalizados, medida que se impõe, para ressuscitar o conteúdo dos mesmos e de seus autores e colocá-los à disposição dos pesquisadores de História do Exército de hoje e do amanhã, para que possam analisar criticamente o passado operacional do Exército, para entenderem o seu presente e, em melhores condições realistas melhor prepará-lo para defender sua Integridade, Soberania, Unidade, Paz Social no insondável 2º milênio que ora se inicia" num mundo que descarta sua História, no momento em que dela mais necessita."

A História do Exército foi encargo de 1898 a 1970, por 72 anos do EME através sua Seção de Geografia e História Militar que foi extinta em 1970 e transferido seu encargo e acervo para a então Comissão de História do Exército do EME, CHEB, que extinta em

1974, teve todo o seu acervo transferido para o então criado Centro de Documentação do Exército, onde a classificação do acervo feita pela citada CHEB, à luz da Teoria do Exército e foi reclassificado por bibliotecárias civis e, lá a História do Exército foi perdendo a sua importância, bem como o precioso acervo de História do EME. Hoje o citado Centro foi extinto. Quanto a ensino de História da AMAN, passou por orientação do General Castelo Branco, no início da década de 60 do século passado, a ser ministrado na dimensão de História Militar crítica, ao invés de História Militar descritiva que só agrupa CONHECIMENTO MILITAR, mas não SABEDORIA MILITAR a ferramenta ideal para o CÉREBRO do Exército, desenvolver e atualizar a sua Doutrina Militar e a Instrução e ensino dos seus quadros e tropa. Os historiadores do Exército que no passado atuavam em número expressivo diminuíram a níveis críticos e hoje atuando contam-se nos dedos de uma mão.

Creio que a atual situação da História do Exército explica-se pelo fenômeno denominado pelo sociólogo italiano Domenico de Mari de DESORIENTAMENTO e por ele assim explicado, segundo entendi, depois de numerosas fases da Sociedade Mundial que se desenvolveram com apoio e roteiros e objetivos a serem atingidos, a atual fase do DESORIENTAMENTO não dispõe de um roteiro a ser seguido. Esta confusa. E até segundo o historiador norte americano citado “o mundo estaria descartando as lições da história no momento em que dela mais precisa”. E creio que nosso Exército por esta razão estaria descartando a sua História em especial, sua História Militar crítica, a sua Teoria de História, a orientação do Ensino de História na AMAN pelo pensador militar Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e ministrado por oficiais QEMA, o Estado-Maior descartado a HISTÓRIA EXÉRCITO e o precioso acervo da mesma que acumulou em 74 anos. E por fim a baixíssima prioridade dada no Exército hoje, a sua História Militar, hoje na Sociedade Civil, a manipulada História Militar do Brasil não é levada a sério e, o mais importante, ideologizada e assim ministrada a nossa juventude. Esta é a pergunta que deixo no ar como introdução ao meu ensaio pioneiro e artesanal

PENSADORES MILITARES TERRESTRES DO BRASIL e me escudando no pensamento dos Jovens Turcos da revista A Defesa Nacional no 1º Editorial:

“Nós estamos profundamente convencidos de que só se corrige o que se critica e de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes.” Esta revista foi fundada, por conseguinte, para escrever o direito que todos temos, de julgar as coisas que nos afetam, segundo o nosso modo de ver, e darmos nossa opinião a respeito.”



Homenagem do autor ao pensador militar terrestre brasileiro ainda não reconhecido. No entanto posso ensaiar pioneiramente, os mais expressivos: na minha visão.

Prefácio



Cel Amerino Raposo Filho

Distinção das mais significativas, a incumbência cometida pelo Cel Claudio Moreira Bento, para prefaciar sua excepcional obra pioneira, configurando os principais Pensadores Militares Terrestres (1631 – 1990); cada qual, contribuindo de maneira altamente competente, durante 3 séculos, da Evolução da Instituição Militar Brasileira, desde o sentimento de Pátria, ou Nacionalidade, durante as Guerras Holandesas ou Guerra Brasílica, nas batalhas dos Guararapes, para expulsão do invasor holandês, sendo seu herói o Sargento Mor (Major) Antônio Dias Cardoso, consagrado pelo Exército o Patrono das Forças Especiais.

Contribuição igualmente notável é a Doutrina do Conde de Lippe, destacado pensador militar e político alemão, combinada com a do Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoym que aplicou a “Estratégia do fraco contra o forte”, a Guerra à Gaúcha, na Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis 1774/1776.

Seria ocioso, embora gratificante, elencar o Pensamento político-estratégico-militar de chefes e pensadores militares que emolduraram os principais conflitos, Internos e Externos, no Século XIX, como o Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias,

Patrono do Exército Brasileiro e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, e o Marechal Manoel Luiz Osório. Foi ousada e de grande risco a Estratégia Militar empregada por Caxias, para conjurar Conflitos Internos nas 4 Campanhas (Maranhão, Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul). E em cada uma empregando Estratégia Militar e Operacional. E na Revolução dos Farrapos, Estratégia eminentemente Psicológica. A Estratégia Militar, Operacional e Tática nas duas campanhas decisivas da Guerra do Paraguai. Caxias e Osório aplicaram, à exaustão, os Princípios de Guerra: Objetivo, Surpresa, Manobra, Massa, Segurança, Ofensiva, Economia de Meios e Unidade de Comando. Cada um, elementos fundamentais à edificação de uma autêntica Doutrina Militar, consoante as peculiaridades de cada área estratégico-operacional e considerando, a evolução crescente dos meios e métodos polemeológicos em evolução acelerada.

Muitos outros Pensadores Político-Militares já no clarear do Século XX poderiam encolunar-se para o delineamento e a formulação da História Militar (Estudo Crítico), Princípios da Arte da Guerra, Edição de Revistas Militares, como "A Defesa Nacional", "Nação Armada", Cultura Militar, Revista do Exército e, copiosa literatura Político-Militar e Estratégico-Operacional e Tática. E aí citaremos: Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet, Marechal Hermes da Fonseca, Coronel Mario Clementino, Marechal Estevão Leitão de Carvalho, General Bertholdo Klinger, Marechal Fernando Setembrino de Carvalho, General Augusto Tasso Fragoso (relevo para esse grande pensador e historiador militar, dos mais brilhantes e cientista, o Marechal José Pessoa, o General Francisco de Paula Cidade. Citaria, ainda no Século XX, o General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, o Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, o General Carlos de Meira Mattos, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, o General Aurélio de Lyra Tavares, o General Francisco de Paula Azevedo Pondé, o Cel J.B. Magalhães, o General Colbery do Couto e Silva, o General Alfredo Souto Malan, o General Antônio Souza Junior, o Cel Francisco Ruas Santos e o General Leônidas Pires Gonçalves. Estrelas reluzentes do Pensamento Político-Militar e Estratégico-Operacional e Tático, de nossa Doutrina Militar Terrestre.

Todo este imenso acervo do Pensamento Militar/Terrestre do Brasil se contém nos brilhantes e fundamentados estudos do eminente escritor e pensador militar coronel Claudio Moreira Bento. Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre Brasil (FAHMTB) e membro de instituições estrangeiras de História.

Considero um privilégio ser contemporâneo do Cel Bento. Ele deixa documentação com definições irretocáveis, no universo plural de seus estudos de História Militar e da Doutrina Militar moderna: História do Brasil contendo “Desafio-Resposta” à moda de Arnold Joseph Toynbee, historiador britânico e professor de História da Universidade de Londres e autor de *Study of History*, equivalente a uma Epistemologia (estudo crítico dos princípios, hipóteses, resultados ou ciências).

É tempo de encerrar estas achegas, à guisa de Prefácio, deixando ao leitor apreciar esta obra notável e que, como ensaio pioneiro entre nós, o autor faz referência ao pensador militar terrestre desconhecido, que aos poucos serão revelados.

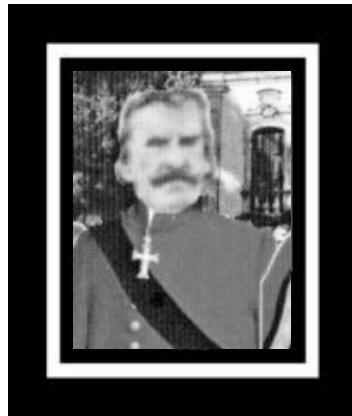
Relembro, ao final, o que flui das áreas fundamentais do Pensamento Filosófico, contribuição às Leis Gerais do conhecimento e da ação, para enriquecimento da nossa Doutrina Militar Terrestre, como Gnosilogia e Axiologia, teorias do Conhecimento e dos Valores; Cratologia e Praxeologia, teoria do Poder e da Estratégia. E, finalmente, a teoria dos Conflitos Polemológicos, com sua multiforme configuração, quando nossa Doutrina Militar Terrestre terá plena aplicação na “continuação da Política por outros Meios...”.

Coronel Amerino Raposo Filho

- Presidente de Honra do CEBRES

(Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos).

- Acadêmico Perpétuo Fundador da ABD (Academia Brasileira de Defesa), acadêmico da FAHIMTB, mais tarde consagrado como seu patrono de cadeira especial, e veterano da FEB.



Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso

Atual patrono das Forças Especiais do Exército, cuja vida e obra interpretei e sintetizei em meu livro, já na 3^a edição, **As batalhas dos Guararapes – descrição e análise militar**. Assunto disponível em '**Livros e Plaquetas**', em 'Personalidades' no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB - www.ahimtb.org.br), bem como no citado livro. Para enfrentar o Exército Holandês em Pernambuco, ele foi enviado secretamente da Bahia para Pernambuco, tipo de ação hoje de Forças Especiais, onde, nas matas do Pau Brasil, adestrou o Exército Patriota, na prática de guerrilhas, que ali passaram a ser conhecidas como Guerra de Emboscadas, consagradas pela História, como **Guerra Brasílica**, uma doutrina brasileira genuína. Vejamos o perfil do herói que revelamos.

O estrategista e tático da Insurreição de Pernambuco.

Sargento Mor Antônio Dias Cardoso

(Gravura na História do Exército Brasileiro, v.1,p.154 elaborada pelo patrono de cadeira na AHIMTB, Miranda Junior,

com apoio em monumento em Vitória de Santo Antão - PE e nossa orientação.)

Um breve histórico que se impõe

Em 1970, egresso da ECEME, fomos estagiar no Comando do IV Exército em Recife, atual Comando Militar do Nordeste. Lá fomos encarregados de coordenar o planejamento, a construção e a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes. E para bem cumprir a missão recebemos o encargo de estudar e interpretar, a luz dos fundamentos da Arte e da Ciência Militar, as duas batalhas do Guararapes. Disto resultou o nosso livro **As Batalhas dos Guararapes análise e descrição militar**, publicado em 1971 em 2 volumes (texto e mapas) pela Universidade Federal de Pernambuco e lançado ainda neste ano na inauguração do citado parque, em cerimônia presidida pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici. No curso desta pesquisa nossa atenção foi chamada para a figura extraordinária do então Sargento Mór (major) Antônio Dias Cardoso, profissional militar destacado, que a semelhança de um líder de forças especiais, como hoje se entende, foi enviado da Bahia a Pernambuco para, na Mata do Pau Brasil de Pernambuco organizar uma guerrilha, com vistas a liberar Pernambuco do domínio holandês. E o modo notável como bem desempenhou sua missão com tático e estrategista consumado na Guerra Brasílica, ou guerra de guerrilha ou de Emboscadas, não tinha sido destacada, o que fizemos então em artigos na imprensa e em nosso citado livro e depois na **História do Exército Brasileiro** onde atuamos como historiador convidado pelo Estado-Maior do Exército e



encarregado do capítulo sobre as **Guerras Holandesas**. Creio que nosso livro esteja ligado ao bairro Guararapes da AMAN, onde o pouco conhecido guerreiro Antônio Dias Cardoso deu o seu nome a uma das ruas deste bairro. **A História do Exército Brasileiro** editada pelo Estado-Maior do Exército em 1972, em 3 v, repercutiu no Batalhão de Forças Especiais do Exército que reproduziu sua gravura da citada **História do Exército** e a entronizou em suas instalações. Mais tarde, a convite do comandante do Batalhão de Forças Especiais e ao tempo que comandava o COTER o Gen Ex Alberto Lima Fajardo, fomos lá convidados a ajudar a instruir o processo que culminou com a consagração do Sargento Mor Antônio Dias Cardoso como patrono das Forças Especiais do Exército Brasileiro, para, depois, ser o patrono de Turma na de Aspirantes egressos da AMAN. Herói que é o terceiro de patente mais baixa a ser consagrado patrono de Turma da AMAN. O primeiro foi o Alferes Tiradentes, hoje patrono Cívico da Nacionalidade e o segundo o Aspirante Francisco Mega, o único Aspirante egresso da Escola Militar do Realengo a morrer em ação na Itália.

Quem foi Antônio Dias Cardoso ?

Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso, posto máximo que conquistou foi um profissional militar, que após destacada participação militar contra o invasor holandês, na Bahia e Pernambuco, faleceu no Recife em setembro de 1670. Este bravo, por longo tempo não ocupou o lugar que de direito e de justiça lhe cabia na História do Brasil, pelo fato de ter sido o arquiteto e o condutor militar da **“Célula Espiritual Mater”** do Exército Brasileiro, nas memoráveis batalhas de Monte das Tabocas e Casa Forte. Estas batalhas, por ele vencidas, abriram a campanha da Restauração e mostraram a Pernambuco, Bahia e Portugal, a viabilidade militar da expulsão dos holandeses, a base de guerrilhas.

Dias Cardoso na batalha do Monte das Tabocas

Na memorável batalha do Monte das Tabocas, em que um sonho de sentimento de Pátria se tornou um sentimento real, através de uma vitória militar, dela estiveram ausentes os grandes restauradores de Pernambuco, Barreto de Menezes, Henrique Dias, Vidal de Negreiros e Filipe Camarão. Esteve presente somente o líder civil político do movimento, Fernandes Vieira, que por não possuir habilitação militar, ficou encarregado de comandar a Reserva, constituída de bravos pernambucanos em maioria armados de bordões e de paus tostados utilizados à guisa de chuços.(uma espécie de lança).No Monte das Tabocas, Dias Cardoso com 900 civis pernambucanos transformados num pequeno exército, e bem conduzidos militarmente, dentro dos Princípios de Guerra, venceu apreciável parcela de um grande exército profissional europeu de 1.500 homens. Aos holandeses armados com 1.200 modernas armas de fogo e comandados pelo Ten Cel Hendrick Haus, Comandante em Chefe dos holandeses no Brasil, Dias Cardoso se opôs com 250 armas de fogo das mais diferentes espécies, e impôs sua vontade ao inimigo.

Dias Cardoso, segundo depoimento de André Vidal de Negreiros, foi por ele indicado ao Governador Geral do Brasil, Antônio Teles da Silva, para ser enviado secretamente a Pernambuco, com a missão de organizar militarmente os pernambucanos num pequeno exército, e, em intima ligação com Fernandes Vieira, o catalisador da reação insurrecional. E a razão da escolha, segundo Vidal de Negreiros, prendia-se a sua competência militar, coragem invulgar, discrição, e profundo conhecimento de Pernambuco. Munido de documento que simulava ser um desertor, Dias Cardoso, acompanhado de quatro companheiros, viajou 160 léguas da Bahia a Pernambuco, enfrentando toda a sorte de privações e perigos de vida constantes, ao atravessar regiões dominadas por índios e negros revoltados, e ao atravessar a nado rios caudalosos, para evitar ser pressentido pelo inimigo. Chegando a Pernambuco,

se apresentou a Fernandes Vieira, dando-lhe conta da missão e do dispositivo holandês ao longo do itinerário.

A seguir, escondido pelas matas e engenhos, pelo espaço de seis meses, entregou-se à tarefa de recrutar e treinar militarmente patriotas pernambucanos. Enfim, a dar corpo ao pequeno exército que derrotaria o inimigo do Monte das Tabocas. Este pequeno exército pode ser hoje considerado, sem sombra de dúvidas, a “Célula Espiritual Mater” do Exército Brasileiro, e Dias Cardoso seu organizador e o seu primeiro condutor no caminho da vitória.

Chegando em Pernambuco Dias Cardoso foi elevado à condição de Governador das Armas. Pressentido pelos holandeses, estes lhe moveram intensa caça, obrigando-o, segundo Fernandes Vieira, **“a viver escondido nas matas durante sete meses, adestrando sua tropa”**, até que fosse decidido o levante restaurador, já na certeza do respaldo militar do pequeno Exército organizado e treinado por Dias Cardoso.

No levante decidido em 23 de maio de 1645, através de **Compromisso de Honra**, firmado por Fernandes Vieira e mais 18 companheiros, constou pela vez primeira a ideia do sentimento de **Pátria ou Nacionalidade**, através deste trecho:

“Nós abaixo assinados, nos conjuramos e prometemos em serviço da liberdade, não faltar em nenhum tempo, com toda a ajuda de fazendas (Engenhos) contra qualquer inimigo (incluía até Portugal) na Restauração de nossa Pátria”.

Neste exato momento surgiu documentado o Sentimento de Pátria aqui no Brasil, respaldado na força militar que havia sido organizada e treinada nos seis meses anteriores a este Compromisso de Honra, e sob intensa perseguição holandesa, nas matas e engenhos do interior de Pernambuco. E aqui cabe perguntar aos leitores à semelhança da célebre questão filosófica “quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha?”. Quem nasceu primeiro, o sentimento de Exército Brasileiro ou o de Pátria Brasileira? O Sargento- Mór Antônio Dias Cardoso, antes e após a Batalha do Monte das Tabocas, na qualidade de

militar profissional, “**prestou assinalados e heroicos serviços militares**”. Nascido no Porto no início do século 17, transferiu-se ainda jovem para o Brasil, terra que adotou como Pátria.

Em 7 de fevereiro de 1624, ele assentou praça como soldado na Bahia e participou ativamente da expulsão dos holandeses daquela parte da colônia, “**servindo à causa com muita competência e honradez**”. Quando da invasão de Pernambuco, participou de diversos combates contra os holandeses nos arredores de Olinda e Recife.

Em 1630, na Campina do Taborda, tomou parte numa emboscada, sendo, então, um fator decisivo para a vitória, “**ao enfrentar o inimigo em campo aberto e a espada, ferindo e aprisionando muitos**”. Lutou com grande valor em Salinas, Olinda, Afogados e na Praia do Recife, e nesta, durante sete horas em campo raso, em pugna da qual resultaram muitos mortos e feridos de ambos os lados.

Após 11 anos, como destacado e valente soldado, foi galardoado com o posto de Alferes no ano de 1635. Nesta ocasião se encontrava em Serinhaém juntamente com Matias de Albuquerque. Com a perda do Arraial Velho do Bom Jesus e de Nazareth, 4.000 habitantes da campanha foram obrigados a marchar para Alagoas sob proteção militar. Dias Cardoso foi elemento fundamental nesta proteção. Nesta marcha participou com destaque, no ataque, cerco e rendição dos holandeses fortificados em Porto Calvo, ocasião em que foi preso e justiçado o traidor Calabar.

Em 1640, o Governador Geral do Brasil, sabedor do valor de Dias Cardoso, o enviou a Pernambuco. No comando de um barco, veio com a missão de espionar o dispositivo e intenção dos holandeses no Recife, correspondendo no resultado da missão, segundo o próprio Governador Geral, “**de acordo com a confiança que nele depositei**”.

Pouco após seria reformado como capitão, situação em que se encontrava quando foi indicado ao Governador Geral Teles, por Vidal de Negreiros, como homem certo para organizar

o Exército da Restauração Pernambucana, “Célula Mater” do Exército Brasileiro, hoje representado no Nordeste pelo Comando Militar do Nordeste. Após a batalha da Casa Forte, da qual foi o arquiteto incontestado, participou ao lado de Vieira, Henrique Dias e Camarão, da parte mais árdua e perigosa, do violento ataque à Vila da Conceição, na Ilha de Itamaracá.

Dias Cardoso foi o único comandante a penetrar no recinto fortificado, e obrigado a recuar sob forte reação do defensor, deixou em sua esteira os corpos de 67 compatriotas, incluindo-se 30 holandeses do terço flamengo ao comando do Mestre de Campo Dirk Van Hoogstraten, que, após se renderem no Pontal, aderiram à causa luso-brasileira.

Segundo o próprio João Fernandes Vieira, Dias Cardoso participou de inúmeros ataques e contra-ataques nos Afogados, “**ordenando e dispondo as forças de combate na maior ordem**”.

Em junho de 1646, ao lado de Vieira e de Vidal de Negreiros, tomou parte da ação que culminou com o aprisionamento de três embarcações flamengas fundeadas entre Itamaracá e o Continente, o que ocasionou o abandono holandês da “Cidadezinha de Schkoppe” na referida ilha. Após, foi encarregado de atacar e arrasar as fortificações da Ilha de Itamaracá, no que procedeu com a eficiência e coragem costumeiras. Da ilha, após ingentes sacrifícios, utilizando barcos, batéis e jangadas, fez transportar para o Arraial Novo do Bom Jesus e outros sítios, 18 peças de artilharia conquistadas ao inimigo. Com algumas destas peças ele organizou redutos fronteiros à ilha de Itamaracá.

Dias Cardoso na 1^a Batalha dos Guararapes

Na primeira batalha dos Guararapes, coube-lhe papel de destaque e decisivo, na qualidade de Sargento-Mor do Terço de Fernandes Vieira, ou o segundo em comando. A este terço coube a parte principal nesta batalha, por ter conduzido o fulminante ataque frontal principal sobre os holandeses, através do

Boqueirão, entre o monte do Oitizeiro e os Alagados.

Deste ataque resultou o rompimento do grosso do dispositivo holandês, seguido de envolvimento de sua ala esquerda sobre os Alagados, onde centenas de holandeses vieram encontrar a morte.

Fernandes Vieira era um líder civil, e embora não exista nada reconhecendo que o plano e direção do ataque no Boqueirão tenha estado a cargo do Sargento-Mor Dias Cardoso, é fácil de se deduzir, pelos brilhantes antecedentes militares deste bravo, que a destruição do Exército Holandês no Boqueirão dos Montes Guararapes, teve o selo de seu valor militar, provado de sobejamente no Monte das Tabocas e na Casa Forte. Neste mesmo ano, foi mandado por Barreto de Menezes até Igaraçu com 200 homens do seu terço, para retirar de plantações abandonadas, mandioca necessária ao Arraial Novo. Nesta expedição ele armou diversas emboscadas, prendeu 33 holandeses, e queimou três lanchas inimigas que lhe disputavam os mandiocais.

Um mês antes da 2^a Batalha dos Guararapes, este gigante da Restauração foi enviado por Barreto de Menezes à Paraíba, com a missão de distrair o inimigo, e destruir-lhe as plantações e tropas de gado.

Dias Cardoso retornou vitorioso de sua missão, após marchar 25 léguas pelo sertão, abrindo caminhos novos pelas matas, e com um saldo de 11 inimigos mortos, além de copiosa presa de guerra em armamento e suprimentos.

Dias Cardoso na 2^a Batalha dos Guararapes

Na 2^a Batalha dos Guararapes coube-lhe importante missão: Combinar com o ataque de flanco desfechado por Vidal de Negreiros, sobre um regimento inimigo em posição nas alturas da atual Igreja N. S. dos Prazeres. Foi um violento ataque de desorganização levado a efeito por troços a seu comando, sobre a retaguarda de dito regimento inimigo, e de duas peças de Artilharia em posição no dito monte.

Dentro de uma batalha convencional, Dias Cardoso empregou uma ação de emboscada, tipo de manobra em que era um mestre. Após a batalha foi concertado um Armistício para a troca de mortos e feridos, e Dias Cardoso foi encarregado de representar os luso-brasileiros neste intercâmbio. Na ocasião, ao fazer a um capitão holandês de clavineiros, referências depreciativas ao modo de combater inimigo, se estabeleceu entre os dois o seguinte diálogo:

Capitão holandês - raivoso e chorando - “Da próxima vez iremos combater dispersos como vocês o fazem”.

Dias Cardoso: - “Melhor para nós, pois para cada soldado vosso combatendo disperso necessitareis de um capitão, enquanto que cada soldado nosso, combatendo de igual forma, representa um capitão”.

Em janeiro de 1651 foi enviado à Bahia para expulsar os holandeses de Penedo, no São Francisco. Percebendo o inimigo sua aproximação, recolheu-se à sua base de operação do Recife. Ao retornar, ele limpou a campanha, e fez seus moradores retornarem aos lares e retomarem as atividades econômicas normais.

Retornou mais duas vezes ao rio São Francisco de ordem de Barreto de Menezes, para adquirir mantimentos para os restauradores no Arraial Novo. Em 20 de maio de 1652, por ordem ainda de Barreto de Menezes, marchou ao comando de 500 homens do Terço de Barreto, com mais 100 guerreiros índios e negros, em missão de guerra na Paraíba e Rio Grande do Norte. Dias Cardoso devia destruir as lavouras e feitorias de pau-brasil que os holandeses possuíam nesses atuais Estados, e se apossar da fonte de abastecimento d'água da fortaleza inimiga no Rio Grande do Norte, e assim negociar a rendição. A missão de destruição da fortaleza não foi colimada, em razão dos holandeses no Rio Grande do Norte terem recebido aviso de sua expedição. A despeito disto, retornou carregado de víveres para o Exército Restaurador no Arraial Novo do Bom Jesus, além de 7 holandeses prisioneiros e outras presas de guerra. Na fase final da guerra, Dias Cardoso se ocupou do comando de

operações que culminaram com a queda no Recife, do Forte do Rego e do Reduto Amélia.

Em 4 de fevereiro de 1655, Dias Cardoso foi armado Cavaleiro da Ordem de Nossa Senhor Jesus Cristo e, a 12, foi encarregado de comandar o Terço de João Fernandes Vieira enquanto este governasse a Paraíba. Em 12 de maio de 1656 foi nomeado Mestre de Campo, após 32 anos de excepcional carreira militar iniciada como soldado. Durante alguns meses do ano de 1657, Dias Cardoso, nomeado por Vidal de Negreiros, assumiu o governo interino da Paraíba.

Dias Cardoso faleceu no Recife provavelmente em setembro de 1670, com a idade aproximada de 70 anos, no comando do Terço que fora de Fernandes Vieira, de tão gloriosas tradições nas duas batalhas dos Guararapes. Esta síntese biográfica se baseia na interpretação dos seguintes trabalhos: **Os Restauradores de Pernambuco**, de José Antônio Gonsalves de Mello, **Do Recôncavo aos Guararapes** do Gen Antônio Souza Aguiar e **1ª Batalha dos Guararapes** de Jordão Emerenciano. A José Antônio Gonsalves de Mello coube revelar à posteridade, o valor de Dias Cardoso, através de profunda pesquisa sobre este grande restaurador em sua obra já citada. A lembrança de seu nome como patrono da Turma de Ofícios egressas da, em 27 de novembro de 2003 foi oportuna, para que levassem ao conhecimento de interessados um personagem histórico digno de figurar, com realce, sem favor nenhum, ao lado de Barreto de Menezes, Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Filipe Camarão, heróis consagrados na épica campanha da Insurreição de Pernambuco. O currículo militar do Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso, por sua bravura, intrepidez e liderança em combate, por sua origem popular galgando os postos à custa de dezenas de ações vitoriosas, e pelo número de anos em campanha, muito se assemelha à carreira do Marechal Manoel Luiz Osório.

A Dias Cardoso, não analisada a projeção de sua obra na formação da nacionalidade e na manutenção da Integridade

e Unidades do Brasil, cabe entre outros os seguintes títulos: **Precursor do Exército Brasileiro, Arquiteto Militar da Restauração Pernambucana, O Vencedor da batalha do Monte das Tabocas, O Mestre das Emboscadas, O Abastecedor do Exército Restaurador, A Espada da Restauração de Pernambuco**, e por fim **O Organizador e Primeiro Comandante do Exército Brasileiro** que nasceu em Pernambuco. Contribuir para avivar, na memória do bravo povo brasileiro, a lembrança de um grande herói ligado intimamente a seu passado, constitui-se para nós um agradável dever cívico, e principalmente tratando-se de um dos maiores arquitetos militares da Unidade e Nacionalidade Brasileiras. Dias Cardoso viveu longos anos num cone de sombra pela seguinte razão: Durante o período da Insurreição Pernambucana foi proposto o seu nome para ser elevado à condição de Mestre de Campo. No entanto, Portugal, por razões diplomáticas não atendeu o pedido, pois assim procedendo estaria admitindo que havia desrespeitado o **Armistício** concertado com a Holanda, ao reconhecer que tinha enviado um agente secreto (hoje Força Especial) para organizar militarmente os patriotas pernambucanos. Contudo, estas razões não prevalecem mais hoje, e Dias Cardoso, decorridos mais de 300 anos, ainda continua perseguido por elas.

Ao escrevermos sobre o bravo Dias Cardoso, não pretendemos elevá-lo à posição histórica superior a dos bravos Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Filipe Camarão e Francisco Figueirôa, mas sim, situá-lo ao mesmo nível desses bravos. Dias Cardoso era a segunda pessoa do Terço de Pernambuco ao comando de Fernandes Vieira, terço que possuía cerca de 1200 homens, número superior a todos os demais terços, os quais, oscilavam cada, em torno de 300 homens.

Se considerado que Fernandes Vieira não era militar profissional e sim de emergência, cresce ainda mais o destaque militar de Dias Cardoso, sem no entanto desmerecer a Fernandes Vieira, líder e catalisador geral inconteste, da Insurreição Pernambucana.

O leitor interessado, quando estudar a descrição da 1^a Batalha, perceberá a relevância militar do papel desempenhado por Dias Cardoso desde o Arraial Novo.

Participa do Conselho de Guerra, é enviado para verificar qual a direção de atuação escolhida pelo inimigo. No Conselho de Guerra do Ibura foi chamado como **“soldado mais prático e experiente de tudo”**, para opinar sobre um grande impasse surgido entre Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros, aos quais Barreto de Menezes confiara a condução da batalha, por não ser prático da campanha do Brasil e das táticas aqui usadas. Seu conselho foi certo e o adotado.

Mas não fica aí sua atuação, pois chegado aos Guararapes, foi lhe confiada a atração dos holandeses à emboscada no Boqueirão, uma reedição de seu memorável feito na batalha do Monte das Tabocas por ele vencida, e que tornou possível chegar-se aos Guararapes.

Da atração com pleno êxito, dos holandeses à grande emboscada no Boqueirão dos Montes Guararapes, reside o segredo da maiúscula vitória luso-brasileira na 1^a Batalha dos Guararapes.

Na 2^a batalha o encontrará atuando independente, no comando de 550 homens, sobre a ala direita holandesa apoiada no atual monte onde situa-se a Igreja N. Sra. dos Prazeres, e outra vez num quadro de emboscada.

As tropas que comandou numeravam quase o dobro das comandadas por Vidal de Negreiros, Francisco Figueirôa, Diogo Camarão e Henrique Dias.

Estas conclusões o autor as foi buscar na **“História da Guerra de Pernambuco”** de Diogo Lopes Santiago, primeiro cronista das batalhas, e quase certo, testemunha ocular das mesmas.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil dentro de seu programa editorial de 2004 reeditou nosso livro **As batalhas dos Guararapes análise e descrição militar** que se acha disponível na Internet em Livros no site www.ahimtb.org.br e acabou de lançar a 3^a edição onde na 4^a capa ele é

apresentado como Mestre de Campo e como tal uniformizado, criação de meu filho Capitão de Mar-e-Guerra, historiador naval e professor de Navegação na Escola Naval. Acerca de sua valiosa participação na luta contra os holandeses, no período de 1630-1639, assim o elogiou uma alta patente militar da época:

“Com assiduidade, cumpriu com valor seus deveres militares, quer por ocasião de combates com inimigo por terra e por mar, quer em outros serviços particulares que lhe atribuíram. Neste período marchou com frequência muitas léguas à procura de combate com inimigo, à custa de muitos trabalhos, sofrimentos e riscos de vida, atento mais ao serviço do Rei que à sua própria sorte. Trabalhou nas muitas fortificações que por aqui se fizeram, carregando terra e faxina para a construção das mesmas. Antônio Dias Cardoso foi um dos que prestaram os mais relevantes serviços a Portugal naquela guerra”.

Comentários de Luiz da Câmara Cascudo sobre nosso artigo sobre Dias Cardoso, no **Jornal do Comércio** do Recife, de 13 de setembro de 1970:

“Major Claudio Moreira, Bento: - Tardio nos calorosos agradecimentos pelo seu estudo - homenagem ao esquecido Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso. Parabéns pela útil exaltação de Dias Cardoso, soldado do Rei em serviço do Brasil, numa legitimidade heroica na tarefa inesquecível. Louvou-o muito bem, quando os profissionais de História o esqueceram. Seu estudo, incisivo e claro, denuncia o temperamento do historiador, vivendo a figura evocada, na solidariedade patriótica. Repito, Meus parabéns. Fui um velho professor de História. Seu admirador. Câmara Cascudo” (Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

E a ação guerrilheira de Dias Cardoso, a abordo na análise militar crítica das duas batalhas em meu citado livro e depois no capítulo **Guerras Holandesas** da **História do Exército Brasileiro – perfil militar de um povo**, contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário da Independência.



Conde de Lippe

Frederico Guilherme Ernesto de Schaumburg-Lippe e conhecido em Portugal como Conde de Lippe, foi um notável militar e político alemão que esteve a serviço do Exército Português, o qual reorganizou profundamente e comandou durante a Guerra Fantástica. **Nascimento:** 9 de janeiro de 1724, Londres, Reino Unido. **Falecimento:** 10 de setembro de 1777, Wölpinghausen, Alemanha. **Batalhas/Guerras:** Guerra dos Sete Anos. **Anos de serviço:** 1756 – 1763. Gustavo Barroso o estudou na Revista A Defesa Nacional em artigo **O Regulamento do Conde de Lippe.** nº42,p.4.

A doutrina do Conde de Lippe aplicada no Brasil, foi traduzida, em grande parte nos seguintes regulamentos:

1 - *LIPPE, Conde de. Regulamento para o exército e disciplina dos Regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima. Lisboa, Secretaria de Estado, 1763.*

2 - *Direções que hão de servir aos coronéis e maiores dos regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima. Lisboa, Secretaria de Estado, 1767.*

3 - *Novo método para dispor um Corpo de Infantaria, de sorte que possa combater com a Cavalaria, em campanha rasa, estabelecido por ordem de sua Majestade Fidelíssima. Lisboa,*

Secretaria de Estado, 1767.

4 - Memória sobre os exercícios de meditação militar para distribuição aos senhores chefes dos Regimentos de Sua Majestade Fidelíssima. Lisboa, Oficina Antônio Silva, 1782, 31 p.

5 - Instruções gerais relativas a várias partes essenciais do serviço diário para o Exército de Sua Majestade Fidelíssima. Lisboa, Oficina Antônio Silva, 1782, 52 p.

Os regulamentos e instruções eram em número de 13.

A comparação da performance do Exército do Sul, em 1774-1777, com o desempenho do chefe e soldados brasileiros naquela guerra, acreditamos encerre valiosos ensinamentos para o desenvolvimento da Doutrina do Exército Brasileiro.

A contribuição das guerrilhas de Rafael Pinto Bandeira foram originais e lembram a Guerra de Emboscadas ou Guerra Brasílica, tão decisiva para a expulsão dos holandeses no Nordeste e de inspiração nativa; portanto, Doutrina Militar Brasileira.

Foi contratado por Portugal para organizar o seu Exército cuja Doutrina Militar foi executada, no Brasil pelo Tenente General John Henrique Bohn, comandante do Exército do Sul (1764-1776), que expulsou o invasor espanhol no Rio Grande do Sul, com apoio na Guerra de Guerrilhas, denominada **Guerra à Gaúcha**. Então, o Governo no Rio de Janeiro, recorreu à seguinte estratégia, a Guerra de Guerrilhas: “**A estratégia do fraco contra o forte**”, com a seguinte diretriz. Assinada pelo brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoyn da Junta Governativa do Rio de Janeiro a Restauração e com grande conhecimento da campanha gaúcha que percorreu durante a Guerra Guaranítica. Abordamos a aplicação de sua Doutrina em nosso livro **A Guerra da Restauração do Rio Grande 1774/1776**, disponível em Conflitos em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. Em meu livro **O Exército na Proclamação da República**, disponível em Exército, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br, público seus artigos de guerra a seguir.

ARTIGOS DE GUERRA DO CONDE DE LIPPE

Art. 1º — Aquele que recusar, por palavras ou discursos, obedecer às ordens dos seus superiores, concernentes ao serviço, será condenado a trabalhar nas fortificações; porém, si se opuser, servindo-se de qualquer arma ou ameaça, será arcabuzado.

Art. 2º — Todo o oficial de qualquer graduação que seja, que estando melhor informado, der aos seus superiores, por escrito ou de boca, sobre qualquer objeto militar, alguma falsa informação, será expulso com infâmia.

Art. 3º — Todo o oficial de qualquer graduação que seja, ou oficial inferior que, sendo atacado pelo inimigo, desamparar o seu posto, sem ordem, será punido de morte. Porém, quando for atacado por um inimigo superior em forças, será preciso provar perante um Conselho de Guerra, que fez toda a defesa possível, e que não cedeu senão na maior e última extremidade; mas se tiver ordem expressa de não se retirar, suceda o que suceder, neste caso nada o poderá escusar, porque é melhor morrer no seu posto do que deixá-lo.

Art. 4º — Todo o militar que cometer uma fraqueza escondendo-se, ou fugindo, quando for preciso combater, será punido de morte.

Art. 6º — Todos são obrigados a respeitar as sentinelas ou outras guardas; aquele que não o fizer será castigado rigorosamente; e aquele que atacar qualquer sentinela, será arcabuzado.

Art. 7º — Todos os oficiais inferiores e soldados devem ter toda a devida obediência e respeito aos seus oficiais, do primeiro até ao último, em geral.

Art. 8º — Todas as diferenças e disputas são proibidas, sob pena de rigorosa prisão; mas se suceder a qualquer soldado ferir ao seu camarada à traição, ou o matar, será condenado ao carrinho, perpetuamente, ou castigado com pena de morte, conforme as circunstâncias, correntes.

Porém, aquele que matar seu camarada, ou qualquer

outra pessoa à traição, será punido com pena de morte, sem remissão. E esta pena de morte será ainda agravada, conforme as circunstâncias do caso, isto é, se o morto for seu superior, ou concorrer qualidade, que agrave o homicídio".

Art. 9º — Todo o soldado deve achar-se onde for mandado, e à hora que se lhe determinar, posto que lhe não toque, sem murmurar, nem por dificuldades; e se entender que lhe fizeram injustiça, depois de fazer o serviço, se poderá queixar, porém sempre com toda a moderação.

Art. 10º — Aquele que fizer estrondo, ruído, bulha, ou gritaria ao pé de alguma guarda, principalmente de noite, será castigado rigorosamente, conforme a intenção com que o houver feito.

Art. 11º — Aquele que faltar a entrar de guarda, ou que for à parada tão bêbado, que não possa montar, será castigado, no dia sucessivo, com cinquenta pancadas de espada de prancha.

Art. 12º — Se algum soldado se deixar dormir, ou se embebedar estando de sentinela, ou deixar o seu posto antes de ser rendido, sendo em tempo de paz, será castigado com cinquenta pancadas de espada de prancha, condenado por tempo de seis meses a trabalhar nas fortificações; porém, se for em tempo de guerra, será arcabuzado.

Art. 13º — Nenhuma pessoa, de qualquer grau ou condição que seja, entrará em qualquer fortaleza, senão pelas portas e lugares ordinários, sob pena de morte.

Art. 14º — Todo aquele que desertar ou que entrar em conspiração de deserção, ou que sendo dela informado e não delatar, se for em tempo de guerra, será enforcado; e aquele que deixar a sua companhia ou regimento, sem licença, para vir ao lugar de seu nascimento, ou a outra qualquer parte que seja, será castigado com a pena de morte, como se desertasse para fora do reino.

Art. 15º — Todo aquele que for cabeça de motim ou de traição, ou tiver parte, ou concorrer para estes delitos, ou souber que se urdem, e não delatar a tempo os agressores, será infalivelmente enforcado.

Art. 16º — Todo aquele que falar mal de seu superior nos corpos de guarda ou nas companhias, será castigado aos trabalhos da fortificação; porém, se, na indagação que se fizer, se conhecer que aquela murmurção não fora precedida somente de uma soltura de língua, mas encaminhada à rebelião, será punido de morte, corno cabeça de motim.

Art. 17º — Todo o soldado se deve contentar com a paga, com o quartel, e com o uniforme que se lhe der, e se opuser, não querendo receber, tal e qual se der, será tido e castigado como amotinador.

Art. 18º — Todos os furtos, e assim mesmo todo o gênero de violências para extorquir dinheiro, ou qualquer gênero, serão punidos severamente; porém, aquele furto que se fizer em armas, munições, ou outras coisas pertencentes à nação; ou aquele, que roubar a seu camarada, ou cometer furtos com evasão, ou for ladrão de estrada, perderá a vida conforme as circunstâncias, ou também se qualquer sentinela cometer furto, ou consentir que alguém o cometa, será castigado severamente, e conforme as circunstâncias, incursão em pena capital.

Art. 19º — Todo o soldado que não tiver cuidado com suas armas, no seu uniforme, em tudo que lhe pertencer; que o lançar fora, que o romper, ou arruinar de propósito, e sem necessidade; e que o vender, empenhar ou jogar, será pela primeira e segunda vez preso, porém à terceira será punido de morte.

Art. 20º — Todo o soldado deve ter sempre o seu armamento em bom estado, fazer o serviço com as suas próprias armas; aquele que se servir das alheias, ou as pedir emprestado ao seu camarada, será castigado com prisão rigorosa.

Art. 21º — Aquele soldado que contrair dívidas às escondidas de seus oficiais, será punido corporalmente.

Art. 22º — Todo aquele que fizer passaportes falsos, ou usar mal de sua habilidade, por qualquer modo que seja, será punido com rigorosa prisão; porém, se por este meio facilitar a fuga a qualquer desertor, será reputado e punido como desertor.

Art. 23º — Todo o soldado, que ocultar um criminoso, ou

buscar meios para se escapar àquele que estiver preso como tal, ou deixar fugir; ou sendo encarregado de o guardar, não puser todas as precauções para este efeito, será posto no lugar do criminoso.

Art. 24º — Se qualquer soldado cometer algum crime estando bêbado, de nenhum modo o escusará do castigo a bebedice; antes pelo contrário, será punido dobradamente, conforme as circunstâncias do caso.

Art. 25º — Todo o soldado que, de propósito, e deliberadamente se puser incapaz de fazer o serviço, será condenado ao carrinho perpetuamente.

Art. 26º — Nenhum soldado poderá emprestar dinheiro ao seu camarada nem ao superior.

Art. 27º — Nenhum soldado se poderá casar sem licença do seu coronel.

Art. 28º — Todo o oficial de qualquer graduação que seja, que se valer do seu emprego para tirar qualquer lucro, por qualquer maneira que seja, e se não puder inteiramente verificar a legalidade, será infalivelmente expulso.

Art. 29º — Todo o militar deve regular os seus costumes pelas regras da virtude, da candura, e da probidade; deve temer a Deus, reverenciar e amar ao seu Imperador Constitucional, e executar exatamente as ordens que lhe forem prescritas.

Estes artigos eram base nos Conselhos de Guerra. Em dia de pagamento, eram lidos na frente das companhias. Nenhum recruta podia fazer o juramento, sem entender a profundidade dos artigos de guerra.

A administração da Justiça estava confiada ao Supremo Tribunal Militar. As penas superiores a 6 anos eram cumpridas nas fortalezas e em Fernando de Noronha.

Foi muito utilizado pelo Ten Gen JHenrique Bohn o seu **Regulamento Para o Exercício e Disciplina dos Regimentos de Infantaria dos Exércitos de Sua Majestade Fidelíssima** feito por Ordem do mesmo Senhor por Sua Alteza o Conde Reynante de Schaumbourg Lippe.



Brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoyn

Na impossibilidade de socorrer o Rio Grande do Sul invadido por Espanha em 1763 e 1774, baixou a seguinte Diretriz as tropas do Rio Grande do Sul.

“A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas localizadas em matos e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores, para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinando-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes em constante inquietação.”

O resultado dessas ações guerrilheiras no Governo de Buenos Aires de 1763-1774, durante cerca de 9 anos é atestada pelo D. Vertiz y Salcedo, marechal de campo e Governador de Buenos Aires, em carta enviada à autoridades do Rio Grande do Sul, depois de invadi-lo.

“Faço saber que: Viamão, Rio Pardo e a banda sul do Rio Grande e rio Jacuí, foram até hoje refúgio de quantos delinquentes que circulam pelos campos das Missões, dos territórios de Montevidéu, Maldonado, Soriano e Bacas, penetrando também nos territórios de Santa Fé e Corrientes, com o iníquo objetivo de roubar vacuns e cavalhadas situadas

a oeste dos rios da Prata, Uruguai e Paraná. Estâncias que ao mesmo tempo seus donos não estão seguros, nem a coberto dessas violentas incursões, e seus bens sofrendo consideráveis prejuízos ao ver destruídas suas fazendas, por tão continuada e incessante execução de furto de gados.”

Esta estratégia guerrilheira oficial, chamada de **arreada**, objetivava retirar dos caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul, vacuns, cavalos e destruir estâncias, com o fim de impedir que o invasor progredisse, sem encontrar vacuns (alimentação auto transportável) e cavalos (transportes). Estas guerrilhas eram baseadas na Serra do Herval, em Encruzilhada atual e na Serra dos Tapes, em Coxilha do Fogo, em Canguçu atual.

Abordo pioneiramente seu papel nas seguintes obras: **A guerra da Restauração do Rio Grande e em Hipólito da Costa – o gaúcho fundador da imprensa no Brasil.**

Ao Exército do Sul, baseado em São José do Norte e as guerrilhas atuando na campanha, deve o Rio Grande do Sul o seu destino brasileiro. O Exército do Sul, executando a Doutrina do Conde de Lippe e a guerrilha executando uma orientação original de Governo no Rio de Janeiro assinada pelo pensador militar Brigadeiro Fernandes Pinto Alpoyn, cujas obras, **Exame de Artilheiros** em 1744 e **Exame de Bombeiros** em 1748 tiveram grande projeção na Doutrina de Artilharia do Brasil Colônia, em grande a responsável por tornar o Rio de Janeiro um dos portos mais bem defendidos do mundo, depois de ser invadido pelos corsários Du Clerc em 1710 e por Du Guay-Trouin em 1711. A Alpoyn se deve a organização da primeira Artilharia de Campanha que se tem notícia no Brasil e que percorreu grandes distâncias de 1752 a 1759 no Rio Grande do Sul e constante de 7 peças de bronze e 3 de ferro, montadas sobre carretas por ele desenhadas e tracionadas por bois, como seria 92 anos depois, em 1851, a Artilharia de Mallet que passou a História como “**Boi de Botas**”. Foi muita expressiva, em 29 anos a sua contribuição ao Brasil como arquiteto e pensador militar. Alpoyn nasceu em Portugal em 14 jul 1700 em Viana do Castelo,

Chegou ao Brasil em 1738 e trabalhou, em estreita ligação, com o Governador General Gomes Freire de Andrade. E muito atuou como Engenheiro Militar no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Sua grande contribuição foi a invenção da máquina **Paixão** destinada a expor os cascos de grandes navios para se proceder à carenagem ou remoção do casco de crácas e executar remendos no cascos que dificultavam o deslocamento dos navios na velocidade máxima possível com o seu casco não carenado. A pintura de Ângelo Miguel Blasco de seu **Panorama do Rio de Janeiro** que consegui trazer de Brasília para o Arquivo Histórico do Exército, aparecem vários navios embarcados nas margens do litoral do Rio de Janeiro para serem carenados. Alpoyn faleceu em 1765, aos 65 anos e foi sepultado no Convento de Santa Teresa por ele construído e onde estavam internadas suas duas filhas que seguiram a carreira religiosa, tendo deixado como descendente seu filho Vasco Fernandes Alpoyn. Atribui-se a ele a planta da cidade mineira de Mariana. Mais dados sobre Alpoim nos revela o patrono de cadeira na FAHIMTB Paulo Pardal em sua obra: **Exame de Artilheiros 1744**, reprodução fac-similar pela XEROX. Foi o primeiro livro escrito no Brasil e publicado em Portugal depois de aprovado inclusive pela Inquisição. Também estudou Alpoyn o acadêmico emérito da FAHIMTB, Pedro da Silva Telles em sua **História da Engenharia no Brasil**. Teresa Cristina Carvalho Piva o focaliza em artigo - Alpoyn um engenheiro militar português que contribuiu para a formação da Engenharia no Brasil. **Revista Tecnologia & Cultura**. Rio de Janeiro nº14 jan/jun 2009, p.13/17. O focalizo em Guerra Guaranítica 1754/1759 em meu livro **História da 3ª Região Militar 1807-1889 e Antecedentes**. Porto Alegre; SENAI/3ª RM, 1994, p.90-101. Obra disponível no site da FAHIMTB www.ahmtb.org.br. Esta obra mostra as grandes distâncias percorridas pela Artilharia de Alpoyn. Augusto C. da Silva Telles em artigo muito esclarecedor e ilustrado intitulado Alpoyn o grande arquiteto do Brasil no século XVIII, na **Revista Do Cultura** nº 7 dezembro 2004 esclarece mais a vida e obra de Alpoyn.



Marechal Luiz Alves de Lima e Silva - Duque de Caxias -

Pensador militar brasileiro que em 1861, durante a Questão Christie com a Inglaterra, adaptou a Doutrina Militar Terrestre de Portugal, de influência inglesa, às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara, em suas 4 campanhas pacificadoras e na Guerra Contra Oribe e Rosas 1851-1852, incluindo sua estratégia pacificadora. Doutrina Militar que foi a que o Exército Brasileiro usou na Guerra da Tríplice Aliança. Como obra sua como Ministro da Guerra foi a introdução das funções Quartel Mestre General e o Ajudante General, o comandante de fato do Exército e a regulamentação de diversas atividades inclusive o RDE. Assuntos que abordo em meu livro **Caxias e a Unidade Nacional 2013** - disponível para ser baixado no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. Creio que Caxias tenha sido o maior inovador da Doutrina do Exército Brasileiro e o pioneiro no sentido de nosso Exército possuir uma doutrina genuína. E assim sintetizamos sua significação histórica:

SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO DUQUE DE CAXIAS - O PATRONO DA FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (FAHIMTB) E AHIMTB FILIADAS.

Caxias foi consagrado patrono do Exército Brasileiro em 13 março de 1962, e desde 25 agosto de 1924, a data de seu aniversário, foi consagrada como o Dia do Soldado do Exército que o forjou e de cujo seio ele emergiu como um dos maiores brasileiros de todos os tempos. Prestou ao Brasil mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços como político e administrador público de contingência e, inigualados, como soldado de vocação, de tradição familiar, a serviço da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania do Brasil. Ainda em vida e até nossos dias, o Povo, a Imprensa, estadistas, chefes militares notáveis, pensadores, escritores e historiadores militares e civis o tem definido como: **Filho Querido da Vitória; O Pacificador; General Invicto; Contestável, Escora, Esteio e Espada do Império do Brasil; Duque de Ferro e da Vitória; Nume e Espírito Tutelar do Brasil; Símbolo da Nacionalidade; o Maior Soldado do Brasil; o maior dos generais sul-americanos; Alma Militar do Brasil e Herói tranquilo e perfeito.** Sua obra monumental de Pacificador de 4 lutas internas, e mais as suas modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na Guerra do Paraguai, o credenciam a figurar, sem favor nenhum, na galeria dos maiores capitães da História Militar Terrestre Mundial. Sua eleição inconteste para patrono do Exército o foi no sentido como a definiu o mestre Pedro Calmon:

“Como o chefe integral do Exército, o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nele deve vibrar, e a síntese mágica das virtudes e brios de que ele deve estar imbuído.”

E também, como uma espécie de oráculo, para consultas em momentos graves, para autocríticas e correções de rumos, ou na busca da solução mais adequada em determinadas conjunturas complexas. E a sua elevação ao patronato do Exército se deveu fundamentalmente a haver vencido 6 campanhas militares (4 internas e 2 externas), além de haver dirigido o Exército de forma marcante e muito fecunda, como Ministro da Guerra, em 3 oportunidades (1855/58, 1861/62 e

1875/78), cumulativamente, as duas últimas, com a Chefia do Governo do Brasil, na condição de Presidente do Conselho de Ministros, Caxias foi o 1º Porta Bandeira do Pavilhão Nacional, tão logo proclamada a Independência, em solene cerimônia, em 10 nov 1822, na Capela Imperial, quando a recebeu das mãos do próprio Imperador. E ninguém mais do que ele glorificaria a bandeira do Império que ele ali recebia. Possuía grande orgulho nativista por haver sido veterano da Guerra da Independência na Bahia, como integrante do Batalhão do Imperador, merecendo condecoração alusiva de ouro que sempre ostentou com grande carinho e orgulho. Profissional militar de altíssimo gabarito, sempre sonhou com o Exército Brasileiro possuir uma Doutrina Militar genuína. Sonho que expressou, em 1862, ao baixar Ordenanças do Exército Imperial do Brasil, calcada em adaptações das Ordenanças de Portugal, às realidades operacionais do Brasil que vivenciara, em 5 campanhas militares, em que lhe coube comandar e conduzir à vitória o Exército Brasileiro e com a ressalva, "**até que o nosso Exército possua uma Tática (Doutrina) genuinamente nossa**". Mais um pioneirismo seu! Como Ministro da Guerra entre suas muitas grandes realizações: A Escola Militar da Praia Vermelha, a reforma do QG do Exército em local hoje onde se situa o Panteon com sua estátua equestre que abriga em seu interior os seus restos mortais e os de sua esposa e, a introdução da função de Ajudante Geral do Exército, substituída mais tarde pelo Estado - Maior do Exército, além de outras marcantes, como o primeiro Regulamento Disciplinar do Exército 1875. Como cidadão sua culminância foi pacificar a Família Brasileira, em D. Pedrito-RS, em 1º mar 1845. Ali onde tornou-se pioneiro abolicionista, ao assegurar, a despeito de fortíssimas pressões de escravocratas, Liberdade para os lanceiros negros farrapos, os incorporando ao Exército, como livres, na Cavalaria Ligeira do Rio Grande.

Na Revolução Farroupilha que por quase 10 anos assolou o Rio Grande do Sul, segundo o mestre Pedro Calmon:

“O barão de Caxias venceu sobretudo por convencer, pois a verdadeira vitória não consiste em sufocar ou subjugar o adversário, pois é antes uma tarefa de persuasão, de conquista de corações para que se atinja o ideal vencedor. E Caxias sobrepujou os olhos fraticidas, a dignidade da paz justa, cobrindo as forças em luta com o véu iluminado da concórdia e da pacificação. Pois ali reuniu ao gênio de guerreiro consumado, a generosidade clemente e aliciadora”.

Ao pedido de um áulico de que se festejasse a vitória com um Te Deum na igreja São Sebastião em Bagé, optou por uma missa em **“sufrágio das almas dos mortos imperiais e republicanos que haviam tombado em defesa de suas verdades”**, entre os quais encontrava-se seu tio general João Manuel de Lima e Silva que fora consagrado pelos farrapos como o seu primeiro general.

A grandeza desta tolerância a serviço da preservação da Unidade da Família Nacional, fez com que os gaúchos o consagrasssem como o seu presidente e a seguir como seu senador vitalício em 1845.

Como líder de batalha seu grande feito estratégico foi a modelar Manobra de Flanco da posição fortificada de Piquiciri, através do Chaco, onde correu Risco Calculado, ao sacrificar o Princípio de Guerra da Segurança, em benefício da Surpresa que ele obteve a nível estratégico, ao desembarcar, de surpresa, na retaguarda profunda do adversário em Santo Antônio, abreviando em muito a duração do conflito e poupando assim recursos de toda a ordem e vidas humanas de irmãos brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios envolvidos no maior conflito até hoje ocorrido na América do Sul e o primeiro com características de Guerra Total entre nações.

Como líder de combate seu maior momento foi na conquista da ponte de Itororó. Ao perceber que o seu Exército poderia ali ser detido, desembainhou sua invencível espada de 5 campanhas, brandiu-a ao vento, voltou-se decidido e convincente para seus liderados e apelou com energia com o brado - **“Sigam-**

me os que forem brasileiros !” Ato continuo lançou-se sobre a ponte de Itororó com o seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo e arrastando atrás de si todo o Exército detido, para em seguida colher expressiva vitória tática que removeu obstáculo que quase colocou em perigo toda a sua brilhante manobra estratégica através do Chaco. Sua derradeira ação pacificador a foi a de pacificar a Questão Religiosa ou Epíscopo - Maçônica, defendendo e obtendo êxito na assinatura pelo Imperador de decreto de n° 5093, de 17 set 1875 de Anistia assim expressa:

“Artigo Único - Ficam anistiados os bispos, governadores e outros eclesiásticos das dioceses de Olinda e Pará que se acham envolvidos no conflito suscitado em consequência de interditos postos a algumas irmandades das referidas dioceses, e em perpétuo silêncio os processos que por este motivo tenham sido instaurados.”

Caxias nasceu em 25 ago. 1803, no local do projetado Parque Histórico Duque de Caxias do município de Duque de Caxias - RJ, que recebeu o nome de seu título por ele ali haver nascido. Faleceu, em 7 mai. 1880, aos 77 anos, na Fazenda de Santa Mônica, em Juparanã - Valença - RJ, a vista do rio Paraíba do Sul e onde se recolhera e passara os dois últimos anos de sua vida, viúvo e aos cuidados de sua filha mais velha, a baronesa de Santa Mônica. Segundo sua vontade expressa em testamento, foi transportado ao túmulo no Rio de Janeiro, por soldados de bom comportamento, cujos nomes foram imortalizados no pedestal de seu busto, no passadiço do Conjunto Principal antigo da Academia Militar das Agulhas Negras, próximo da Sala dos Professores onde nela existia o retrato a óleo de D. Ana (Anica) Luiza - Duquesa de Caxias, sua esposa, com quem viveu 41 anos de 1833-74, de feliz e modelar casamento e que se constituiu no grande amor e inspiração do maior cabo de guerra brasileiro, segundo seu biógrafo Dr Vilhena de Moraes. Óleo de sua esposa hoje recolhido ao Museu da AMAN, bem como quadro da N. Sra. da Conceição, a padroeira e maior autoridade hierárquica do Exército Imperial do Brasil e a única decoração do

seu quarto ao falecer. Falou junto a sua sepultura interpretando os sentimentos do Exército Brasileiro o já consagrado escritor e historiador Major de Engenheiros Alfredo de Taunay que assim concluiu a sua antológica oração:

“Só a maior concisão, unida a maior singeleza e que poderá contar os seus feitos! Não há pompas de linguagem !Não há arroubos de eloquencia capazes de fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza.”

Caxias depois da Guerra do Paraguai, encontrou-se com o Major Alfredo de Taunay na esquina da rua do Ouvidor, com a 1º de março e assim lhe falou:

“-Que falta o senhor me fez na guerra! Se o tivesse ao meu lado quanta coisa teria tido ocasião de escrever!”

Capistrano de Abreu, grande historiador do Brasil, assim interpretou os sentimentos do Exército Brasileiro ao saber que o Duque de Caxias havia dispensado as honras militares:

“O Duque de Caxias dispensou as honras militares! Acho que ele fez muito bem! Pois as armas que ele tantas vezes conduziu à vitória, talvez sentissem vergonha de não terem podido libertá-lo da morte!”

O Duque de Caxias sublimou as Virtudes Militares de **Coragem, Abnegação, Honra Militar, Devotamento e Bravura**. O Exército manifestou-se oficialmente em Ordem do Dia alusiva ao seu falecimento, concluindo suas considerações elogiosas com esta afirmação:

“Se houve quem prestasse serviços excepcionais ao Brasil foi o Duque de Caxias. Se houve quem menos os fizesse valer, foi o Duque de Caxias!”

Desde 1931 os cadetes do Exército portam como arma privativa o Espadim de Caxias, cópia fiel em escala do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias. Em 1º mar 1996, fundamos em Resende/RJ, A Cidade dos Cadetes - a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que elegeu o Duque de Caxias como o seu patrono e o seu invicto sabre

como símbolo em seu brasão, por ser a mais representativa espada do Brasil. Instituição substituída a partir de 23 de abril bicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras pela Federação de Academia de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e 5 AHIMTB filiadas, em Resende-RJ, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e Sorocaba-SP.

Bases da Cultura de Caxias em Arte Militar

Vilhena de Moraes relaciona as autoridades com que Caxias se correspondia em sua obra **Novos aspectos da obra de Caxias**. Acredita-se que a correspondência mais importante, por descontraída e reveladora de aspectos de seu pensamento militar, era enviada ao seu irmão, Barão de Tocantins, quinhoeiro como ele do sucesso militar em Santa Luzia. Seu irmão, ao pressentir a morte, mandou queimar todos os seus papéis e com ele a correspondência recebida de Caxias.

Com a esposa, com quem mantinha confidências reveladoras de seu pensamento militar, a correspondência sumiu em grande parte. E pedia a ela: "**Não fale em cousas de guerra com outras pessoas para não colocar-me em má posição, pela possibilidade de não conseguires transmitir com fidelidade o meu pensamento.**"

Correspondia-se e confidenciava com sua irmã Carlota. A destruição deste acervo precioso impediu até o presente restabelecer o pensamento militar de Caxias, o que não aconteceu com o General Osório que manteve sempre bem cuidado e junto de si seu precioso arquivo, hoje existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Arquivo que permitiu ao seu filho e neto escreverem sua alentada biografia e dela ensaiarmos o seu pensamento militar na revista **CAVALARIA**, Curso de Cavalaria da AMAN, 1979 (Comemorativa do centenário de morte do Gen Osório). Nos serões que alimentava em sua residência, quartéis generais e em campanha, colheu e absorveu experiências alheias em Arte Militar por muitos anos.

Era muito amigo de conversar após o jantar em campanha. Esta característica se comprova no questionário que respondeu em 1854 ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sobre a Batalha do Passo do Rosário de 20 Fev 1827, que não assistiu por estar guarnecedo Montevideu, mas que reconstituiu e a interpretou com apoio em conversas que teve com veteranos brasileiros, uruguaios e argentinos, de 1827-52. Trabalho reproduzido pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em 1927 (alusivo ao centenário da Batalha do Passo do Rosário). É fonte a caracterizar seu pensamento militar, sintetizado em O Guararapes, nº 8, Jan/Mar, 1997. O reproduso adiante! Uma das lacunas da biografia de Caxias era a explicação de como ele conseguiu acumular invejáveis conhecimentos não só em Arte, como em Ciência Militar, responsáveis por sua bem sucedida carreira militar de general invencível de 6 campanhas que o colocam, sem favor nenhum, na galeria dos grandes capitães da História Militar Mundial. Esta resposta é, em parte, a que ensaiamos em artigo "**Fontes da Cultura do Duque de Caxias em Arte da Guerra**", que assim pode ser sintetizada: O Visconde do Rio Branco, pai do Barão do Rio Branco, amigo e compadre de Caxias, do alto de sua sabedoria, o classificou como "**possuindo inteligência e bom senso geniais**". Para os marechais Humberto Castelo Branco e Tristão de Alencar Araripe, historiadores e pensadores militares terrestres e ex-comandantes da ECEME, estas seriam partes das explicações: Para o Mal Castello Branco, "**o fato de Caxias haver adaptado às realidades operacionais sul-americanas muito da Arte da Guerra de Napoleão, em especial o conceito de que "a guerra é uma arte toda de execução"**". Para o Mal Tristão Araripe, "**o fato de Caxias haver feito um acompanhamento cerrado da evolução operacional da Guerra de Secesão no Estados Unidos, a qual apresenta tantas semelhanças com a Guerra do Paraguai, pioneiras do advento da Guerra Total**". Exemplo eloquente foi sugerir e receber o apoio dos balonistas irmãos norte-americanos Allen, que haviam apoiado reconhecimentos

para o Exército do Norte, ao comando do Gen Grant, para proceder reconhecimentos para a vitoriosa marcha de flanco sobre Humaitá, cuja conquista significava o objetivo militar da Tríplice Aliança.

Para seu grande biógrafo, o Dr Vilhena de Moraes, “**Caxias acompanhou com vivo interesse o desenvolvimento da doutrina militar da Guerra Franco-Prussiana, 1870-71, pela qual mais uma vez a França tornou-se República, com a queda de Napoleão III**”. Havia neste acompanhamento, segundo ainda Vilhena de Moraes, “**uma preocupação de Caxias com os reflexos da República Francesa na Monarquia Brasileira, já recomeçada a ser combatida com a Convenção Republicana de Itú-SP de 1870**”.

Para o, mais tarde, Mal Castello Branco, que fora instrutor na ECEME de Tática e História Militar, antes de ser o E-3 da Força Expedicionária Brasileira, a maior característica de Caxias era a de “**possuir o senso do praticável**”. Fato que Vilhena de Moraes traduziu na norma que Caxias adotava e traduzia nesta máxima: “**Fui ver, não mandei outros verem**”. Isto é confirmado pelo pontoneiro Cap Jacob Franzen, ao conduzir Caxias de lancha para certificar-se, nos locais na foz dos afluentes do Chaco, se haviam sido removidos entulhos, para facilitar o embarque e desembarque de tropas, por embarcações de nossa Marinha. Caxias, além de militar de vocação, como o demonstra sua vida e obra, foi militar de tradição. Caxias conviveu com 11 marechais em sua família. Era bisneto, neto, filho, sobrinho, tio e irmão de destacados infantes que ocuparam posições de relevo no governo e junto a ele. Eram os avós de Caxias o Mal de Campo José Joaquim da Lima e Silva que, em 1773, veio de Portugal e serviu no Regimento de Bragança, que lutou na Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul. Seu avô materno, do qual herdou o nome, foi o Mal Luiz Alves Freitas Bello, que veio de Portugal como coronel. O pai de Caxias, o Mal Francisco da Lima e Silva tornou-se infante sob orientação paterna, no atual Batalhão Sampaio. Cursou a Academia de Artilharia, Fortificação

e Desenho, fundada pelo Vice-Rei Conde de Resende, em 19 Dez 1792, na Casa do Trem, no aniversário da rainha D. Maria I, já insana, e sob a égide do príncipe regente D. João que, em 1810, a promoveria na mesma Casa do Trem, a Real Academia em Academia Real Militar, só que agora não destinada a formar oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e de Engenheiros para o Brasil Colônia, mas para todo o reino de Portugal. Esta é a verdade que pesquisas recentes revelam. Ali, o pai de Caxias foi colega e amigo do pai de Miguel Frias de Vasconcellos. O pai de Caxias, como coronel, comandou expedição a Pernambuco, que combateu e conjurou a revolta republicana liderada pelo Frei Caneca, que passou à História como Confederação do Equador de 1824 e que se insere, como a primeira luta interna do Brasil Independente. Liderou ainda, como comandante das Armas da Corte e da Província do Rio de Janeiro (atual 1^a RM), defronte ao atual Palácio Duque de Caxias, o esquema militar do qual resultou a Abdicação de D. Pedro. Foi regente do Império por duas vezes. Muita influência militar exerceu sobre o seu filho Luiz Alves que, como ele, viria a ter grande expressão político-militar e governaria também o Brasil. Seu pai, por mais de 4 anos na Regência, e ele, Caxias, por quase igual período no 2º Reinado, em duas ocasiões. Seu tio paterno, Mal de Campo e Visconde de Magé, fora iniciado em Arte Militar no atual Batalhão Sampaio, com o seu pai e irmão Francisco, pai de Caxias. Por seu valor militar, foi encarregado pelo Imperador D. Pedro I para organizar o Batalhão do Imperador, unidade de elite e raiz histórica do atual Batalhão da Guarda Presidencial de Brasília, que incorporou suas tradições. Foi o padrinho de batismo e de fogo de Caxias na Guerra da Independência da Bahia. Comandou o Exército Libertador da Bahia no impedimento do Gen Labatut. Possuía muito bom conceito profissional e seus conselhos sobre doutrina militar eram levados muito em conta. Exerceu grande influência militar sobre o sobrinho e afilhado. Tomou posição em 7 Abr 1831 em favor da Abdicação, de igual forma que seus irmãos Francisco, pai de Caxias e Manoel Fonseca,

como única alternativa de preservação da Monarquia. E Caxias acompanhou o pai e tios nesta posição. Resistir era inviável! Outro tio que muita influência exerceu sobre Caxias foi o citado Mal de Campo Manoel da Fonseca Lima e Silva, Barão de Suruí. Foi seu sub comandante no Batalhão do Imperador na Bahia. Era da 1^a turma da Academia Real Militar, 1811-12. Exerceu grande influência sobre Caxias. O general farroupilha João Manuel Lima e Silva, era tio paterno de Caxias e dois anos mais moço que ele. Conviveram intimamente na infância, no atual Batalhão Sampaio e dois anos na Academia Militar no Largo do São Francisco e na Guerra da Independência na Bahia. Ao estourar a Revolução Farroupilha a ela aderiu como comandante da única unidade de Infantaria do Exército no Rio Grande do Sul. Esta fora confinada na fronteira, em São Borja, dentro da política de erradicação do Exército que se seguiu à Abdicação e causa de muitas revoltas entre integrantes do Exército nas lutas internas da Regência e, em especial, da própria revolução farroupilha. Nesta, os seus líderes em maioria eram oficiais do Exército e revoltaram toda a Guarda do Exército em 20 de setembro, inclusive os dois Bento (Bento Gonçalves e Bento Manuel), que eram oficiais de Estado-Maior do Exército. Pensamento político erradicador dominante, assim traduzido na época por lideranças de elites influentes da Sociedade Brasileira do Sudeste em especial, logo após a Independência, adeptas de uma política de erradicação do Exército e Marinha sob o argumento: "**Forças numerosas e permanentes são uma ameaça: -À Liberdade. -À Democracia. -À prosperidade econômica. -À Paz**".

Tão logo proclamada a Independência, segmentos influentes das elites do Sudeste pressionaram para reduzir o Exército, que foi só organizado em dezembro de 1824, após D. Pedro outorgar a Constituição. Mas ali, muitos constituintes de 1824 pretendiam posição insignificante e irreal ou romântica para o Exército, a defesa do litoral nas fortalezas e das fronteiras como instrumento de defesa externa e subordinado aos presidentes de províncias. Com a Abdicação, estas elites

empolgaram o poder e colocaram em vigor seu plano de Erradicação do Exército, subordinado aos presidentes de Províncias, com capacidade presumida de, com o auxílio da Guarda Nacional e Guardas Permanentes destinados à defesa interna, neutralizar o Exército em caso de conflitos graves entre os poderes. No Sul, as elites do Sudeste pressionaram o Rio Grande do Sul, criando escorchantes impostos pela propriedade rural e pela arroba do charque, que passaram a comprar dos inimigos de ontem - os argentinos e uruguaios.

Aderiu à Revolução Farroupilha inclusive, o carioca Cel José Mariano de Mattos, comandante da Artilharia do Exército no Rio Grande do Sul. Ele seria Ministro da Guerra e Marinha dos farrapos, vice-presidente e presidente interino da República Rio Grandense, mais tarde chefe do Estado-Maior de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas e Ministro do Império do Brasil em, 1864 e veterano como Caxias da guerra da Independência na Bahia. Os fluminenses Gen João Manoel e Cel Mariano de Mattos, do Exército, que aderiram à Revolução Farroupilha e a lideraram no mais alto nível, os estudamos na obra: **O Exército Farrapo e seus chefes.** Rio, BIBLIE, 1992.V.1, p.47-49 e 145-151(vide site da FAHIMTB em Conflitos em Livros e Plaquetas. Obra que aborda o papel e posições, na época, das elites políticas, econômicas e militares no Rio Grande e como se contrapunham a elas as elites políticas, econômicas e militares dominantes do Sudeste.

O papel das elites políticas e econômicas do Sudeste da época podem ser bem apreciadas na importante obra, que mostra que o esforço erradicador do Exército não foi ficção e sempre existiu, sobre diversas formas, disfarçadas ou sutis, ou efetivas o que conclui de COELHO, Edmundo Campos. **O Exército e a Política na Sociedade Brasileira.** Rio, Forense, 1976. O Gen João Manuel foi assassinado em São Borja em 25 Ago 1837, quando saía de um baile. Imagine-se o impacto entre os 3 irmãos Lima e Silva e o sobrinho atual, Duque de Caxias, com a tragédia. Até que ponto ela teria influído no ânimo pacificador

de Caxias e determinado sua ida ao Rio Grande cerca de 2 anos mais tarde?

Esta questão é aqui colocada por oportuna. Os revolucionários farrapos do Exército, em 20 Set 1835, protestavam contra esta erradicação do Exército por elites que eles próprios apoiaram em 7 Abr 1831 na Abdicação e que os teriam traído após. Até o Ten Manoel Luiz Osório foi revolucionário desta hora. Foi republicano de coração, mas consciente que ainda não era chegado o momento da República no Brasil. Havia, depois da Independência, um preconceito das elites brasileiras em formação. Um preconceito injustificável contra os militares que dominaram o poder colonial como vice-reis, governadores, etc. e em regime absolutista. E este sentimento se voltou irracionalmente contra o nascente Exército Brasileiro, liderado, pós-independência, por alguns oficiais portugueses que aderiram ao Brasil, o que desgostou, por exemplo, militares brasileiros do Sul preteridos em comandos na Guerra da Cisplatina, 1825-28. Ao Caxias ingressar no serviço ativo em 1817, fazia um ano que vigoravam no Brasil As Ordenanças (Doutrina) de Infantaria do Marechal Carl Beresford, inglês ao serviço de Portugal. Elas substituíram em parte a doutrina do Conde de Lippe, alemão a serviço de Portugal, na qual haviam se formado infantes os avós, tios paternos e maternos de Caxias. Havia uma preocupação na família Lima e Silva com a atualização doutrinária do Exército dentro de nossa realidade e a isto se propôs um deles, desde que lhe dessem recursos em material de expediente. Mas ao que tudo indica não possuía crédito para tal. Caxias é que iria resolver este problema como Ministro da Guerra em 1862, ao adaptar, com base em sua experiência de comandante de 5 campanhas vitoriosas e no exercício, em 1855, da função de Ministro da Guerra, as Ordenanças (Doutrina) de Infantaria de Portugal, às realidades operacionais sul-americanas: **"Até que se desenvolva uma tática elementar (Doutrina) genuinamente nossa e harmônica com as peculiaridades de nosso Exército**

e com a natureza de nossas guerras". E foi a Doutrina usada na Guerra do Paraguai, sobre a qual não se registram críticas, o que indica a sua excelência. Este pioneirismo e esforço de Caxias pela Doutrina Militar Brasileira é focalizada pelo pensador militar brasileiro, :RAPOSO FILHO, Amerino, Cel. **Caxias e a doutrina Militar Brasileira.** Rio, BIBLIE, 1959. Trata-se de importante obra de conhecido e consagrado instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, de seu CPEAEx e autor também de outra valiosa obra de grande importância aos estudos ministrados na citada Escola, o que atesta o autor que, em 1968, dela muito se beneficiou na ECEME. RAPOSO, Amerino, cel. **A Manobra na Guerra.** Rio, BIBLIE, 1969. Caxias frequentou por 4 anos, 1818-21, como cadete, alferes e tenente, a Academia Real Militar do Largo do São Francisco, na condição do Brasil Reino Unido a Portugal e Algarve, sob a égide do Rei D. João VI, que transferiu a sede do reino para o Brasil por cerca de 13 anos, de 1808-21. Dela saiu com o curso de Infantaria. Estudou no 1º ano as seguintes matérias do ensino fundamental: Aritmética, Álgebra (até equações do 4º grau), Geometria, Trigonometria Retilínea e noções de Esférica e Desenho. Estudou no 2º ano do ensino profissional os assuntos militares Tática, Estratégia, Castramentação (arte de acampar), Fortificações em Campanha e Reconhecimento do terreno. No 3º ano estudou Álgebra, Geometria aplicada à Física, à Astronomia, ao Cálculo de Probabilidades e na dedução de teorias de Mecânica, Hidrodinâmica, Ótica, Geometria Descritiva e Desenho (**Aliás, teve dificuldades na matéria Desenho**). No 4º e último ano, estudou princípios de Mecânica, Estática, Hidrodinâmica, Hidráulica, Hidroestática, Desenho, Máquinas e suas aplicações e Balística. Era inspetor do ensino militar o Mal Joaquim de Oliveira Álvares, herói da guerra contra Artigas, de 1816 e que desempenhou relevante papel como Ministro da Guerra, respaldando o Dia do Fico. No ensino fundamental, o inspetor era o Brigadeiro Norberto Xavier de Brito, comandante do Corpo de Engenheiros. Os livros-texto

usados eram predominantemente de cientistas e generais franceses. Tiveram influência na formação militar de Caxias as obras sobre fortificações em campanha do Gen e Barão Gay de Vernon, e do Conde de Cessac sobre Estratégia, Tática e Serviço em Campanha. O Conde Cessac era autor das obras: **O Guia do Oficial em Campanha em 1786. 2v; Projeto da Organização do Exército da França, 1789; e Arte Militar** (Tática e Estratégia), editado depois da Revolução Francesa. O General e Conde Cessac, em 1793, organizou a defesa da França nos Pirinéus. Dirigiu o Bureau de Guerra em 1795. Presidiu o Conselho de Estado em 1803. Foi Ministro da Guerra em 1808 e Inspetor Geral da Infantaria em 1814. Curiosamente D. João VI, obrigado por Napoleão a transferir-se para o Brasil, procurou basear o ensino fundamental, na Academia Real que aqui criou em 1810, em obras de cientistas franceses e o ensino profissional em dois generais franceses que se destacaram na formulação da **Doutrina Militar da Revolução Francesa**. O currículo da Academia Real foi por nós estudado em artigo: O Brasileiro que foi general de Simon Bolívar (Gen Abreu e Lima), **A Defesa Nacional** (nº 725, Mai/Jun 86). Outra explicação da expressiva cultura de Caxias foi a sua intensa vivência militar em problemas de segurança interna e externa. Aprendizado na forma definida por Camões, o poeta soldado que perdeu a vista em combate na área do atual Vietnam. **"Que a disciplina (doutrina) militar prestante não se aprende na fantasia, senão vendo, tratando e pelejando."** Fato que muito se aplica ao General Osório, formado na Academia Militar das Coxilhas, na Fronteira do Vai e Vem, na belicosa coreografia da Arte Militar dos Pampas.

De 1823-28, Caxias atuou expressivamente como Ajudante do Batalhão do Imperador na Guerra da Independência na Bahia e na Guerra da Cisplatina, em Montevidéu. De 1831-39, foi peça chave na segurança da Corte, no subcomando e comando do **Batalhão Sagrado**, que se constitui hoje na Policia Militar do Rio de Janeiro. De 1839-45, comandou o dispositivo militar que pacificou o Maranhão e adjacências, São Paulo, Minas Gerais e

Rio Grande do Sul. Em 1851-52, comandou no mais alto nível a vitória militar, no tocante ao Brasil, contra Oribe e Rosas. Comandou a fase decisiva da Guerra do Paraguai, 1868-69, que conquistou os objetivos: **Militar: a Fortaleza de Humaitá e o Político, Assunção**, tendo à sua disposição todas as forças aliadas. Foi Conselheiro de Guerra, de Estado e Presidente do Conselho de Ministros, cumulativamente com o Ministério da Guerra por três vezes. Sua vivência militar intensa e rica foi superior a 60 anos. Outra característica foi a de haver sido, segundo seu biógrafo Vilhena de Moraes, "**amigo de escrever cartas**". Ele manteve durante longos anos intenso intercâmbio epistolar com pessoas muito bem informadas no Brasil e Exterior. E não descuidava de, em qualquer circunstância, de enviar cartas à família, aos parentes, aos amigos, aos chefes e até ao **Jornal do Comércio** do Rio, que cunhou a expressão - "**Caxias, filho querido da Vitória!**"

Lamentavelmente as centenas de cartas que recebia muitas cartas de brasileiros em missão cultural ou diplomática no exterior, relatando-lhe assuntos de interesse militar, como o demonstra Vilhena de Moraes, já citado.

Esta parte é importante para entender-se o Duque de Caxias, até hoje carente de uma biografia o que ensaiamos em nosso livro **Caxias e a Unidade Nacional** que abranja a sua multifacetada vida, obra de cidadão e soldado exponencial e providencial, para o Brasil e brasileiros. **O Mal Castelo Branco seu pensamento militar.** Rio, ECEME, 1969, assim pensava sobre Caxias:

"...Um homem do porte de Caxias, que teve, em vida, a veneração e a injustiça, igualmente humanas, tem que ser projetado no plano da crítica. E aí sua figura avultará objetivamente. Trazê-lo para o nosso tempo como o estadista e o marechal, do Brasil de hoje, é fazer obra inconsistente. Cair-se-ia na idolatria, em vez de enaltecer o vulgarizaria..."

Uma das formas de acumulação de cultura em Arte e Ciência Militar de parte de Caxias foram as 9 longas 14 viagens

por imposições profissionais, de segurança interna e externa do Brasil e, em especial na **Bacia do Rio da Prata**, numa luta interna e em 3 lutas externas, onde fez intenso intercâmbio de experiências militares com oficiais brasileiros, portugueses, espanhóis, argentinos, uruguaios e até alemães, em 1851-52, da Brigada Prussiana, os **Brummer**, contratada pelo Brasil para combater Oribe e Rosas. Assunto que desenvolvi em meu livro **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul** disponível no site da FAHIMTB.

A 1^a viagem foi Rio-Salvador e vice-versa, como ajudante do Batalhão do Imperador no combate na Guerra da Independência na Bahia, 1822-23.

A 2^a viagem foi Rio-Montevideu e vice-versa, para defender esta praça no contexto da Guerra da Cisplatina, 1825-28, da qual resultou a independência do Uruguai do Brasil, ao mesmo tempo que se evitou sua incorporação à Argentina. Tornando o Uruguai "*Um algodão entre 2 cristais.*"

A 3^a viagem foi ao Rio Grande do Sul em 1839, acompanhando o Ministro da Guerra, no contexto da Revolução Farroupilha e onde teve início a grande amizade Caxias-Osório.

A 4^a viagem foi Rio-São Luiz e vice-versa, para pacificar a Balaiada, no Maranhão, onde tomou conhecimento e absorveu as realidades operacionais e culturais do Meio Norte, transição entre a Amazônia e o Nordeste.

A 5^a viagem foi em 1842, Rio-Sorocaba e vice-versa, para pacificar a Revolução Liberal de São Paulo. Ida, por via marítima até Santos e retorno por terra, em parte pelo Caminho da Independência percorrido por D. Pedro I em 1822.

A 6^a viagem foi Rio-Porto da Estrela-Vassouras-Santa Luzia e vice-versa, a cavalo, para pacificar a Revolução Liberal de Minas Gerais em 1842. O trecho Rio-Porto da Estrela foi feito pela Baía de Guanabara e o caminho era seu conhecido desde a infância pois nascera na área de influência de Porto da Estrela.

A 7^a viagem foi de 1842-46, Rio-Rio Grande do Sul e vice-versa, para pacificar a Revolução Farroupilha e de onde

retornou eleito pelos gaúchos senador vitalício. Percorreu então longamente a região da Campanha gaúcha, conhecimento valioso para o seu comando do Exército do Sul na Guerra contra Oribé e Rosas, 1851-52.

A 8^a viagem foi em 1851-52, Rio-Porto Alegre-Santana-Colônia do Sacramento, com retorno por Colônia-Montevideu-Jaguarão, via lacustre no trecho Pelotas-Porto Alegre e depois Rio, para combater na Guerra contra Oribé e Rosas, 1851-52.

De sua visão crítica da batalha do Passo do Rosário destaco:

"O campo em que o General Alvear esperou as tropas brasileiras, que marchavam às cegas e sem ter informações seguras sobre o Inimigo, pode por ele ser escolhido. E nele se exerceitou por 2 ou 3 dias, segundo ouvi de oficiais argentinos e uruguaios e inclusive do Gen Eugênio Garzon, que interroquei. (Comandou como coronel um batalhão de Infantaria dos 4 que combateram contra os brasileiros).

Assim, se estaria dando consequência ao abalizado pensamento do Mal Ferdinand Foch, o comandante da Vitória Aliada na I Guerra Mundial:

"Para alimentar o cérebro (comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o da História Militar."

E indiscutivelmente, Caxias, 20 anos decorridos da batalha a estudou sem nela haver participado, como o comprova sua análise, um dos raros documentos em que expõe seu pensamento militar. O Gen Eugênio Garzon, veterano de Passo do Rosário comandou o Exército do Uruguai e Caxias o do Brasil na Guerra contra Oribé e Rosas, onde consolidaram grande amizade, inclusive nos acampamentos onde aparecia vez por outra Ângela Garzón, que em solteira fora namorada de Caxias em Montevidéu e que casou-se com Garzon quando Caxias retornou ao Brasil, mas este é outro assunto que trato em aspectos humanos de Caxias em meu citado livro Caxias e a Unidade Nacional. O Duque de Caxias, patrono da AHIMTB

teve trabalho seu transcrito nesta Revista conforme relatamos a seguir: Em 20 de fevereiro de 1827 teve lugar próximo da atual cidade de Rosário do Sul a maior batalha campal travada no Brasil. Nela se enfrentaram forças terrestres do Brasil com forças terrestres argentinas e orientais e cujo resultado foi indeciso. Para uns, derrota brasileira para outros batalha indecisa e vitória para outros tantos. Em 28 ago 1854, decorridos 27 anos da batalha, o então Marquês de Caxias, sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) desde 11 mai 1847 (sesquicentenário de ingresso em 11 mai 1997) respondeu a questionário de 9 quesitos que lhe dirigira o secretário do IHGB Dr Joaquim Manoel de Macedo. Caxias recém egresso da vitoriosa campanha contra os ditadores Oribe e Rosas 1851-52 respondeu o questionário com apoio em dados que colhera in loco. onde acampa para mais de 4 vezes e depoimentos de vários oficiais brasileiros, argentinos e uruguaios que participaram da batalha. Sintetizando o seu pensamento de como interpretou a batalha: **"Os brasileiros dispunham de 5007h (Cavalaria 2731h infantaria 2036h e Artilharia 240h). Os argentinos e orientais 10.55 7h (Cavalaria 8.379, Infantaria 1538 e Artilharia 600h). Não participaram da batalha 1720 brasileiros o que subiria o efetivo brasileiro na batalha para 6.627 caso tivessem combatido. O movimento inimigo retrocedendo através do passo do Rosário foi estratégico e poderia ter sido previsto e não o foi, por não ter sido levado em conta que um exército invasor e superior não poderia fugir à perseguição de um inferior numericamente e nem abandonar as posições que ocupara sem ter conquistado o fim a que viera. O campo em que o Gen Alvear esperou as tropas brasileiras que marchavam às cegas e sem ter informações seguras sobre o inimigo, pode por ele ser escolhido e nele se exercitou por 2 ou 3 dias, segundo ouvi de oficiais argentinos e uruguaios e inclusive do Gen Eugênio Garzon que interroquei.** (Este casara com antiga namorada de Caxias em Montevidéu durante a Cisplatina em cujo contexto ocorreu Passo do Rosario e

combateu em Passo do Rosário como coronel comandante de um Regimento de Infantaria adversário, mais tarde aliados, comandaram os exércitos do Brasil e Uruguai contra Rosas em 1851-52). Os brasileiros surpreendidos tiveram de aceitar a batalha no terreno para onde foram atraídos. A posição do inimigo de antemão escolhida forçosamente deveria ser muito favorável do que a deixada para os brasileiros. Mas em abono a verdade, não foi a posição favorável ao inimigo que lhe favoreceu na batalha. Se os brasileiros logo que tivessem reconhecido o inimigo mudassem a frente à direita, mais para cima, teriam anulado esta vantagem de posição, obrigando o inimigo a manobrar para combatê-lo e logo a seguir o impedir de adotar nova linha de batalha. A surpresa impediu a reflexão (estudo da situação). E tudo foi confusão ao se avistar o inimigo onde ele não era esperado. O terreno ocupado pelo inimigo era mais próprio à Cavalaria do que à Infantaria e dominava o terreno ocupado pelos brasileiros, sendo assim mais favorável a sua Artilharia, superior a nossa quantitativa e qualitativamente. Havia entre os Exércitos uma sanga sem água e que era um fosso enxuto que só dava passagem à Cavalaria em poucos lugares. E qualquer dos exércitos que a atravessasse a vista do outro teria a dupla desvantagem de desfilar dominado pelas vistas e fogos do outro ataque e, na retirada em caso de insucesso. O nosso general não levando em conta as vantagens do inimigo, em efetivo e posição, ordenou o ataque. Adotou a *Ofensiva* quando julgo deveria ter adotado a *Defensiva* e assim esperando o inimigo na posição que os brasileiros foram obrigados a ocupar, compelindo o inimigo a atacar as tropas brasileiras e assim deixar a posição que vantajosamente ocupava. As formações dos dois exércitos foram sempre paralelas. As tentativas de flanqueamento (desbordamento) só foram feitas com vantagem pelo inimigo. Pois no início da batalha conseguiram tomar-nos as bagagens e as munições de reserva, só escapando as cavalhadas que seus encarregados

sem ordens e por iniciativa as conduziram para São Gabriel. As duas divisões de Infantaria brasileiras permaneceram nas posições e só as deixaram mediante ordens. A batalha durou 11 horas mais ou menos e durante este tempo as unidades sustentaram as posições que lhes foram designadas pelo general. A retirada foi competentemente ordenada pelo general-em-Chefe e muito bem aconselhada na falta de reservas: A de munições tomadas no início da batalha; a de cavalhadas evacuadas para São Gabriel e a de tropas que haviam sido engajadas na batalha se encontravam exaustas. A ausência de 1200 homens da melhor Cavalaria ao mando do cel Bento Manoel Ribeiro, destacada com o fim de observar o inimigo e com ordem de se reunir ao Exército, logo que ouvisse os primeiros tiros, o que não cumpriu, não obstante ter ouvido os estrondos da Artilharia inimiga. E, antes, retirou-se para mais longe supondo o nosso Exército perdido. E opinião geral de todos os oficiais práticos da natureza da guerra (guerra à gaúcha - vide o jornal Tradição 1996) que se faz nos campos do Sul de que os brasileiros não deveriam ter perseguido o inimigo que se retirava da frente do nosso. Não pelo receio de combater, por ser ele superior em forças - mas por estratagema (ardil). A distância de coronel Bento Manuel quando teve início a batalha não passava de 6 léguas castelhanas. As baixas brasileiras foram mais de 200 e as argentinas e orientais em mais de 1000. (Foram baixas da Cavalaria contra os quadrados da Divisão do gen Calado). Fez bem o Marquês de Barbacena em ordenar a Retirada em direção a São Sepé, em razão dos brasileiros estarem faltos de munição logo no início da batalha, a Cavalaria quase inutilizada depois de 11 horas de batalha e no mesmo estado os muares da nossa Artilharia. Seria impossível ao Marquês de Barbacena tentar outra vez a sorte das armas enquanto não pudesse se refazer de munições e cavalhadas' Esta abordagem inédita e inexplorada do Duque de Caxias esta a sugerir que ela seja analisada à luz das obras A Batalha do

Passo do Rosário do gen Tasso Fragoso e **Batalha de Ituizangô** de Henrique O. Wiedersphan e, estudos nossos sobre o mesmo tema publicados em **A Defesa Nacional** nº 672/ano 1977 e 680/ano 1978. E sem esquecer nosso livro **Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário** feito com apoio e carta topográfica da região, o que o General Tasso Fragoso não dispôs e sim de um esboço. Análise militar que realizei à luz do fundamento da Arte e Ciência Militar. **Os fatores da Decisão Militar: Missão, Terreno, Inimigos e Meios.** E vale lembrar batalha ocorrida no 5º ano da Proclamação da Independência, quando as três Divisões de Portugal que guarniciam o Brasil retornaram a Portugal ficando o Brasil no desamparo militar tendo de enfrentar a Revolta do Equador em Pernambuco em 1824 e transformar o famoso guerrilheiro José de Abreu em Marechal para comandar a mal sucedida invasão do Uruguai.

Nota: Esta disponível em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB em Livros e Plaquetas, artigos sobre o Visconde de Pirajá que foi amigo, parente, ajudante de Ordens e Chefe de Estado-Maior de Caxias e a quem doou sua espada de campanha, suas armas e cavalos. E também artigo sobre a História do Espadim de Caxias, arma privativa dos Cadetes do Exército, idealizada pelo Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. O Duque de Caxias foi escolhido como patrono da FAHIMTB em razão de seu pioneirismo da nacionalização progressiva da Doutrina do Exército e na análise militar crítica Batalha do Passo do Rosário, conforme a transcrevemos.



Marechal Manoel Luiz Osório (General Osório)

Levantamos seu pensamento militar na Revista Cavalaria, publicada por iniciativa da Cadeira de História da AMAN, por ocasião do Centenário de seu falecimento em 1879, na condição de Ministro da Guerra. Artigos que reproduzimos na Revista A Defesa Nacional nº 684, Jul/Ago 1979. Artigo disponível em Livros e Plaquetas, em Personalidades, no site da FAHIMTB www.ahimtb.com.br.

Abordamos seu pensamento militar em nosso livro General Osório, o maior herói e líder popular brasileiro Resende: AHIMTB/ IHTRGS, 2008. Disponível para ser baixado ao final de Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahimtb.com.br. Recordo que meu primeiro trabalho sobre História Militar foi em 1970, no Centenário do término da Guerra do Paraguai e sob a forma de uma palestra para alunos do Curso de Engenharia da CPOR do Recife, onde a certa altura, assim definimos o General Osório:

Osório Nome que é legenda e que é glória!

O líder sem igual no combate

“A estrela guia em negros horizontes,

No caminho da luta e da vitória”

Formado na Academia Militar das coxilhas.

*Na fronteira do vaivém.
Nos constantes combates, refregas,
escaramuças e entreveros
Entre para tatás de centauros, pontaços de lanças,
tilin tilins de armas brancas – troar de canhões,
quadrados de Infantaria,
e cargas de Cavalaria !
Na belicosa sinfonia. Da Arte Militar das Pampas.*

Em nosso livro citado **General Osório o maior herói e líder popular brasileiro**, disponível para ser baixado no site da FAHIMTB ao final de Livros e Plaquetas, abordamos com mais ênfase seu Pensamento Militar as p.144/152 que a seguir transcrevemos:

Osório - Pensamento Militar

Dia 10 de maio de 2008 assinalou o bicentenário de nascimento de um dos maiores generais da História do Brasil - o Marquês do Herval e Marechal de Exército Graduado Manoel Luiz Osório, atual Patrono da Arma da Cavalaria e o único concorrente, com o Duque de Caxias, ao título de Patrono do Exército Brasileiro. Osório foi o comandante vitorioso de forças brasileiras, argentinas e uruguaias na maior batalha campal da América do Sul, a de Tuiuti, em 24 de maio de 1866. Apesar de não possuir cursos militares regulares, segundo Calógeras, "**Osório compendiou em si a experiência prática, vivida, de toda a evolução militar do Brasil desde a era colonial**". Analisar parte da experiência prática de Osório em Arte de Guerra, manifesta em seus escritos ou no de testemunhas, é o objetivo de nosso ensaio evocativo, no transcurso do bicentenário de seu nascimento, ocorrido em 10 de maio de 1808, em Tramandaí, atual local onde se encontra o Parque Histórico Manoel Luiz Osório, erigido em sua memória, em 10 de maio de 1970, por iniciativa do Gen Ex Emílio Garrastazú Médici como comandante do então III Exército (atual CMS) e por ele criado e inaugurado nesta data, como Presidente da República.

OSÓRIO E OS PRINCÍPIOS DA GUERRA

À luz dos princípios de guerra adotados pelo Exército em seu **Manual de Campanha C 20-230**, ensaiaremos os pensamentos emitidos por Osório, direta ou indiretamente relacionados com os referidos princípios que são por nós abordados nas obras **História da Doutrina Militar** e **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**.

(Nota) *Em alguns casos suas citações aparecerão em mais de um fundamento da Arte da Guerra a explorar.*

Princípio do Objetivo: *"O que e onde atacar, defender, revidar, manter, destruir, conquistar, emboscar, etc. Onde conduzira ação principal de uma operação... Fidelidade à missão recebida..."* - "Soldado, enquanto a saúde me permitiu fui servo do dever militar." (Fonte: História do General Osório, v. 2, p. 274) - "V. Excia. diz que a missão especial do atual Ministério é a defesa do país e a vingança das afrontas aos direitos e a dignidade do Império. E eu respondo à V. Excia. Minha missão e a deste Exército é cumprir ordens do Governador e, possuído dos mesmos sentimentos, prestar ao mesmo Governador franca e leal cooperação, como V. Excia, com justa razão, espera." (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra de 27 Mai 1865) - "O soldado prático sabe aproveitar o tempo. A guerra não se faz com ofícios, dúvidas e consultas". (Fonte: Ofício de 11 Jun 1865 - ao comandante de uma fração em trânsito em Montevidéu).

Princípio da Surpresa: *"Atacar, defender, retardar, emboscar, etc, onde, quando, ou com um equipamento militar não esperado. Surpresa tática, estratégica ou técnica"*. - "O que mais temo na guerra é a surpresa". (Fonte: diversas fontes citam esta declaração). - "Esta marcha estratégica nos separa bastante de nossa base de operações, mas deve prejudicar muito o inimigo o aparecimento de nossas forças no centro de seus recursos e em sua linha de retirada e, com isso poderemos,

num só combate, conseguir o fim da guerra". (Fonte: Parecer ao Conde D'Eu de 3 Jul 1869).

Princípio da Massa: "*Ser mais forte moral e materialmente que o adversário no ponto decisivo...*" - "É preciso atacar por algum ponto com todas as forças disponíveis." (Fonte: Parecer ao Conde D'Eu de 3 Jul 1869)-"Creio que o Exército deve marchar reunido para agir conforme as circunstâncias." (Fonte: Carta a David Canabarro, 1865) - "Entendo que qualquer das forças inimigas que seja batida leva-lo-á a retirar a outra, mas nós não devemos dividir as nossas". (Fonte: Carta ao General Urquiza). - "Não sou inclinado à divisão de forças e mormente forças novas, porque ainda me recordo da guerra Cisplatina 1825-28, e estão bem recentes os resultados das operações de julho e setembro no Paraguai, e o fim que tiveram as de Estigarribia". (Fonte: Carta a Caxias, 15 Abr 1867). - "Enquanto a vitória não está consumada não se distraem forças." (Fonte: Carta de 17 Set 1870 a seu filho Fernando). - "Se uma força não é bastante forte para proteger uma linha de comunicações, conservando-se à distância do inimigo em posição escolhida e organizada defensivamente, muito menos o será estacionando fracionada em diversos pontos, exposta ao fogo do inimigo, em más posições, suscetível de ser atacada a cada momento por forças superiores." (Fonte: Parecer ao Conde D'Eu, citado). - "O inimigo está dividido, aproveitemos o seu erro. Vamos nos reunir na campanha ou cá dentro (em Porto Alegre), e ver se conseguimos batê-lo por partes." (Fonte: Carta de 4 Set 1837 a um chefe legalista na Revolução Farroupilha). - "Se as forças e recursos do país não permitem a execução de tudo que prescreve a Arte da Guerra, atenda-se ao mais urgente, para ser mantido em respeito o território nacional". (Fonte: Carta ao Dr. Cristiano Otoni em 31 Ago1873).

Princípio da Segurança: "*Pelas Informações (o máximo conhecimento da Missão, Terreno, Inimigo e Meios). Pelo dispositivo (reserva, compatível, etc) e pela Contra-informação.*" (Fonte: Parecer ao Conde D'Eu em 3 Jul 18690. - "Qualquer que

seja o ataque, devemos ter um ponto que nos sirva de apoio em qualquer que seja. (Em Tuiuti o ponto forte foi constituído pela 3^a Divisão de Infantaria ao comando do General Sampaio). - "As notícias podem ser falsas, mas é bom prevenir-se". (Fonte: Carta a David Canabarro em 1865). - "Ao preparar uma ação ofensiva é preciso considerar que o inimigo muitas vezes também pensa atacar e, por isso, devem-se tomar as devidas cautelas." (Fonte: referido pelo General Bartolomeu Mitre - Presidente da República Argentina). - "Não sou inclinado à divisão de forças, e mormente forças novas, porque ainda me recordo da Guerra Cisplatina 1825-28." (Fonte: Carta a Caxias, 15 abr 1867) - "Um combate desigual, por condições de terreno e porque o inimigo ameaça nossas comunicações, é sempre perigoso, tanto mais, que uma retirada nem sempre é possível por maus caminhos que por ele podem ser cortados". (Fonte: Carta ao General D. José Suarez em 18 Fev 1866). - "Uma informação pode não ser exata, convém pois acautelar-se". (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra em 28 Mai 1865). - "A maior de todas as dificuldades na guerra é a desmoralização que lavra, resultado de notícias exageradas e das apreciações mal feitas pela Imprensa, dos recursos e poder do inimigo." (Fonte: Carta a seu filho Fernando). - "A correspondência por telegrama é perigosa porque é fácil de falsificação e não chega ao destino com a assinatura de quem a expede." (Fonte: Carta a Bordini, 28 Mai 1879). - "A vanguarda deve ser tão forte que dê tempo, sem perigo, à reunião dos recursos longínquos de que se possam dispor." (Fonte: Parecer ao Dr. Câmara de 18 Ago 1873).

Princípio da Manobra: "Através de movimentos rápidos e seguros colocar nossos meios em melhor posição face ao inimigo". - "O projeto de manobra que não assenta no cálculo exato das forças que a deve efetuar é caduco por si mesmo". (Fonte: Parecer ao Conde D'Eu em 3 Jul 1869). - "O inimigo está dividido, aproveitemos o seu erro. Vamos os reunir na campanha ou cá dentro, e ver se o conseguimos bater por partes". (Fonte: Parecer na Guerra Farroupilha). - "É preciso manobrar como

as circunstâncias aconselham, é ter forças para derrotar o inimigo." (Fonte: Carta a David Canabarro em 1865, quando da invasão do Rio Grande pelo Paraguai). - "É perigoso amoldar o plano de campanha à vontade do inimigo". (Fonte: Carta a David Canabarro em 1865, quando da invasão do Rio Grande pelo Paraguai). - "A primeira condição para uma boa cavalaria é a velocidade e esta depende da excelência dos cavalos." (Fonte: Carta a Caxias de 15 Abr 1867). - "Nunca se deve descuidar de manter a capacidade de movimento de um exército, e muito menos enfraquecê-lo na sua Cavalaria. O inimigo de quem isto não se pode esconder, mesmo batido, tudo ousará para manter elevado o próprio moral." (Fonte: Carta ao Barão de Muritiba de 15 Abr 1869). - "A estrada de ferro é o único meio para manobrar-se com rapidez, ou seja, para defesa ou para a invasão." (Fonte: Parecer ao Dr. Ewbank Câmara em 18 Ago 1873).

Princípio da Ofensiva: "Só a atitude ofensiva conduz à vitória. Atitudes ofensivas na ofensiva e na defensiva, etc. Combater é atacar e contra-atacar para conquistar, manter a iniciativa e impor a vontade ao adversário..." - "É preciso combater para vencer e por algum ponto deve-se atacar com todas as forças disponíveis." (Fonte: Parecer ao Conde D'Eu em 3 Jul 1869). - "O adversário é que irá nos ensinar o caminho de Assunção, cabendo a nós remover os óbices da estrada". (Fonte: Ofício ao Almirante Tamandaré de 6 Fev 1866). - "Asseguro-lhe que sobra desejo e não faltará empenho de minha parte, para logo que as circunstâncias o permitam, tentar algum golpe sobre o inimigo, só recuando diante do impossível." (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra, 1865). - "O Governo Imperial bem terá entendido que a defesa de nossa fronteira será eficaz se tivermos meios prontos de invadir o território inimigo". (Fonte: Parecer ao Dr. Ewbank da Câmara em 18 Ago 1813). - "É preciso energia. A guerra não se faz com abraços". (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra, Dez 1866).- "As dificuldades não me quebrantam o ânimo." (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra, Dez 1866). -"Adiante leões!... Carreguem camaradas! Acabem com

este resto! Mais uma carga camaradas!" (Fonte: Estímulos aos soldados brasileiros em Tuiuti e Avaí). Princípio da unidade de Comando: condições legais e estruturais (comunicações) para o exercício do comando em toda a sua plenitude. Disciplina intelectual dos executantes de uma operação... " - "Uma nação dividida e desconfiada de seu governo é fraca para uma grande guerra externa." (Fonte: Carta a Silveira Martins de 28 Out 1872). - "Nenhum general pode prestar serviços verdadeiros e reais e desagravar a nação se não contar com o apoio do país, o qual é a verdadeira força." (Fonte: Discurso em Porto Alegre, 1871). - "O soldado deve ter sempre em mente as leis militares, para não incorrer em faltas, para reconhecer seus deveres e saber até onde vai o seu direito. Deve fielmente cumprir as ordens que lhe dão e, sendo possível, em menos tempo que o que lhe foi marcado." (Fonte: História do General Osório) - "Quando não há capacidade, se todos ajudarem um pouco, faz-se muito." (Fonte: Carta ao comadre Mascarenhas, 22 Ago 1876).

Princípio da Economia de Meios: "*Distribuição judiciosa e compatível de meios disponíveis por todas as ações*". - "A proporção das forças das diversas armas deve corresponder à natureza da guerra e dos meios de que dispõe o inimigo." (Fonte: Ofício ao Ministro da Guerra, 27 Jun 1865)

Princípio da Simplicidade: "*Manobra, planos e ordens simples transmitidas aos executantes, com clareza, precisão e concisão e facilmente entendidas por todos os executantes...*" - "É fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever. Camaradas, vosso caminho está aí à frente." (Fonte: Ordem do Dia em Passo da Pátria em 15 br 1866). - "Eia Camaradas! Aqui só há Deus e as nossas armas!" (Fonte: Contado pelo Cel Joaquim Azevedo sobre expressão usada por Osório ao repelir ataque em Passo da Pátria). - "Qualquer que seja o ataque devemos ter um ponto forte que nos sirva de apoio em qualquer circunstância." (Fonte: Parte ao Conde D'Eu em 3 Jul 1869).

Osório, a Estratégia e a Logística

A seguir, alguns pensamentos de Osório relacionados com a Estratégia Militar e a Logística

Estratégia Militar: Consiste nas atividades de planejamento, preparação e aplicação dos meios militares do Poder Nacional, para promover o emprego da Força, esta, tradução dinâmica da vontade de vencer uma guerra na hipótese considerada e em acordo com a Doutrina Militar decorrente. (Um conceito).

- "Ajunção de diferentes colunas, nas proximidades do inimigo é sempre perigosa, quando, este pode rechaçá-las uma após outra, quando não se sabe a força que ele dispõe e não se pode calcular ao certo o tempo que é necessário para o movimento das mesmas." (Fonte: Parecer ao Conde D'Eu, 3 Jul 1869).

- "Esta marcha estratégica nos separa bastante de nossa base de operações, mas deve prejudicar muito o inimigo o aparecimento de nossas forças no centro de seus recursos e em sua linha de retirada e, com isso, poderemos em um só combate conseguir o fim da guerra." (Fonte: idem anterior).

- "Humaitá ainda resiste, porém em estreito sítio e creio que ele caído pouco durará a guerra." (Fonte: Carta a filha - História do Gen Osório, vol. 2, p. 432).

- "A estrada de ferro é o único meio conhecido para manobrarse com rapidez; ou seja, para a defesa ou para a invasão". (Fonte: Parecer ao Dr. Ewbank da Câmara em 18 Ago 1873).

- "A construção de estradas de ferro será sempre o principal meio de defendermos a fronteira, ou seja, para desconcertarmos os planos do inimigo." (Fonte: idem anterior).

- "As estradas de ferro devem formar um sistema estratégico." (Fonte: Parecer ao Dr. Cristiano Otoni em 31 Ago 1873).

Nota: O General Osório como senador batalhou muito para a construção da ferrovia Rio Grande - Pelotas - Canguçu, para em caso de invasão Rio Grande do Sul, retirar as forças para Canguçu, para as organizar em segurança na Serra dos Tapes, e passar a Ofensiva. Por esta razão em especial o general Osório

é o nome da principal rua de Canguçu, minha terra natal.

- "O inimigo está dividido, aproveitemos o seu erro. Vamos nos reunir na campanha ou cá dentro (de Porto Alegre) e ver se o conseguimos bater em detalhe".

- "Falou-se muito em atacar Humaitá, porém hoje esta ideia está arrefecida. Não me parecia razoável atacar-se essa fortificação permanente; porque contém ela elementos tais de defesa que não seria acessível ao ímpeto de nossas baionetas, e então ficaria o Exército Aliado desmoralizado completamente. Para exemplo não nos basta a hecatombe de Curupaiti?" (Fonte: Carta ao filho Fernando, 29 Mai 1868).

Logística: É a parte da Ciência e da Arte Militar encarregada de prever para prover. Prever, ou seja, planejar, organizar, dirigir, controlar e coordenar a produção ou aquisição de suprimentos e serviços necessários às operações militares. Prover é fornecer suprimentos ou prestar serviços no local, hora e quantidades previstas, essenciais à vida de uma força em campanha.

- Ao testemunhar sobre uma amarga experiência, como Alferes do 5º RC, durante a guerra da Cisplatina, 1825-28, no Acampamento Real da Carolina em Santana, concentração do Exército até o Marquês de Barbacena assumir o comando:

"Na concentração em Santana, enterrou-se mais de 700 soldados mortos quase à fome, no estado mais deplorável, sem medicamentos, sem hospitais. Tudo era miséria. Eu vi muitas vezes, quando se retiravam os batalhões do exercício, deixarem nas linhas das diferentes manobras soldados como se estivessem mortos no campo de batalha, tendo caído em seus postos, semi- vivos, extenuados de fome. Eles não tinham um pouco de farinha nem sal; o seu sustento diário eram duas libras de carne assada. E estávamos senhores, em nosso território! As carretas não tinham condutores, porque estes estavam em armas, eram os primeiros soldados que para ali se chamaram. De maneira que o general (Massena Rosado) estava sitiado no seu próprio país e vendo seus soldados morrerem de fome! Ainda há de haver alguns desse tempo, tão velhos hoje como

eu, então bem moços." (Fonte: SANTOS, OSÓRIO, p. 20).

- "As munições e mais artigos de guerra de que necessita o Exército devem ser abundantes para o que devem haver depósitos fixos e móveis." (Fonte: Ofício ao Ministro da Guerra em 27 Jun 1865).

- "Combater é o de menos enquanto a fortuna ajuda. O difícil é depois acomodar os feridos, enterrar os mortos, reorganizar tudo, não tendo fartura de meios." (Fonte: J.B. MAGALHÃES, OSÓRIO, p. 318).

- "Convém que o depósito de pessoal esteja próximo do Exército, para que as baixas possam ser facilmente preenchidas." (Fonte: Ofício ao Ministro da Guerra em 18Nov1865).

- "O oficial baixado no hospital perde a gratificação adicional, perde o meio soldo, perde a etapa, porém não diminui o ventre dele nem o dos filhos." (Fonte: Discurso no Senado em 13 Set 1877).

- "Nesta terra, o cavalo ou boi que não é tratado a milho e a alfafa morre sem remédio." (Fonte: Carta à esposa em 17 Ago 1867)

- "Neste lugar onde estou acampado (arroio Santa Luzia) vi o Exército do Brasil em 1823, combatendo quase todos os dias nus. O próprio General sofria o que todos tinham - muquiranas. Duas libras de carne magra eram a ração do soldado; e calçado era de pelego; o soldo pagava-se de 15 em 15 dias." (Fonte: J.B. MAGALHÃES, Osório).

Da análise do pensamento militar do General Osório conclui-se da grande ênfase que emprestava aos princípios de guerra da Massa, da Segurança e da Manobra.

Nota: História da Doutrina Militar. Obra editada pela AMAN e elaborada pela sua cadeira de História Militar em 1978 e patrocinada pelo EME, e Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro de nossa autoria, mandada editar pelo EME através do EGGCF em 1978 e reeditada pelo EME em 1999, sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB).



Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet

Revolucionou a Doutrina Militar do Exército com a criação do Estado-Maior do Exército e da Fábrica de Pólvora em Piquete que foi a primeira da América do Sul, livrando o Exército e nossa Marinha da dependência externa. Na falta de dinheiro usou o cérebro de seus oficiais para desenvolverem e regulamentarem a Doutrina do Exército depois de Canudos. Aderiu a **Questão Militar** como comandante da então Escola Militar do Ceará.

Bacharelou-se em Ciências Físicas pela Escola Militar do Rio de Janeiro. De 1864 a 1865, participou da Guerra do Paraguai, destacando-se na tomada de Paysandú. Fez a campanha até o final, distinguindo-se na Passagem de Humaitá, nas operações da Dezembrada e na Campanha das Cordilheiras. Por ocasião da Proclamação da República, recebeu o encargo de levar ao imperador D. Pedro II a ordem de partida imediata para a Europa.

Tornou-se governador do Ceará e Mato Grosso mas, ao se envolver no movimento político-militar de 1892, assinando o Manifesto dos 13 generais contra a permanência de Floriano Peixoto no poder, foi reformado no posto de general-de-brigada. Retornando à ativa como general-de-divisão, ocupou o

cargo de ministro do Superior Tribunal Militar, de 3 de outubro de 1896 até seu falecimento em 12 de dezembro de 1907.

Foi Ministro da Guerra de 15 de novembro de 1898 a 15 de novembro de 1902, durante o governo Campos Sales. Tornou mais prático o ensino militar e reestruturou também o Estado-Maior e os métodos de disciplina.

Casou em 25 de outubro de 1863 no Rio de Janeiro com Mariana Leopoldina de Carvalho Pardal (falecida em 1875), filha do brigadeiro João Carlos Pardal, com quem teve três filhos, dentre os quais, o jornalista e romancista João Carlos Pardal Mallet. Viúvo, casou em segundas núpcias com Maria Carolina Veloso Pederneiras (1858 - 1885), filha do brigadeiro Inocêncio Veloso Pederneiras, barão de Bujuru, de quem também enviuvou, porém sem prole. Medeiros Mallet faleceu aos 67 anos, e seus restos mortais foram sepultados no Cemitério São Francisco Xavier. Sendo chefe do Estado Maior do Exército o Gen Ex Breno Borges Fortes procurou saber onde estava sepultado o General João Nepomuceno Mallet, o criador do Estado-Maior do Exército e lembrei que ao participar de um velório no Cemitério São Francisco Xavier percebi a localização do túmulo do Marechal Emílio Luiz Mallet patrono da Artilharia e de seu filho General João Nepomuceno Medeiros Mallet. Quando Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1975-1980 mandamos microfilmar os relatórios dos Ministros da Guerra e os indexar, nos quais é possível relacionar o conteúdo de seus relatórios.



Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca

Foi notável sua obra como Ministro da Guerra e Presidente da República, na evolução da Doutrina do Exército. Em 1905 como comandante da hoje 1^a Região Militar retomou as Manobras em Santa Cruz, paralisadas desde as Manobras e Santa Cruz, sob liderança de Conde D'Eu, do qual fora seu Ajudante de Ordens. Reforma do Exército em 1908 com a edição das leis do Serviço Militar Obrigatório, Lei do Sorteio Militar, Lei do Voluntariado, Lei da criação dos Tiros de Guerra, Criação de Brigadas Estratégicas e da Arma de Engenharia, e o envio de oficiais para estagiar no Exército Alemão, e construção de modernos quartéis. Em decorrência da Revolta da Vacina Obrigatória em 1904, reagiu como comandante da Escola Prática do Realengo que a revolta da Escola Militar da Praia Vermelha atingisse a Escola que ele comandava e ai se consolida a sua liderança no Exército e a pressão dos veteranos e filhos de veteranos da Guerra do Paraguai para a adoção do **Regulamento de 1905**, tornando sem efeito os **regulamentos de Ensino de 1974**, potencializado pelo de 1899 que colocavam em 2º plano o profissionalismo militar. A diferença na prática foi chamar os engenheiros e formados em Ciências Físicas de Matemáticas

de **bacharéis** e os profissionais militares dedicados a tropa de **tarimbeiros**.

O Regulamento de Ensino de 1905, provocou profunda mudança, ou foi o ponto de inflexão do bacharelismo para o profissionalismo militar que até hoje vigora. **O Regulamento de Ensino de 1874**, que criou o **bacharelismo militar** foi completamente desvirtuado e de certa forma foi o responsável pelas dificuldades enfrentadas pelos **tarimbeiros** no combate a **Guerra Civil 1893-1895 na Região Sul** e a **Guerra dos Canudos, em 1897**, onde nosso Exército apresentou índices de operacionalidade inferior aos da Guerra do Paraguai.

Foi em função deste Regulamento que foi determinado o fechamento da **Escola Militar da Praia Vermelha** e que criou o posto de Aspirante à Oficial e a **Escola de Guerra de Porto Alegre**.

Em 1871, aos 16 anos, formou-se bacharel em ciências e letras e ingressou na **Escola Militar da Praia Vermelha**, onde foi aluno de Benjamin Constant, um dos introdutores das ideias de Auguste Comte no Brasil, e não escapou assim à influência do mestre, embora não se tornasse um positivista ortodoxo. Quando se formou serviu como ajudante de ordens do príncipe Gastão de Orléans, Conde d'Eu. Apoiou a república proclamada por seu tio Manuel Deodoro da Fonseca, e foi convidado por este a ser ajudante-de-campo e secretário militar. Em dez meses passou de capitão a tenente-coronel.

Por ocasião da **Revolta na Armada (1893)**, destacou-se, em Niterói, no comando da defesa do governo de Floriano Peixoto. De 1894, quando foi promovido a coronel, a 1896, comandou o 2º Regimento de Artilharia Montada, depois foi nomeado chefe da Casa Militar da Presidência. Comandou a Brigada Policial do Rio de Janeiro (atual Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro) entre 1899 e 1904, quando assumiu o comando da Escola Militar Prática do Realengo, que aperfeiçoava os oficiais do Exército formados pela Escola Militar da Praia Vermelha. E como comandante da Escola

do Realengo, em 1904, reprimiu a Revolta da Vacina Obrigatória, movimento que, em nome da liberdade individual, protestou contra a obrigatoriedade da vacina antivariólica, traduzindo, também, a insatisfação popular mais ampla contra o regime. O presidente Rodrigues Alves o promoveu a marechal.

Desempenhou vários cargos governamentais até se tornar Ministro da Guerra, durante o governo de Afonso Pena (1906-1909), entre 15 de novembro de 1906 e 27 de maio de 1908. Por sugestão do Barão do Rio Branco, enviou oficiais para estagiarem no Exército Alemão, os quais retornando ao Brasil, ficaram conhecidos como os **"Jovens Turcos"**. Reformou o Exército e o Ministério com a criação de serviços técnicos e administrativos. Dessas inovações, a mais importante foi a instituição do serviço militar obrigatório, lei só legitimada em 1964, Lei nº 4.375, de 17 de agosto de 1964. Devido à discussão na Câmara sobre a participação dos militares na vida política do país, pediu demissão do cargo. Foi depois ministro do STM (Supremo Tribunal Militar).

Em 1983 como oficial do Estado-Maior da 1ª Região Militar por ele comandada e levada para Manobras no Curato de Santa Cruz, propusemos já como historiador consagrado o seu nome como denominação histórica da 1ª Região militar, o que foi aprovado pelo Escalão Superior. É vasta a bibliografia sobre a sua utilíssima vida e obra na modernização do nosso Exército. Quando Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1975-1980, mandamos microfilmar **Os relatórios dos Ministros da Guerra** e os indexar, nos quais é possível relacionar o conteúdo de seus relatórios.



Cel Inf Mário Clementino

Foi pensador militar terrestre fecundo. Participou do Grupo enviado pelo Marechal Hermes da Fonseca para curso no Exército Alemão. De retorno integrou o grupo de **Jovens Turcos**, que em 1913 fundaram a revista **A Defesa Nacional**, cabendo-lhe a autoria do 1º editorial da Revista e por ele assinado. Editorial reproduzido na **História do Exército Brasileiro, perfil militar de um povo** 1972 as p. 805-807 de seu segundo volume. E neste editorial inicia com estas palavras “**como é fácil de ver, o escopo de seus fundadores, não é outro senão o de colaborar, na medida de suas forças, para o soerguimento de nossas instituições militares, sobre quais repousa a defesa do vasto patrimônio territorial que os nossos antepassados nos legaram e da enorme soma de interesse que sobre ele se acumulam**”.

E mais adiante:

“**Nós estamos profundamente convencidos de que só se corrige o que se critica e de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes. Esta revista foi fundada, por conseguinte, para escrever o direito que todos temos, de julgar as coisas que nos afetam, segundo o nosso modo de ver, é darmos nossa opinião a respeito.**”

Mais tarde como professor de História Militar, ele informa sobre pensamentos do Marechal Ferdinand Foch sobre Arte Militar.

"Arte da Guerra exclui qualquer esquema. E não há maior perigo do que se pretender querer conduzir uma campanha com régua e compasso, como quem faz geometria..."

Exemplificando o pensamento do Marechal Ferdinand Foch, professor de História Militar da Escola Superior de Guerra da França que dali saiu para comandar a vitória aliada na 1^a Guerra Mundial, Mario Clementino escreveu em suas aulas de História há 105 anos.

"Durante os períodos de paz mais ou menos longos, é do estudo crítico da História Militar que os comandos dos exércitos (Cérebro) se preparam para as eventuais campanhas futuras. Esse estudo crítico é de tal forma proveitoso que se têm visto exércitos que durante largo tempo só estudaram a guerra nos livros, baterem em campanhas recentes, exércitos aguerridos, porém que deram mostras de menosprezo ao estudo teórico dos princípios da Arte da Guerra. De 1815-1866 o Exército da Prússia não tinha ido à guerra. Entretanto venceu com notável maestria em 1866, o Exército da Áustria que vinha de realizar campanha de 1859.

O Exército do Japão só aprendeu a Arte da Guerra com a experiência alheia, adquirida de missões militares alemã e francesa. E na Manchúria revelou conhecimento completo da Arte da Guerra e fez campanha notável sob todos os pontos de vista. Não se deve concluir disto que a mera acumulação na memória dos fatos da História Militar (História Militar Descritiva) confira a capacidade para comandar exércitos. Se assim fosse seria fácil ser um general cabo de guerra. Mas não é isto! A Guerra é produto de um conjunto de circunstâncias múltiplas e várias, e o que se pode afirmar é que nenhuma campanha se reproduz da mesma forma no espaço e no tempo, de modo que possa ser copiada ou rigorosamente imitada de campanhas recentes. O que interessa no estudo

da História Militar (Crítica), no mais alto nível, é a capacidade de discernir, destacar e isolar os princípios da Arte da Guerra que regem o fenômeno, da massa enorme de fatos que deles se depreendem, como uma emanção espiritual. (Nota: é o que classifico como História Militar Crítica). E mesmo depois que se fez isso, depois que os Princípios da Arte da Guerra foram isolados, destacados e compreendidos, aqueles que aspiram as culminâncias da Arte Militar tem de ir um pouco além. Tem que penetrar-lhes (Princípios da Arte da Guerra) em seu senso filosófico e por vezes esotérico, sua estrema elasticidade diante das circunstâncias, o seu relativismo inflexível, os seus conflitos mútuo-aparentes ou reais, os paradoxos a que eles por vezes conduzem e, ao lado disso; o seu caráter imutável e eterno; a sua incoercibilidade irredutível em determinadas emergências, a implacabilidade de seus decretos, as consequências desastrosas que às vezes acompanham as suas mais elementares infrações. Tudo isto deve o general discernir e compreender em meio do tumulto e do entrechoque dos motivos, os mais diversos, que entram no fenômeno da guerra: motivos/psicológicos, biológicos, industriais, geográficos, topográficos, climatéricos, místicos, políticos e outros..."

Em 1934 foi louvado pelo Cel. Francisco José Pinto ao deixar o comando das Escolas Técnicas do Exército e Militar Provisória, para assumir a chefia do Gabinete de Ministro da Guerra Gen Div Pedro Aurélio Góes Monteiro, grande pensador militar.

"Peço neste instante permissão ao Sr. Cel. Mário Clementino, muito digno professor da 5^a aula de História Militar do 3^º ano, para testemunhar-lhe a minha profunda admiração pelo cabal desempenho e inexcedível competência com que rege a referida aula de História Militar. Esses predicados que ornam o Sr. Cel. Mário Clementino não constitui para mim novidade. Desde o seu ingresso no oficialato do Exército Brasileiro, que me habituei a o ver muito justamente pela sua vasta cultura intelectual e profissional e

pela inteireza de seu diamantino caráter, como um dos mais brilhantes ornamentos do quadro de professores militares".

Em 1934 integrou a **Comissão Examinadora de História Militar** da Escola Militar Provisória, em 1936 aos 60 anos foi transferido para a Reserva, por haver atingido a idade limite. Este foi o pensador militar esquecido e professor de História da Escola Militar, autor do notável, contundente e corajoso Editorial do nº 1 de **A Defesa Nacional**. Revelação, justa e oportuna. Mário Clementino, havia caído no esquecimento de onde foi resgatado, com apoio em sua fé de ofício, pelo acadêmico benemérito da FAHIMTB Israel Blajberg, ao tomar posse na cadeira Mário Clementino. Posse que a FAHIMTB preservou em seu volume 39 de posses de acadêmicos, p. 73/305, em seu acervo na AMAN. Também o abordamos em pesquisa o Cel Inf Mário Clementino de Carvalho, como homenagem da FAHIMTB, a um pensador militar brasileiro esquecido. Homenagem disponível em Livros e Plaquetas. em Personalidades no site www.ahimtb.org.br.

Escreveu na revista **A Defesa Nacional**.

Canções de Guerra III p.38/41 **Aos srs Diretores de A Defesa Nacional** XXXV 29/30. **A marcha para a química total** XLI 31/33. Escreveu na Revista Militar 1899-1908. **O Estado atual do Exército** 1911.



Marechal Estevão Leitão de Carvalho

Foi intensa a sua atuação como pensador militar terrestre brasileiro. Cursou Infantaria no Exército Alemão e de retorno liderou, de certo modo, os **Jovens Turcos** que fundaram em 1913 a revista **A Defesa Nacional** e, de certa forma, protegendo seus companheiros reformadores do Exército, como oficial do Gabinete do Ministro da Guerra General Caetano de Farias. Seus pensamentos militares estão perenizados nas seguintes obras dentre outras:

- **Notas sobre a Infantaria Alemã**
- **Guia para o ensino de avaliação de distâncias a simples vista 1914**
- **A conferência de desarmamento 1936**
- **Petróleo: salvação ou desgraça do Brasil**
- **A paz no Chaco como foi efetuada no campo de batalha**
- **Dever militar e política partidária 1915**
- **Memórias de um soldado legalista 6 volumes 1961-1964**
- **Memórias de um general reformado 1967**

Presidiu nos Estados Unidos a Comissão Militar Brasil – EUA, pelo qual passaram todas as decisões de emprego das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra Mundial, e sobre a qual

publicou livro.

- A serviço do Brasil na 2ª Guerra Mundial 1952.

O General Estevão de Carvalho representou o Brasil em diversas comissões no exterior e integrou o gabinete do pensador militar General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, como Ministro da Guerra, junto com Mário Clementino, como Chefe de Gabinete.

Integrou como sócio o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, atuando como ligação entre o Presidente do IHGB. Professor Pedro Calmon e o seu antigo instruído, o Presidente Médici, do que resultou o financiamento pela CEF que tornou possível a construção da moderna Casa de Pedro Calmon, a atual sede do IHGB, em cuja revista participou com 11 artigos entre os quais se destacam:

- Centenário do Marechal Caetano de Farias. - Forças Armadas - História da Guerra da Tríplice Aliança do General Tasso Fragoso - Napoleão - 2º Centenário do Tratado de Madrid - Sesquicentenário do General Osório - Tasso Fragoso militar e historiador

Na Revista **A Defesa Nacional** publicou os seguintes assuntos, instrução.

"A instrução da nossa infantaria em face dos atuais efetivos" – 1913, 8/11. "O voluntario do exército" – 1913, 40/43, "O raid para pelotão de infantaria" – 1913, 77/80.

"Construção das trincheiras-abrigo" – 1914, 121/ 125. "Outro aspecto do nosso voluntariado" – 1914, 201/204, 236/239, 302/305, 337/340 e 402/404. "Infantaria – A instrução individual" – 188/190. "A doutrina tática dominante antes da guerra" – III, 30/33 "O voluntariado não basta" – III, 82/83 – Transc. do art de sua autoria pub no **Imparcial de 17 de nov. 1915. "Capitães montados na infantaria" – III, 118/120. Tribunais de honra na Argentina" - IV, 11/14, 84/87 e 151/152. "Exames de companhia" IV, 51/54." – IX, 74/76, 106/109 e 173/176. "O regimento de infantaria" – XVIII, 193/196 e 240/242, 291/297, 347/353, 411/416, 441/447,**

501/504, 600/604, 547/553: XIX, n. 217, 21/26. **“O problema do desarmamento na sociedade das nações** – conferência feita na escola de Estado-Maior do Exército, em junho de 1927, pelo então major Estevão Leitão de Carvalho, Ex-Assessor técnico de delegação Brasileira na conferência de Santiago e na sociedade das nações” – XIX, n. 218, p. 68/79. **“Perfil militar do marechal Jardim”** – XXV, 339/350 – conferência no Clube de Engenharia, como representante do Exército. **“Na escola de Estado-Maior** – discurso na sessão de encerramento dos trabalhos escolares e entrega dos diplomas aos oficiais que terminaram o curso, realizada em 24 de dezembro de 1934.” – XXII, 7/12. – **Discurso pronunciado por ocasião de encerramento do ano letivo.** “XXIII, 97/101 **“Vinte e quatro anos de labor profícuo”** – XXIV, n. Out, 422/426. **Colaboração militar Brasil-Estados Unidos**” – XXXIII, 181/202 – conf. realizado ano clube militar a 20 dez 45. **“Boletim”** – XXXIII, 727/728 (Set) – Em trecho do disc. no IGHMB. **“Instruções para os exames do primeiro período nos corpos da 9ª Brigada de infantaria”** – XXIV, 620/638, 19/29 (n. Jul), 202/205 (n. Ago.). **“A fundação de A DEFESA NACIONAL reminiscências”** **“Deodoro”** XXV, 595/602 (Nov) – Discurso pron em nome do Exército na Hora do Brasil. **“O orgulho dos Veteranos”** – XLI, 13/ (Out). **“Marechal Caetano de Faria”** – XLII, 97/108 (Jun). Por sua recusa de participar da Revolução de 30, de que resultou em 1932 ser reformado, e readmitido em 1934, quando assumiu o comando da ECEME, no qual permaneceu mais de um ano. Escreveu na **Revista Militar** 1899/1908 segundo a **Coleção Bibliográfica Militar** da BIBLIEx do Cel Ruas Santos: **Notas sobre a Infantaria alemã. 1913/1914** (artigos ilustrados). **Julgamento e resultado do tiro coletivo 1939** (tradução de artigo de revista militar alemã), **O Oficial de infantaria alemã 1913. A indústria siderúrgica na Alemanha 1920** Escreveu. **Sobre a Revolução de 30 a atitude do 1º RI, da guarnição de Passo Fundo.**

Na revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil escreveu:

Discurso no IGHMB, nº 8,1975, p.21ss. Discurso de recepção do General Tristão Alencar de Araripe. nº 11,1947, p.15ss. Forças Armadas nº 13,1948, p.85ss. 2º Centenário do Tratado de Madrid. nº 14, p.73ss. Centenário do Marechal José Caetano de Farias - Homenagem nº 19,1955, p.45ss. e Olavo Bilac – Serviço Militar, nº 24,1960, p. 81ss.

Nota do autor: Em 1986 o IGHMB pediu que escrevêssemos sobre o Marechal Caetano de Farias, cuja vida ia caindo no esquecimento. Então com muita dificuldade de fontes históricas e inexistência de índices de periódicos militares escrevemos o artigo **Marechal José Caetano de Farias como Chefe do EME e Ministro da Guerra e sua projeção na Reforma Militar** no nº 724 da Defesa Nacional de mar/abr 1986, p.93/124. Artigo disponível em Personalidades no site da FAHIMTB.

Na inatividade presidiu por largo período a Fundação Osório, destinada ao ensino de meninas órfãs de militares. Comandou na 3ª Região Militar nas grandes manobras de Saicã em 1940, quando ia acesa e viva a 2ª Guerra Mundial. Manobras que contaram com a presença de Presidente Getúlio Vargas, General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, General Pedro Aurélio de Góes Monteiro. Chefe do EME. Manobras cuja história resgatei no livro **História da 3ª Região Militar 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM, 1995, p.,334/348 (ilustrado) 2º volume, hoje disponível para ser baixado ao final de Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. Sua vida e obra foi muito bem restaurada por Roberto Pechanan no v.1 do **Dicionário Histórico – Biográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro: Editoras FGV: CPOC, 2001 p.1172- 1774.



General Bertoldo Klinger (1884 - 1969)

Foi um pensador militar brasileiro, do qual muito se beneficiou a Artilharia do Exército. Estudamos sua vida e obra esquecidas, no seu centenário em artigo: **Centenário do General Bertoldo Klinger co-fundador da Revista A Defesa Nacional** em seu número 11, Jan/fev 1984, p.5/16, e disponibilizado em Livros e Plaquetas, em Personalidades no site www.ahimtb.org.br.

O Dicionário Histórico – Biográfico Brasileiro da FGV em seu Volume 2ed, as p.1185/1189, Amélia Coutinho e Daniel Camarinha resgatam aspectos de sua vida e obra dedicada ao Exército Brasileiro.

E resgatamos em parceria com o historiador militar Ernani Caminha Giorgis, em **Escolas Militares do Rio Pardo**, o que só foi possível em grande parte as memórias do aluno Bertoldo Klinger.

Escolas Militares de Rio Pardo 1859-1911, Resende: AHIMTB, 2005.

Ao final reproduzimos a relação de seus numerosos artigos na Revista **A Defesa Nacional**. Klinger conquistou merecido lugar na história do nosso Exército como um paladino do profissionalismo militar, um modernizador da Artilharia de Campanha e como um dos idealizadores, e o mais moço, dentre

13 jovens turcos que fundaram a revista “**A Defesa Nacional**”. Foi ele uma espécie de líder e catalisador da chamada “**Missão Alemã**” que, de 1911 a 1921, exerceu, de fato, considerável influência para a modernização e operacionalidade do Exército Brasileiro. Para isso conquistou, com o apoio dos mais destacados estagiários brasileiros que, de 1911 a 1912, serviram no Exército da Alemanha, quase todos egressos da Escola de Guerra de Porto Alegre, escola que se tornou, a partir de 1909, sob a égide do **Regulamento de Ensino de 1905**, um ponto de inflexão do ensino, ao abandonar o bacharelismo em favor do profissionalismo militar.

Foram esses oficiais que fundaram esta revista, como porta-voz de suas ideias reformadoras e atualizadoras do Exército. E o fizeram dentro da filosofia da sadia crítica militar exercida por seus colaboradores e redatores, que contaram com a compreensão e o estímulo dos Ministros da Guerra que lideraram a **Reforma Militar**.

“Só se corrige o que se critica. Criticar é um dever. O progresso resulta da crítica. O que hoje parece excelente, amanhã será criticável. Nossa crítica visará as ideias e não as pessoas”.

Com este lema, os fundadores partiram para um objetivo que não era outro senão aquele expresso no próprio nome da revista – **A Defesa Nacional**. E a ideia catalisadora se transformou numa bola de neve que, de tanto crescer, acabou por envolver, empolgar e abraçar expressivas inteligências militares e civis, preocupados com uma segurança nacional que fosse compatível com a evolução da Doutrina Militar Mundial.

Como líder da referida “**Missão Alemã**”, Bertoldo Klinger participou com destaque do trabalho patriótico e meritório que logrou, antes, durante e logo após a Primeira Guerra Mundial, reduzir a distância entre as doutrinas militares em voga na Europa e aquelas em prática no Brasil, que ainda lembravam, em seus aspectos táticos, a Doutrina que fora aplicada na Guerra do Paraguai (1865-1870).

De fato, a “**Missão Alemã**” alicerçou durante 10 anos um trabalho que passaria a ser exercido, de 1920 a 1939, pela **Missão Militar Francesa**. Além disso, deu origem à célebre **Missão Indígena da Escola Militar do Realengo**, que integrada pelos melhores instrutores das Armas selecionados em concursos pelo Estado-Maior do Exército, teve seu período áureo entre 1919 a 1921.

Em 1917, o Comando do Exército adotou duas providências para a modernização da instrução militar. Criou o **Centro de Instrução e Aperfeiçoamento de Infantaria**, que serviu inicialmente para a formação dos Sargentos Instrutores dos Tiros de Guerra, e mais tarde foi transformado na **Escola de Sargentos de Infantaria**. Estabeleceram pela primeira vez um concurso para a seleção de um quadro de instrutores para a Escola Militar do Realengo que o deu origem à **Missão Indígena**. Ao receber em 1919 a apresentação do primeiro grupo de instrutores da Escola Militar, o Chefe do Estado-Maior do Exército, Marechal Bento Ribeiro, falou:

“Pela primeira vez este Estado-Maior teve intervenção na escolha dos instrutores da Escola Militar e foi minha preocupação única servir ao ensino prático dos futuros oficiais, como há muito já deveria ter sido feito. Muitos e distintos oficiais têm passado pela Escola Militar como instrutores e ainda agora alguns de lá saem, mas é de justiça afirmar que nunca o Corpo de Instrutores da Escola Militar atingiu o grau de homogeneidade que hoje assume com grande esperança para o ensino profissional...”.

Foi nomeado comandante da Escola Militar do Realengo o Coronel Eduardo Monteiro de Barros. Soldado de poucas palavras e muita ação, bem compreendeu a missão de orientar e apoiar o novo Corpo de instrutores (**Missão Indígena 1919-1922**), verdadeiro líder da Missão Indígena, soube empenhar todas as suas energias no aperfeiçoamento da instrução daquela Escola. Coordenando a atuação do corpo de instrutores, realizou autêntica revolução no ensino militar.

Sentiu-se a atuação da Missão Indígena no período 1919-1922, antes mesmo de começarem a ser colhidos os resultados da Missão Militar Francesa e tinha por finalidade impedir nela a influência de instrutores da Missão Militar Francesa. Esta Missão Indígena de certa forma, creio, salvo melhor juízo, foi o braço militar da **Semana de Arte Moderna** que equivaleu a tradição de admiração e imitação do que culturalmente ocorria na Europa para voltar-se a visão e valorizar o que culturalmente ocorreu no Brasil. A Primeira Guerra Mundial trouxe profundas mudanças na Ciência da Guerra. Adotaram-se novos tipos de armamento e novos métodos de combate. Desapareceram as linhas de atiradores e surgiu a organização da infantaria em grupos de combate, que atuavam com arma coletiva de grande cadência de tiro. A introdução dos blindados, dos gases de combate e da aviação militar revolucionou completamente as características do campo de batalha. O emprego dos serviços em campanha, permitindo apoiar em períodos prolongados grandes efetivos que consumiam munição e outros suprimentos em escala nunca vista.

Os oficiais formados pela **Missão Indígena** tiveram grande expressão na vida do Brasil. Conferir é obra de simples raciocínio e verificação!

Integraram a **Missão Indígena**: os seguintes instrutores: **Infantaria**: Ten Eduardo Guedes Alcoforado, Ten Demerval Peixoto, Ten João Barbosa Leite e Ten Odylio Denys. **Cavalaria**: Ten Euclides de Oliveira Figueiredo, Ten Antônio da Silva Rocha, Ten Renato Paquet e Ten Orozimbo Martins. **Artilharia**: Cap Epaminondas Lima e Silva, Ten Plutarco Soares Caiub, Ten José Agostinho dos Santos e Ten Luiz Araujo Correia Lima. **Engenharia**: Ten José Bentes Monteiro, Ten Mario Ari Pires e Ten Antônio Joaquim Pamphylo. Esta é a relação constante de placa de bronze e pérgula na AMAN. Mas o Marechal Tristão de Alencar Araripe que integrou esta Missão Indígena teve constituição inicial segundo seu artigo **A Missão Indígena na Escola do Realengo** na revista do IGHMB nº 44, 1963, p. 17/26.

Da Infantaria — Primeiros-Tenentes EDUARDO GUEDES

ALCOFORADO, NEWTON DE ANDRADE CAVALCANTI. DERMEVAL PEIXOTO e JOÃO BARBOZA LEITE. **Da Cavalaria** — Capitão EUCLIDES DE OLIVEIRA FIGUEIREDO. Primeiros-Tenentes RENATO PAQUET, OROSIMBO MARTINS PEREIRA e ANTONIO DA SILVA ROCHA. **Da Artilharia** — Capitão EPAMINONDAS DE LIMA e SILVA. Primeiros-Tenentes LUIZ CORRÊA LIMA. ALCIO SOUTO, GUSTAVO CORDEIRO DE FARIAS. **Da Engenharia.** — Primeiros-Tenentes JOSÉ BENTES MONTEIRO, MARIO ARY PIRES e ARTUR JOAQUIM PANFIRO. Deles não se apresentaram para assumir as funções os Tenentes SENA DE VASCONCELOS e NEWTON ESTILLAC LEAL.

Posteriormente, por não ter sido suficiente o número dos selecionados e para preencher os claros que foram ocorrendo, de 1919 a 1922, foram cuidadosamente escolhidos pelo Estado-Maior do Exército e exerceram as funções de Instrutor e Auxiliar de Instrutor:

Infantaria: — Capitão OUTUBRINO PINTO NOGUEIRA. Primeiros-Tenentes ODYLIO DENYS. JOSÉ LUTZ DE MORAES, MARIO TRAVASSOS, PENEDO PEDRA, HENRIQUE DUFFLES TEIXEIRA LOTT, VÍTOR CESAR DA CUNHA CRUZ, OLÍMPIO FALCONIERE DA CUNHA, FILOMENO BRANDÃO, JOAQUIM VIEIRA DE MELO, ONOFRE MUNIZ GOMES DE LIMA, TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE, CYRO ESPÍRITO SANTO CARDOSO, HUGO BEZERRA, ILYDIO RÓMULO COLÔNTA e ARLINDO MAURTTI DA CUNHA MENEZES. **Cavalaria:** — Capitão MILTON DE FREITAS ALMEIDA. Primeiros-Tenentes GOMES DE PAIVA, BRASILINO AMERICANO FREIRE, ARISTÓTELES DE SOUZA DANTAS. **Artilharia:** — Capitães EDUARDO PFETFER e POMPEU HORÁCIO DA COSTA. Primeiros-Tenentes ALVARO FIÚZA DE CASTRO e JOSÉ AGOSTINHO DOS SANTOS. **Engenharia:** — Capitão OTHON DE OLIVEIRA SANTOS. Primeiros-Tenentes LUIZ PROCÓPIO DE SOUZA PINTO, JUAREZ DO NASCIMENTO TÁVORA, EDMUNDO DE MACEDO SOARES, etc.

A atuação dinâmica, incansável e objetiva de Klinger, na “**Missão Alemã**” e na “**A Defesa Nacional**”, encontrou

repercussão positiva na **Reforma Militar** (1904-1945) que contribuiu para arrancar o Exército dos obsoletos padrões operacionais de Canudos, para os padrões revelados pela **Força Expedicionária Brasileira** na Itália. Ali, A FEB daria mostras de grande valor, ao lutar em aliança ou contra representações dos melhores exércitos do mundo em confronto na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial. No contexto da atuação múltipla de Klinger, destaca-se sua projeção modernizadora e atualizadora de nossa Artilharia de Campanha, graças ao que ele observou durante seu estágio na Alemanha. Tal atuação tornou-se intensa e apostolar através desta revista, do **Boletim do Estado-Maior**, da tradução e edição de regulamentos específicos, e, sobretudo, através da instrução nas unidades de Artilharia de Campanha, no Rio de Janeiro, em São Gabriel, Itu e Campo Grande. Esse trabalho de um apóstolo da religião do trabalho, da qual se dizia adepto, se irradiou por toda a Artilharia de Campanha, a ponto de se projetar nos notáveis padrões de Artilharia da FEB (precisão e eficácia com economia). Afinal, o Marechal Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, orgulhava-se de ter sido seu aluno nessa matéria, e com ele haver escrito trabalhos em parceria. Como escritor militar, que desde 1903 passou a usar a pena como arma eficaz para sua ação modernizadora do Exército, Betoldo Klinger prestou relevante contribuição à memória, não apenas do Exército como até mesmo do Brasil, ao escrever uma alentada, minuciosa e abrangente autobiografia que relaciona toda a sua vasta bibliografia e artigos na **Ortografia Simplificada Brasileira**, que ele inventou em 1940 e passou a adotar solitária e unilateralmente. Essa obra constitui algo de singularíssimo na literatura brasileira. E tive que traduzir o seu artigo a seguir para o meu livro inédito, **Os Brummers. "Os rezingões" – XXXVIII**, 127/134 (Jan) ; 103/116 (Fev) 115/128 (Abr); XXXVIII, 117/128 (Dez); XXXIX, 93/97 (Jan); XL, 17/21 (jun); XLI, 137/142 (Nov) ; 7/12 (Jun) – Trad: de Uma Legião estrangeira, de alemães a serviço do Brasil, na guerra contra Rosas, em alemão, de autoria de Albert Schid.

Nota do autor: Klinger traduziu para sua linguagem osbosiana. E eu traduzi esta linguagem para o português para meu livro inédito **Os Brummers uma Legião Prissiana contratada pelo Império do Brasil para lutar na Guerra Contra Oribe e Rosas** cujos originais destinei ao Museu Arquivo Histórico de São Leopoldo e publiquei síntese do mesmo em meu livro **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**, obra disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. Sobre o assunto publiquei os **Brummer, os primeiros pontoneiros do Exército Brasileiro**. E tudo isto foi consolidado e ampliado pelo livro **Os Brummer** do Cel Juvêncio Saldanha Lemos, recém publicado pela BIBLIEX e que por minha indicação consultou meu trabalho no Museu Histórico de São Leopoldo. Também abordei o assunto na **História da 3ª RM v.1** disponível no site da FAHIMTB.

A partir de 1921, a obra de Klinger passa a ter um cunho predominantemente político-militar, cujo epílogo chegaria com o final da Revolução de 1932, em São Paulo. Foi nessa ocasião que conquistou um lugar na História Militar do Brasil, ao assumir o comando supremo, do movimento, cujo cinquentenário em 1982 deu margem a uma análise isenta de sua atuação.

Publicou na Revista Militar 1889 /1908.

Principais escolas de equitação europeias Paralaxes em tiro de Artilharia em 1914.

A patrulha de oficial como órgão de missão estratégica de Artilharia 1915/1916. **Exercícios de quadros no terreno - Excursões a cavalo com duração de um dia 1919.** Publicou na Revista A Defesa Nacional. **“Correntes táticas na artilharia francesa” – 1913, 19/21, 59/61.** **“A tática da Artilharia Alemã” – 1913, 83/86.** **“A fortificação de campanha na França” – II, 91/93, 182/184, 228/230 e 285/288.** Trad. trab. do Maj Oberlindober. **“Concurso de apontadores” – II, 190/195.** **“Expediente” –** Por haver sido distinguido com um cargo no gabinete do Exmo Sr Ministro da Guerra, deixou de pertencer a redação desta Revista, **Exploração, reconhecimento e observação” – 1914,**

214/217. “A tática da Cavalaria” – 1914, 255/258 – Trad do Lobell's Jahresberichte 1913. **“Tática da Artilharia de Campanha”** – 1914, 268/270 – Trad Lobell's Jahresberichte 1913 e do Artilleristohe Monats chefte, de Fev 1914. **“Projétil único”** – 1914, 306/307; 1914, p. 333/334. **“Serviço de sapa em campanha para todas as armas”** – 1914, 232/236, 262/265, 334/336, 395/400; II, 62/65, 152/155. **“Instrução de tiro na Cavalaria”** – II, 68 - Trad do Kavaleristiosh Monatss chefte. **“Raid de patrulhas de Cavalaria”** – II, 82/85. **“A precisão do tiro individual na infantaria, à luz da teoria das probabilidades”** – II, 130/132 e 184/186 – Trad de trab do Gen H. Rohne. **“Em defesa do R.T.A. 1914”** – II, 380/383. **“Questões à margem das Cartas de Griepenkerl”** - II, 311/313 e 345/348, 385/387 – III, 24/25. 58/60, 140/142, 159/162, 191/194, 231/232, 268/270 e 392/393. **“O emprego da Artilharia de Campanha reduzido as noções para todos”** - III, 124/126 e 156/158. **“C.T.M.”** – III, 137/139. **“Convocação”** – III, p. 176. **“Engajabilidade”** – III, 214. **“Despreza Província”** – III, 244/246. **“Indisciplina de base dupla** – III, 277/279. **“Profilaxia Necessária – Minha terra e minha gente”** – III, 309/310. **“Último lance** – III, 371/373. **“Da Província”** – III, 340. **“Topografia Militar”** – III, 291/294, 333/335, 360/362, 398/400; - IV, 45/47, 78/79, 109/11, 147/148, 172/173, 208/212; IV, 246/248. **“Exercícios táticos com unidades figuradas em esqueleto”** IV, 37/40, 64/68, 106/109, 145/147 e 342/344. Trad do livre de um folheto do Cel Hoppenstedt, 1912. **“Do 4º Regimento de Artilharia – Exercício de tiro real”** – IV, 94/97 e 142/144. **“Uma excelente medida”** – IV, 289/290 – Em art pub no autor, por razões que especifica. **“Tiro real de Artilharia”** – IV, 373/376. **“Da Província – Diretivas para os exames, os exames do primeiro Nº 4º R.A”** – IV, 416/418. **“Clube de tiro a giz”** – V, 86/89, 128/129, 158/161. **“Exercício de Artilharia sobre a carta – (Carta de Grumatam)”** – V, 179/184. **“Consolidação das disposições sobre fardamento”** V, 148/151. **“Reconhecimentos”** – V, 217/220, 253/257, 296/298, 328/330, 346/347 e 372/375, Tradução. **“Expediente”** – V, 357.

“Esclarecimento” – V, 357. **“Fogo ceifante na Artilharia”** –, 389/390. **“Expediente – Estevão Leitão de Carvalho”** VI, 80. **“Projeto de lei de quadros e promoções”** – VI, 58/61 e 26/12, **“O oficial de subsistência – Seu serviço em campanha e sua preparação na paz”** – VI, 101/102,– VI, 364/365. **“Pompeu Cavalcanti”** – VII, 108 **“Alteração na redatoria”** – VII, 252. **“Não predispor; premeditar Premeditar o comando. Não de ordens antecipadas.”** – VII, 231/235 – Trad trabl do Gen von Freytag-Loringhoven. **“Intercalação da Infantaria em colunas de marcha de Artilharia”** – VII, 353/354 – Trad: adaptada.” **“O que trás de novo o R.I.S.G. 1920”** V III, 302/304, 337/339, 374/376 e 406; VIII, 14/15. **“A pontaria indireta do nosso 75 (2º edição)** pelos Capitães Klinger e Mascarenhas de Moraes” – VII, 319/323, 346/350, 382/3 – VIII, 34/35. **“Serviço de escrita em campanha”** – VIII, 265/267 e 399/402 – Trad do Cap III do livro de Bronsart von Schellendorff” o Serviço do Estado-Maior”. **“Tabelas de tiro, gráficas para a Artilharia de Campanha”** – VIII, 307/313 – Trad de art Tem H. Speerry, na Revue D’Artillerie. **“Transformação da indústria civil em indústria de guerra”** – VIII, 325/327, 356/358 e 387/389. **“Assim seja!”** Discurso no banquete oferecido pelo Ex Peruano aos militares de **“O poder Militar alemão e a guerra mundial”** – IX,226/234 – trad da parte introdutória do livro A TÉCNICA NA GUERRA MUNDIAL do Genz.D. Schwarte. **“Ideias sobre a tática de Artilharia na futura guerra”** - X, 473/475 – Art do Cel. Weitershausen, pub no Militar – Woochenblattytt, n. 14 de 1 out 22. Trad. X, 555/559. **“Interinidades e inteirinismo”** X, 598/599 **“Destacamento de ligação (Coletânea)”** – XI, 247/250. **“Subsídio ao histórico do forte de coimbra”** – XIII, 26/28. **“Lei de promoção para oficiais do exército”** – XVII, 300/307. **“O R.I.S.G. 1930”** – XVII, 359/363, 426/430, 483/488; XVIII, 47/52. **“Noticiário – serviço de E.M. na paz e na guerra”** XVIII, 47/52. **“Noticiário – serviço de E.M. na paz e na guerra”** – XVIII, 461/466 – Trad de Trab do Gen H.V. Zwehl. **“Ideias e cobiça”** – XVIII, 15/21, 95/96, 138/142, 197/200, 243/245, 275/278, 344/347, 399/401. **“Noticiário – trabalho**

nos quarteis – Generais” – XVIII, 521/524 – Trad trecho do Die Trupperfurug, Pelo Gen Von Cochenhousem. **“Do Exército Alemão”** – XVIII, 315/320; XIX, 588/589. **“Bombas que caíam do céu ,...”** – O 1º Tenente Uehatius realiza um ataque aéreo, o primeiro do mundo” - XXVII, 541/550 – Trad: art de Bernhard Zerbrowski, publicado na Dia Wehrmacht, ano IV, n. 7, de 27 mar 1940. **Ataques a cavalo** - XXVII 573/576 – trad: art pub na Die Wehmancht, ano IV, n. 6,13 Fev 40. **“Motorização e guerra”** – XXVIII, 129/133 (n. Jul) – Trad: trab tem Cel von Oheimb, pub na m WBe, nº Mar 41.; , no M WBL, de 9 mai 41. **“Contribuições para a história da guerra entre o Brasil e Buenos Aires nos anos de 1825, 1826, 1827 e 1828”** – XXIV, n. out, 428/435 – trad, com o titulo supra, de trabalho de autoria desconhecida. **“La Longe”** – XXXV, 8/10 (out). **“Livros do Exército – Autores Militares”** – XXVIII, 409/418. **“O cinema a serviço de instrução e da História”**; XXVIII, 135/138 (n.Jul) – Trad: trab Gen Ludwig pub na N,WBl, nº Mar 41. **“O capacete de aço tem 25 anos”** – XXVII, 369/372 (n. Ago) – trad de art em signal, 2º nº de Jan. **“Cada qual em seu posto”** – XXVIII, 595/597 (n. Set) – Trad :Trab Dr Ellenbeck, pub na Die Wehrmacht, de 4 Dez 40. **“Geografia e potência naval com atenção à guerra atual”** XXIX, 355/378 – Trad; Conf. realizada a 28 mar 1941 pelo contra-almirante Donner no grêmio Questões de Marinha, Berlim, pub no mensário Ciência e Defesa Nacional, Mai 41. **“Os rezingões”** – **XXXVIII, 127/134 (Jan) ;103/116 (Fev) 115/128 (Abr); XXXVIII, 117/128 (Dez); XXXIX, 93/97 (Jan); XL, 17/21 (jun); XLI, 137/142 (Nov) ; 7/12 (Jun) – Trad;** de Uma Legião estrangeira, de alemães a serviço do Brasil, na guerra contra Rosas, em alemão 2º edição, de autoria de Albert schid, com um anexo in **Reminiscências e aventuras dum velho Rezingão (Brummer)**, por Cristovam Lenz, (que não figura na tradução), separata do sup. de **A nação**, n.15683-15690, Porto Alegre, 1949, trad. essa feita na ortografia simplificada brasileira. **“Monte Caseros e o fuzil de agulha”** XL, 7/12 (Jun); XLI, 137/142 (Nov). **“40 anos vos contemplam”** – XLI, 19/22 (Out). “XXIII, 97/101”XXIII, 97/101.

Nota do autor: Anotações de como constam no índice da Revista **A Defesa Nacional** 1913/1960 elaborado pelo Cel Francisco Ruas Santos e por ele a nós doado. Lembro que este resgate poderá ser feito e atualizado se realizada a indexação e digitalização da revista **A Defesa Nacional**, por nós sugerida e determinada pelo Comandante do Exército Gen Ex Enzo Martins Peri a Biblioteca do Exército. Ação relevante para se resgatar a evolução do Pensamento Militar Brasileiro nela sepultado.

Klinger publicou na **Revista Militar 1899-1908** os seguintes Tema de tiro de Artilharia 1913. Ponto e pontaria seletiva 1913. Principais escolas de equitação europeias 1914. Paralaxes 1914 (em tiro de Artilharia). A patrulha de oficial de Artilharia como órgão da missão estratégica de Artilharia 1915/1916. Exercícios táticos de quadros no terreno - excursões a cavalo com a duração de um dia 1919.



Marechal Fernando Setembrino de Carvalho

Foi o Pacificador do século XX de atuação marcante e pensador militar que ao pacificar a Revolta do Contestado 1912-1915 contribuiu com o desenvolvimento da Doutrina do Exército, com suas **Memórias e ensinamentos militares da Revolta do Contestado** que resgatamos e divulgamos em nosso livro **A Revolta do Contestado 1912-1916 nas Memórias e nos ensinamentos de seu Pacificador**. Obra disponível para ser baixada, ao final de Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. Sua estratégia foi cercar os revoltosos, de igual forma como fizeram em Pernambuco e Alagoas em 1832, na Guerra dos Cabanos.

A estratégia que foi ignorada na Guerra de Canudos em 1897, da qual resultou uma enorme perda de vidas de irmãos brasileiros. Ao longo de suas Memórias, o General Setembrino de Carvalho revelou possuir grande cultura em Arte da Guerra, seguramente como autodidata.

No centenário da Revolta do Contestado - reflexões do autor -

Comemorou-se o centenário da Guerra do Contestado, que durou cerca de 46 meses, de outubro de 1912 a agosto de 1916,

com a prisão do último líder da Revolta, Adeodato Ramos. Ela foi considerada por Nilson César Fraga, grande estudioso desta tragédia social "como a maior guerra camponesa ocorrida na América do Sul". Ela superou a Guerra dos Muckers em 1874, no Rio Grande do Sul e a de Canudos em 1897, no sertão baiano, como resultado de omissões ou de impossibilidades de atender obrigações sociais por parte dos governos federal, estaduais e municipais que resultaram no abandono de populações pobres e injustiçadas e órfãs do Poder Público, levando-os à revolta, e obrigando os governos estaduais a recorrerem ao governo federal para empregar o Exército, e assim evitar mal maior, como também o caos e danos irreparáveis à Unidade Nacional e à Paz Social.

A nossa abordagem no centenário desta guerra é do ponto de vista militar, com vistas a dela retirar lições preciosas no tocante à História Operacional e Institucional do Exército e das polícias militares de Santa Catarina e do Paraná no período.

Os aspectos políticos, sociais e econômicos, acreditamos, encerram preciosas lições para os historiadores estudiosos sobre Política, Sociologia, Antropologia e Economia na Revolta do Contestado para, deste mergulho crítico, melhor entenderem o presente, e fornecerem as ferramentas para as atuais e futuras lideranças políticas construírem um Brasil mais seguro, mais justo, com menos miséria e militarmente mais forte, à altura de sua grande e crescente projeção econômica e social mundial e, ainda, com imensas riquezas do povo brasileiro a proteger.

Esta tragédia creio, hoje, será colocada injustamente por muitos, como responsabilidade do Exército e das Polícias Militares do Paraná e Santa Catarina, como o foi para muitos setores a tragédia social de Canudos, sobre a qual fomos convidados a participar, no Seminário sobre Centenário de Canudos, na Câmara Federal. Participação realizada em nome da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), hoje transformada em FAHIMTB, entidade que desenvolve, desde

1996, a História das Forças Terrestres do Brasil (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares e outras forças que as antecederam, Guarda Nacional e Voluntários da Pátria). Na ocasião, tivemos a oportunidade de defender a atuação do Exército e de 11 Polícias Militares de interpretações dominantes, as incriminando, quando a responsabilidade histórica por aquela tragédia social foi da Sociedade Brasileira como um todo, que não tomou, em tempo, ou não teve condições de tomar, as medidas preventivas para que a tragédia não ocorresse, com pesadíssimos tributos em vidas imoladas de soldados brasileiros e de civis injustiçados e abandonados pelo Poder Público, naquele cruel conflito.

Então, procuramos recordar aos presentes, bem como em entrevista na Globo News, de que o Exército é o Braço Ar-mado do Povo Brasileiro e que a sua presença em Canudos foi determinada pelo Povo Brasileiro, através de seus repre-sentantes no poder Executivo e no Legislativo. E esta é a con-clusão que se retira da Carta Magna. E lá registramos que o Exército Brasileiro só atuou em Canudos por determinação da Presidência da República e, de igual forma, na Pacificação do Contestado, nesta a pedido de intervenção ao Presidente da República feita pelos Governadores do Paraná e Santa Catarina. E mais, que, historicamente, o Exército só foi e somente irá onde os poderes Executivo e Legislativo, que representam o Povo Brasileiro, determine.

O Exército à época da Revolta do Contestado

Em 1905, a Escola Militar da Praia Vermelha foi fecha-da em decorrência da sua participação na Revolta da Vacina Obrigatória em 1904. Ainda em 1905, em função dessa Re-volta, foi baixado o Regulamento do Ensino, do mesmo ano, que revogou o Regulamento de Ensino de 1874, de natureza bacharelesca, e do qual resultou a criação de oficiais doutores, formados em Engenharia e Ciências Físicas e Matemáticas co-

locando assim, numa 2^a classe, discriminada pelos primeiros, os oficiais profissionais, voltados para atividades relacionadas com a Segurança Nacional e que passaram, por preconceito social, a serem tratados por tarimbeiros. E assim os oficiais bacharéis dominariam o Exército por 31 anos, não priorizando, em maioria, as atividades ligadas à Defesa Nacional. E esta situação perdurou até a edição do Regulamento de 1905, por obra e influência de oficiais veteranos ou filhos de veteranos da Guerra do Paraguai.

De 1874 a 1905, por cerca de trinta e um anos, repetimos, o Exército foi dominado pelos bacharéis e teve de enfrentar, em condições precárias e, por vezes, com operacionalidade inferior, aos revolucionários a Guerra Civil de 1893-95, na Região Sul, combinada com a Revolta na Armada, irradiada do Rio de Janeiro e, a seguir, a Guerra de Canudos, em 1897, no sertão Baiano.

A primeira reação dos até então denominados tarimbeiros, veteranos e filhos de veteranos da Guerra do Paraguai, foi o conjunto das seguintes iniciativas, lideradas pelo Ministro da Guerra Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet (1898-1902), filho do heroico patrono da Artilharia do Exército e que marcaram o inicio da Grande Reforma Militar do Exército 1898-1945:

-A criação do Estado-Maior do Exército, em 1898;

-A criação em 1903, da Fábrica de Pólvora sem fumaça em Piquete-SP, que foi a primeira da América do Sul, liberando o Exército e a Marinha de importar este item estratégico.

Em 1905, o Marechal Hermes da Fonseca, então comandante da atual 1a Região Militar realizou, com sua tropa, as Manobras de Santa Cruz, dando prosseguimento às manobras de 1885, realizadas pelo Conde D'Eu, em Santa Cruz-RJ, Saicã e Porto Alegre no Rio Grande do Sul e do qual ele fora o Adjunto de Ordens. Era mais uma iniciativa da Reforma Militar. A denominação histórica da 1^a RM - Região Marechal Hermes da Fonseca, foi obtida por nossa sugestão e orientação como

oficial do EM/1a RM em 1983/84.

Em 1908, como Ministro da Guerra (1906-09), o Marechal Hermes realizou profunda reorganização do Exército, criando as Brigadas Estratégicas, a Arma de Engenharia, a aquisição, no exterior, de grande estoque de fuzis Mauser, metralhadoras Madsen e canhões Krupp, com as respectivas fábricas de munições e construiu novos e modernos quartéis. E nesta missão ele recebeu o apoio do Ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, o Chanceler da Paz que, pacifista, acreditava nesta lição da História: "Se queres a paz, prepara-te para a guerra".

Em 1902, por sugestão do Ten Cel Setembrino de Carvalho, o Ministro da Guerra Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet, consegue aprovação para que o 2º Batalhão de Engenheiros, aquartelado na Escola Preparatória e Tática em Rio Pardo, fosse usado na construção da ferrovia estratégica Porto Alegre- Uruguiana, como forma de, mais realisticamente, adestrar-se para a eventualidade de uma guerra. Este fato assinala a presença cada vez mais crescente da Arma de Engenharia em trabalhar na construção de ferrovias e rodovias para o adestramento, contribuindo para a Integração e o Desenvolvimento Nacional.

O Marechal Hermes em 1910-1912, como Presidente da República, enviou para cursos no Exército Alemão oficiais das diversas armas. Em 1910, dois anos antes da eclosão da Guerra do Contestado, oficiais do Estado-Maior da 3ª RM, em Porto Alegre, fundaram a Revista dos Militares. E em 1913, no Clube Militar, um grupo de oficiais idealistas fundou a histórica e benemérita Revista *A Defesa Nacional*, os quais, por suas ideias renovadoras, e reformadores foram apelidados de Jovens Turcos.

Enquanto isto, em Porto Alegre, em 1906, foi recriada a Escola Militar, com a denominação de Escola de Guerra de Porto Alegre, que funcionou de 1906 a 1911 e foi um celeiro de grandes líderes militares que dinamizaram e consolidaram a

Reforma Militar 1898-1945.

Por ocasião da Guerra do Contestado, o Exército era formado por profissionais e sem dispor de Reservas, o que foi tentado compensar com a formação de reservistas nos Tiros de Guerra, sistema idealizado em Rio Grande - RS, pelo Cel Honorário do Exército Antônio Carlos Lopes, um farmacêutico que estagiou na Suíça, de onde trouxe esta ideia para o Brasil. Ideia que logo recebeu o apoio do Ministro da Guerra Hermes da Fonseca.

Enquanto isto se passava, ao final da Guerra do Contestado, no 2º ano da 1ª Guerra Mundial 1914/18, o poeta Olavo Bilac empenhou-se em Campanha Nacional em favor do Serviço Militar Obrigatório com o concurso da **Liga da Defesa Nacional**, fundada por patriotas civis, visando fortalecer espiritual, moral e materialmente o Brasil. O Serviço Militar Obrigatório foi inaugurado em 10 de Dezembro de 1916, no atual Palácio Duque de Caxias pelo Presidente Wenceslau Braz. Serviço que fora instituído no Brasil em 1876, pelo Duque de Caxias, mas não implementado, face à sua saída do Ministério da Guerra e chefia do Gabinete de Ministros.

O Presidente Wenceslau Braz, que assinou a Declaração de Guerra à Alemanha, extinguiu a Guarda Nacional, que tanto prejudicava o desenvolvimento do Exército, em razão de sua força política e econômica, mas então incapaz de prestar qualquer serviço militar ao Brasil num mundo em Guerra. E também transformou as Polícias Militares Estaduais em Reserva do Exército, aumentando assim as suas reservas. E foi ele quem conseguiu um acordo entre os Governos do Paraná e Santa Catarina, para colocar um fim à cruenta revolta social, a Revolta do Contestado, motivada por injustiças e desamparos sociais que provocaram a sua eclosão.

Terminada a 1ª Guerra Mundial, de onde o Exército tirou grandes lições doutrinárias através de oficiais brasileiros que nela combateram ao seu final, junto aos aliados, inclusive o mais tarde Marechal José Pessoa, o idealizador da Academia

Militar das Agulhas Negras e o Capitão Tertuliano Potiguara de Albuquerque, herói do Exército na Guerra do Contestado, em especial na conquista do reduto Santa Maria e que foi promovido a Tenente-coronel, por ato de bravura, na batalha de San Quentin, na França, combatendo em unidade do Exército Francês. Em 1919/21, funcionou na Escola Militar do Realengo a **Missão Indígena**, integrada por oficiais selecionados em concurso pelo Estado-Maior do Exército, a qual formou uma geração de oficiais de alto gabarito, com expressiva atuação e projeção nas conquistas da Revolução de 1930. **Missão Indígena** que considero, salvo, melhor juízo uma manifestação pioneira da célebre **Semana de Arte Moderna no Exército**. Ela foi uma iniciativa do Chefe do Estado-Maior do Exército, o Gen Div Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, grande amigo do Marechal Setembrino desde a mocidade, e filho do Gen Vitorino Carneiro Monteiro, Barão de São Borja.



General Augusto Tasso Fragoso

Sua projeção como pensador militar terrestre brasileiro se revela principalmente em suas obras pela BIBLIE.

- **Um pouco da História do Exército Brasileiro;**
- **A Batalha do Passo do Rosário – BIBLIE 1951;**
- **História da Guerra do Tríplice Aliança e o Paraguai** 5 volumes BIBLIE 1956, 1957, 1959, 1960;
- Publicou livros sobre a **Revolução Farroupilha** e sobre os **Franceses no Rio de Janeiro.**

O General Tasso Fragoso foi Chefe do Gabinete Militar do Presidente Wenceslau Braz, sobre o qual exerceu muita influência durante a 1^a Guerra Mundial, inclusive na extinção da Guarda Nacional, e no tornar as Polícias Militares reservas do Exército. E o envio de 21 oficiais à Europa ao final da 1^a Guerra, para observarem os avanços da doutrina militar, inclusive combatendo, e coletaram dados sobre a evolução dos equipamentos militares em especial os novos armamentos e os Tanks ou blindados desconhecidos no Brasil. Ao então Capitão Augusto Tasso Fragoso muito o Exército está a lhe dever pela criação por sua sugestão na **Revista Brasil**, da criação em 1898, do Estado-Maior do Exército. Isto ao retornar de missão na Europa onde foi procurar solução de sequelas

de ferimento a bala, recebido no combate da Armação, na Revolta na Armada, e não Revolta da Armada. A apresentação de seu livro **A Batalha do Passo do Rosário** em 1922 é uma espécie de ato de contrição e de condenação ao bacharelismo que vigorou no Exército de 1874-1905 quando foi substituído pelo Regulamento de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo militar para o profissionalismo militar que até vigora.

GENERAL-DE-DIVISÃO AUGUSTO TASSO FRAGOSO (1867-1945)

por Cláudio Moreira Bento

O autor deste artigo é o atual ocupante da cadeira nº 12 da Academia Brasileira de História. Seu discurso de posse, ocorrido em 1976, baseou-se na interpretação aqui apresentada de aspectos da biografia de um dos mais atuantes personagens da Reforma Militar, base de toda a concepção doutrinária atual do nosso Exército.

SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA

O autor do clássico da literatura Militar Terrestre Brasileira, *A Batalha do Passo do Rosário*, é considerado um dos grandes brasileiros do período (1889-1945). Segundo Gilberto Freyre, ele **"animou os meios mais cultos com sua palavra amena e atraente"**.

Foi chefe, pensador, cientista e historiador militar dos mais brilhantes, fecundos, atuantes e influentes da Primeira República, ou República Velha (1889-1930). Participou com relevo dos debates e decisões no Clube Militar que desaguariam na Proclamação da República, regime que viu nascer, em 15 de novembro de 1889, ao lado do seu mestre, Benjamim Constant, de quem foi aluno dileto.

Pela consolidação da República, foi ferido gravemente, a bala, no Combate da Armação e, em decorrência, promovido a

capitão por ato de bravura.

Coube-lhe presidir o final da Primeira República, na qualidade de presidente da Junta Pacificadora, que transferiu o poder à vitoriosa Revolução de 1930.

No Exército, com os célebres artigos – ***O Estado-Maior do Exército*** - e ***“Como se Faz um Oficial Alemão”***, publicados na *Revista do Brasil*. em 1897 e 1898, ajudou a desencadear o histórico e relevante processo da Reforma Militar (1898-1945) que se seguiu à Revolta de Canudos (1897-1898).

Esse processo, do qual foi um dos maiores dinamônicos, artífices e líderes, arrancou o Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados em Canudos, e levou-o aos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, na Itália, representou de modo condigno o soldado brasileiro, ao lutar contra, ou em aliança, com frações expressivas dos melhores exércitos do mundo que se fizeram representar na Europa Ocidental, na 2^a Guerra Mundial.

Por seu concurso na propaganda, proclamação e consolidação a República, chegou a ser chamado de ***“Enamorado da República”***; Por sua atuação benemérita e relevante foi chamado de ***“Patrônio Espiritual do EME”***. E, finalmente, por sua marcante e importante contribuição, prestígio e valorização do estudo crítico de nosso passado militar, com vistas a dele extrair subsídios para a progressiva nacionalização da doutrina militar terrestre brasileira, foi chamado, em 1965, pelo então chefe do EME, de ***“Pai da História do Exército Brasileiro”***. ***História em sua relevante dimensão: História crítica, estudada à luz dos fundamentos da Arte do Soldado ou dos Grandes Capitães da História.***

Em 21 de outubro de 1945, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Pedro Calmon, seu orador oficial, assinalou ***“que nenhum dos nossos historiadores militares ultrapassou Tasso Fragoso nesse proficiente de restaurar as condições de guerra, os seus elementos, o seu potencial, as suas diretivas, os seus erros, o conteúdo humano de seus***

paradoxos e sua beleza externa”.

Sobre ele, em seu tempo, concluiu o acadêmico Humberto de Campos, seu co-estaduano: *“Primeira cabeça do Exército e uma das mais notáveis do Brasil contemporâneo e orgulho de qualquer país em que houvesse o culto das Armas”*.

E ainda Pedro Calmon na ocasião acima citada, ao fazer o elogio do sócio do IHGB, Augusto Tasso Fragoso, recém-falecido:

“O General Tasso Fragoso conta-se entre esses homens superiores que podendo tudo ser na continuidade da vida triunfante, se contentam em obedecer à linha modesta de profissão e desinteresse. Às solicitações da política e do poder preferiu a fidelidade ao Exército, donde nunca saiu. Foi essencialmente um homem de sua classe”.

O seu amigo e biógrafo, Marechal Tristão Alencar Araripe, assim o sintetizou, em 1965, no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), sob a Presidência do General Jonas Correia: *“Grande vulto nacional e valoroso soldado”*.

E noutra ocasião: *“O entrosamento de suas atividades profissionais e culturais, voltadas para o progresso profissional do Exército foi uma constante.”*

Ao falecer recebeu do Exército esta consagradora referência através de seu Ministro: *“O Exército foi a linha mestra da vida do General Tasso Fragoso”*.

Por tudo é oportuno evocar, aos leitores do clássico *A Batalha do Passo do Rosário*, com traços da vida e obra de seu autor, e a parte culminante dos seus escritos, relacionados com o final da obra, bem como as relevantes reflexões do histórico prefácio.

Todos eles são ricos em ensinamentos e inspirações aos soldados do Exército do Brasil, do presente e do futuro, de todas as graduações e idades, que se empenham patrioticamente em construí-lo à altura do destino da grandeza que o povo brasileiro deve lutar para construir.

NATURALIDADE - FORMAÇÃO FERIMENTO EM COMBATE

Augusto Tasso Fragoso nasceu em 28 de agosto de 1867, em São Luiz, Maranhão, e não em 1865, como assinala Tristão Alencar Araripe. Foi pouco depois de a Esquadra Brasileira haver forçado, com êxito, a fortaleza de Curupaiti, durante a Guerra do Paraguai, conflito que ele viria descrever, em 1934, de forma monumental, sob o título ***História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*** (5 v.).²

Tasso Fragoso era filho do comerciante português de ferragens, Joaquim Coelho Fragoso, muito conhecido na chamada ***Atenas Brasileira***, denominação popular dada a São Luiz, pelo grande surto cultural humanístico que atravessava, infra-estruturado por um surto econômico. Nesse meio adiantado de estudos humanísticos, em que era dada grande importância à beleza e à pureza da linguagem, Tasso Fragoso alicerçou estilo literário, “***sóbrio, claro, puro e elegante***”, que ajudaram a torná-lo notável e festejado escritor militar. Depois de passar a infância, a meninice e a juventude no Maranhão, de lá foi trazido para o Rio de Janeiro por seu tio e futuro sogro, o jornalista Temístocles Aranha (pai de Graça Aranha), para que construísse, na Capital Federal, um futuro compatível com o enorme talento que revelara, fugindo, assim, ao destino de comerciante de ferragens projetado por seu pai.

Quando chegou ao Rio, a campanha abolicionista, a propaganda republicana, a questão militar e a doutrinação positivista atingiam seus pontos máximos, em especial, na Escola Militar da Praia Vermelha, que era uma das mais renomadas irradiadoras de cultura no Brasil, a par das faculdades de Direito de São Paulo e Recife, da de Medicina da Bahia e escolas Central do Exército e Naval da Marinha.

Tasso Fragoso, talvez por influência de oficiais do Exército que lecionavam Matemática e em São Luiz, havia se inclinado para a Escola Militar da Praia Vermelha. Assim, para frequentá-

la, como adido, assentou praça voluntária, em 21 de março de 1885, no heroico Batalhão de Engenheiros, sediado no mesmo edifício da Escola, e de tão gloriosas tradições na Guerra do Paraguai, ao comando de João Carlos Vilagran Cabrita e, depois de Conrado da Silva Bittencourt.

De 1885 a 1887, cursou, com brilho, a Escola Militar onde graduou-se em Cavalaria, Infantaria e Artilharia. Às vésperas da República e durante sua proclamação, frequentava o Curso de Engenharia e de Estado-Maior em São Cristóvão. Como Alferes-Aluno esteve ao lado de Benjamim Constant, em 15 de novembro de 1889, no ato da Proclamação da República. Ficou assim em posição privilegiada entre os novos detentores do poder. Mas recusou a cadeira de deputado pelo Maranhão e ser Ministro da Viação. O Exército era o seu objetivo e deste nunca se afastou, até morrer.

Sua primeira missão de oficial foi integrar a Comissão de Demarcação da Nova Capital. Durante a Revolta na Armada no Rio de Janeiro, foi ferido a bala no abdômen, no Combate da Armação, em 9 de fevereiro de 1894, quando comandava um contra-ataque de uma fração composta de acadêmicos voluntários e guardas nacionais. Foi dado até como morto. Recuperado parcialmente, foi promovido a capitão por bravura. À procura de solução cirúrgica para suas sequelas, que se agravavam, foi mandado em missão à Europa, de onde trouxe a saúde e contribuições relevantes e oportunas, de grande projeção no futuro do Exército, ao contato com os exércitos alemão, francês e inglês. Em 11 de fevereiro de 1944, data inaugural oficial da atual Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), ele destinou, à guarda de seu Museu: Acadêmico, sua túnica branca perfurada a bala, acompanhada de foto de canhão Krupp e da guarnição que comandava no combate da Armação, e da carta do Presidente Floriano Peixoto, exaltando sua heroicidade e promovendo-o a capitão por bravura.

2. Obra reeditada pela BIBLIEx, em 6 volumes, entre 1956 e 1960, com melhoramentos a cargo do então Major

Francisco Ruas Santos, para torná-la instrumento de trabalho ao pesquisador futuro do conflito.

3. Segundo Pedro Calmon, Tasso Fragoso, engastou a bala que o feriu em um alfinete de gravata, que passou a usar com imenso orgulho cívico.

ESTÁGIOS MILITARES NA EUROPA — REPERCUSSÕES NA REFORMA MILITAR —

De 1894 a 1896, integrou, na Europa, a **Comissão de Compras de Armamento e Material para o Exército**, tendo como missão relatar a organização dos serviços geodésicos da França e Prússia, nos quais aperfeiçoou o curso de Geografia e Geodésia que tirara no Observatório Nacional do Rio de Janeiro, antes de integrar a Comissão Demarcadora da Nova Capital. Desse estágio resultou, mais tarde, a contratação da **Missão Cartográfica Austríaca (MCA) (1920-52)** destinada a organizar o Serviço Geográfico do Exército, formar engenheiros geógrafos militares e a apoiar a Carta Geral da República.

Durante os últimos meses de 1895, Tasso Fragoso estagiou na **Fábrica Krupp**. Nesse tempo, aprendeu alemão, assenhoreou-se da técnica de fabricação de material bélico e conseguiu uma correção cirúrgica parcial das sequelas consequentes do grave ferimento recebido no combate da Armação. Durante os dois anos providenciais e oportunos de estágio na Europa, além de alemão, aprendeu francês e inglês, e inteirou-se do grande estágio atingido pela **doutrina militar terrestre, comparada com a do Brasil, estagnada desde a Guerra do Paraguai, assinalando até involuções em muitos pontos, como ficou evidente em Canudos**.

Ao retornar da Europa, em 1896, foi mandado servir na Comissão de Fortificações e Defesa do Litoral do Brasil, tendo feito o projeto de fortificação das praias de Copacabana à Gávea.

Por essa época, 1896-97, lavrava no sertão da Bahia a Revolta de Canudos, que evidenciou o despreparo operacional

do Exército e motivou a Reforma Militar (1898-95) iniciada pelo Ministro da Guerra, João Nepomuceno Medeiros Mallet, traduzida pela instalação do EME, em 1899, sob a chefia do Marechal Cantuária. Foram eventos para os quais muito influíram os seguintes artigos publicados na **Revista do Brasil** e assinados pelo capitão Tasso Fragoso, possuidor de sólido prestígio, como prócer e herói da República, de vasta e sólida cultura geral e profissional, recém-egresso da Europa que entrara em contato com os mais modernos Exércitos do seu tempo. O primeiro "**O Estado-Maior do Exército**" (Abr/Jun 1897) tinha, como ideia central, a seguinte afirmação: "**Nenhuma instituição atual reclama e merece mais uma reforma quanto o nosso Exército.**"

O segundo, "**Como se Faz um Oficial Alemão**" (Jan/ Mar 1898), criticava e apresentava sugestões para corrigir o que apontou como "**um dos grandes males do Exército — o bacharelismo de dolmã e o bacharelismo da espada**".

O bacharelismo do dolmã era uma alusão aos oficiais formados bacharéis em Ciências Físicas e Matemática pela Escola Militar da Praia Vermelha, divorciados do aprendizado e prática, de fato, da profissão das armas, sob a influência de um positivismo mal interpretado no campo militar. O bacharelismo da espada era o dos "**tarimbeiros**", oficiais que fizeram carreira de modo prático nas lides da caserna e sem conhecimentos e prática doutrinária militar compatível com os avanços da Arte e Ciência Militar decorrentes da Revolução Industrial.

Dentre os bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas formados pela Escola da Praia Vermelha, Tasso Fragoso e Cândido Mariano Rondon são exemplos de coerência e equilíbrio na conciliação dos interesses da profissão das armas que abraçaram e do ideal positivista de ter como religião a Humanidade.

Já não se pode dizer o mesmo de muitos egressos daquela Escola, que a usaram como escada social, não se prepararam militarmente à altura, e se voltaram para atividades científicas

e matemáticas, concorrendo, assim, indiretamente, talvez por omissão, para os acontecimentos de Canudos, ao custo de tantas vidas e inútil sangue derramado de irmãos brasileiros, um grande desserviço à Religião da Humanidade que muitos se diziam praticantes fervorosos.

Rondon conciliou a Religião da Humanidade com a profissão das armas, ao realizar a obra de projeção internacional em prol do índio brasileiro, ao mesmo tempo que foi aluno brilhante da Missão Militar Francesa (MMF) e não se recusou a chefiar combate à Revolução de 24, no Paraná.

Tasso Fragoso conciliou a Religião da Humanidade atuando sempre no sentido pacificador de conflitos internos e de defesa da Unidade e da profissão das armas que escolheu e na qual atuou mais ou menos assim segundo interpreto:

"Sou o cidadão de um país pacifista, que repudia a guerra de conquista e a luta entre irmãos e que deseja, para o bem da Humanidade, que o Exército Brasileiro nunca se envolva num conflito. Mas, por outro lado, dentro da responsabilidade social de soldado desse Exército, fazer tudo ao meu alcance, para que eu não perca um só momento em preparar-me o melhor possível para esta triste eventualidade, tão presente e viva na História da Humanidade, a guerra."

Instalado o EME, Tasso Fragoso, com apoio na experiência que colheu no grande Estado-Maior do Exército Alemão, cuja história estudou desde a Guerra Franco-Prussiana de 1870, foi servir na 1ª Seção encarregada de editar a **Revista Militar** com o seguinte objetivo geral: **"Tratar de assuntos visando ao preparo do Exército: para a guerra ou para a defesa da Pátria."**

Vem daí sua grande influência na conquista desse alevantado objetivo.

4. A Carta Geral da República, criada em 1903, instalada e dirigida por Tasso Fragoso, com a missão de mapear, para uso reservado do Exército, às regiões mais estratégicas do Rio Grande do Sul, missão de grande alcance e repercussão da Defesa Nacional.

5. Foi de sua autoria o projeto do Forte Copacabana, que mereceu, da Fábrica Krupp, os maiores elogios.

O HISTORIADOR E PENSADOR MILITAR TASSO FRAGOSO

Quando Presidente, o Marechal Floriano Peixoto mandou editar a **História da Guerra do Paraguai**, do Coronel Honorário Carlos Jourdan, que, como tenente do Corpo de Pontoneiros, projetara e dirigira a construção de algumas pontes da célebre Estrada Estratégica do Chaco, que permitiu, a Caxias, envolver a posição fortificada do Piquiciri e abreviar a guerra. A edição visava, segundo o Presidente citado, **"a servir para os alunos de nossas escolas militares desenvolverem táticas e estratégias compatíveis com as realidades operacionais da América do Sul"**.

Instalado o EME, em 1899, seu chefe, tendo em mente a cultura e a vocação do Capitão Tasso Fragoso para a História, Geografia, Tática, Estratégia e Literatura, deu-lhe a missão de acompanhar a edição da obra citada na Imprensa Nacional.

A par disso, Tasso Fragoso escreveu, na **Revista Militar**, diversos artigos de alto valor, dentre eles ensaios sobre os históricos dos serviços, no Brasil, de Estado-Maior e Geofísico. Sobre o primeiro, teceu considerações ainda muito atuais, como a que **"depois da Guerra Franco-Prussiana 1870), o Serviço de Estado-Maior propagou-se como elemento essencial ao exercício do comando de grandes massas militares"**.

Ao tentar historiar a evolução do problema no Brasil, assim concluiu sua memória, que leu para a Comissão de Reforma Militar: **"Quase nada, para não se dizer nada, existe publicado entre nós, sobre a História do Exército Brasileiro."**

No exercício das funções de Adido Militar na Argentina (1909-11), em período tenso nas relações Brasil-Argentina, em razão da Questão de Palmas, Tasso Fragoso foi obrigado a estudar as histórias militares do Brasil e da Argentina, pelas razões que assinalou no histórico prefácio de **A Batalha do Passo do Rosário**, sobre o qual peço que o leitor medite, por

conter muitas lições permanentes e atuais e, particularmente, esta sua reflexão-contrição: **"Logo aos primeiros passos da minha vida como oficial, senti com mágoa a deficiência de minha preparação histórica. Reconheci, sem demora, não só que me falecia em geral o conhecimento dos fastos da Pátria, mas, sobretudo, os seus grandes feitos militares."**

De retorno da Argentina, foi encarregado de saudar o Barão do Rio Branco, no Clube Militar. Em sua oração revelou notável percepção histórica. Enfatizou a ação do grande brasileiro na estabilização de nossos limites, sem o recurso da luta armada, e, por sustentar seus pontos de vista, com o recurso de profundos e sólidos conhecimentos de História do Brasil, que acumulou por estudos.

Em 1911-14, como comandante do 8º Regimento de Cavalaria, em Uruguaiana, mandou levantar um esboço da Batalha do Passo do Rosário, cujos estudos iniciou a desenvolver. Com a vinda da Missão Militar Francesa, Tasso Fragoso dela recebeu esta importante lição, reafirmação do que o Marechal Floriano Peixoto enunciara ao mandar editar a Guerra do Paraguai, de Carlos Jourdan:

"As estratégias e as táticas sul-americanas devem ser estabelecidas aqui. Muitas de suas bases devem ser buscadas nas campanhas militares da América do Sul. Por esta razão, a pesquisa, a elaboração e o estudo da História Militar, particularmente a do Brasil, deve ser estimulada entre nós."

E isto se impunha para o EME dar desempenho realístico às suas funções de elaborar planos operacionais e de defesa territorial. Como não havia ainda quase nada, para não dizer nada, escrito sobre a História do Exército Brasileiro, o então Capitão Tasso Fragoso teve ele de dar o exemplo, no sentido de pesquisar e analisar **criticamente** a História Militar do Brasil, com vistas a buscar, no passado militar sul-americano e brasileiro, ensinamentos operacionais e as bases das táticas e estratégias que deviam também em formar o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, emoldurada por fatores

de política interna e externa.

Foi dentro desse espírito que Tasso Fragoso lançou, em 1922, este clássico, **A Batalha do Passo do Rosário**, a maior batalha campal travada no território brasileiro, obra que marcou sua estreia como historiador militar, e que dedicou nestes termos, ao grande animador civil da Reforma Militar:

"À memória do Barão do Rio Branco, cuja ação e cujos escritos são exemplos de invejável e entranhado amor ao Brasil e de intensa fé nos seus gloriosos destinos. Como testemunho de admiração e saudade."

Daí em diante e até falecer, produziu uma série de valiosos trabalhos, inventariados ao final deste artigo:

O outro clássico, *A História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*, ele dedicou:

"À memória do Marechal Floriano Peixoto, soldado glorioso da Guerra da Tríplice Aliança e meu inolvidável e generoso amigo."

Era o reconhecimento que prestava à autoridade que anos atrás, mandara editar a *História da Guerra do Paraguai*, de Jourdan, visando a "desenvolver estratégias e táticas" com apoio em nossa experiência naquele conflito.

Em 1938, Tasso Fragoso lançou, a **Revolução Farroupilha**, cujo sesquicentenário de início teve lugar este ano, em 20 de setembro, e cujo caráter separatista ele negou. Ele dedicou este trabalho:

"À memória de todos os brasileiros que formaram no extremo meridional de nossa Pátria, a frente humana indispensável para lhe assegurar a posse definitiva, cujas linhas eles balizaram com seu próprio sangue, e a todos os riograndense do sul que, num arroubo invejável de idealismo, se bateram pela liberdade na República Federativa, e baquearam para dormir o sonho eterno, na selva verdejante da planície ou da coxilha."

Embora apóstolo da Unidade e da Integridade nacional, assim homenageou os farrapos:

"Muitos deles caíram heroicamente na luta, sem que possamos saber-lhes os nomes e glorificá-los como merecem. Foram propagadores de grandes ideias, notadamente da organização republicana e da emancipação de escravos."

Muitos oficiais seguiram o exemplo de Tasso Fragoso, no sentido de cobrir a lacuna que ele assinalou em 1898, acerca de que **"nada havia sido escrito sobre a História do Exército"**. A maioria se voltou para as diversas dimensões da História de natureza descriptiva. Poucos foram os que se voltaram para a dimensão da **História Militar Crítica**, que é **"o sustento do cérebro de um exército na paz para prepará-lo para a guerra"** (segundo Foch); **"a fonte do conhecimento superior da Arte da Guerra"** (segundo Napoleão); **"História cuja leitura objetiva é condição de êxito para o militar"** (segundo Patton); e **"a que domina inteiramente a conduta prática da guerra"** (segundo Molke). Enfim, a dimensão exaltada pelos grandes capitães da História e ainda muito pouco explorada no Brasil.

O esforço iniciado por Tasso Fragoso, em 1922, tornou possível ao próprio EME, que ele chefiara por 10 anos, concretizar, em 1971, no sesquicentenário da Independência a edição da **História do Exército Brasileiro Perfil Militar de um Povo**, fruto da consolidação da bibliografia e hemerografia produzida sobre História do Exército e realizada por uma grande equipe de alunos e instrutores da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, e historiadores convidados, sob a coordenação da Comissão de História do Exército Brasileiro do EME (1971-74). Essa publicação, considerada passo importante para escrever-se a **História da Doutrina do Exército Brasileiro**, e calcada em nossa experiência militar, de quase cinco séculos de lutas externas e internas, predominantemente vitoriosas, que contribuíram para configurar um Brasil de dimensões continentais, que não é obra de um milagre. É a história da doutrina de caráter descriptivo, que subsidiará táticas e estratégias terrestres brasileiras e outros importantes elementos do poder militar, visando ao desenvolvimento

de nossa doutrina terrestre com progressivos índices de nacionalização. É a concretização do sonho visualizado e sonhado, em 1861, pelo Marquês de Caxias, atual Patrono do Exército, ao ser obrigado a adotar, com adaptações que introduziu, as Ordenanças do Exército de Portugal, até que o Brasil **"desenvolvesse táticas e estratégias genuínas calcadas em sua experiência histórico-militar"**. É o ponto de passagem obrigatória no objetivo de o Brasil conquistar o status de grande nação ou potência.

OUTRAS VIVÊNCIAS COM REFLEXOS NA REFORMA MILITAR

Especialista em armamentos e munições, foi Diretor do Material Bélico. Atribui-se a ele a introdução no Brasil, do **jogo da guerra** e do **trote elevado**. Oficial de Cavalaria, por opção, comandou o 8º Regimento de Cavalaria e as 2º e 4º Brigadas de Cavalaria, em Uruguiana e no Rio de Janeiro. Chefiou a Casa Militar do Presidente Wenceslau Braz (1914-18), considerado o **"consolidador da estrutura militar do Exército"** com a execução do **Sorteio Militar** e a **extinção da Guarda Nacional**, grandes passos da Reforma Militar. Deixou o EME durante a Revolução de 1932, por sustentar que a população civil devia ser preservada dos efeitos da luta. Foi Ministro do Superior Tribunal Militar, de 1938 a 1945, do qual foi Vice-Presidente cinco anos. Combatente de ideias e princípios, homem de ação e uma espécie de encyclopédia militar, influiu nas grandes reorganizações de 1901, 1914 e na ação da Missão Militar Francesa, circunscrita ao preparo do Exército, sem interferir nos seus problemas concretos. Foi um defensor da importância de cultura geral, **"como moldura indispensável ao chefe militar"**, tendo-a introduzido na Escola de Estado-Maior do Exército, que veio dar o seu nome a sua biblioteca, a qual abriga o que ele acumulou e usou em vida para seus estudos e pesquisas.

Como historiador foi sócio do Instituto Histórico e

Geográfico Brasileiro. Viveu para ver a FEB retornar da Itália, vitoriosa, na primeira participação militar extracontinental do Brasil, fechando com selo de ouro o ciclo da Reforma Militar, em grande parte deflagrado com seu histórico artigo "**Como se faz um Oficial Alemão**".

O grande soldado, que soube ajudar a construir o Exército da FEB, alternando a espada e a pena, faleceu aos 78 anos incompletos, em 20 de setembro de 1945, data coincidente com o 110º aniversário do início e ano do centenário do término da Revolução Farroupilha, movimento cujo sesquicentenário de início se comemora este ano, como atrás referido, e que ele soube estudar com isenção e respeito pelos que foram às campinas e coxilhas gaúchas para lutar por suas verdades.

Tasso Fragoso é estudado com maiores detalhes por seu biógrafo e grande amigo, General Tristão de Alencar Araripe na obra **Tasso Fragoso** (BIBLIEEx 1960).

Por ocasião de seu falecimento o Exército assim se manifestou pela palavra de seu Ministro:

"Uma das personalidades mais incisivas na evolução de nossa atividade militar, verdadeira relíquia, intimamente entrosado nos fatos mais interessantes decorridos no último século de vida nacional. Foi ele verdadeiro expoente da cultura de sua classe e exuberante espírito que transbordou do meio militar, se refletiu no ambiente nacional, onde se firmou com excepcional relevo. "O EXÉRCITO FOI A LINHA MESTRA DE SUA VIDA."

BIBLIOGRAFIA

1. A Batalha do Passo do Rosário. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1927, 1ed. A BIBLIEEx a republicou em 1951 e ora lança a 3ª edição.

2. A Batalha do Passo do Rosário e a crítica do Dr. Max Fleiuss, Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1923 (acerca da polêmica travada com aquele ilustre historiador secretário do IHGB).

3. Sofismas e Contradições do Dr. Max Fleiuss, Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1924 (ainda sobre a célebre polêmica sobre a batalha).

4. A História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1934, 5v (a BIBLIEEx a republicou de 1956-61).

5. A Revolução Farroupilha, Rio de Janeiro: BIBLIEEx, 1938.

6. Franceses no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: BIBLIEEx, 1965 (2^a edição revista e comentada pelo Gen Souza Júnior).

Artigos Publicados

— Na Revista Brasileira ou Revista do Brasil

1. "O Estado-Maior do Exército" - abr/jun1897, p. 352-361.

2. "Como se faz um oficial alemão" — jan/mai 1898, p. 50-65.

3. "Que é a Arte" - jul/set 1898, p. 72-96 (crítica de uma tradução de Qu'est ce l'art de Tolstoi).

Os artigos 1 e 2 tiveram grande influência na Reforma Militar (1898-1945) do Exército. Suas redescobertas as devo aos sócios do IHGB — Vamireth Chacon e Camarinha. Preservadas **In: ARARIPE, Tasso Fragoso**, Rio de Janeiro: BIBLIEEx, 1960

1. "Os meus travesseiros", 1887, p. 79.

2. O presente de Arabela, 1888, p.81

3. "Província, 1888, p.83-87. Ter ideal guardado (poesia), p. 87- 88.

4. Ter um ideal guardado(poiesia)

5. Uma excursão à Fábrica de Ferro de Ipanema, 1899, p. 88.

6. Correspondência com Malan d'Angrone, p.363-389 e 477- 482.

7. Discurso na Casa do Estudante — sobre sua ação na República, p. 289-292.

C - Na Revista Militar do EME (atual Revista do Exército)

1. Serviço Geográfico do Brasil, 1899.

2. Fabrica de pólvora sem fumaça nos EUA (tradução), 1899.

3. Tentativas de grupamentos racional do Exército, 1899.

4. Cartucho de Manobra (manejo), 1899.
5. Instruções para repulsa de tentativas de desembarque de expedições dos EUA nas costas de Cuba (tradução espanhola), 1899.
6. Operações nos arredores de Santiago de Cuba e assédio à cidade (tradução espanhola), 1899.
7. Pólvora e explosivos — Explosivos altos na guerra naval — composição, uso e valor (tradução), 1899.
8. As primeiras experiências da guerra anglo - boer (tradução inglesa), 1900.
9. Batalha de Colenro (tradução), 1900.
10. O combate de Majerstentein-Transval, 11 dez 1899 (tradução), 1900.
11. O novo reparo Krupp para canhões de marinha e costa, 1900.
12. O Serviço de Estado-Maior, 1900.
13. Os mestres da guerra (tradução francesa), 1900/1901.
14. Cálculo das coordenadas dos vértices de uma poligonal, 1901.
15. Revista de Esquadrão (tradução alemã), 1902.
16. Instituição das equações diferenciais do movimento de projéteis no ar, 1901/1902.
17. Do método nos altos estudos militares da França e Alemanha. (Trad. Do Genl Bonnal, 1903)
18. Enxertos de Balística Externa, 1903.
19. Instrução mediante exercícios de quadros (tradução), 1907.
20. Levantamento expedidos na 4^a Bda Cav - Rio.
21. Sofismas e contradições do Dr. Max Fleiuss, 1922.
22. Palavras sobre o Mal. Beviláqua, 1930.
23. General Alfredo Malan d'Angrone, 1931.
24. O combate de Santa Luzia (1842), 1935.
25. A Paz com o Paraguai, nº 174, 1941.

D - No Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército

1. Pequenos exercícios de dupla ação na 4^a Bda Cav-Rio, mai/ jun 1913, p. 273-296.
2. Levantamentos expedidos na 4^a Bda Cav — Rio, em 1918

jan/abr 1913, p. 7-17.

3. A instrução de tiro na 4^a Bda Cav em 1918, mai/jun 1919, p. 297-302.

4. Instrumentos para facilitar a pontaria indireta, 1917, p. 3-29 (amplamente ilustrado).

5. Tiro de verificação, 1920, p.. 1-42.

E — Na Revista A Defesa Nacional

1. "Exercícios no 8º RC - Uruguaiana 1913", nº 16, jan 1915, p. 109-111; nº 17, fev 1915, p. 136/138; nº 18, mar 1915, p. 172-176; nº 19, abr 1915, p. 199-203 e 239.

2. "O tiro coletivo", nº 10, jul 1914, p.315-319.

3. "O Serviço Militar Obrigatório", nº 12, set 1914, p. 375-379.

4. "A propósito do milésimo", nº 35, ago 1916,p. 354/357 e nº 36, set 1916, p. 310/383.

5. "Nova Lei de promoções no Exército Argentino", nº 37, out 1916, p. 3-11.

6. Um caso interessante de redução ao centro de estação, nº 43, abr 1917, p. 214-223.

7. "Guia para o ensino da tática nas Escolas Reais Prussianas" (sobre trabalho traduzido por Klinger e Leitão de Carvalho), nº 44, mai 1917, p. 251-254.

8. "Na seara alheia — Para rebater um golpe", nº 48, set 1917, p. 405-409.

9. "A Guerra Científica" (Tradução de artigo da Illustration de 21 jul 1917), nº 49, out 1917, p. 14-17.

10. "A nova Infantaria" (Tradução de artigo de Gustavo Baben de Illustration nº 2, fev 1918), nº 56, mai 1918, p. 234-238.

11. "A missão das Classes Armadas", jan 1931,p. 87-88. 14

12. Encerramento da EEM (atual ECEME), nº 217, jan 1932, p. 5-9.

13. O combate do Rio Pardo (30 abr 1838), nº 265,jun 1936, p. 583-603.

14. Trecho de carta sua publicada em 1914 pela revista nº 396, mai 1947, p. 1011-1012.

F — Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

1. A Paz com o Paraguai depois da Guerra da Tríplice Aliança, v. 174,1939, p. 5-334.

2. Palavras sobre o General Agustín Justo. v. 177,1942, p. 625/626.

3. A Revolução de 30 (memórias), abr/jun 1951,v. 211.

A Revista do IHGB, contém referências a sua vida e obra por Pedro Calmon, Estevão Leitão de Carvalho e outros. Além desses artigos contém referência a sua vida e obra: De Pedro Calmon (Ano 1945, v. 189, p. 75); Do Gen Valentim Benício (Anos 1952, v. 216, p. 160 e 1956, v. 232, p. 180); Do Gen Estevão Leitão de Carvalho (Ano 1952, v. 214, p. 142 e 180); e do Gen Francisco de Azevedo Ponde (Ano 1970, v. 286, p. 24).

4. Oração de recepção como sócio do General Tristão Alencar Araripe.:223-230. Jul/set 1956.

- **A Paz com o Paraguai depois da Guerra da Tríplice Aliança** 174:1-334,1939.

- **A Revolução de 1930 e a Junta do Rio de Janeiro** 232:303-319, jul/set 1956.

- **A Revolução de 1930** 211:5-61,abr/jun 1931.

Publicou na Revista A Defesa Nacional.

Publicou na Revista do Clube Militar.

- **Primeiro Grupamento de Engenharia**.

- **Um pequeno problema da bibliografia machadiana**.

5. O Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro da Fundação Getulio Vargas pós 1930. às p.2308/2311 de seu volume 2, apresenta completa síntese da vida e obra do Gen Tasso Fragoso de autoria de Renato Lemos.

Em 1977 tomei posse na cadeira 12, General Tasso Fragoso da Academia Brasileira de História. E meu discurso de posse, Gen Div Augusto Tasso Fragoso, está disponível em personalidades, em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB (www.ahimtb.org.br). Instituição da qual fui consagrado como patrono de sua cadeira.



Marechal Tristão de Alencar Araripe

Sua projeção como pensador militar terrestre brasileiro se revela em especial com sua obra:

O Exército Brasileiro a partir da Guerra do Paraguai.

- **Tasso Fragoso** BIBLEx 1960.

- **Expedições militares contra Canudos** BIBLEx 1985.

Na Revista da Escola Militar

- Instrução de Oficiais no Exército da Argentina.

- Os exercícios de combate nas pequenas unidades de Infantaria nº 10 e 11.

Na Revista do Clube Militar

- **O Ensino Militar no Brasil** nº 158, 1961, p. 18

- **Guerra Moderna** nº 48, 1937, p. 143

- **Escreve o Gen Gamelin** nº 82, 1947, p. 3

- **Tendência das OM dos tempos novos.** 80, 1997, p. 13

- **Organização para a guerra** nº 84, 1977, p. 28

- **Responsabilidade do comando em chefe nos Estados Democráticos,** nº 79, 1946, p. 13

Na Revista do IGHMB publicou:

Oração de posse na cadeira Marechal Bernardino Bormann
nº 11, 1947, p.23ss. **Oração por ele pronunciada** nº 12, 1947.
p.23ss. **Comemorações do tricentenário da Batalha Carlos**

Teles o heroico defensor de Bagé sitiada nº 13, 1948.p.115ss. Paraná Remanso de Glória nº 14 ,1950, p.115ss. História Militar através do Recôncavo aos Guararapes, nº 14, 1950, p.45ss. Marechal José Caetano de Farias. nº19, 1955,p.39ss. História Militar do Ceará, 1952, nº 17, p.15ss. O Exército Brasileiro a partir da Guerra do Paraguai, 1958, nº 21, p.17ss. O 22º aniversário do IGHMB, 1959, nº 22 p.2ss. Gen Pedro Aurélio Goes Monteiro, 1959, nº22, p. 87ss. Glória ao Espírito Santo, 1959, nº 22, p. 153ss. O Prêmio Gen Tasso Fragoso 1959, nº 22, p.157ss. O 3º BC Batalhão Anchieta, 1959, nº 23 p.123ss. Rio Branco e a obra de Schneider 1960, nº 24, p.18ss. Anotações da História da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai, 1960, nº 24. p.31ss. Biografia de Caxias, 1953, nº 24, p.111ss. André Vidal de Negreiros, 1960, nº 25,p.19ss. A FEB por seu comandante, 1960, nº 26, p.2ss. O Ensino Militar no Brasil, 1961, nº 26. p.47ss. Estudo de História Militar pelo candidato a oficial e pelos diferentes postos, 1961, nº 27, p.2ss. Discurso na sessão Magna do IGHMB. 1962, nº 28, p.18ss. Homenagem aos sócios fundadores e aos patronos de cadeiras, 1962, nº 28, p.18ss. Posse da Diretoria em 17 ago 1962. nº 29, p. 17ss. Discurso do Gen Ex Tristão por ocasião das comemorações da BIBLIEEx e entrega do Prêmio Tasso Fragoso ao vencedor, 1963, nº 30, p. 17ss. A Missão Indígena na Escola Militar do Realengo, 1963, nº 31, p. 17ss. Gen Renato Batista Nunes 1965, nº 33, p.18ss. Dados de História Militar nos dois primeiros séculos da Cidade do Rio, 1965, nº 34, p.44ss. O Exército e a Cultura. 1966, nº 38,p.22ss. A Marinha Nacional, 1966,nº 39,p19ss. Problemas de interpretação histórica, 1967,nº 40, p.14ss. Barbarie x civilização, 1967, nº 41, p. 25ss. Gen Francisco Paula Cidade, 1968, nº 48, p.103ss. Trabalho do consórcio Tristão Alencar, 1957, nº 41, p.67ss. Alguns dados históricos sobre o Serviço de Saúde do Exército, 1968, nº 43, p.23ss. Homenagem ao Gen João Batista de Mattos, 1969, nº44, p.21ss. O santo apóstolo do Brasil – Padre Anchieta,1969, nº44, p.25ss. Comemoração do centenário do Gen Tasso Fragoso, 1969, nº 45, p.83ss.

O Marechal Tristão publicou na Revista do IGHMB a sua auto-biografia que a seguir transcrevo:

Autobiografia do Marechal Tristão de Alencar Araripe

Filho do ex-militar e engenheiro TÚLIO DE ALENCAR ARARIPE, capixaba, descendente de troncos nordestino e gaúcho (ALENCAR e BACELAR) e de ANTONIETTA VIEIRA DA SILVA, castelense, filiada aos tradicionais troncos espírito-santenses, fluminense e mineiro dos VIEIRA DA CUNHA, PINHEIRO DE SOUZA WERNECK e SILVA PINHEIRO, o jovem TRISTÃO emigrou, ainda em tenra idade, e em companhia dos pais e irmãos, para Belém do Pará, o então Eldorado Brasileiro. Lá fez as primeiras letras e completou o Curso Primário.

No Colégio Militar do Rio de Janeiro

Aos doze anos, ingressou no Colégio Militar do Rio, no qual, aos dezoito anos, concluiu o Curso de Madureza, como dos melhores alunos de sua classe, tendo sido Tenente-Coronel-Aluno, comandante do batalhão escolar e recebendo o título de agrimensor. Teve aí sólida educação moral e cívica, a consolidar-se em toda a vida.

Na Escola Militar do Realengo

Levado pelo entusiasmo pela carreira militar, que o mesmo Colégio despertava, alistou-se no Exército em 9 de março de 1912 e matriculou-se na Escola Militar do Realengo, no Curso de Infantaria e Cavalaria, Regulamento de 1905. Após três anos de dedicação e rudes trabalhos, concluiu esses cursos, como segundo colocado em sua turma e foi declarado Aspirante a Oficial em 2 de janeiro de 1915, com vinte anos de idade.

Carreira de oficial

Classificado na guarnição em que residiam seus pais, aí iniciou

com entusiasmo e perseverança a vida de oficial de tropa, no papel de instrutor, educador e condutor dos homens-soldados bisonhos, de cujo preparo e comportamento militar seria obreiro em toda a vida de militar, compenetrado de sua missão. Sua grande preocupação em adquirir maior cultura fez com que reingressasse na Escola Militar, a fim de fazer o Curso de Engenharia Militar. Depois de um interregno em corpo de tropa em Belo Horizonte, onde assistiu a adoção do Serviço Militar obrigatório, voltou ao Realengo para concluir o curso e receber os títulos de Engenheiro Militar e Bacharel em Matemática e Ciências Físicas em 1919, títulos de que nunca se serviu. Inicia, então, a atividade nitidamente profissional, como instrutor e educador.

Na Escola de Sargentos de Infantaria

Depois de pequeno estágio nos corpos de tropa no Rio, serviu, durante quatro anos, na Escola de Sargentos de Infantaria, instituição que se notabilizou na época renovadora por que passou o Exército, na terceira década do século XX. Imprimiu ao ensino uma orientação prática, objetiva, inspirada nos conhecimentos da Pedagogia moderna. Os manuais de sua autoria tiveram franca aceitação e foram muito louvados pelos mestres da Missão Militar Francesa; e o então Tenente ARARIPE tornou-se nome acatado por sua capacidade de instrutor, comprovada no alto conceito alcançado em todo o Exército pelos sargentos de Infantaria formados sob a orientação da conceituada Escola.

Na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais

Matriculado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, em 1925, concluiu o Curso destacadamente com o 1º lugar da turma, menção "Bem" e o seguinte conceito dos referidos mestres franceses: "Oficial muito distinguido, de inteligência e saber superiores, antigo instrutor da ESI, onde deixou renome, ingressou no Curso de Aperfeiçoamento, já com todos os regulamentos conhecidos.

Contudo, não deixou de trabalhar sempre, durante o ano e cada vez estudar e se aplicar com mais acentuada vontade de ampliar os conhecimentos já adquiridos. Conhece a fundo os processos atuais de combate de Infantaria e toma em presença de qualquer situação imprevista soluções sempre lógicas. O Tenente ARARIPE é oficial que se impõe por sua autoridade pessoal e pela sede de aprender e de ensinar, servindo-se de sua excepcional capacidade de trabalho. Demais, animado de excelente espírito, destaca-se como oficial de valor e futuro, que pode ser utilmente empregado em qualquer cargo que exija confiança. É indicado para ingressar na Escola de Estado-Maior. Nota de aptidão para o comando — dez." Terminado esse proveitoso curso, foi designado com outros companheiros de turma para o Quartel-General do Comando das Forças em Operações no Norte da República. Na desincumbência de várias missões nos QG e junto à tropa, em operações de Campanha, armazenou valiosa experiência para a consolidação de seus predicados de chefe, pela firmeza de atitudes e confiança nas próprias possibilidades. Embora simples tenente, enfrentou muitas situações em que acentuou raro senso de responsabilidade. De volta, serviu como ajudante-de-ordens e modesto cooperador do ilustrado General TASSO FRAGOSO, na elaboração de regulamentos de sua arma. Recebeu desse chefe destacados louvores.

Na Escola de Estado-Maior

Matriculado, em 1927, na Escola de Estado-Maior do Exército, foi aluno de excepcional destaque e concluiu o curso em 1929, primeiro lugar da turma, Menção "Muito Bem" e "Honrosa". O seu conceito concluiu: "Oficial muito apto para qualquer função que se lhe queira confiar. Oficial de futuro." Foi aproveitado, em 1930, como auxiliar de instrutor de Tática Geral da mesma Escola. Ainda em 1930, por espírito legalista e convicções apolíticas, cumpriu ordens na repressão ao movimento revolucionário. Servia no QG das Forças Legalistas na Vila Militar, quando foi deposto o Presidente da República.

Novamente na Escola de Sargentos de Infantaria

Não sofreu a sua carreira nenhuma influência da sua situação legalista. Ao contrário, em 1931, foi honrado com a designação para Comandante interino da ESI, função de Major. Nessa função, realizou, com rara felicidade, um grande comando. Deu excepcional brilho a esse organismo e ampliou o conceito de oficial grande instrutor e educador na sua arma.

Instrutor das Escolas de Oficiais

Instrutor de organização da instrução na EAO, Chefe de Curso de Tática Geral na Escola de Estado-Maior, Diretor do Ensino Militar na Escola Militar do Realengo, Diretor do Ensino na Escola de Estado-Maior do Exército, cada vez mais acentuou os seus invulgares pendores de instrutor de oficiais, como pioneiro de ideias e processos sempre renovados. Doutrinava pelo exemplo, pelos livros, conferências, manuais e monografias. A sua evoluída e clara orientação muito beneficiou a mais de meio milhar de oficiais, alguns hoje chefes de real destaque no Exército. No fundo, são muitos os que muito devem ao "velho" ARARIPE. No Gabinete do então Ministro da Guerra e na Embaixada Extraordinária do Brasil às Comemorações do Duplo Centenário de Portugal, em 1939/1940, o Tenente-Coronel ARARIPE reafirmou as suas qualidades de cultura e de dignidade, impondo-se à admiração de todos.

Nos comandos de tropa

Nos comandos de corpos de tropa, primeiro no 3º BC, na Capital de seu Estado natal, depois no 13º RI e na ID 5, no Paraná e no 2º RI, na Vila Militar, foi o Cel Araripe notável Chefe de Arma, educador apaixonado e administrador seguro e de larga visão. Fez de sua unidade um instrumento de grande sensibilidade e eficiência. Seus processos de comando, profundamente sensatos e humanos, dos quais não se afastavam a bondade e a energia, fizeram época. Em

todos esses cargos fez verdadeira obra construtiva. Principalmente, no 3º BC, o seu primeiro comando de corpo de tropa, foi notável sua atuação na melhoria das instalações, do conforto e da assistência, na reparação da Fortaleza de São Francisco Xavier, na criação da granja da Ilha do Boi, etc; e aumentou o prestígio do BC perante a opinião pública, por seu trabalho, apresentação e contribuição para manter a ordem e a tranquilidade públicas. Teve as promoções a Major, Tenente-Coronel e a Coronel, por merecimento.

Em Fernando de Noronha

Em meado de 1943, foi designado para comandar o Destacamento Misto de Fernando de Noronha, tropa constituída de várias unidades das armas e serviços para a defesa do Atlântico Norte, sob ameaça de ataques de forças navais e de forças terrestres do Eixo. Logo depois foi investido, sem prejuízo do comando, no cargo de Governador do Território Federal, então criado. Lá esteve durante um ano, em pleno regime de campanha, enquanto permaneceram aquelas ameaças e sob o peso da responsabilidade e sacrifícios de toda a ordem, pois, além dos encargos civis de criação e manutenção do Território, havia os do comando militar de tropa, cujas condições combativas deviam ser mantidas, apesar do desconforto e da precariedade dos meios. Sob duras provações, o Coronel ARARIPE cumpriu a sua missão, com pleno reconhecimento da parte dos comandados, por sua atuação notória e esclarecida.

No Comando da ID/4 e 4ª RM

Tendo excedido um ano de permanência no Arquipélago, quando o limite máximo era de seis meses, houve por bem o Governo transferi-lo para o comando da ID/4, em Belo Horizonte, função de General. Aí, o Coronel ARARIPE, mais tarde promovido a General-de-Brigada, por seus predicados e serviços, desenvolveu uma proveitosa atividade no preparo da tropa para os contingentes

a serem enviados à Itália, na manutenção da ordem e vibração patriótica nos Estados de Minas, Espírito Santo e Sul da Bahia. No meio da agitação política que se anunciava, conseguiu o General ARARIPE preservar seus comandados das agitações político-partidárias, apresentando-se a tropa federal como um todo coeso e só se manifestando pela voz de seu Chefe. Graças à sua clarividente atuação e à confiança que inspirava em suas relações com as autoridades e com as classes sociais, as modificações políticas se processaram com o resguardo da ordem e da autoridade constituída. Tendo assumido o comando da 4^a RM no momento mais agudo do movimento político, manteve sua tropa, com autoridade, em estado de disciplina e coesão bem compreendidas. Foi nessa época que os amigos do Espírito Santo, tendo à frente o Arcebispo D. HELVECIO DE OLIVEIRA e o Interventor SANTOS NEVES, prestaram 'significativa homenagem ao modesto primeiro General capixaba dos últimos cinquenta anos (Na República só houve um General da ativa do Estado — o General MANOEL RODRIGUES DE CAMPOS, que foi Comandante do Colégio Militar do Rio.

Comandos do CAER, do EME e da 5^a RM

Restabelecida a situação nacional, foi o General ARARIPE no meados sucessivamente comandante do Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo, da Escola de Estado-Maior do Exército Promovido a General-de-Divisão, em 1949, foi nomeado para o comando da 5^a DI e 5^a RM no Paraná. Nesses altos comandos, imprimiu o General ARARIPE um surto novo nos processos de ensino e de instrução, aproveitando a sua velha experiência de passagem pelas Escolas. Aí muito fez pela renovação do Exército, através da doutrinação de uma grande massa de oficiais de Estado-Maior e de tropa, hoje chefes influentes do Exército e responsáveis por sua notável atuação nos quadros da Vida Nacional. Na Escola de Estado-Maior, influiu corajosamente na renovação dos programas, dos processos de ensino e do julgamento dos oficiais-alunos. Interessou esses na apreciação dos problemas nacionais do tempo

de paz. Quando General-de-Brigada e Comandante da Escola de Estado-Maior, foi lembrado para candidato ao cargo de Governador do Estado, em 1946, por ocasião da reconstitucionalização do País. Pareceu-lhe, inicialmente, poder ser útil à sua terra, aceitando esse encargo, mas prevaleceu, no seu subconsciente, o seu apego à carreira a que se dedicou desde a juventude sem discrepância. Abafando a natural vaidade pela honraria, preferiu continuar militar e apenas militar.

No Superior Tribunal Militar

Completando o tempo de comando da 5ª RM, foi o General ARARIPE escolhido pelo Dr. GETÚLIO VARGAS, Presidente da República, em 1952, para Ministro do Superior Tribunal Militar. Surpreendido com a designação, pois nunca lhe ocorrera a possibilidade dessa nova atividade, de que estivera alheado, aceitou os novos encargos com entusiasmo e vontade decidida de acertar. Habituado ao estudo dos problemas humanos e sociais, não lhe foi difícil adaptar-se à nova esfera de cogitações. Os seus doze anos de Juiz - Ministro de foro especial não chegaram a ser uma revelação para ninguém, pois eram por demais conhecidos o zelo, a força de vontade, a cultura e a capacidade de trabalho do General ALENCAR ARARIPE. Lucrou a Justiça com a cultura e o conhecimento humano do Ministro; com o grande interesse do Chefe Militar culto e experimentado pelos problemas de direito castrense, que deparam de ser só apanágio dos bacharéis; com o tino de administrador e de autoridade do eventual Presidente.

Homem de cultura

Foi sempre um aprendiz, um estudioso, apaixonado pelo trabalho intelectual. Desde cedo habituou-se ao manejo das ideias. Suas modestas produções ficaram pelo caminho. Muitas fenerceram mas muitas produziram frutos ótimos. Desde Tenente produziu livros técnicos, úteis à profissão, colaborou em

revistas; publicou, em várias épocas, conferências, monografias sobre a segurança nacional e a História Militar. Foi, durante vinte anos, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, cadeira TASSO FRAGOSO e seu Presidente por quinze anos e por fim Presidente de Honra. Tem publicado além de artigos e monografias diversos: — TASSO FRAGOSO — Um pouco da História do Exército; EXPEDIÇÕES MILITARES CONTRA CANUDOS; A GUERRA DO PARAGUAI (Revue d'Histoire Militaire Internationale); PROBLEMAS DA SEGURANÇA NACIONAL; O FORO ESPECIAL, etc. Frequentou a Escola Superior de Guerra em 1952 e lá cooperou no estudo de vários problemas. Sessenta anos de vivência militar, proveitosos à Nação e ao Exército. Setenta anos de vida honrada e digna — orgulho de sua numerosa prole, filhos, netos; irmãos, parentes, amigos e conterrâneos! Felizmente, sente-se realizado. Glória e honra às veneráveis sombras que lhe deram a mão, nessa longa caminhada. Seus saudosos Pais. Sua primeira Esposa, tão carinhosa e compreensiva. Seus irmãos. Seus filhos e seus netos. Sua segunda Esposa, amparo dos seus atuais passos. Seus mestres do primário, do secundário e superior. E, sobretudo, MARCOS NUNES, TEMISTOCLES SAVIO, MAXIMINO MACIEL, DALTO SANTOS; MIGUEL CALMON, ESPIRIDIÃO ROSAS, MANOEL RODRIGUES DE CAMPOS, ALEXANDRE BARRETO, PIO BORGES, DUQUE ESTRADA e ANTONIO OSORIO. Seus chefes e estimuladores: TOLEDO BORDINI, OUTUBRINO NOGUEIRA, HEITOR BORGES, RAYMOND DUMAY, TASSO FRAGOSO, BAUDOUIN, RENATO NUNES e MASCARENHAS DE MORAES. Seus colegas e colaboradores, que tanto lhe compreendiam, e a todos os amigos que lhe deram as mãos. Grande corte de batalhadores sobre os quais devem recair o pleito da gratidão e do reconhecimento. O Marechal Tristão de Araripe, como presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) produziu vasta obra histórica em sua revista, a qual estamos na FAHIMTB, fazendo um índice de seus autores e assuntos na Coleção incompleta da Revista da Biblioteca da AMAN. Foi oficial ligado a instrução de cadetes no comando do Cel José Pessôa.



Marechal José Pessoa

Foi pensador militar fecundo e introdutor dos tanques de guerra no Exército Brasileiro, depois de cursar o curso de blindados na França. Sua mais marcante atuação como pensador militar foi a de modernizar o ensino na Escola Militar de Realengo e idealizar a Academia Militar das Agulhas Negras e suas mais caras tradições, e assim desenvolver expressivamente a Doutrina do Exército. A condição de Patrono de Cadeira à qual o Marechal José Pessoa foi elevado nesta Academia de História Militar Terrestre do Brasil deve-se, dentre as múltiplas, variadas e notáveis projeções de sua imortal vida e obra de soldado brasileiro, às suas projeções como escritor e historiador militar e como criador de nobres tradições militares consolidadas em nosso Exército e, em especial, as de nossa Academia Militar das Agulhas Negras, da qual ele foi idealizador e cuja concretização foi um compromisso assumido e resgatado pela Revolução de 1930. Pessoa considerou esta obra a maior realização de sua utilíssima vida, conforme declarou ao passar o último dia de sua vida militar na ativa na AMAN. As projeções de José Pessoa, como escritor, historiador e tradicionalista ou simbolista militar do nosso Exército, são pouco divulgadas ou enfatizadas, mas foram fundamentais e, diria, até essenciais para que o marechal comunicasse a públicos mais amplos as suas ideias

e ideais e os mantivesse preservados à disposição, a qualquer tempo, da posteridade, através do seu pensamento militar escrito, ou consagrado nas nobres tradições militares que criou em nosso Exército. Muito do simbolismo das tradições militares que introduziu na AMAN teriam se perdido ou se turvado na letra fria dos regulamentos e da linguagem oficial castrense, se o marechal José Pessoa não tivesse imortalizado suas criações, bem como as motivações cívicas que presidiram suas criações em artigos na Imprensa, e ele assim procedeu em toda a vida relativamente à AMAN e às suas tradições, bem como em outros campos de seu interesse: Escotismo, Pólo, Blindados, Chefes da Cavalaria Brasileira, Ensino Militar, Estradas Estratégicas, Geopolítica, Geografia Militar e finalmente a Nova Capital do Brasil. Assuntos sobre os quais a sua produção literária foi expressiva e, a maioria, de grande atualidade. E não se limitou à Imprensa Militar, tendo utilizado os jornais **O Globo** e o **Correio da Manhã**. Este, o seu predileto, além de expressar seu pensamento em Ordens do Dia nos diversos comandos que exerceu. Umberto Peregrino, um grande diretor da BIBLIE, também intérprete e testemunha da vida e obra do marechal José Pessoa e seu ex-ajudante de Ordens, em artigo “Dimensões do Marechal José Pessoa” na **Revista do Clube Militar – Especial 1980**, enfatizou o gosto do marechal pelas letras e o seu apreço à inteligência, ou melhor, possuir como auxiliares diretores, soldados notáveis e também escritores, historiadores, geógrafos militares e geopolíticos. No projeto da AMAN contou com o concurso do geógrafo militar e geopolítico Cap Mário Travassos, que viria a ser o primeiro comandante da AMAN. Como inspetor de Cavalaria teve como Ajudante de Ordens o Ten Nelson Wernerck Sodré, já crítico literário de o **Estado de São Paulo**, antes de suas vinculações ideológicas com o Marxismo, fatos bem conhecidos. Foi substituído por Umberto Peregrino, escritor e historiador de vocação que, à frente da BIBLIE, estimulou o surgimento de novas vocações de escritores militares, por convidar estes a produzir livros, os quais ele editava. Outro auxiliar que se consagrou na vida cultural foi

o então tenente Manuel Cavalcanti Proença. Segundo Umberto Peregrino, diariamente o marechal José Pessoa escrevia (à noite) sobre assuntos de serviço ou problemas nacionais, entregando pela manhã os seus manuscritos para que seu Aj. O. os “copy-deskasse” e os submetesse à sua aprovação antes do destino final. O General Umberto Peregrino foi consagrado patrono em vida da AHIMTB.

O Historiador e Pensador Militar Marechal José Pessoa

O seu primeiro livro como historiador militar teve como título: **Os tanks na guerra europeia, 1914-18.** (Rio de Janeiro: Cia Albuquerque Neves, 1922). História do uso de carros de combate, assunto que cursara na França e também porque combatera, durante a 1ª GM, em unidade francesa de Cavalaria que possuía carros de combate. Ele seria pioneiro no Brasil no assunto Blindados. Com este livro ele divulgou no Brasil a introdução da nova e poderosa arma de guerra, o carro de combate, que surgira na Batalha do Somme em 1916.

Na **Revista da Escola Militar**, atual **Revista Agulhas Negras**, publicação que ele estimulou e a dotou de verba especial, reconhecendo sua importância, ele publicou:

- **A pedra fundamental da Escola Militar das Agulhas Negras** (nº Especial, 1938).

- **História do Espadim de Caxias, do Brasão das Armas, do Corpo de Cadetes e dos Uniformes Históricos da Escola Militar**” (nº 42, nov. 1939). Neste trabalho, traduz os simbolismos que presidiram as tradições que introduziu na Escola Militar do Realengo.

- **Pantheon de Caxias** - Regresso das cinzas do Duque da Vitória à sua terra natal, nº 43, p.10.

- **Projeto da Capela monumental em Resende** para abrigar os restos mortais de Caxias e ideias sobre as solenidades de translado” (nº 45. out. 1940).

- **Reflexões sobre a formação do Corpo de Oficiais** nº 58, p.38.

- **Conceitos expedidos como presidente da Comissão**

Executiva da Nova Escola Militar nº especial da Revista, jun 1933.

- **Sobre o seu papel na construção da Nova Escola** nº38, p.8.
- **Projeto de uma Escola de Cavalaria em Pirassununga** (nº45, out. 194, p 17). Em seu lugar lá foi construída a Academia da Força Aérea, em 1986, ano de seu centenário de nascimento. E era comandada por seu filho, de mesmo nome. Construída sobre enorme área que ele havia conseguido para sua Escola de Cavalaria.

Aliás, ele pensava longe e grande! O Clube Militar e a Sociedade Hípica da Lagoa devem em muito à sua visão, no que se refere às suas atuais sedes, por ele conseguidas, para não se falar na imensa área da AMAN e da área onde se ergueu Brasília, cuja desapropriação ele conseguiu com o Governador de Goiás, em razão de não ter conseguido com o Presidente Café Filho.

- **Chefes da Cavalaria.** (Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1941). Foi o seu 2º livro. Ele abrangeu o levantamento dos principais chefes da Cavalaria Brasileira, incluindo iconografia, a qual traduziu numa série de quadros que há muito ornamentam o Curso de Cavalaria da AMAN. Galeria a qual enriquecemos com pintura existente na Biblioteca da AMAN, que foi substituída pelo original que conseguimos trazer do Museu Nacional, no centenário da morte do General Osório na AMAN, comemoração que reconstituímos em nosso **General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro.**

Na Revista do Clube Militar

- **Vitória dos Montes Guararapes** (nº 94, 1949, p. 18), onde focaliza a epopeia dos Guararapes, que consagrou seu conterrâneo André Vidal de Negreiros, cujos restos mortais se encontram na Igreja do Parque Nacional dos Guararapes, para onde foram transladados pelo então General João Batista Mascarenhas de Moraes quando comandava a Defesa Territorial do Nordeste na 2ª Guerra Mundial, antes de assumir o comando da FEB.

- **Contra as ofensivas imperialistas dos trusts;**

- **Vitória** nº 87, 1948, p. 19;

- **Pedra fundamental da AMAN** nº 272, 1958, p. 6;

- **A Pedra Fundamental da atual AMAN** (nº 271, 1938), Pedra fundamental que descobrimos em 1978, estando completamente deteriorada a sua caixa de metal e seu conteúdo, por ter sido atingida por um lençol d'água. Antes da ampliação da AMAN, o local onde a encontramos foi balizada por um marco de cimento na forma de um esplendor.

Na Revista Nação Armada

-**“Grandes chefes da Cavalaria”** (nº 12, novembro de 1940). - “Os tanks na guerra europeia – o triunfo da moto mecanização”. (nº 18, maio de 1941).

- **“Resende e a Escola Militar das Agulhas Negras”**. (nº 41, agosto de 1941).

Na Revista Militar Brasileira, atual Revista do Exército

- “O problema da formação do Corpo de Oficiais e os nossos institutos de Ensino Militar” (1942). Merece registro entre suas numerosas Ordens do Dia, a do Dia 17 de dezembro de 1932, no Largo do Machado, no Rio, alusiva à 1ª entrega de espadins, onde ele inicia com estas antológicas considerações: ***“Cadetes, defrontando a estátua do Marechal de Exército Luiz Alves de Lima e Silva, aquele que em vida foi o maior dos generais sul-americanos, acabais de prestar o juramento de recebimento de vosso espadim – arma distintivo que reproduz o saber glorioso do invicto soldado que com atos de sublimada grandeza, esmalhou com resplandor inigualável as páginas gloriosas da história nacional, marcando-a com traços imperecíveis e assinalando o seu nome como o do cidadão que melhor a serviu e mais a estremeceu...”***

O escritor, Historiador e pensador militar Marechal José Pessôa

O Marechal José Pessôa, como escritor, produziu diversos

trabalhos: o primeiro foi no célebre **Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército** em 1916 sobre “*O papel social do Escotismo*”.

Na Revista A Defesa Nacional - “As vantagens do Pólo no Exército” (nº 270, nov. 1936).

Na Revista do Exército: -“Rio São Francisco - problemas e soluções, 1942”. Defendia o Rio da Unidade Nacional como podendo servir de ligação do Norte-Nordeste com o Sul-Sudeste e Centro-Oeste na hipótese de interdição do litoral pelo Nazismo. E em realidade sua visão e conselho confirmaram-se; -“Estrada do Norte” (nº 13, dezembro de 1940), preconizava o uso mais intenso dos rios Araguaia-Tocantins como estrada do Norte do Brasil. Em 1958 publicaria o seu 3º e último livro, que teve por título: - **Nova Metrópole do Brasil – relatório geral de sua localização.** (Rio de Janeiro: Imprensa Militar. 1958). Neste relatório alentado e muito ilustrado, ele traduziu o parecer da **Comissão de Localização e de Mudança da Nova Capital**, cujo nome para ele deveria ser **Vera Cruz** ao invés de Brasília, como viria a ser consagrada 4 anos mais tarde. Em menos de um ano, em 1955, ele apresentou um projeto de **Plano Piloto para a Nova Capital**. A História de Brasília vinha silenciando e até omitindo a sua participação relevante da **Comissão da Nova Capital** que o marechal José Pessoa presidiu, cuja solução ele considerava o problema geopolítico brasileiro nº 2, ao lado do nº 1 – a redivisão do Brasil em unidades harmônicas, hoje uma utopia. Para Umberto Peregrino (op.cit), o marechal José Pessoa e a sua Comissão ligam-se indelevelmente à História de Brasília por duas razões:

1º - As iniciativas que sua Comissão tomou foram decisivas para tornar Brasília realidade em tão pouco tempo. Elas respaldaram “o ânimo indomável do presidente Juscelino”.

2º - O Plano Piloto de Brasília, de Lúcio Costa, coincidiu em linhas gerais com o da Comissão José Pessoa. Esta idealizou uma cidade em forma de cruz (a Vera Cruz) e Lúcio Costa em forma de avião. O Marechal José Pessoa foi consagrado patrono de cadeira da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, por nós fundada em 20 de março de 1996 em Resende no aniversário do

início do ensino acadêmico na AMAN. Tivemos a honra de ser o seu 1ºacadêmico ocupante. Mais tarde, criamos em Brasília, sediada no Colégio Militar de Brasília, a Delegacia da AHIMTB Marechal José Pessoa, para pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a obra do Marechal José Pessoa, relativamente a Brasília, e que vem sendo silenciada. Hoje, ele e o Presidente Juscelino são patronos de cadeira na AHIMTB. Pois Juscelino, como médico Militar da Polícia Militar de Minas na resistência à Revolução de 32, no túnel ferroviário que dava acesso à cidade de Cruzeiro, elaborou relatório dos fatos ali ocorridos. E no Museu da Polícia Militar de Minas, em sua Academia Militar, que visitamos, ele abriga farto material sobre a atuação militar do Cel Médico da PMMG Juscelino Kubitschek de Oliveira.

O criador de nobres tradições militares consolidadas em nosso Exército

Antes da 1ª Guerra Mundial, o então Ten José Pessoa foi distinguido para estagiar no Exército da França, e também em Saint Cyr, o equivalente à nossa AMAN, no Centro de Estudos de Carros de Combate e no 503º Regimento de Cavalaria francesa, unidade de elite que dispunha de carros de combate onde José Pessoa, na paz e depois na guerra, adquiriu preciosa experiência que transferiu para o nosso Exército. Ali, segundo o Gen Aurélio de Lyra Tavares, o Ten José Pessoa teve motivações para alimentar o seu espírito de soldado reformador e criador de tradições militares entre as quais ressaltamos:

- Introdução da tradição do Pólo no Exército, em 13 de maio de 1923, numa disputa dos atuais regimentos Dragões da Independência e Andrade Neves.
- Escolha do General Osório como patrono da Cavalaria, sendo o 1º a assim tratar e consagrar Osório em **Chefes da Cavalaria Brasileira**, cit.
- Ao assumir o comando da Escola Militar do Realengo, tendo nela introduzido profundas reformas em seu ensino militar,

consolidadas em Resende, e as seguintes tradições:

- Criação do Espadim dos Cadetes como arma privativa dos mesmos e cópia fiel em escala do sabre invicto de seis campanhas do Duque de Caxias, o qual se encontra no IHGB desde 1925.

- Restabelecimento do título monárquico de Cadete, abolido com a República, mas agora com o sentido de companheiro mais jovem do oficial.

- Criação do Brasão da Escola Militar tendo nele, já estampada, a silhueta das Agulhas Negras, local para onde a Escola Militar iria se transferir 12 anos mais tarde. No fundo dourado, por detrás das Agulhas Negras, ele simbolizava o sol que brilhava em Itororó, o momento maior de Caxias como líder de combate.

- Criação do Corpo de Cadetes e o seu respectivo Estandarte, que foi entregue solenemente pelo presidente da República Getúlio Vargas, antigo aluno da Escola Preparatória Tática do Rio Pardo (1900/Mai - 1903). Ato imortalizado em pintura na Biblioteca da AMAN.

- Criação dos Uniformes Históricos dos cadetes, como elo entre os exércitos do Império e da República, simbolizando um só Exército. Outra medida com este espírito de unidade foi usar, simbolicamente, para chegar à Escola do Realengo, a antiga carruagem (caleça) que fora usada pelo comandante da Escola na Praia Vermelha, o marechal Polidoro Quintanilha Fonseca Jordão, que se destacara no comando da Escola no Império.

- Introdução da cadeira de Geografia Militar no Realengo, no sentido Geobólica ou de Geografia do Soldado, com vistas aos Estudos de Situação, a mais profunda abordagem do fator da Decisão-Terreno, nos mais variados escalões considerados. Encargos para o qual convidou o Jovem Turco, co-fundador de **A Defesa Nacional**, Capitão de Infantaria Francisco de Paula Cidade, nosso Patrono de cadeira no HGMB e que produziu as valiosas **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**, cuja primeira edição o Cel José Pessoa patrocinou com recursos da Escola Militar. E a segunda foi pela BIBLIEEx. Do Realengo a Geografia Militar foi introduzida na ECEME pelo Capitão Paula Cidade. Este era o

espírito da Geografia Militar trazido por ele da França. Enfim, estudar o fator da Decisão Militar Terreno. Não conseguiu o marechal tornar o Duque de Caxias patrono da AMAN, e ainda que fosse concretizado o seu sonho de servir como **FECHO FINAL** das majestosas instalações da AMAN, a construção de um Pantheon para abrigar as relíquias de Caxias e os seus restos mortais e os de sua esposa – a Duquesa de Caxias. Ideal assim expresso por José Pessôa:

“O monumento a Caxias deve ser retirado para um sítio de plena quietude para que se torne um recanto sagrado e possa ser visitado com recolhimento do Duque de Caxias”.

Foi em 2018 inaugurado na AMAN um Memorial ao Duque de Caxias para o qual não fomos consultado, como biografo de Caxias e do Marechal José Pessôa, presidente da FAHIMTB, o qual não correspondeu ao sonho do FECHO FINAL. Isto contrariando SHERTENTON em sua afirmação de que A tradição é a Democracia dos mortos, ou quando seus sonhos e obras são respeitados pelos vivos, que salvo melhor juízo não foram!

E sobre a tumba da Duquesa de Caxias está a homenagem do patrono do Exército ao seu grande e único amor: *“Nenhum dos atos com que costumam exaltar-me, nenhum, deixou de ser sugerido e inspirado por ela ou por lembrança dela”*. Talvez aí o marechal estivesse, de forma inconsciente, prestando homenagem à sua esposa e grande companheira, a inglesa D. Blanche Mary. Segundo seu biógrafo, o acadêmico da AHIMTB Cel Hiram de Freitas Câmara, em **Marechal José Pessôa. A força de um ideal.** (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1985): *“D. Blanche Mary contribuiu de modo decisivo para os êxitos alcançados pelo marechal José Pessôa”*. Ela deixara o conforto de um bairro elegante londrino, tendo como pai um bem sucedido comerciante da classe média alta, para acompanhar o marido na deserta e então atrasada São Luiz Gonzaga, nas Missões. Os mais de dois séculos de ensino militar acadêmico terrestre no Brasil são balizados pelo **Antes e o Depois** do marechal José Pessôa, tal a marca indelével de sua atuação histórica. Outra tradição firmada que só conseguiu ver triunfar em 1951, foi a atual denominação

Academia Militar das Agulhas Negras, depois de cerca de sete anos chamar-se Escola Militar de Resende. Nesta luta justa foi cometida uma grave injustiça contra o Conde de Resende, **O fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil** ao fundar na Casa do Trem, em 1792, aniversário da Rainha D. Maria I e sob a égide do Regente D. João – **a Real Academia, de Artilharia, Fortificação e Desenho**, destinada a formar no Brasil-Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros. O Conde de Resende que em 1801 fundou Resende, onde desde 1944 funciona a AMAN. Diz uma tradição castrense “*que o chefe nunca erra; que às vezes se equivoca e que quando isto acontece é por culpa única e exclusiva do subordinado*”. Alguém lhe informara que “*O Conde de Resende fora quem assinara a sentença de morte de Tiradentes e que pegaria mal à Escola Militar levar o nome de quem sentenciou Tiradentes à morte*”. Em realidade, quem condenou Tiradentes à morte foi um Tribunal Civil. A sentença foi assinada abrandada pela rainha D. Maria I, a Piedosa, que perdera a razão em decorrência da morte de um filho (Príncipe da Beira) e do marido. E não foi comutada pelo Regente D. João, que poderia tê-lo feito. O Conde de Resende propiciou a assistência de um advogado e uma veste branca com recursos da Santa Casa do Rio, da qual era Provedor. Em nome desta falsa culpa foi tentado mudar o nome da cidade de Resende, só se conseguindo o de Estação Resende para Estação Agulhas Negras.

Esta injustiça contra o Conde de Resende consta de obra de Itamar Bopp “**Resende – Cem anos de cidade 1848-1948**” e de obra histórica sobre a AMAN recém editada, com apoio da Odrebecht, para cuja edição não fomos ouvidos! História é verdade e justiça! Aqui ficamos à vontade para promovê-las. Pois o Conde de Resende é o nosso patrono na cadeira nº 2 da Academia Resendense de História e o Marechal José Pessoa é o nosso patrono de cadeira, que inauguramos nesta Academia de História Militar Terrestre do Brasil, ambas sediadas em Resende. Fizemos amplo resgate da obra do Conde de Resende, que está traduzida na **Revista do Instituto Histórico Brasileiro**, alusiva ao Bicentenário da Inconfidência

Mineira (v. 153, nº 375, abr/jun 1992, pp. 32/43) em artigo “*O conde de Resende, o fundador do Ensino Militar Acadêmico nas Américas do Ensino Superior Civil no Brasil e criador do município e cidade de Resende*”. Ambos, o Conde de Resende e o Marechal José Pessoa, são hoje culminâncias na História do Ensino Militar no Exército desde 1792. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. O Marechal José Pessoa foi consagrado como patrono da cadeira 22 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) por suas projeções, que demonstramos, como historiador e pensador militar, escritor e sobretudo como um tradicionalista ou simbolista militar brasileiro. Pois o acadêmico Gen Aurélio Lyra Tavares, paraibano como ele, amigo e patrono em vida de uma cadeira em nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil, assim o definiu em artigo “*Um chefe que pensava no amanhã*” (**Revista do Clube Militar**, set./out. 1985):

“O Marechal José Pessoa foi sempre, como soldado, um entusiasta dos grandes valores simbólicos (tradições) e materiais que alimentam a chama da carreira das Armas pelo culto dos heróis do passado, como fonte de inspiração do verdadeiro Espírito Militar, o que se observa no traço característico das pregações que dirigia aos seus subordinados, para educá-los na linha do Dever e do Civismo personificados nos exemplos dos grandes chefes, a começar pela figura de Caxias, cujo sabre lhe serviria de símbolo para moldar o espírito dos futuros cadetes do Brasil, na Academia Militar das Agulhas Negras, a grande obra que o imortalizou”.

O marechal José Pessoa forjou seu espírito de soldado na esquecida, mas grandiosa, Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-1911), dentro do espírito do Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do equivocado bacharelismo militar (1874-1905), para o profissionalismo militar, o qual José Pessoa consolidaria no Regulamento de 1944 na AMAN. Em realidade foi a Escola de Guerra de Porto Alegre, no Casarão da Várzea – o celeiro de chefes que consolidaram a Reforma Militar 1897-1945, conforme demonstramos em nosso livro **História do Casarão da Várzea 1885-2008**, atual caserna do CMPA, em parceria com o Cel Luiz

Ernani Caminha Giorgis, prefaciado pelo grande ex-comandante da AMAN Gen Bda Marco Antônio de Farias e ex-Diretor da DEPA. E orelhas de autoria do acadêmico da AHIMTB Gen Ex Paulo César de Castro, então chefe do DEP (atual DECEEx). Ao leitor interessado nas demais projeções da vida e obra deste grande brasileiro indicamos as seguintes obras, editadas em seu centenário em 1975, que ampliam nossa abordagem:

- CÂMARA, Hiram de Freitas. **Cel Marechal José Pessoa - a força de um ideal.** Rio de Janeiro: BIBLIE, 1985. Contém depoimentos de testemunhas e subsídios ao final, vários de nossa lavra.

- FONTES, Arivaldo Silveira, Cel Prof. **AHIMTB – Posses de Acadêmicos 1996-1997.** Brasília: SENAI, 1978. Cadeira 22.p.129-140.

- REVISTA DO CLUBE MILITAR - Edição Especial Mal José Pessoa, set/out. 1985 (Artigos dos generais José Pessoa (reprodução), Aurélio de Lyra Tavares, Sylvio Frota, Tasso Vilar de Aquino, Geraldo Knaack de Souza, Umberto Peregrino, Flamarion Pinto de Campos, João Baptista Peixoto e Cel Cláudio Moreira Bento). *“O homem é eterno enquanto sua obra for lembrada ou permanecer”!* Temos certeza que isto está ocorrendo com o idealista e patriota Marechal José Pessoa. Chefe que, tendo mil motivos para justificar a não concretização de suas realizações, arrumou mil motivos para levá-las avante. E temos igualmente certeza de que a eternidade de sua obra será ajudada pelos seus escritos.



General Francisco Paula Cidade

**PAULA CIDADE, UM SOLDADO E ESCRITOR A SERVIÇO
DO PROGRESSO DO EXÉRCITO (1883-1968)**

A História estuda o Passado, para se entender o Presente, para melhor se planejar o Futuro em condições realistas. Esta abordagem reverencia a Memória do maior e mais profícuo historiador do Exército de seu tempo, o General de Divisão Francisco de Paula Cidade, cuja obra paira sobre o Exército Brasileiro, qual Estrela de raro brilho e ponto obrigatório de visita de todos os integrantes do Exército, com vocação e aptidão para se dedicarem as atividades relacionadas com a História Operacional e Institucional do Exército. Visita obrigatória, com vistas dela retirar subsídios de valor à disposição da instrução dos Quadros e Tropa do Exército Brasileiro e desenvolvimento progressivo da sua Doutrina, genuína, sonho manifesto pelo Duque de Caxias em 1861, Patrono do Exército e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) como Chefe do Gabinete de Ministros e Ministro da Guerra, no contexto da Questão Christie, ocasião em que a adaptou às realidades operacionais sul-americanas que ele vivenciara em 5 campanhas vitoriosas em que comandou o Exército Brasileiro, à

Doutrina do Exército de Portugal, de influência inglesa, voltada para as realidades operacionais da Europa. Recordemos sua vida e obra a serviço do Progresso do Exército.

Dia 22 dezembro 1983. Assinala 132º aniversário de nascimento do porto alegrense General Francisco Paula Cidade. Oficial de Infantaria e de Estado-Maior de escol, além de bem sucedido comandante de Unidades e de Grandes Unidades, na paz e em ações de guerra interna e externa, e que foi apontado aos Cadetes, em 1955, em Ordem do Dia na AMAN, como um exemplo de oficial a ser seguido.

Paula Cidade hoje reverenciado pela FAHIMTB, como patrono de cadeira e de Delegacia da FAHIMTB em Gramado-RS, devotou o melhor de suas energias, patriotismo, idealismo e inteligência para o progresso do Exército, a ponto de ser punido disciplinadamente por lutar pelas ideias hoje vitoriosas – a retirada do Exército do encargo de guardar repartições fazendárias e a exigência de arregimentação na tropa, como condição de promoção, costumes que comprometiam seriamente a operacionalidade do Exército, no início do século.

Participou ativamente, como oficial de Infantaria, “tarimbeiro” e de Estado-Maior e escritor especializado em assuntos militares, da Reforma Militar, cujos lances principais imortalizou indelevelmente em sua obra literária. Assim, foi co-fundador e redator da **Revista dos Militares**, fundada em Porto Alegre em 1912 e da **Defesa Nacional**, fundada no Rio, em 1913, junto com outros “**jovens turcos**”. Revistas que na época tiveram papel relevante na formação e difusão da moderna corrente do pensamento militar terrestre brasileiro. Pensamento que ajudou a arrancar o Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados na Revolução Federalista 1893-95 e Guerra de Canudos, 1897, aos modernos padrões alcançados pela FEB, na Itália. Força que fez muito boa figura ao lutar, lado a lado, ou contra representações dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa Ocidental na 2º Guerra Mundial. Como escritor militar voltado fundamentalmente para a História Militar, desde os tempos da Escola Preparatória Tática

do Rio Pardo, em 1902 e até 1967, ou por cerca de 65 anos, foi o quem produziu em seu tempo a obra literária militar mais alentada e variada, além de pioneiro .entre nós em Geografia Militar. Foi, até falecer em 1968, aos 85 anos, o maior intérprete da evolução da doutrina, do pensamento e do processo histórico militar brasileiro. Até o presente foi o único geógrafo e sociólogo militar terrestre brasileiro, de fato.

Egresso da Escola de Guerra, em 1908, em plena crise provocada pelo Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do ensino militar, de bacharelismo para profissionalismo militar, o Aspirante Paula Cidade, carente de conhecimentos militares modernos, foi juntar os seus esforços a ofícias com cursos na Alemanha , formando o grupo chamado “**jovens turcos**” e, desde então, dinâmicos da modernização do Exército e a qual se juntaram, pouco a pouco, outras expoentes da classe, tudo sob a égide de destacados chefes do Exército da época. Paula Cidade foi professor de História e Geografia Militar da Escola Militar, durante o memorável comando do então Coronel José Pessoa, o idealizador da AMAN e, a convite desse chefe, para “ajudá-lo a carregar a sua cruz”. Desse contato guardou as melhores recordações de seus cadetes e estes de sua figura marcante de mestre e exemplo de profissional militar. Foi introdutor de Geografia Militar na Escola Militar, Escola do Estado-Maior e depois em diversas incursões na Seção de Geografia e História do EME, como adjunto e chefe. Exerceu a chefia de Gabinete da então recém criada Secretaria Geral do Ministério da Guerra, sob chefia de seu amigo desde o Rio Pardo, o General Valentim Benício, ao qual substituiu diversas vezes num período de realizações culturais memoráveis daquela repartição. Como profissional militar de escol e de profissão de fé legalista, Paula Cidade encerrou sua carreira em ações de guerra, no Norte, como Comandante da 8.º RM, encarregada da proteção da Base Aérea de Val de Cans, próxima do Canal do Panamá e ponto de passagem obrigatório, junto com o Amapá e com Natal, no Saliente Nordestino, das comunicações militares aéreas americanas com a África e a Europa e, finalmente, como

coroamento, a função de membro do Conselho Supremo de Justiça da FEB. Ao despedir-se de seu chefe, amigo e também gaúcho, o então General Mascarenhas de Moraes, ouviu dele estas palavras proféticas: **“Cidade, vamos partir para a maior aventura de nossa História Militar”**. Como escritor militar, encerrou sua carreira na Ativa, na presidência da Biblioteca do Exército. Sua obra literária voltada para o progresso do Exército, continua a produzir seus benéficos efeitos. E, por muitos e muitos anos, será difícil alguém estudar História, Geografia e Sociologia Militar Terrestre Brasileira e a História do Exército como instituição de 1902-1966, sem beber a sabedoria específica na obra de Cidade. Não foram fáceis a vida e as dificuldades de Paula Cidade como escritor e soldado, para provar que: **“Não cora o livro de ombrear com o sabre e nem cora o sabre de chamá-lo irmão”**. Mas, como sentenciou o General Jonas Correia, patrono de Cadeira na FAHIMTB, e por quem fui honrado receber-me como sócio dos Instituto de História e Geografia Militar de Brasil (IGHMB) do qual foi o seu maior presidente, e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, (IHGB): **“A vitória da inteligência é o selo da posteridade. E aí estão seus livros, a prová-lo!”** Livros publicados, para não referir a sua obra inédita. Em 1980, o mesmo General Jonas propôs o teve aceita proposta de eleger o General Paula Cidade, patrono da Cadeira 88 do Instituto de Geografia e História do Brasil que ele tanto honrou e prestigiou em vida. Cadeira que me coube por escolha e aprovação do Instituto inaugurar como seu primeiro ocupante, em razão de afinidades espirituais, culturais e profissionais com aquele ilustre soldado e escritor, nosso co-estaduano que aprendemos a admirar desde o primeiro contato com sua obra literária militar terrestre brasileira, ímpar.

INFÂNCIA, MENINICE E JUVENTUDE EM PORTO ALEGRE

Cidade nasceu e viveu sua infância, meninice e juventude próximo ao Quartel General em Porto Alegre. Ali, aos dez anos foi tocado pelo desejo de ser soldado, ao testemunhar as movimentações da Revolução Federalista e contemplar os alunos

militares do histórico Casarão da Redenção e atual Colégio Militar de Porto Alegre, cuja História resgatamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis na obra **História do Casarão da Várzea**: Resende: IHTRGS/AHIMTB, 2009.

Entre a carreira de advogado, sugerida pela mãe, e a de soldado, ele destinou-se a esta, com apoio de seu padrasto e grande amigo para o resto da vida. Aos 11 anos, no curso da Revolução Federalista, de família modesta, iniciou a trabalhar na Livraria Americana, onde tomou contato com o mundo encantado dos livros. Deixou este emprego aos 13 anos, logo depois da Revolução Federalista, por não sujeitar-se aos maus tratos de seu patrão.

Dos 13 anos aos 15 anos, de 1896 a 1898, foi caixeteiro de uma loja de sapatos, das 06.00 às 20.00h. Discretamente, aproveitava o intervalo do almoço para estudar Português e Matemática, com o professor Ildefonso Gomez. Depois das 22 horas fazia as lições e lia poesias e literatura. Daí em diante e até um ano antes de falecer, ligou-se com paixão à Literatura Militar Brasileira, que teve como rival a sua paixão pelo Exército e seus destinos que ele ajudou a alicerçar como soldado reformador e historiador militar festejado.

NA CARREIRA DAS ARMAS

Em 15 de abril de 1902, Cidade sentou Praça no Exército como soldado nº 165, da 2ª Cia, do 25º Batalhão de Caçadores, com quartel na Praça do Portão, em Porto Alegre e na condição de ouvinte da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo. Nesta cidade castrense, “A Tranqueira Invicta”, ele ficou até setembro de 1903, da sua transferência da Escola para Porto Alegre. A recepção naquela capital foi agradecida em oração do aluno gaúcho Raul Silveira de Mello, patrono de cadeira da FAHIMTB, o único sobrevivente da Escola do Rio Pardo, que faleceu com mais de 100 anos e consagrado como o historiador militar da Fronteira Oeste, cuja obra completa foi reeditada pelo Estado de Mato Grosso do Sul da qual recebemos exemplar através do Instituto Histórico de Mato Grosso do Sul e esta disponível na FAHIMTB. Pelo General

Raul Silveira de Mello, Paula Cidade nutria admiração especial por suas qualidades excelsas de homem e de cristão. Mais tarde, Cidade recordou os alunos que passaram pelo Rio Pardo a sua época, cujas obras tiveram tão grande projeção nos destinos do Brasil ou do Exército, como os ex-presidentes Getúlio Vargas e Eurico Dutra, General Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, Valentín Benício, Sérgio Ari Pires e Pantaleão Pessoa, seus amigos desde o Rio Pardo, e Bertoldo Klinger – amigo do peito e seu compadre e padrinho de seu 2º casamento, além de Cesar Obino, Amaro Soares Bittencourt, João Mendonça Lima, Emílio Lúcio Esteves, Francisco José Pinto, Regueira e outros personagens que recordamos na obra em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis **Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911**, Porto Alegre: Genesis/IHTRGS/AHMTB, 2005.

NA ESCOLA DE GUERRA EM PORTO ALEGRE

Cidade foi colhido em Porto Alegre, na Escola Preparatória, pela crise militar provocada pela Revolta da Vacina Obrigatória da Escola Militar da Praia Vermelha em 1904. Crise que provocou o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo para profissionalismo militar, depois do fechamento e extinção da Escola Militar da Praia Vermelha, recriada com o nome de Escola de Guerra em Porto Alegre, onde passou a funcionar de 1906 ate 1911. Naquela época, a oficialidade do Exército dividia-se em científicos e tarimbeiros (ou troupier).

Os primeiros, egressos da Escola Militar da Praia Vermelha como bacharéis em Ciências Físicas e Matemáticas e sem conhecimentos práticos, visando a operacionalidade do Exército, evitaram com raras exceções a Tropa, mantendo-se em funções técnicas e administrativas.

Os tarimbeiros, mais numerosos, não possuíam cursos. Fizeram carreira na Tropa com base em lei de 1860. Estes eram complementados por 300 ou 400 alferes, antigos sargentos comissionados naquele posto na Revolução de 93 e confirmados

pelo Congresso. A Revolta da Vacina Obrigatória de 1904, de cunho político positivista, provocou a maior revolução doutrinária e filosófica no Exército e que Paula Cidade assim assinalou:

“Em 1906 a Escola de Guerra recebeu uma avalanche de alunos anistiados da extinta Praia Vermelha e passou a ser comandada por um coronel de Infantaria ao invés de engenheiros, como era tradição. Foram construídos no meio do pátio do Casarão da Redenção dois pavilhões em madeira com 4 salas de aula. O critério de promoção a Aspirante a Oficial, posto então criado, passou a ser o do mérito intelectual e não o da antiguidade. Houve muita improvisação, até externato por falta de espaço.”

Mais a verdade é que ali, no Casarão da Redenção, se processou, de 1906-11, a grande e benéfica revolução no Exército, visando a orientar seu Ensino para a operacionalidade e Defesa Nacional. Cidade assistiu e documentou nestes termos a instalação da Escola da Aplicação, paralela à da Escola de Guerra:

“Os instrutores eram dedicados e compreensivos, mais não puderam dar o que não haviam recebido. Nenhum sabia desenvolver um tema tático sobre uma carta, prática velha na Europa e há muito em uso na Argentina, que havia contratado instrutores alemães de alta capacidade e renome. Os regulamentos em vigor estavam próximos da Guerra do Paraguai.”

Cidade, na Escola de Aplicação, estudou topografia prática, fotografia, esgrima, escrituração militar, serviço em campanha (casos esquemáticos) e telegrafia Morse. Apesar de assinalar graves defeitos e falhas na Escola de Guerra e seu complemento, a Escola de Aplicação, as achou obras de importância transcendental, nascidas de uma crise política – a Revolução da Vacina Obrigatória de 14 de novembro de 1904.

Escreveu sobre isto:

“Esta arrancada inútil da mocidade militar trouxe em seu bojo consequências extraordinárias, positivas e duradouras, através de medidas que exigiram meio século para serem adotadas

como a de formar-se soldados e não doutores.”

Das três turmas saídas as Escola de Guerra, segundo Cidade, cerca de 1/3 de integrantes preferiram a vida na tropa. Estes se fizeram instrutores de si mesmos. Depois uniram-se a oficiais com curso na Alemanha e formaram um grupo idealista reformista que fundou a revista a **Defesa Nacional** e passaram á História , como “**jovens turcos**”.

O ASPIRANTE E TENENTE, REFORMADOR MILITAR “JOVEM TURCO”

Em Janeiro de 1909, em cerimônia interna simples no pátio do Casarão da Redenção, sem festas, e madrinhas de espada, Cidade e seus companheiros foram declarados aspirantes, com a simples leitura do Boletim. A seguir, em coluna por dois, ao comando do Ajudante, atravessaram o Parque da Redenção (Várzea) e foram apresentados ao Comandante do agora 25.º Batalhão de Infantaria, na Praça do Portão,unidade a que pertencia. Sua espada custou a metade de seu soldo. Os uniformes de aluno foram aproveitados. Fazê-los novos era um luxo na época. Sua primeira e difícil missão foi ajudar a conduzir um grupo de soldados de mau comportamento, transferidos do Rio, de Porto Alegre a Cruz Alta, numa viagem cheia de peripécias que relata em suas **Memórias**. Paula Cidade e outros nomes egressos das citadas escolas iriam se associar aos oficiais com curso na Alemanha, para promoção da Reforma Militar. E como reformador atuou muitas vezes no tablado, como instrutor ou professor, e através de seus escritos profissionais publicados nas **Revistas dos Militares**, de Porto Alegre e **Defesa Nacional**, das quais foi co-fundador, redator e colaborador destacado. Sua primeira missão de instrutor foi em Cruz Alta, em 1909, como instrutor dos soldados da Unidade de Infantaria. Em 1910, foi instrutor militar da Escola de Engenharia de Porto Alegre, iniciativa de professores da Escola de Guerra de Porto Alegre, assunto que abordamos na obra citada **História do Casarão da Várzea**. Em 1913, no 2.º Regimento de Infantaria no Rio, inventou e publicou na

Defesa Nacional um sistema de sinalização de fácil aprendizagem que foi aprovado pelo Ministro da Guerra. Na mesma época editou a obra com 73 folhas **Noções e Problemas de Leitura de Cartas**, segundo ele: “**Problemas até então desconhecidos pela imensa maioria dos oficiais e inspirado em obras alemãs de Tática**”.

Em 1917, de volta a Porto Alegre, foi preso por 8 dias, pelo Comandante da Região, por um artigo técnico da **Revista dos Militares**, no qual fazia uma crítica doutrinária à luz de doutrina alemã em vigor. Como comandante de Companhia, cultivou a Ordem Unida, como verdadeira escola da Disciplina. Orgulhava-se de haver conseguido movimentos de armas comparáveis às da Infantaria Alemã. Tornou o manejo de armas um esporte onde selecionava os mais aptos para instruírem os menos aptos e assim nivelar a aprendizagem. Aliás, ideia hoje vigorante no Exército, ao lado das “de aprender fazendo e de buscar atingir níveis de operacionalidade cada vez mais elevados”. Dava muito ênfase à Instrução de Tiro. Como reformador, no posto de 2º tenente, lutou pela extinção do serviço de escala à Alfândega e Delegacia Fiscal que tantos prejuízos causava ao adestramento da tropa, bem como pela arregimentação, como condição de promoção, mesmo por antiguidade, recorrendo para isto a Pandiá Calógeras, no primeiro caso, e a Olavo Bilac, no segundo. A segunda medida empunha-se para evitar o abandono dos corpos de tropa do interior, de parte dos oficiais. O preço de sua interferência e para seus colegas que assinaram o memorial sobre o assunto foi de 30 dias de prisão. Daí por diante, foi impossível fazer-se carreira militar sem nunca entrar num quartel. Em 1921, como aluno da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), testemunhou fato histórico de grande projeção na Reforma Militar – a inauguração dos trabalhos da Missão Militar Francesa (MMF) naquela escola, com a presença do Ministro da Guerra Pandiá Calógeras. Ali trabalhou exaustivamente com temas táticos sobre a carta da Vila Militar. Conquistou o direito de ingressar na ECEME sem concurso, além de apto a preencher as funções de instrutor. Depois da Revolução de 30, já no posto de Capitão, foi professor de Geografia Econômica Militar na ECEME

(conferencista) e de História e Geografia Militar na Escola Militar no comando do Coronel José Pessoa. Em todas as guarnições por onde passou, pronunciou conferências sobre assuntos de sua especialidade. Sua narrativa prendia a assistência pela simplicidade, objetividade, boa dicção e densidade.

O OFICIAL DE ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Depois de cursar a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) e a Escola de Comando e de Estado-Maior do Exército (ECEME), esta com sua sede no quartel do atual 1º Batalhão de Polícia do Exército na Tijuca, foi estagiar na 2ª Seção do Estado-Maior do Exército (EME) a partir de 1924. Havia cursado aquela escola sob orientação da Missão Militar Francesa que não entrou no EME, da qual era consultora em assuntos de Instrução Militar. Foi estagiar na 2ª Seção e aprendeu lições de Informações Militares, valiosas para a sua vida, conforme registrou em suas **Memórias**. Seu trabalho foi interrompido de 13 de julho a 06 de agosto, 1924 quando atuou em São Paulo, na Revolução de 24, no eixo Santos-São Paulo, como Subchefe de Estado-Maior de um destacamento organizado por seu amigo Major Euclides de Figueiredo, como oficial de Gabinete do Ministro General Setembrino de Carvalho e com enormes dificuldades. Destacamento ao comando do General Carlos Arlindo, que partindo de Santos conquistou sucessivamente a região do Monumento Ipiranga, Vila Mariana e Avenida Paulista. Combateu no destacamento do General Carlos Arlindo, o Coronel Pedro Dias Campos, patrono de cadeira especial da FAHIMTB Comandante da Força Pública de São Paulo que se mantivera fiel à legalidade. Sobre ele escreveu Cidade:

“Era um homem moreno de pequena estatura, tipo de militar japonês, dados os traços mais marcantes de sua fisionomia. Mais tarde eu havia de admirar nele um dos exemplares mais completos de soldado com que defrontei naqueles dias amargos.”

Pedro Campos fora coadjuvante destacado da Missão Militar

Francesa, na Polícia Militar de São Paulo. Foi um dos mais marcantes comandantes daquela então Força Pública, além de historiador militar brasileiro de expressão nacional. Cidade descreve com muito realismo, em 54 páginas de suas **Memórias**, o seu batismo de fogo naquela Revolução. Elas encerram preciosos ensinamentos do ângulo profissional militar, por marcarem a diferença da doutrina militar, na prática e na teoria. É a maior contribuição contida em suas **Memórias**. Destacou a importância do tiro direto da Artilharia no combate em localidades, e apoio à Infantaria. Registrhou, então, um consumo exagerado de munição, disparos durante a noite, sem motivo. Concluiu que o soldado assim procedia por medo e como medida preventiva de uma possível ação sobre sua posição. Enfim, uma tentativa caríssima e irresponsável de espantar o inimigo, e incontrolável. É uma consideração que deve ser levada em conta pelos futuros comandantes de ações semelhantes. Outro costume era o de os soldados exagerarem qualquer movimento em torno de suposição, provocando a montagem desnecessária e desgastante de patrulhas. Este costume diminuiu ao se obrigar quem disse que viu algo anormal, a participar das operações, visando confirmar suas suspeitas. Ali mais uma vez confirmou-se o dito popular: "Em tempo de guerra, a mentira é como terra".

Em 1930, retornou ao Estado-Maior do Exército, chefiou a sua Seção de História e Geografia Militar, dirigiu a **Revista Militar Brasileira** e lecionou na ECEME e Escola de Intendência, onde o colheu a Revolução de 30.

Foi então destacado para chefiar o Estado-Maior do Destacamento do General Tourinho que deveria operar contra os revoltosos em Minas Gerais, no eixo Rio-Juiz de Fora - Remonta - Belo Horizonte. O General Tourinho, seu comandante, havia opinado contra a guerra de destacamentos. Foi a favor de lançar a 1^a Divisão de Infantaria que comandava, a melhor dotada e instruída, contra Minas e Rio Grande do Sul, para bater por partes as forças revolucionárias.

As **Memórias** de Paula Cidade sobre a Revolução de 30 são ricas em ensinamentos profissionais. Dentre os fatos que testemunhou

merecem registro: Primeiro, a comunicação de seu comandante de que iria agir por conta própria, como na Revolução do Contestado:

“Nada de guerra à francesa, com apoio em cartas topográficas, mas sim com apoio em vaqueanos, dos quais iria organizar um Corpo muito bem pago.”

O Destacamento que Paula Cidade foi Chefe de Estado-Maior foi batido na Remonta, em 22 de outubro, onde possuía seu centro de resistência. O segundo caso é o do Aspirante Amilcar Dutra de Menezes que resistiu à interferência familiar de retirá-lo da frente de combate e do convívio de seus soldados, que ele liderava pelo exemplo e com os quais convivia com risco de vida. E narra Cidade:

“Fiz-lhe a vontade. Voltou para seu pelotão e para a linha de fogo. Mais tarde, quando o Destacamento se esfacelou e a disciplina começou a periclitar por toda parte, este mesmo Aspirante veio procurar-me. Queria que eu visse o seu Pelotão que estava pronto a cumprir qualquer ordem. Dirigi-me a seu Pelotão. Na sombra e na melhor compostura militar o Pelotão repousava. Algumas garrafas de guaraná espalhadas pelo chão. Os soldados levantaram prontamente à minha chegada como se fossem imunes ao alvoroço que ia em torno deles. Aquela gente suja, roupa maltrapilha pelos longos dias passados às intempéries, sob influência de um pequeno escalão, conservara a força moral e a coesão em toda plenitude. Não desagregara, porque sua coesão fora cimentada pelas qualidades de liderança de seu comandante imediato!” Isto comoveu muito o soldado Paula Cidade! Em 28 de outubro de 1930, após dissolvido, o Destacamento de que fora Chefe de Estado-Maior, Cidade apresentou-se ao EME onde foi acolhido pelo Ministro General Leite de Castro que junto com o Chefe do Estado-Maior do Exército General Augusto Tasso Fragoso, o protegeram de uma reação revolucionária. Ali continuou na Chefia da 5º Seção (História e Geografia) até 24 de abril de 1932. Em 23 de junho de 1936, retornou ao Estado-Maior, como Chefe da 1ª Subseção da 3ª Seção, encarregada de elaborar Planos de Operações e um anteprojeto para o Colégio Militar. Nesta ocasião aprofundou estudos históricos que resultaram no

clássico **Lutas no Sul com espanhóis e descendentes**. Permaneceu desta vez no EME até 25 de dezembro de 1937. Foi elogiado nos seguintes termos ao ser transferido para a 5ª Seção: **Oficial culto e inteligente. Confirmou o bom conceito que é tido no Exército. Além de seus trabalhos normais deu desempenho de trabalho de outras seções que lhe foram confiadas.**" O depoimento desse período em suas **Memórias** é relevante.

Nessa época Cidade mantinha muito boas relações de amizade com dois antigos colegas de Escola Tática do Rio Pardo: o General Dutra, Ministro da Guerra e o Coronel Mário Ari Pires, do Conselho de Segurança Nacional, ambos ligados funcionalmente ao Presidente Vargas, também seu contemporâneo no Rio Pardo. A sua derradeira ação como oficial de Estado-Maior foi a de Chefe de Gabinete da Secretaria Geral do Exército, então recém-criada, onde teve como chefe, seu amigo desde a Escola Tática do Rio Pardo – O General Valentín Benício, patrono de cadeira da FAHIMTB. Estas funções Cidade as exerceu por cerca de 4 anos, como Coronel, de 03 de Jan 39 a 16 Mar 42. Sobre Benício escreveu Cidade:

"Sua competência e capacidade de trabalho merecem ser registradas. Ele realizara verdadeiro milagre ao planejar e organizar em poucos meses uma repartição ao nível de tão grande complexidade. O segredo se seu êxito consistia em bem escolher seus auxiliares." Cidade liga-se a todas as grandes realizações da Secretaria Geral do Exército, particularmente as de natureza cultural, no período 1939-1941. Ele por diversas vezes a dirigiu interinamente. Registra eternamente esses grandes momentos da Secretaria Geral os **Anais do Exército Brasileiro 1939-41**, uma das mais preciosas fontes da História do Exército, interrompidos com a saída da Cidade para outra função. Foi dinamizada a BIBLIE, reorganizada em 38 por Valentín Benício e inspirada na Biblioteca de Oficial do Exército Argentino, com dois objetivos:

"- Editar obras de preferência de integrantes do Exército e Colocar à disposição dos oficiais do Rio sua coleção de livros."

Segundo Cidade, a BIBLIE - **"Foi marco no desenvolvimento**

da cultura no Exército; - facilitou aos militares a publicação de seus livros e abriu novos caminhos ao pensamento militar brasileiro.” Foi na BIBLIE, na condição de seu Presidente que, Paula Cidade exerceu suas últimas funções na Ativa, de 12 Jul 45 – 05 Jul 48, pelo espaço de três anos.

O COMANDANTE DE UNIDADES DE INFANTARIA

Cidade comandou duas unidades de Infantaria. A primeira como Major no ano de 1935, durante a Guerra do Chaco o 19º Batalhão de Infantaria em Corumbá. A segunda, como coronel no ano de 1938 – o 12º Batalhão de Infantaria, então como sede em Juiz de Fora. Em Corumbá teve a missão de garantir e manter a neutralidade brasileira, ao longo de uma linha de fronteira de 700 a 800 km, na frente da qual, paraguaios e bolivianos travavam a Guerra do Chaco. Chegou a Corumbá a bordo do “Fernandão”. Assumiu o comando em 5 Mar 1935. Lá encontrou “**Oficialidade excelente com as raras exceções de sempre e problemas de disciplina entre os soldados recrutados nas ruas de cidades do Nordeste, organizados em bandos no quartel. Ele os enfrentou e os venceu com firmeza, doçura e determinação. Contornou as agitações comunistas do ambiente. Foi aos poucos apertando os parafusos da disciplina, cuidando para não fazê-los demais e espanar a rosca**”. Conseguiu bons resultados dando o exemplo; estabelecendo regime de instrução severo, cuidando do bem estar de seus soldados; expulsando os incorrigíveis e bem administrando a Justiça Militar. Para tal recebeu o apoio moral e material de seu comandante, General Pedro Cavalcanti. Administrativamente saneou os alojamentos de percevejos e combateu indícios de desonestidade, principalmente no rancho, onde fez um rodízio nos postos chaves. Em face das revoluções anteriores, a Carga Geral estava na maior desordem, fato que exigiu dele medidas saneadoras rigorosas. Assim, sua ação de comando pode ser resumida: disciplina; instrução; bem-estar da tropa; moralidade e ordem administrativa. Naquele tempo, enquanto bolivianos e

paraguaios lutavam do outro lado, Corumbá era um centro de luta secreta entre agentes daqueles países. Face a indícios de invasão do Brasil pelo Paraguai para um ataque de flanco à Bolívia, fez a seguinte consulta ao seu comandante de Região:

“Caso forças paraguaias invadissem o Brasil, manobrando contra flanco colombiano, encaro três soluções:

1º - Cubro Corumbá e seu porto e aguardo a ação da 9º Região Militar.

2º - Ligo-me aos bolivianos, regulando minhas ações pela deles, prolongando sua esquerda.

3º - Ataco os invasores unicamente com meu Batalhão, caso haja invasão. Caso a presente consulta não tenha sido solucionada adotarei a 3º solução. “O curioso é que no debate dessa 3º solução houve um capitão que protestou com veemência: **“- A 3º solução será a repetição de Dourados. Não quero dar uma de Antonio João!”** Antes da Intentona Comunista, segundo assinalou Cidade, um grupo de prisioneiros bolivianos comunistas que haviam aderido ao Paraguai contra o seu país, planejou conquistar Puerto Suarez, foco de funcionários civis e militares bolivianos pertencentes ao Partido Comunista. O desempenho de seu comando é traduzido pelo elogio de seu comandante:

“Expressiva figura de relevo profissional e moral do Exército. Brilhante oficial de Estado-Maior, já se tem feito notar por sua iniciativa na solução de várias questões relativas à Instrução.”

Em 1976, como oficial do Estado Maior do 2º Exército tivemos a oportunidade de visitar o 17º Batalhão de Caçadores e o prazer de conseguir o retrato de Paula Cidade para a galeria daquela OM, bem como a do General Tertuliano Potiguara, herói do Contestado e da 1ª Guerra Mundial e denominação histórica da 5ª Brigada de Cavalaria Blindada em Ponta Grossa-PR. Cidade foi muito feliz. Deixou o 17º Batalhão de Caçadores realizado profissionalmente por sabê-lo reorganizado, disciplinado e instruído. Como sempre acontece em tais casos, deixou seu Batalhão emocionado – **“Aproximei-me da tropa em forma fazendo lhe um aceno com a mão, como um pai que, chocado pela partida, se despede dos**

Filhos sem dizer-lhe uma palavra!" E esta sensação se repete anualmente com tenentes-coronéis e coronéis do Exército. É uma emoção muito forte e muito marcante na carreira!.Cidade comandou o 17º Batalhão de Caçadores de 5 de maio de 1935 a julho de 1936. Em 25 de janeiro de 1938 assumiu o comando do 12º Regimento de Infantaria, em Juiz de Fora, e atualmente em Belo Horizonte. E escreveu: **"Contei com admiráveis oficiais e sargentos. Encontrei com surpresa, ali naquele recanto de Minas Gerais, uma organização modelar onde tudo funcionava com a regularidade de um mecanismo de relojoaria.** "Assim, o esforço de Cidade foi conservar e completar as partes ainda em fase de estudos. Ali tudo estava em ordem e em dia. Fez um grande esforço para melhorar a comida dos praças, encontrando reação do aprovisionador – um oficial comissionado de 30, que teimava em afirmar: **"De acordo com o regulamento, o comandante não tem nada haver com o rancho."** O mencionado oficial teve de afastar-se do rancho por ter sofrido fratura da bacia, em consequência de uma queda quando domava seu cavalo. Afastado por um acidente de função, o seu substituto deixou o rancho como o velho Coronel Cidade gostava:

"Comida boa, farta e variada e servida em equipamento compatível."

NO COMANDO DE GRANDES UNIDADES

Paula Cidade durante a II Guerra comandou e organizou a Infantaria Divisionária da 9ª Região Militar (ID/9) em Corumbá, **"A cidade branca e rainha do rio Paraguai"**, durante seis meses de juldez de 1942. Logo depois foi a 8ª Região Militar, com sede em Belém, a partir de 15 de Mar 43, por cerca de um ano. Em Corumbá, além da sua missão profissional normal, deixou em suas **Memórias** valiosas informações sobre aquela fronteira. Coordenou ação comunitária visando a reduzir os mosquitos que infestavam Corumbá. Coibiu abusos em relação aos súditos do Eixo e seus patrimônios, evitando fatos lamentáveis ocorridos noutras partes. Fundou e

foi o primeiro presidente da **Sociedade dos Amigos de Corumbá**. Ao ser promovido a general, a cidade agradecida em um gesto de generosidade, reconhecimento e amizade, ofertou-lhe a espada de ouro de Oficial General. Antes de seguir para seu comando em Belém, recebeu pessoalmente a seguinte missão do Presidente Vargas: **“Ficar em condições de ocupar a Guiana Francesa”**. Motivo: **“Com um governo francês pró-Alemanha em Vichy, certamente uma nação extra condicional iria ocupar a Guiana Francesa e não mais sair dali. E se alguém devia fazer isso seria o Brasil.”** Esta ideia aos poucos foi perdendo consistência com o evoluir da guerra e a ação principal de Cidade resumiu-se no seguinte: Proteger a base aérea americana de Val de Cans, em Belém, próximo do Canal do Panamá e ponto de passagem obrigatório das comunicações militares aéreas americanas com a África e Europa, junto com as bases aéreas de Macapá e Natal. Seu principal instrumento para a missão foi a Cia de Metralhadoras Antiaéreas na base de Val de Cans, comandada pelo então Capitão Janari Nunes, mais tarde interventor do Amapá e autor de livro sobre a **Bandeira Nacional**. Seu relacionamento com as autoridades americanas foi excelente e de alto nível, conforme registrou. Ocupou grande parte de seu comando em atritos com o Governador do Pará – Coronel Barata. O velho general defendeu com firmeza suas funções, às tentativas de interferência. O incidente contado em detalhes em suas **Memórias**, terminou em Belém com a mediação do Comandante da Marinha da área e só foi sepultado no Palácio do Catete, com mediação do Chefe da Casa Militar. No setor disciplinar agiu com firmeza e doçura. Um grupo de reservistas convocados cometia toda sorte de excessos para seus integrantes serem expulsos ou processados para fugirem à Força Expedicionária Brasileira. Os incidentes entre soldados e populares eram frequentes. O remédio para tamanho mal foi a criação em cada unidade de um Pelotão Disciplinar e, a exemplo dos americanos, as patrulhas e o pessoal de serviço passaram ao uso de cassetetes. O remédio deu resultado e foi pouco a pouco reduzindo por conselhos do Ministro da Guerra, General Dutra, com quem Cidade se correspondia. Em Belém,

Cidade conviveu fraternalmente como bom católico com D. Jaime Câmara. Foi eleito sócio correspondente da Academia de Letras Paraense. Deu um saco de açúcar pago de seu bolso, para que numa época de racionamento pudesse ser servido o tradicional cafezinho da festa do Círio de Nazaré. Um dos seus orgulhos dessa época foi o de ter sido pioneiro da inseminação artificial da área, graças segundo ele ao "Chefe do Serviço Veterinário da Região – o então Major Waldemiro Pimentel, oficial trabalhador e de larga visão naquele pedaço do Brasil. O trabalho consistiu em inseminar, com base em reprodutores cavalares de alta linhagem, 752 matrizes na Ilha de Marajó, que produziram 751 potros de belo aspecto." O General Waldemiro Pimentel patrono de cadeira na FAHIMTB foi até falecer, proeminente membro dos Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e Histórico e Geográfico Brasileiro. Era membro da seleta Academia de História do Japão. A ele devo, em parte, o reconhecimento e iniciativa que resultou no meu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1978. A ele nossa homenagem e gratidão neste registro.

Da ação de Cidade no Pará, impressões valiosas que colheu e o carinho que recebeu das famílias e povo, deixou atentado registro em suas **Memórias**. Sua ação seria ressaltada em 1955 pelo Comandante da AMAN, General Júlio Teles de Menezes, que o auxiliara em Belém, na Defesa de Costa, e que ao assumir o comando da AMAN o apontara aos cadetes como exemplo a ser seguido por eles como: **"Vida sempre inteiramente dedicada à profissão que abraçou com entusiasmo. Soube ser chefe operoso e brilhante historiador militar."** Serviu nesta época em Belém o Capitão Francisco Ruas Santos que, mais tarde, implementaria sobremodo os estudos pioneiros de Cidade sobre História Militar no tocante a epistemologia específica.

O HISTORIADOR E PENSADOR MILITAR

É possível que a vocação para literatura de Paula Cidade tenha sido despertada aos 11 anos, em seu primeiro emprego, na

Livraria Americana em Porto Alegre. Vocação que se consolidou no seu segundo emprego, quando idealizou e foi eleito, aos 14 anos, em 1897, ano da Guerra de Canudos, o primeiro presidente da **Sociedade Recreativa e Literária dos Comerciários de Porto Alegre**. Nas escolas preparatórias do Rio Pardo e de Porto Alegre, e por fim, na Escola de Guerra, dessa última cidade, ele sempre foi eleito redator chefe das revistas nelas editadas “**Luz**” (1904), “**Ocidente**” (1906), “**Cruzada**” (1907) e “**Aldebarã**” (1908). Sua infância correu na época de ouro do romance, dos versos e dos contadores de “causos” em torno de um lampião nos serões porto-alegrenses. “Causos” como a Nau Catarineta, Lunar de Sepé, Tiarajú, o do bandido Camparina, de Pedro Malazartes, do Negrinho do Pastoreio etc. Em 1910, como Aspirante a Oficial, ainda servindo na Praça do Portão, deixou de lado a literatura e a poesia puras e simples e colocou seus predicados a serviço da Literatura Militar Terrestre Brasileira, como suporte para suas ideias reformadoras do Exército e instrumento de difusão da Doutrina, da História e da Geografia Militar brasileira terrestre e de registro, para a posteridade, dos costumes militares e da evolução militar terrestre. Esta guinada ou mudança de rumo ele assim comentou: “**Substitui minhas leituras literárias em geral, pelas do que falavam a língua de Marte – o Deus da Guerra – Van de Goltz, Frederico II, Napoleão e outros. A vida militar não matou em mim o amor aos livros, apenas me mudou de rumo.**” Ou seja, colocou sua vocação a serviço do desenvolvimento do Exército Brasileiro.

Assim, em 1910, foi gerente da **Revista dos Militares**, surgida em Porto Alegre, que pregou ideias progressistas e acompanhou a evolução do Exército e da Marinha por largo período, e com assinalados serviços à Reforma Militar. Revista que teve como patrocinador o General Manoel Joaquim Godolfin, Comandante da 3^a Região Militar e o seu Chefe do Estado-Maior, Luiz Acácio Leiraud como redator. Na **Revista dos Militares**, Cidade foi gerente, redator e secretário, o que o tornou conhecido no Rio de Janeiro e em outros locais. Em 1913, servindo no 2º Regimento de Infantaria da Vila Militar, integrou o grupo dos 12 jovens turcos.

Foi co-fundador da **Revista Defesa Nacional**, cujo programa, segundo o seu depoimento, foi obra de Estevão Leitão de Carvalho e de Bertholdo Klinger, patronos de cadeiras da FAHIMTB. Revista que visava impulsionar a renovação da Doutrina Militar Terrestre Brasileira e propugnar por uma profunda modificação da Ordem de Batalha ou articulação das forças terrestres no território. E, daí por diante, foi intensa a atividade literária de Paula Cidade. Ela, de fato, pendurou por 69 anos desde que fundou o Grupo Recreativo Literário dos Comerciários de Porto Alegre, no ano da Guerra de Canudos, Fundaram a **Defesa Nacional** os “**jovens turcos**”: Estevão Leitão de Carvalho, Mário Clementino de Carvalho, também patrono de cadeira da FAHIMTB, Joaquim de Souza Reis, Bertholdo Klinger, também patrono da AHIMTB SP em Sorocaba-SP federada a FAHIMTB, Francisco de Paula Cidade, patrono de Cadeira da FAHIMTB e de Delegacia da FAHIMTB, Brasílio Taborda, patrono de Delegacia da FAHIMTB em Itapetininga São Paulo, Epaminondas Lima e Silva, César Augusto Parga Rodrigues, Euclides Figueiredo (pai do ex-Presidente João Figueiredo e dos generais Euclides e Diogo), cujo centenário de nascimento transcorreu em 1983, José Pompeo Cavalcanti Albuquerque, Jorge Pinheiro e Amaro de Azambuja Villa Nova. Do programa de trabalho e objetivo destaco: **“Colaborar para o soerguimento de nossas instituições militares, trabalhar para o progresso dos meios de defesa do povo brasileiro, aparelhando o Exército, para sua função conservadora e estabilizante dos elementos sociais em marcha, etc.”**. A certa altura esclarecem: **“Nós estamos profundamente convencidos que só se corrige o que se critica; de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes. Não queremos ser absolutamente no seio de nossa classe, uma horda de insurretos, dispostos a endireitar o mundo a ferro e fogo - mas um bando de Cavalheiros da Ideia, que saiu a campo, armado, não de uma clava, mas de um argumento, não para cruzar ferros, mas para racionar; não para confundir, mas para convencer. Nesta revista exercearemos o direito da crítica – às ideias,e não aos indivíduos.”** Em 2013, ano do Centenário da

Revista **A Defesa Nacional** abordamos em **O Guararapes** nº 13 a fundação da Revista, da qual fomos Presidente de sua Comissão de História e Conselheiro Editorial, quando seu Diretor e da BIBLIEEx, era o Coronel Aldilio Sarmento Xavier. Nela sugeríamos pela relevância da evolução do Pensamento Militar Brasileiro nela contido que ela fosse digitalizada e indexada e assim colocada na Internet à disposição da Inteligência Nacional e, em especial aos alunos de nossas Escolas Militares, para elaboração de suas monografias curriculares. E aguardamos que a BIBLIEEx consiga cumprir esta missão recebida do Comando do Exército.

O GEÓGRAFO MILITAR BRASILEIRO

Paula Cidade foi e continua sendo o maior geógrafo militar terrestre brasileiro. Ao entregar seu **Thesaurus de Cultura Militar** ao IGHMB, em sessão em 1983, o Coronel Francisco Ruas Santos declarou que seu Thesaurus era inexpressivo em Geografia Militar, setor que se mantivera sem novidade e estagnado desde a obra de Paula Cidade – **Notas de Geografia Militar Sul-Americana**, editada pela Escola Militar em 1932, no comando do Coronel José Pessoa e pela Biblioteca Militar em 1942. Obra de grande repercussão militar sul-americana, traduzida pelo Exército do Chile e dali difundida, estudada e muito apreciada, até hoje nas escolas de Altos Estudos de outros países sul-americanos onde o autor goza de justa e merecida homenagem, segundo o Coronel Ruas Santos, meu presidente de 1970/1974 na Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército (CHEB), que recebeu todo o acervo da então extinta Seção de História e Geografia do EME depois de cerca de 70 anos de assinalados serviços ao Exército. A Comissão de História do Exército do EME foi extinta em 1974 e transferido o seu acervo para o então criado Centro de Documentação do Exército, onde seu acervo foi reclassificado por bibliotecárias civis e eliminada sua classificação à luz da Teoria de História das Forças Terrestres do Brasil do EME. Acreditamos que o

gosto pela Geografia Militar levou Paula Cidade a produzir, com apoio em obras alemãs de tática seu primeiro livro sob o título **Noções e problemas de leituras de cartas**, sistematizando e ampliando ensinamentos desconhecidos então pela intensa maioria dos oficiais, os quais foi obrigado a absorver, como autodidata, ao ser encarregado, ainda como Aspirante na Praça do Portão, em Porto Alegre, de ministrar instrução de Jogos de Guerra, denominação imprópria para, em realidade, Exercícios na Carta. De 1924 – 30, como Capitão serviu no histórico e tradicional então 1º Regimento de Infantaria Regimento Sampaio. Comandou a 1ª Cia do 3º batalhão que estava à disposição da EsAO. Teve como subalternos os tenentes Paulo Lobo, morto na Revolução de 30, e Juracy Magalhães. Sobre o último acabo de receber Paulo Cesar dos Santos seu valioso livro **Juracy Magalhães Um depoimento Histórico**. Petrópolis: Editora Perilampo incorporado ao Acervo da FAHIMTB. em **Memórias de Chefes do Exército** Nessas funções Cidade realizou reconhecimentos no terreno à luz de cartas topográficas, para o Diretor da Missão Militar Francesa da EsAO. Como instrutor de História Militar, recebeu o encargo do Comandante Coronel José Pessoa, de introduzir a Geografia Militar na Escola Militar do Realengo. Disse-lhe então, **“Aquele chefe que considero o maior comandante que teve a Escola Militar em toda a sua vida e um dos mais destacados militares do seu tempo assim me falou - Capitão Cidade! Não recuse ser instrutor de Geografia Militar, pois ao meu ver você é a única pessoa capaz conforme provas que já deu em outras escolas.”** Com as muitas notas de aula no curso da ECENE e um pouco mais escreveu Cidade em suas Memórias: **“Surgiu um livro que teve grande repercussão no estrangeiro – Notas de Geografia Militar Sul-Americana, que a Escola Militar mandou imprimir. Este trabalho foi mais tarde editado pela Biblioteca Militar em 1942”**. De seus movimentados contatos com a Geografia Militar em sua subunidade que apoiava a EsAO, foi chamado para o Estado-

Maior do Exército onde lhe foi confiada a chefia da Seção de História e Geografia Militar e a chefia da **Revista Militar Brasileira**. Assuntos de sua preferência e nos quais firmara sua reputação no centenário da **Batalha do Passo do Rosário**. O derradeiro trabalho publicado de Cidade, **Dois ensaios de História**, é uma combinação de Sociologia, Geografia e História Militar. O segundo é mais precisamente um trabalho de Geohistória no sentido explicar a história do Rio Grande do Sul pela sua Geografia e já publicado pelo Congresso de História e Geografia do RS em 1937, em seus **Anais**. Fez este ensaio com originalidade e espírito nativista. Seus estudos de Geografia Militar Sul-Americana merecem continuidade em nossas Escolas Militares, como essência do espírito da Geografia Militar, assunto que forneça aos alunos militares uma visão dos aspectos topo táticos e topo estratégicos essenciais ao estudo do Terreno pelos Estados Maiores, em qualquer escalão tático e estratégico considerado. E, mais, estudo que deve atingir estágio visando não só a aspectos geográficos militares físicos, mas os econômicos, políticos e sociais que possam enquadrar-se em Geografia Militar de interesse do planejamento e condução de Operações Militares. O Coronel Ruas Santos procurou provar que, se os americanos tivessem levado em conta aspectos geográficos militares sociais sobre o Vietnã, teriam, conduzido aquela guerra de outra forma, ou mesmo a evitado. Isto com apoio em levantamento das guerras que tiveram lugar naquela península em milênios, à luz da **Encyclopédia Britânica**.

O HISTORIADOR MILITAR PAULA CIDADE

Paula Cidade foi, no cerne, um historiador militar crítico. Seus estudos tomaram corpo e passaram a ser publicados em função do Centenário da Batalha do Passo do Rosário em 1927, quando servia no Estado-Maior, Seção de História e Geografia Militar, junto com o General Tasso Fragoso, chefe daquele órgão que então escreveu

um clássico sobre aquela batalha. Sobre o tema, Cidade editou: **O Soldado de 1827, Uma Brigada de Cavalaria na Cobertura, Histórico da Campanha de 1825-28, etc.**, além de preparar e anotar a caderneta de Seveloh. Seus estudos prosseguiram num crescendo, focalizando as guerras contra Oribe e Rosas 1850-51, a contra Aguirre 1864 e a com o Paraguai 1865-70. Desse confronto de estudos publicou o clássico **Lutas no Sul com espanhóis e descendentes**, 1948, complementado em 1960 pelo ensaio dirigido aos candidatos à ECEME. **O que é indispensável saber sobre nossas intervenções no Prata**. Prosseguindo seus estudos sobre literatura militar brasileira, editou em 1959 o clássico **Síntese de três séculos de literatura militar brasileira**, ponto e passagem obrigatório para quem deseje estudar a História Militar Terrestre Brasileira. Creio seja a sua maior obra.

O último trabalho publicado encerrou um ensaio complementar o esboço biográfico do Marechal José de Abreu – Barão de Serro Largo, realizado pelo Barão do Rio Branco e, na época, passaporte do grande diplomata e historiador para seu ingresso, muito jovem, no Instituto Histórico e Geográfico. Brasileiro de que foi presidente. Personagem que classifiquei como **Um diplomata com alma de soldado**, e consagrado como patrono de Cadeira da FAHIMTB, cuja obra sua e de estudiosos de sua vida e obra a FAHIMTB conserva com carinho a serviço da instrução dos cadetes na cadeira de Relações Internacionais, que ao penetrarem na AMAN, pelo antigo conjunto principal deparam com seu busto, depois do D. João VI, o criador em 1810 da Real Academia Militar destinada a formar Oficiais para o Reino de Portugal com sede no Brasil, tendo antes como Príncipe Regente aprovado a criação em 1792 pelo Vice Rei Conde de Resende, a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho, a pioneira no ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino acadêmico civil no Brasil e destinada a formar no Brasil Colônia seus oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e engenheiros civis e militares. D.João VI patrono de Delegacia da FAHIMTB em Lisboa que tem por Delegado o acadêmico português, titular da Cadeira Conde de Resende, Rui dos Santos Vargas.

O SOCIOLOGO MILITAR

Paula Cidade foi, de fato, o maior sociólogo militar das forças terrestres brasileiras. Neste particular, realizou obra literária sem igual até o presente. Seus estudos a respeito tiveram início em 1909, como Aspirante a Oficial, quando serviu três meses em Cruz Alta. Lá começou então a observar e registrar os costumes militares brasileiros, através dos tempos, foi uma característica relevante de sua obra. Dentro desse espírito ele produziu o seu primeiro livro em 1922 sob o título **O soldado de 1827**.

Em 1939, no cinquentenário da República, ele produziu o trabalho **O Soldado de 1889** para a obra **A República Brasileira**. Junto com Bertoldo Klinger estudou os “**Brummer**” – **A Legião Prussiana** (1º Reg Art, 1º RI e 2 Cias de Pontoneiros) contratados pelo Brasil para lutarem contra Rosas em 1851-52. Assunto que tratei em meu livro **Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RS**. Porto, IEL, 1975. E neste ano tratado com maior profundidade pelo acadêmico Cel Juvêncio Saldanha Lemos A obra de Cidade – **Síntese de quatro séculos de literatura militar**, está recheada de valiosas informações sociológicas militares brasileiras, bem como sua outra obra – **Cadetes e alunos militares através dos tempos** em 1961, que preserva importantes informações relacionadas com os costumes e tradições militares em nossas escolas militares. Em suas **Memórias** inéditas que tivemos a honra e o privilégio de estudar, para elaborarmos este ensaio, Paula Cidade nelas registrou dados relevantes sobre costumes nos locais onde serviu de 1902 – 1948. Tiramos cópias do original em poder de sua filha mais nova residente em Teresópolis e a deixamos no Arquivo Histórico do Exercito quando o dirigimos 1985-1990.

O HOMEM

Paula Cidade em corpo e alma foi produto do meio físico e mental do Rio Grande do Sul, onde nasceu, se criou e se tornou adulto. Meio físico e mental que ele estudou e definiu de modo ímpar em

sua obra – **Dois Ensaios de História**. Ele mesmo se questionou no início de suas **Memórias**: “**Quantas vezes não tenho agido errado ou com acerto, transportando-me inconscientemente para a terra onde nasci e me criei, colocando-me sob a influência de meus ancestrais que surgiram inesperadamente em minhas atitudes, embora recondicionados. Vez por outra, sem o querer, retorno ao meio rio-grandense de minha infância e juventude.**”

Cidade era um homem forte. Sua vida sempre foi morigerada, comia muito pouco, não fumava, não bebia e gastava o mínimo necessário. Sua única diversão era a pesquisa histórica, assunto em que concentrava suas atenções nas folgas de profissional militar dedicado. A parte logística e familiar ficava por conta de sua esposa, D. Estelita. Extremamente católico, tinha muito orgulho cristão de haver por duas vezes falado com o Papa. Ao perder a sua primeira esposa em 1946, mudou-se do Grajaú para a Praia do Russel para ficar mais perto das instituições culturais de que necessitava. Foi soldado corajoso de elevado senso de justiça, boa rusticidade, frugal e que sabia alternar com equilíbrio as virtudes de Firmeza e Doçura, características do gaúcho histórico e que encontraram em Osório um expoente.

ÚLTIMOS TEMPOS DE CARREIRA

Em 23 de julho de 1944 partiu para a Itália integrando a FEB como membro do Conselho Supremo de Justiça Militar, órgão submetido a pressões e a incompreensões no Brasil e na Itália. Dessa sua missão que durou até 13 de dezembro, ele não guardou boas lembranças. Pois o Conselho não foi bem sucedido, não funcionou a tempo e teve seu trabalho anulado pala Anistia. Suas impressões de grande valor sobre sua missão foram registradas em suas **Memórias**, e em seu **Nápoles e um pouco mais** e em obras inéditas sobre Nápoles e a História da Justiça Militar. De retorno da Itália passou a presidir a BIBLIEx de 12 Jul 45 até 5 Jul 48, data de sua passagem para reserva, da qual desfrutou por quase 20 anos, como General de Divisão, depois de 46 anos de excelentes

e modelares serviços prestados ao Exército, na paz e na guerra. Na Reserva, passou a dedicar-se aos seus estudos e produzir suas **Memórias**, sob o seguinte argumento: “**Desde que, pela minha passagem para a Reserva, fui sepultado no esquecimento, tomei resolução de escrever minhas Memórias, com o fito de à História de um depoimento que, talvez tenha interesse para os que, mais tarde, queiram saber certas particularidades de curva imaginária que o Brasil vem descrevendo, na sua interminável marcha para o infinito do calendário. De onde viemos? Para onde vamos?**” Sobre estímulos de sua segunda esposa D. Nera, Cidade passou o resto de seus dias dedicado à Literatura. Ora escrevendo, ora fazendo conferências, ora participando de eventos do Pen Clube. Enfim dando uma finalidade social relevante aos seus dias e compatível com seu passado de soldado. Faleceu em 5 de março de 1968 no Hospital Central do Exército (HCE), foi sepultado no jazigo perpétuo 394, Ala 4 do Cemitério São João Batista. O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil o homenageou na ocasião, através de sua **Revista** Vol XLII – 1º sem, 1968, pág. 168.

ALGUNS PENSAMENTOS DE PAULA CIDADE

1. Sobre o progresso na primeira metade do século:

“**Tudo passa rápido, do que na realidade nos parece. A transmissão de um pensamento, dos que vivem em regiões afastadas entre si e que outrora exigia meses e anos, passa a fazer-se em poucos minutos pelo telefone e por outros meios básicos. O avião abole as distâncias, como o rádio passa a propagar o pensamento, bom ou mau, através do espaço e as ideias rápido se expandem. Contudo, isto, montanhas, rios e florestas já não são obstáculos a homogeneização dos costumes e cada vez mais reduzidas as probabilidades de civilizações localistas e fechadas sobre si mesmas. A máquina e as facilidades de comunicações se tornaram denominador comum de todas elas. Os homens que viveram o último meio século (1900 – 1950) testemunharam o ocaso de uma civilização**

e o amanhecer de outra. Eu fui um desses homens.”

2. Sobre o Pensamento Militar português (sua interpretação):

“Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios.”

3. Marcos da evolução militar terrestre (sua interpretação):

“Há na revolução das instituições militares brasileiras, quanto ao Exército, cinco pontos culminantes:

a) A vinda da Família Real de Portugal para o Brasil, o que deu às forças locais de terra importância que anteriormente lhes eram negadas. A Guerra do Paraguai, que culminou com uma experiência técnico-administrativa que durou mais do que devia.

b) A criação da Escola de Guerra de Porto Alegre, que modificou profundamente o preparo funcional dos oficiais do Exército, completada pela decretação do Serviço Militar Obrigatório em 1916.

c) A contratação da Missão Militar Francesa que, em 20 anos de trabalho, recondicionou o pensamento militar brasileiro, atualizando-o.

d) A intervenção do Brasil na 2º Guerra Mundial, que proporcionou a certo número de oficiais o reconhecimento real de campo de batalha moderno, permitindo-lhes encarar as consequências da intervenção atômica, nas guerras do futuro...”.

4- Suas Impressões de um combate na Revolução de 30 (sua visão do campo de batalha na Remonta, na Revolução de 30):

“Um campo de batalha, à noite, quando os adversários se enfrentam a curta distância, apresenta um quadro que nenhuma pena pode descrever, porque ainda não se inventou um meio de reproduzir literalmente a eclosão simultânea de numerosos aspectos terrificantes. A escuridão da noite acarreta a possibilidade de surpresas reais e imaginárias, os cadáveres encontrados pelo caminho, os feridos transportados para a retaguarda ou que se arrastam sozinhos, os estampidos das armas de toda espécie, os gritos dos combates, os clarões sinistros dos incêndios que se divisam ao longo, a fadiga do corpo e da alma, as incertezas relativas ao que o acaso nos reservam,

tudo enfim conspира contra os que se habituaram a esse namoro com a morte. A maioria dos homens suporta tudo isso com resignação, principalmente quando há prévia separação mental. Poucos são os que fogem a esta regra.”

5- Palavras de encerramento de suas **Memórias** referente às injustiças de que foi alvo ou vítima:

“Agora a confissão de um pecador não arrependido: meu grande erro na vida foi o de crer que aquilo que eu não faria contra o direito alheio, outros não fariam com os meus. Erro ou doença adquirida em tenra idade, na minha grande escola que foi o meu lar onde se dizia, insistindo nesse erro, que o mundo é justo e dá a cada um aquilo que de direito lhe toca.”

Esta é a síntese da vida e obra de Paula Cidade, meu admirado co-estaduano, patrono de cadeira no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil no transcurso do seus 117 anos de nascimento cuja obra brilhante de soldado e historiador militar constitui uma Estrela de raro brilho que continua a iluminar o Exército Brasileiro que ele tanto amou e serviu como profissional, historiador e pensador militar, com obra de grande valor a ser consultada por profissionais do Exército interessados, de hoje e de sempre. Constatar minha afirmação é obra de simples raciocínio e verificação!

A OBRA LITERÁRIA DE PAULA CIDADE

A obra literária produzida por Cidade e a seguir relacionada é alentada. Consta de livros publicados na BIBLIE e de enorme lista de artigos publicados nas revistas **Militar Brasileira** (atual “do Exército” que ele dirigiu), **Defesa Nacional, dos Militares, Nação Armada** e nos jornais **Correio da Manhã, Jornal do Comércio**, do Rio, **Estado de São Paulo**. Usou o pseudônimo de M. T. Camilo Eugênio. Como trabalhos inéditos, deixou:

“Memórias”, “História da Justiça Militar” de fundo histórico, “Visões da Itália” e “A luz do lampião de querosene”, conjunto de “causos” e lendas de natureza folclórica gaúcha no

entendimento geral, ou de natureza tradicionalista ou nativista, no entendimento gauchesco. Integrou como ocupante da cadeira nº 3 que tem como patrono o Barão do Rio Branco, o Instituto de Geografia e História do Brasil, do qual foi um dos fundadores. Hoje é patrono da nova cadeira nº 88, que tivemos a honra de ocupar, até a nossa elevação à condição de acadêmico benemérito. Foi membro correspondente dos institutos históricos e geográficos do Rio Grande do Sul, São Paulo e cidade de Santa Maria. Igualmente das academias Fluminense, Paraense e Sul-Riograndense de Letras, da Associação Amigos de Simancas, Pen Club, Estudos Históricos da Bolívia e Comissão de Estudos de Textos da História do Itamarati. Integrou comissões organizadoras do IBGE, da BIBLIEC e Arquivo do Exército. Recebeu as medalhas e condecorações: Mérito Militar (grande oficial); 40 anos de bons serviços; da campanha da FEB; de Guerra; Jurídica Militar (Alto Mérito) e de Comandante da Legião do Mérito dos EUA. Foi comendador da Ordem do Andes (Bolívia). Recebeu ainda as medalhas comemorativas: Santos Dumont; Cinquentenário da República; Sesquicentenário da AMAN; Solidariedade da Itália e Centenário do Rio Grande. Paula Cidade falava francês e italiano e traduzia alemão. Estas foram importantes ferramentas para transferência de "know-know" militar na fase da Reforma Militar. Publicou alguns trabalhos na Itália que foram vertidos para o italiano por sua ilustríssima esposa D. Nera Ponsiglione Cidade, que fora professora de literatura brasileira na Itália, além de estudiosa de Machado de Assis, cuja obra despertou a atenção de Paula Cidade nos seus últimos anos de vida. Paula Cidade, um escritor e soldado a serviço do progresso do Exército, na Reforma Militar deixou alentada obra bibliográfica e em artigos em periódicos militares e civis a seguir relacionados. É talvez o ponto alto da presente contribuição neste resgate e o tributo mais significativo à preservação e culto de sua memória, até agora ímpar em seu tempo como escritor e modelar como profissional militar, a homenagem da **Defesa Nacional** a um de seus fundadores, secretário, quando essa revista comemora 70 anos de existência.

Bibliografia e Artigos do Gen Francisco Paula Cidade (1883 – 1968)

- 1910 – **A verdadeira e a falsa nação armada.** Porto Alegre, Liv. Americana, cerca de 1910 (Tiro de Guerra 4 de Porto Alegre), 42 p.
- 1913 – **Manual do sinaleiro.** Porto Alegre, Liv. Americana – Cunha, 1913.
- 1921 – **Noções e problemas de leituras de cartas.** Rio, 1921. (Separata da Revista dos militares de Porto Alegre.)
- 1924 – **O soldado de 1827.** Rio, Imprensa Nacional, 1927. (Separata da Revista Militar Brasileira – RMB.)
- 1928 – *O Exército brasileiro na Colônia, in Pródemos da Independência.* Rio, Imprensa Nacional, 1928, 58 páginas.
- 1930 – A nossa gente: Paissandú e Leandro Gomes. Rio, Imprensa Nacional, 1930 (sobre a guerra contra Aguirre, 1864).
- 1930 – **O domínio da Bacia Hidrográfica do Prata.** Rio, Imprensa Militar, 1930.
- 1930 – **Prefácio e notas in Reminiscências de campanha de 1827.** (Separata da RMB nº 1, 1930.)
- 1931 – **Uma Brigada de Cavalaria Ligeira no Serviço de Cobertura.** Rio, Imprensa Militar, 1931 (Separata da RMB). Sobre a missão do Gen Bento Manuel, em Passo do Rosário.
- 1934 – **Notas de Geografia Militar sul-americana.** Rio, Escola Militar do Realengo, 1934. 1 ed e Bibliex 1942, 2ed.
- 1939 – O soldado de 1889, *in A República Brasileira.* Rio, BIBLIE, 1939.
- 1939 – Floriano no vale Uruguai, 1865, *in Floriano.* Rio, Bibliex, 1939.
- 1941 – *O Barão do Rio Branco.* Rio, DIP, 1941 (Seu discurso de posse no IGHMB e de sua recepção no mesmo pelo Ten Cel Jonas Correia).
- 1941 – *Las bases naturales de La buena vicinidad in Fuerzas Armadas de América.* t.1. Buenos Aires.,
- 1946 – **Nápoles e um pouco mais.** Rio, Bibliex, 1946.
- 1948 – **Lutas no Sul com espanhóis e descendentes.** Rio, BIBLIE, 1948.
- 1955 – Duque de Caxias **In Vidas de Estadistas Americanos.** Porto Alegre, Liv. Globo 1955, p..219-413.
- 1959 – **Síntese de três Séculos de Literatura Militar Brasileira.** Rio, BIBLIE, 1959.

1960 – O que é indispensável saber sobre as nossas intervenções no Rio da Prata. Rio, Imprensa do Exército, 1960 (Separata da RMB).
1961 – Cadetes e alunos militares através dos tempos. Rio, Bibliex, 1961 (*Sesquicentenário da AMAN*).

1966 – O Rio Grande Do Sul – Explicação da História pela Geografia
In Dois ensaios de História. Rio, BIBLIE, 1966.

1966 – Mal José Abreu – Barão de Serro Largo In Dois ensaios de História. Rio, BIBLIE, 1966.

Artigos diversos de Paula Cidade

1 – Publicados na Defesa Nacional (e relacionados no índice do Cel Francisco Ruas Santos, na Administração da Revista). Subsídios Táticos. Os fanáticos. Recrutamento de oficiais. Exércitos estaduais. Em torno do Contestado. Em torno de um Relatório. Colégios Militares. Dois Assuntos. Reflexões. A Velha Infantaria. Notas e curiosidades. Um novo Regulamento. Organização Regional. A doutrina e os processos de exercícios. O desenvolvimento em setor determinado. A localização dos Corpos de Tropa do RGS. Armamento de Infantaria. Tradições internacionais no Rio da Prata. História Militar do Brasil do Cap Gengerico Vasconcelos. Os cadetes. Operações estratégicas defensivas (Van der Goltz). Em defesa de nossa língua. Oficiais de Estado-Maior. Escola Militar. O problema da segurança. O desaperto. O fator moral na campanha de 1825. O centenário de Passo do Rosário. As DI. Observações sobre a organização da Infantaria. O Marquês de Barbacena e as promoções ao seu tempo. A Defesa Nacional e sua História (revista). Osório, sua vida e gestos. A prata da casa. Questões administrativas. Vinte e sete anos mais tarde. Chefes da Cavalaria – galeria. Boletim de Informações da BIBLIE. O túmulo de Virgílio. Trinta e cinco anos mais tarde. Confissões de um veterano.

2 – Publicados na Revista Militar Brasileira e relacionados em índice do Cel Francisco Ruas Santos, na administração da Revista, ora Revista do Exército: (1930) O Soldado de 1827. Municípium e remuniciamento. Pequenas frações de Infantaria. O domínio da

Bacia do Prata. Concurso a ECEME – orientação. O Exército Russo dos Soviéticos (trad.) e uma Brigada da Ligeira na Cobertura (1931). Como estudar um ponto de História. Ataques aéreos em massa (trad.). (1941) – Cavalo ou Motor? Em torno da Geografia Militar. O Conde D'Eu, na Chefia da Comissão de melhoramentos do EB e no Comando Geral da Artilharia. (1945) - A intelectualidade entre os mercenários alemães de Pedro I. (1946) – Cidades que agonizam (impressões da Itália). Gomes Carneiro, um chefe que soube morrer cumprindo ordem. Marte afia a espada (geografia operativa na guerra moderna). (1947) – O pão como arma de guerra. (1948) – Mal Antonio Ilha Moreira. (1949) – A verdade Histórica. (1950-54) – Verbetes para um Dicionário Bibliográfico Militar Brasileiro. (1966) – O que é preciso saber sobre a diplomacia imperial no Prata (Separata).

3 – **Publicados em Nação Armada** (1539-47) : (1941 – Jul) – Atuação de Rio Branco no plano militar e diplomático. (1941 – Out) – Costumes de Soldados. (1942 – Jun, Set, e Nov) e (1943 – Jun e Ago) – Exército do Passado – Rio Pardo e uma velha Escola Preparatória. (1943 – Mar, Abr e Dez) – O Exército do passado (costumes e fatos antes de 1908). (1944 – Dez) – Lili Marlene. (1945 – Abr) – Os nossos soldados na Itália. (1945 – Jul) – A Justiça Militar na FEB (do diário de um expedicionário).

4 – **Publicados na Revista do Instituto de Geografia e História Militar no Brasil**: (1955 – 1º Sem) – Mal Hermes da Fonseca. (1961 – 2º Sem) – Arquivo Militar e Arquivo o Exército – um equívoco. (1962 – 2º Sem) – Tasso Fragoso, um pouco de História do Exército. (1963 – 1º Sem) – Quando nasceu o general Osório? (1963 – 2º Sem) – Pombal e os jesuítas e o Brasil – Bibliografia – apreciação . (1964 – 1º Sem) – O terço e as ladinhas. (1966 – 2º Sem) – Pé de página II.

5 – **Publicados na Revista do Clube Militar**: Municipalismo (Jan/Fev 55); Unidade Nacional em perigo (Set/Out 55) e Brasil – Bolívia (Nov/Dez 55).

6 – **Publicados na Revista da Escola Militar**: Um começo de vida (1934) e Mal Hermes da Fonseca (1963).

7 – Publicados no **Boletim Mensal do EME**: Tiros de combate no 10º RI (1918).

8 – **Publicados na Revista dos Militares** – Porto Alegre: Noções de Geografia, História Pátria e Militar (1913); Guia de instrução do sinaleiro (1917); Noções e problemas de leitura de cartas (1921) e Organização do Exército e do Serviço Militar (Existem exemplares desta revista no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul).

9 – **Publicados na Revista Brasileira de Geografia**: Aspectos geo-humanos de Mato Grosso – Corumbá (Abr/Jun 43).

10 – **Publicado na Revista de Cultura Política**: O problema da Defesa Nacional (Jun 42, p. 218-233).

11 – **Publicado na Revista do Ginásio Imaculada Conceição**: Corumbá – 1945: Discurso de paraninfo.

12 – **Publicado no ASCHN** N° 2: O Exército do Brasil na Independência à Maioridade (p. 328-367).

13 – **Publicado no CIHA** – 7: O Exército Brasileiro na Colônia (p. 687-735).

14 – **Publicados no Jornal do Comércio** – Rio: **Um escritor (Trischauer) sobre o Brasil** (14 Jul 42); **Marte afia a espada** (14 Set 46); **Argentina Geo-Política Sul-Americana** (23 Set 46); **A Justiça Militar Brasileira – notas da Itália – observações** (25 Jun e 01 Jul 47); **Da Itália – livros e outros brasileiros** (Out 49); **A verdadeira história e o lirismo histórico** (28 Mai 50); **O Brasil visto por observadores do rei de Nápoles** (22 Out 50); **A FEB por seu comandante** – verbete (Nov 51); **O programa atual da imigração italiana** (18 Jul 54); **Um eleitor dirigiu-se ao partido** (15 Set 54); **Reminiscência da Revolução de 30 em Minas** (12 Dez 54); **O Rio e a mudança da capital** (25 Abr 56); **O custo de vida e os vencimentos militares** (15 Dez 56); **Documentos sobre o Brasil em Nápoles** (Jan 57); **Reminiscências de uma expedição à Bahia** (24 Mar 57) e **Duas vezes com Sua Santidade – o Papa** (11 Ago 57).

15 – **Publicados no Jornal do Brasil** – Rio: **A guerra e a renovação de costumes** (07 Abr 42); **Titara e Borman** (09 Fev 52); **Arquivo Militar e Arquivo do Exército** (20 Abr 58); **Deodoro espada contra o Império** (11 Mai 58), **Alguns aspectos do general Osório** (25 mai 58), **A Revolução de 1922 na Escola Militar no Realengo** (30 Jun 58), **A velha cidade de Porto Alegre** (17 Ago 58);

Velhos costumes de nossa gente (21 Set 58); **História da história do Barão de Serro Largo** (30 Nov, 07 e 21 Dez 58).

16 – Publicados no Correio do Povo de Porto Alegre: **As 10 obras fundamentais da biografia rio-grandense** (22 Out 55); **Santo Ângelo e Sepé e sua estatura** (1955); **Comitê internacional de Ciência Histórica** (07 Set 56); **Os dois ciprestes** (08 Set 56); **Autógrafos raríssimos** (15 Set 56); **Porto Alegre – Até a vista** (27 Out 56); **Carlos Maul** (10 Nov 56), **Costumes de Soldados** (08 e 15 Dez 56); **Centenário da morte de Augusto Conte** (16 e 17 Mar 57); **Duas vezes com Sua Santidade o Papa** (29 Jun 57); **Porto Alegre, trágica sentimental** (03 Ago 57); **Acquerelli Napoletani** (27 Nov 57); **A minha primeira noite num quartel** (11 Jan 58); **A velha Porto Alegre** (30 Ago 58); **Velhos costumes de nossa gente** (18 Out 58); **Arquivo Militar e do Exército** (18 Abr 59); **Meio século mais tarde da declaração de aspirantes de 1909** (13, 10 e 17 Jun 59); **Bahia, berço do Brasil** (05 Dez 59); **Em torno da História do Brasil** (30 Abr 60). E com o pseudônimo de M.T. Camilo Eugênio. **Os contos. Um voluntário** (23 Jul 60) e **O Crescêncio** (30 Jul 60).

17 – Publicados no Jornal de Rio Pardo – RS: A partida da Escola Tática e Preparatória (07 Fev 55).

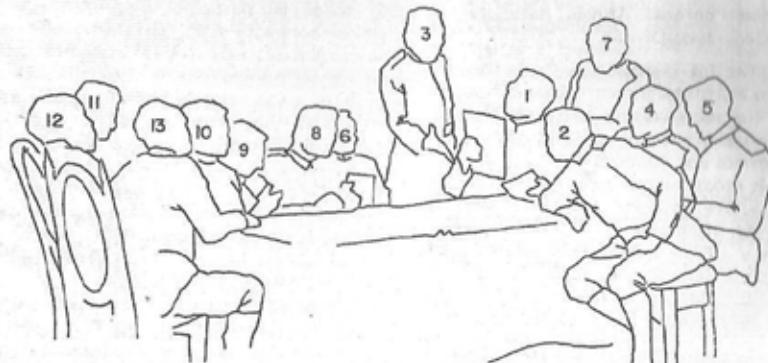
18 – Publicados na Gazeta de Corumbá – MT: Corumbá – Brasil – Bolívia (31 Mar 37) e Corumbá, um apelo (02 Fev 55).

19 – Outras colaborações:
- O canto da guerra do 30º BI (1910) e Cabocla Bonita (letras) *in: LIRA 1º Exposição de Folclore no Brasil. Rio, 1953.*
- Orador oficial turmas que concluíram a ECEME em 1940, *in: Escola de Estado-Maior, 1940.*

- Estudos e notas, *in: Os Brummer*, Rio Grande, 1951. (Publicado pelo Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos.)
- Prefácio e notas *in: SEIDLER, Dez anos de Brasil*. São Paulo, s/d.
- Colaborações, *in: Manual para o comando de Tropas*. Porto Alegre, 1917 (com Klinger e Eneas). O arquivo do General Francisco Paula Cidade encontrava-se em 1983 - e sob a guarda de seu filho Cel R/1 Waldir Vieira de Paula Cidade, em Terezópolis no Rio de Janeiro. Sua Biblioteca em grande parte foi doada a AMAN.



A DEFESA NACIONAL



I-BERTHOLDO KLINGER
2-ESTEVÃO L. DE CARVALHO
3-MÁRIO CLEMENTINO CARVALHO
4-EUCLIDES FIGUEIREDO
5-FRANCISCO DE PAULA CIDADE
6-BRASÍLIO TABORDA

7-JOSÉ POMPEU DE A. CAVALCANTI
8-CESAR AUGUSTO PARGA RODRIGUES
9-JOSÉ DOS MARES MACIEL DA COSTA
10-EPAMINONDAS LIMA E SILVA
11-JOACIM DE SOUZA REIS NETO
12-FRANCISCO JORGE PINHEIRO
13-AMARO DE AZAMBUJA VILANOVA

Alegoria da fundação da Revista A Defesa Nacional, feita pelo pintor Álvaro Martins com apoio em nossa pesquisa e orientação, como historiador Presidente da Comissão de História da A

Defesa Nacional e seu Conselheiro Editorial, quando Diretor da BIBLIEEx o dedicado Cel Aldilio Sarmento Xavier, e Diretor do Arquivo Histórico do Exército. Ver quadro onde os famosos Jovens Turcos, reformadores do Exército estão representados na pintura que hoje decora em Brasília o Gabinete do Comandante do Exército, Evento que evocamos com detalhes em 2013 no O Guararapes nº 13, comemorativo do Centenário em 20 set 1913, 78º aniversário da Revolução Farroupilha. Noutra foto a Galeria com foto dos 13 Jovens Turcos, na sede da A Defesa Nacional, no QG do CML no Rio.



General de Divisão Paula Cidade homenageado em 1972 pela **História do Exército Perfil Militar de um Povo**, contribuição do Exército ao Sesquicentenário da Independência, v.3 p,1062 com esta legenda: "General Paula Cidade, pesquisador e historiador militar. Emérito em seus estudos dos costumes das gerações de soldados do Brasil, evidenciou a permanência dos valores espirituais e morais roteiros do Exército na Paz e na Guerra. "Ele e mais os seus amigos naturais do Rio Grande do Sul Generais Valentim

Benicio, Emilio Fernandes Souza Docca e o Coronel Jonathas da Costa Rego Monteiro revolucionaram a cultura no Exército, com a criação da Biblioteca do Exército Editora e do Arquivo do Exército e Gráfica do Exército... Na Reserva declarou “achar-se sepultado no esquecimento” **o que neste resgate de sua vida e obra notável procuramos revivê-la como ato de Justiça, na voz da Literatura Militar Brasileira que ele resgatou como pesquisador excepcional. História é verdade e Justiça! Que o Exército de hoje e de sempre não esqueça sua obra o seu exemplo!**

Artigos de Paula Cidade na Revista A Defesa Nacional

- “Subsídios táticos” – 1913, 6/8. “Os fanáticos” – II, 12/14, 124/125 e 179/182.**
- “Recrutamento de oficiais” – II, 49/50 e 3/5.**
- “Exércitos estaduais” – 1914, 110/111.**
- “Em torno do Contestado” – II. 49/50 e 3/5.**
- “Em torno de um Relatório” – 1914, 217/219.**
- “Colégios Militares” – 1914, 314/315**
- “Dois assuntos” – II, 376/378.**
- “Reflexões” 1914, 388/390.**
- “A velha Infantaria – Apontamentos históricos” – III, 41/44.**
- “Notas e curiosidades” – III, 175.**
- “Um novo regulamento” – III, 180/190.**
- “Organização regional” – III, 216/219 e 220.**
- “A doutrina e os processos de exercício – (aplicação e interpretação do R.E.I.) ” – III, 317/322 e 350/353.**
- “A doutrina e os processos de exercícios (Hans Von Below) ” – IV, 27/30, 68/72, 127/131, 164/168 e 262/266; VI, 36/39.**
- “O desenvolvimento em setor determinado” – V, 95/96.**
- “A locação dos corpos de tropa no Rio G. do Sul” – VII, 363/366.**
- “Armamento de infantaria” – IX, 55/56.**
- “Tradições internacionais no Rio da Prata” – IX, 103/106.**
- “História Militar do Brasil pelo capitão Gengerico de Vasconcelos” – IX, 136/137.**

- “Os cadetes (1757-1898) ” – IX, 200/203
- “Operações estratégicas ofensivas (Von der Goltz)” – IX, 241/243
- “Em defesa de nossa língua” – IX, 381/384.
- “Oficiais de Estado-Maior” – X, 509/512.
- “Escola Militar” – X, 729/730.
- “O problema da segurança” – X, 811/813.
- “O desaperto” – XI, 127/129 (n. 127).
- “O fator moral na campanha de 1825” – XI, 882/887.
- “O centenário do passo do Rosário – 20 de fevereiro de 1827 – 20 de fevereiro de 1927” – XII, 60/62.
- “As divisões de infantaria” – XIII, 212/214.
- “O Marquês de Barbacena e as promoções em seu tempo” – XIV, 83/84.
- “A Defesa Nacional e a sua História” – XVII, 14/15.
- “O general Osório, a sua vida e os seus gestos” – XVII, 227/228.
- “A Prata da Casa” – XVII, 425.
- “Questões administrativas” – XXV, 808/814 (Dez).
- “Vinte e sete anos mais tarde...” – XXVII, 439/443 (n. out).
- “Galeria dos chefes de Cavalaria” – XXIX, 237/240.
- “Boletim de informações da Biblioteca Militar – (31-XII-941) – Livros Excelentes” – XXXIII, 65/70.
- “Trinta e cinco anos mais tarde...” – XXXV, 15/18 (out).



General Pedro Aurélio de Góes Monteiro

Góes Monteiro foi assinalado político e militar, de grande projeção de 1930-52, no Brasil e nas Américas. No primeiro caso, ao consolidar e valorizar, na sociedade brasileira, o profissionalismo ou espírito militar verdadeiro. Aliás, sonho também do seu primeiro comandante, o Marechal Hermes, sem obterem os resultados sonhados. Esta obra Góes a empreendeu com determinação, depois de concluir da análise do processo histórico brasileiro de 1831-1930: **"Um repúdio, no Brasil, pelo espírito militar, na forma de antimilitarismo e o predomínio, até então, no Exército, de um espírito miliciano ou pretoriano e não o do verdadeiro soldado ou do profissional militar e, a negação aos militares do acesso à cidadania e a um pacifismo brasileiro."** E, tudo isso, alheio à tendência das nações poderosas de absorver ou exercer um imperialismo militar sobre as nações mais fracas, como o demonstrou a 2^a Guerra Mundial. Assim ele batalhou dentro de um quadro nacional e internacional conturbado para que não fosse feita **"Política no Exército e sim a Política do Exército"**. Esta se traduziu pela preparação do Exército para a eventualidade de uma guerra, atividade que envolveria e interessaria todas as manifestações da vida nacional, nos campos material e moral. Complementarmente a esta ação nacional, foi o elemento chave da

aproximação militar Brasil-EUA, mantendo contato estreito naquele país com general Marschal e o presidente Roosevelt, dos quais resultaram a participação militar vitoriosa do Brasil na 2ª Guerra Mundial, em defesa da democracia e da liberdade mundiais e, por via de consequência, a modernização do Exército e a consolidação de um profissionalismo militar que até hoje se sustenta e que acaba de ser consagrado na Constituição Brasileira. E mais do que isto, a erradicação do espírito que dominara, segundo Góes Monteiro, o Exército de 1831-1930, em função de uma egoísta e preconceituosa política de erradicação do Exército, praticada por grupos nacionais dominantes, conforme: demonstrou Edmundo Campos Coelho na obra ***Em busca de Identidade Exército e a Política na Sociedade Brasileira*** (Rio, Forense, 1976) e em data recente, Américo Jacobina Lacombe, em artigo A Questão Militar e a República na ***Revista do Exército Brasileiro*** (nº 04, out/dez 1989). Aliás, que devem ser lidos e meditados por todos oficiais do Exército com responsabilidade na construção de seu futuro, à altura do destino de grandeza do Brasil. Góes Monteiro, esta foi a sua grande realização no Exército a justificar que hoje e sempre, ela seja lembrada e estudada por seus integrantes. Góes Monteiro foi um dos quinhoneiros da grandeza atual do Exército, que ele ajudou a edificar de 1930-43, com sua inteligência rara a serviço de um grande soldado, e pensador militar terrestre brasileiro fecundo que ele foi. Ele foi também um patriota que em seu tempo fez o máximo para assegurar ao Brasil elevado grau de segurança interna e externa. Contribuiu para a democracia, ao liderar, como ministro da Guerra, a democratização do Brasil em 1945, após fazê-la hibernar durante o Estado Novo – 1937/45, segundo ele, para protegê-la internamente da radicalização entre esquerdistas da ALN e direitistas da AIB, e externo, decorrente guerra mundial entre aliados e o Eixo. Góes Monteiro ingressou no Exército aos 14 anos, na Escola de Aplicação do Realengo, sob o comando de Hermes da Fonseca. Depois estudou na Escola de Guerra em Porto Alegre (1906-10). Ali frequentou o bloco acadêmico castilhista da Faculdade de Direito, onde colaborou com assuntos militares no Jornal ***O Debate***, fundado por Getúlio Vargas.

Aspirante a Oficial de Cavalaria foi servir na construção da Ferrovia Cruz Alta -Santo Angelo, a cargo do 1º Batalhão Ferroviário, então comandado pelo Cel Fernando Setembrino de Carvalho. De 1917-18, cursou Engenharia Militar e estudou a **Doutrina Militar alemã**, trazida pelos jovens turcos de **A Defesa Nacional**. Em 1921, cursou a ESAO e, em 1922 a ECEME, sob a orientação da Missão-Militar Francesa (MMF) que o conceituou **Muito Bem**. Na Revolução de 1924-26, atuou como oficial e chefe de Estado-Maior no combate aos revoltosos em São Paulo, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Mato Grosso. Já era estudioso da obra de Napoleão e revelava inclinação para o estudo dos campos da Doutrina Militar. Organização, Equipamento, Instrução, Motivação e Emprego. De 1927-1929 chefiou o Gabinete da Aviação Militar. Em janeiro de 1930 é tenente coronel comandante do 3º Regimento de Cavalaria, em São Luiz Gonzaga, onde foi convidado e aceitou liderar, como Chefe de Estado-Maior do Chefe Supremo Getúlio Vargas, a Revolução de 30. Vitorioso o movimento, fundou e presidiu o Clube 3 de Outubro, com vistas a impedir a divisão das forças armadas e políticas e preservar a disciplina nos quartéis, ao deslocar o debate político para o âmbito do Clube. Em maio de 1931 conquistou o generalato aos 42 anos. Comandou as 2ª e 1ª Regiões Militares. A última, no combate vitorioso à Revolução de 1932 de São Paulo. De 11 de janeiro de 1934 a 01 de março de 1935, exerceu o Ministério da Guerra. Em 1936 assumiu por sua indicação, o Ministério da Guerra, o general Eurico Gaspar Dutra. Em 1937 foi eleito presidente do Clube Militar e, em julho de 1937, assumiu a chefia do Estado-Maior do Exército, a cuja frente permaneceria 6 anos, quando liderou, no campo militar, a aproximação Brasil-Estados Unidos e a entrada do Brasil na guerra e coadiuviou o ministro Dutra em sua marcante administração no Exército. Em 1944 Góes Monteiro embarcou para Montevideu como embaixador extraordinário do Brasil junto ao Comitê de Emergência da Defesa Política da América. Em 1945, Ministro da Guerra pela 2ª vez, quando liderou a redemocratização do Brasil, com deposição de Getúlio Vargas e fim do Estado Novo. Em 1947 foi eleito senador por Alagoas, mas o seu estado de saúde restringiu em muito sua

atuação. Não conseguiu reeleger-se em 1950. Getúlio Vargas, retornando ao Governo pelo voto popular, nomeou Góes Monteiro chefe do EMFA. Em 1952 ele foi nomeado ministro do STM, função que exerceu até falecer, em 26 de outubro de 1956, aos 67 anos. Góes Monteiro casou com uma gaúcha, Conceição Saint Pastous, de Alegrete. Seu filho Pedro, cadete de Aviação do Exército, pereceu em desastre aéreo no Campo dos Afonsos, em 02 de outubro de 1932, e sua filha, Maria Luiza, casou com o comandante Euclides Quandt de Oliveira, ex-ministro de Comunicações — 1974-78. Góes Monteiro, personalidade opulenta, complexa e por vezes enigmática tem sido o líder militar brasileiro contemporâneo mais estudado. Foi estudado pelo canadense Peter Seaborn Smith, na obra **Góes Monteiro and the role of the army in Brazil**, 1980. Suas Memórias ditadas a Lourival Coutinho foram publicadas em 1956, sob o título **O Gen. Góes depõe**. Escreveu, além de vários artigos em periódicos militares e civis, a obra **A Revolução de 30 e a finalidade política do Exército**. Seu pensamento militar específico é relevante e atual para os militares brasileiros. Plínio de Abreu Ramos e Marcos Penchel o focalizaram com muita clareza no **Dicionário Histórico Biográfico da F.G.V.** (p. 2246-2259). O Arquivo Histórico do Exército, foi criado em 1934, como Arquivo do Exército na administração do ministro da Guerra, Góes Monteiro, com a finalidade de preservar e desenvolver a história científica do Exército, como instrumento orientador da construção segura de seu futuro, e reuniu expressivo material relativo à vida e obra de seu criador, principalmente como chefe do Estado-Maior do Exército (1937-43) e ministro da Guerra (1934-35 e 1945). Na Revista da Academia Militar encontrei as seguintes matérias de sua autoria:

- **A Batalha de Waterloo** nº 33, p.85. Artigo escrito em 1908, como aluno da Escola de Guerra em Porto Alegre.
- **Exército e Nação** Ago 1933.
- **Arma Aérea** nº 45, p.4.
- **O Brasil e a Aviação** nº 49, p.63.



Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes

O pensador militar se revelou em suas obras.

- **Memórias** em 1984 pela BIBLIEEx e antes por seu livro;
- **A FEB por seu comandante;**
- **O Marechal Mascarenhas de Moraes e a sua época.**

Em 1983, no Centenário do Marechal Mascarenhas de Moraes, recebemos a honrosa missão do Presidente Pedro Calmon, de em nome do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sermos o orador das homenagens do IHGB ao centenário do ilustre soldado. Oração que foi publicada na Revista do IHGB Volume 344/ Jul/ Set 1983 p. 119-136, hoje disponível em Livros e Plaquetas, em Personalidades no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br. Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes, de família modesta e sem tradição militar, nasceu na castrense São Gabriel que ele ajudou a consagrar como a terra sulina dos marechais e dos historiadores militares. Coube-lhe a suprema honra, na 2ª Guerra Mundial, em função de **Acordo Militar Brasil-Estados Unidos**, de comandar as principais ações militares do Brasil, levadas a efeito contra o nazi-fascismo.

Primeiro, ao bem organizar a defensiva no Nordeste “**O Tram-polim da Vitória**”, a proteção dos seus portos e das bases aéreas

americanas, em Natal e Recife, e a ilha de Fernando de Noronha, contra um ataque alemão, partindo da África, até a conquista desta pelos Aliados. Segundo, ao comandar, em **Ofensiva**, na Itália, a vitoriosa ação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Histórica e gloriosa missão que ele classificou antes de partir de



General Mascarenhas e seus generais na Itália. À sua direita, Euclides Zenóbio da Costa e Olympio Falconíeri da Cunha. À sua esquerda Osvaldo Cordeiro de Farias. Não estão na foto os generais juízes militares, entre os quais o gaúcho Gen Francisco de Paula Cidade.

“a maior aventura da História do Brasil e do Povo Brasileiro,” depois classificado pelo Congresso Brasileiro de **“o mais brilhante empreendimento militar do Brasil na República.”**

Atuação brilhante, pela qual o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a **Casa da Memória Nacional**, em sua função de Tribunal da História, consagrou Mascarenhas de Moraes **“Como herói nacional, e recomendá-lo como exemplo de patriota moderno.”** Se o Duque de Caxias, sócio honorário do IHGB, instituição que abriga desde 1925 sua heróica e invicta espada de campanha, é o maior soldado do Brasil e a maior Espada do Império,

Mascarenhas de Moraes é o maior soldado da República. Ambos, os líderes militares providenciais com que contou a Pátria Brasileira, em três dos seus mais graves momentos, para conduzir o Brasil à Vitória, em guerras externas, a que foi forçado, contrariando a sua tradição pacifista e de repúdio à Guerra de Conquista. Caxias, hoje patrono do Exército e da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), herói consagrado na condução das guerras contra Oribe e Rosas (1851-52) e da Tríplice Aliança contra o Governo do Paraguai (1865-70), em defesa da Integridade e da Soberania do Brasil.

O Marechal Mascarenhas destacou-se na primeira guerra extracontinental que o Brasil independente participou, ao lutar na Itália e fazer muito boa figura, em aliança ou contra representações dos mais modernos e melhores exércitos do mundo, presentes na Europa Ocidental, no maior conflito da História da Humanidade, em defesa da Democracia e da Liberdade Mundiais. À medida que passam os anos, a semelhança de Caxias, que foi o seu modelo em vida, vem se agigantando na projeção da vida e obra do nosso Marechal ***“que somente viveu do Exército e para o Exército, ao serviço do Brasil, na paz e na guerra, até o sacrifício sem reservas e vacilações”***. Em função disso, nosso herói recebeu justas e honrosas homenagens tais como: do povo norte-americano três citações presidenciais, consagradoras de sua obra como Cabo-de-Guerra de projeção internacional; dos gaúchos, a oferta de Espada de Ouro - hoje no Museu da República. Honraria concedida antes ao General Osório, também gaúcho, e o maior líder de combate de nossa História. Do Povo Brasileiro, através da Assembleia Constituinte em 1946, a concessão das honras de Marechal-de-Exército e do Congresso e Executivo do Brasil, em 1951 (Lei nº 1.448, de 10 dez 51), a sua reversão ao serviço ativo, em caráter vitalício, no posto de Marechal-de-Exército. Honraria igual à concedida depois da I Guerra Mundial, pela França, aos seus marechais que a conduziram à Vitória e, pelos Estados Unidos, ao General John Pershing, que comandou os americanos naquela guerra na Europa. O nosso marechal faleceu em 17 de setembro

de 1965, aos 85 anos, cercado de todo respeito do Exército e da Nação e da veneração de seus comandados da FEB que ele liderou e por eles se interessou até falecer. Isto, com a consciência tranquila de haver trasladado da Itália, os mortos na campanha da FEB para o monumento condigno aos Mortos do Brasil na II Guerra Mundial, que idealizou e construiu sob argumento: — **Eu os levei para o sacrifício cabe-me trazê-los de volta.** Edificante atitude do maior soldado brasileiro contemporâneo. E cumpre-nos realçar os relevantes serviços que prestou ao desenvolvimento da Cultura, ao culto às Tradições militares nacionais, da Geografia e da História do Brasil e da nossa Doutrina Militar. Como comandante da Escola Militar 1935/37, quando no Realengo (EMR), oficializou, estimulou e dinamizou as bibliotecas Central, a dos Cursos das Armas e Serviços e a da Sociedade Militar Acadêmica, integrada por Cadetes. Sociedade presidida entre outros pelos cadetes Aurélio de Lyra Tavares e Jarbas Passarinho, ambos hoje patronos de cadeira na FAHIMTB. E criou outras, especializadas. Tudo visando a despertar nos futuros oficiais, o gosto pela leitura e o recurso ao **autodidatismo** no aprimoramento da Cultura Geral, Profissional e Especializada. Na fase **Defensiva do Nordeste**, contra um possível ataque alemão partindo da África, foi buscar inspiração, para si e para seus comandados, nos **Montes Guararapes**, através de cerimônia cívico-militar memorável, de trasladação para a igreja, mandada construir pelo general vencedor daquelas memoráveis batalhas, dos restos mortais dos heroicos Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros. Montes Guararapes desde 21 de abril de 1971 inaugurado como o 1º Parque Histórico Nacional, pelo Presidente Emílio Médici. Parque Histórico do qual recebi a honrosa missão como oficial do Estado-Maior do então IV Exército, de coordenar o seu Projeto, Construção e Inauguração e escrever como missão o meu primeiro livro **As Batalhas dos Guararapes - Descrição e Análise Militar**. Recife: UFPE, 1970, como história militar crítica aquela que agrega Sabedoria Militar e não só Conhecimento, como a História militar descriptiva.

Ao retornar da Itália, vitorioso, Mascarenhas foi depositar os

louros conquistados pela FEB nos Montes Guararapes, proferindo palavras memoráveis e antológicas que desde a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em 1971, encontram-se inscritas, em bronze, em local de destaque, ao mesmo nível da Igreja N. Sra. dos Prazeres.

“Nesta colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação Brasileira. Na qualidade de comandante da FEB, deponho no Campo de Batalha de Guararapes os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra tropas germânicas nos campos de batalha do Serchio, dos Apeninos e do Vale do Rio Pô.”

Como demarcador das novas fronteiras, do Brasil com a Bolívia, no Acre e Mato Grosso, decorrentes do Tratado de Petrópolis de 1903, prestou assinalados e relevantes serviços à Geografia do Brasil. Sua obra específica merece respeito e consagração dos brasileiros e em especial dos seu conterrâneos do Rio Grande do Sul. Prestou meritório serviço à Memória Nacional ao produzir as obras **A FEB por seu comandante e Marechal Mascarenhas de Moraes - Memórias, 2V**, fontes preciosas de nossa História Contemporânea que o consagraram como patrono de cadeira da Federação de Academias de História Militar Terrestre (FAHIMTB) que fundamos em Resende em 1º de março de 1994, no aniversário do término da Guerra do Paraguai. FAHIMTB desde então acolhida em instalações da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) que ele comandara no Rio de Janeiro como Escola Militar do Realengo. Elas, ao lado de trabalhos históricos que produziu, focalizando o Duque de Caxias como a Maior Espada do Império e o General Gamelin, primeiro chefe da Missão Militar Francesa (MMF), no nosso Exército, também o consagram como historiador militar. Revelam uma consciência histórica cristalina, serena e equilibrada dos tempos que viveu e testemunhou, fruto de segura, madura, honesta e muito franca interpretação.

As suas **Memórias**, em particular, constituem uma das mais sereñas e claras fontes da História do Exército, como Instituição e Força Operacional, no contexto de Reforma Militar. E mais, indispensável

item na bagagem e cabeceira dos oficiais, como um guia do Oficial do Exército Brasileiro. Elas traduzem a vivência militar de quem é hoje padrão, símbolo e patrono espiritual do soldado brasileiro moderno. Além de exemplo de ilustre e exemplar cidadão, cabo-de-guerra estudioso, dedicado, simples e corajoso. E para Menotti del Pichia, “o Marechal historiador”, que ajudou a fazer e a escrever um dos mais belos capítulos da História Contemporânea ao comandar a FEB na 2^a Guerra Mundial.

A infância e o despertar para a carreira das Armas

Jango, como era conhecido em família, recebeu influência cultural e espiritual de seu avô materno, pelotense que estudou no Caraça, em Minas. Seu avô venceu na vida, tornando-se estancieiro próspero em São Gabriel, onde foi vizinho e amigo de Deodoro da Fonseca. Sua infância foi feliz. Aos 10 anos, a Revolução Federalista de 93, com seus barbarismos, obrigou-o a migrar para Porto Alegre, em companhia dos pais, com significativa perda patrimonial. Em Porto Alegre, durante o dia auxiliava a mãe numa padaria, enquanto o pai percorria o Rio Grande como caixeiro-viajante. À noite estudava, visando a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo, cedendo à vocação de soldado. Esta, despertada na infância “*ao deslumbrar-se com o brilho das espadas, o vibrar de clarins e com os desfiles do Regimento de Mallet, aos domingos, para assistir missa na Matriz*”. E, como era tradição no Império, “*com suas fardetas ajustadas, guritões de verniz, gravatas de couro e calças alvíssimas*”.

Iniciou a carreira militar em 1º de abril de 1899, na Escola Tática do Rio Pardo, em turma de civis, onde se destacava, e onde escreveu “*a figura minúscula, como eu, de Bertoldo Klinger*”. Em Rio Pardo escreveu “*Getúlio Vargas, senhor já daquele sorriso que nunca o abandonou*”.

Sobre esta escola publicamos em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis a obra **Escolas Militares de Rio Pardo 1859/1911** (Porto Alegre: AHIMTB/Gênesis, 2005), que resgata a vida nesta Escola dos alunos Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra e Bertoldo

Klinger – este, memorialista que nos ajudou neste resgate, o mais difícil que enfrentamos, por carência de fontes primárias.

Mascarenhas concluiu a escola com destaque, no início de 1902, quando tomou contato com o Rio, terra adotiva, como aluno da Escola Militar da Praia Vermelha. Ali foi colhido, ao final do 3º ano, pela Revolta da Vacina Obrigatória de 1904, da qual se recusou, de pronto, como poucos, a participar. Fechada e extinta a Escola, foi mandado apresentar-se à tropa como soldado raso de Infantaria e logo a seguir de Artilharia na Fortaleza de São João. Ali colheu, através do sargento Fontoura, um correto exemplo de profissional modelar e consciente. Em 23 de agosto de 1905, após exames, foi de soldado a alferes-aluno, posto lembrança, do que classificou *“De um Exército de teóricos”* à cuja última turma pertenceu. Aliás, denominação abandonada, desde então, em função do Regulamento de 1905, pela atual de Aspirante a Oficial. Regulamento que transformou o episódio político da Revolta da Vacina, na maior revolução doutrinária ou cultural do Exército. Isto por se constituir em ponto de inflexão do Ensino Militar, de bacharelismo para profissionalismo militar. E, na prática, por elevar os padrões de operacionalidade do Exército, dos descoloridos e tristes de Canudos e Revolução Federalista, para os destacados padrões atingidos pela FEB, que Mascarenhas teve a honra e o privilégio cívico de conduzir à Vitória na Itália.

Coube-lhe assim, como representante da última turma do bacharelismo, da Praia Vermelha, impregnada por um Positivismo mal interpretado no Campo Militar, dar a volta por cima e tornar-se o maior expoente do profissionalismo militar, ao comandar a FEB.

Demarcador de fronteiras no Brasil-Bolívia no Acre

Sua primeira missão foi na demarcação das fronteiras com a Bolívia, no Acre e Mato Grosso, em função do Tratado de Petrópolis de 1903. Nela demorou-se cinco longos anos. Percorreu os vales dos rios da Prata, Paraná, Paraguai, Madeira, Abunã, Xipamano, Rapina e Amazonas. Num intervalo da missão cursou Engenharia

e Estado-Maior. Como engenheiro praticou na construção do Forte Copacabana. Acusou de ridículo e pretensioso o Ensino Militar da época, ao conferir a um 2º tenente o título de oficial de Estado-Maior. Este modificado pela Missão Francesa, ao entendimento atual. Conseguiu driblar a malária e aumentar suas rendas para auxiliar seus pais e realizar o sonho de constituir família. Consciente, de forma clara, dos momentos históricos que viveu, registrou a coincidência de quatro conterrâneos gabrielenses terem tido participação ativa na incorporação do Acre ao Brasil: Gentil Norberto, ao iniciar a Revolução Acreana; Plácido de Castro ao colocar-se à frente do movimento armado e torná-lo vitorioso; o diplomata e jurista J. F. Assis Brasil, como negociador plenipotenciário, junto com Rio Branco, do Tratado de Petrópolis de 1903 e, finalmente, ele Mascarenhas de Moraes, como um dos demarcadores das novas fronteiras com a Bolívia, no Acre.

Início de suas ligações sentimentais

De retorno da demarcação no Acre, em 1915, tiveram lugar duas fortes ligações sentimentais: - Primeiro o casamento com sua conterrânea Adda Brandão com quem viveu ligação modelar e teve um casal de filhos; a segunda, sua ligação com o Regimento de Artilharia Montada - Grupo Floriano, onde penetrou afetivamente nos mistérios de Artilharia, inclinação despertada na infância à vista do heroico e legendário Regimento Mallet e por ouvir suas bélicas tradições. Ali foi guia seguro e esclarecido o seu amigo desde o Rio Pardo, o Capitão Bertoldo Klinger, que cursara, de forma brilhante, Artilharia no Exército Alemão.

Era a época da Revolução Cultural, levada a efeito na Defesa Nacional entre outros, por Klinger, Leitão de Carvalho, Euclides Figueiredo, Paula Cidade. Klinger e Paula Cidade eram gaúchos. Klinger filho de Rio Grande e Paula Cidade porto-alegrense e meu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Ambos hoje patronos de cadeiras numeradas na FAHIMTB.

Consciente disso e das constantes intervenções da Escola

Militar na vida política do Brasil, desde a campanha republicana, no Império, o Coronel Mascarenhas de Moraes fez um levantamento de todos os movimentos ocorridos em escolas do Exército (Praia Vermelha, Realengo, Porto Alegre e Rio Pardo). Determinou suas causas e tratou de erradicá-las.

Ao eclodir a desastrada Intentona Comunista de 1935, empregou os cadetes na erradicação do foco na Escola de Aviação, em apoio à ação da Vila Militar e à reação liderada pelo então Tenente-Coronel Eduardo Gomes no 1º Regimento de Aviação. Coube a cadetes render e conduzir à sua presença, na Escola Militar, os dois principais chefes do levante na Escola de Aviação e conduzi-los, presos, à 1ª Região Militar.

O dia 27 de novembro de 1935, foi também marco da erradicação de revoltas da Escola Militar, fruto da manipulação externa, da pureza e romantismo cívico da juventude militar, combinada com desassistência interna. Sobre isto registrou o Coronel Mascarenhas:

“Sob o meu comando, pela primeira vez no Brasil, os alunos da Escola Militar saíram do quartel para defender a ordem e as instituições”. E continuou:

“Mediante assistência dedicada e permanente, diligenciei no sentido de que os cadetes, futuros chefes, fossem preservados da deformação mental provocada pelo espírito revolucionário extremista, apregoados pelo Comunismo e Integralismo. Foram sobretudo orientados e instruídos no respeito à Lei e à Disciplina, fundamentos de todo o Ordenamento Jurídico do Brasil”.

Em janeiro de 1936, dirigiu em presença do Chefe da Nação, aos aspirantes da turma de 1935, saudação que chamou de “Modesto Catecismo” com 15 itens, para orientar a vida dos aspirantes e que conserva até hoje grande atualidade. Dele destaco quatro conselhos, fruto de reflexão madura duma vivência militar de 35 anos. Conselhos de um chefe extremamente responsável e mais do que isso, o pai de um dos cadetes em forma:

- *“Ampliai vossa cultura profissional, em proveito próprio e no do adestramento da Tropa que comandais”.* (Cultura e Operacionalidade).

- *"Economizai e conservai, com carinho, os bens da Fazenda Nacional e em especial o material de guerra que além de caro é diminuto para nossa necessidade".* (Economia e zelo pelos bens da Nação).

- *"Sede brandos e justos para com vossos comandados, subordinados e leais para com os superiores, severos convosco, abnegados no serviço, tudo na forma sublime do sacerdócio militar".* (Justiça, Lealdade, dar o Exemplo - Carreira Militar, Sacerdócio).

- *"Senti bem a força de vossa autoridade, sem vos esquecerdes de que ela é uma delegação do próprio Estado, através de todos os escalões da Hierarquia. Ela emana da Soberania Nacional e, como tal, só se exerce em defesa do Brasil e de suas Instituições".* (Autoridade Militar é Delegação para Defesa da Pátria).

Modesto Catecismo também ouvido pelo Aspirante Carlos de Meira Mattos, mais tarde seu capitão na FEB, seu amigo, prefaciador de suas Memórias, e hoje seu biógrafo, considerado uma das maiores autoridades em Gepolítica do Brasil, também ex-comandante da AMAN e o primeiro a tomar posse como acadêmico da FAHIMTB, inaugurando a cadeira numerada Marechal Mascarenhas de Moraes, cadeira hoje que tem por titular seu único neto o acadêmico Cel Art Roberto Mascarenhas de Moraes.

E mais, pelos cadetes do 2º ano, entre os quais o seu próprio filho Roberto Brandão Mascarenhas de Moraes. No 1º ano, formavam, entre outros, os cadetes João Baptista de Oliveira Figueiredo e Délío Jardim de Mattos.

Dentre os capitães e tenentes que integraram a FEB muitos foram seus ex-cadetes na Escola Militar.

Pelo Boletim Escolar nº 31 de 6 de fevereiro de 1937, reconheceu e oficializou a Biblioteca Escolar, bem como as dos cursos e da Sociedade Acadêmica. Autorizou os departamentos de Equitação e Educação Física a organizar bibliotecas especializadas.

Seu gesto sucedeu de um ano ao da criação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, do qual é patrono da cadeira nº 79. Antecedeu um ano a reorganização da BIBLIEC com o espírito, então, de dar preferência a trabalhos de militares do Exército, para

estimular o surgimento de novos escritores militares e apoiar, como biblioteca de consulta, os militares da Guarnição do Rio. Tudo como parte de um contexto de apoio e estímulo ao desenvolvimento e difusão da corrente do Pensamento Militar Brasileiro que emergiu da Reforma Militar e a orientou. Pensamento visando o longo prazo, a formulação de uma Doutrina Militar Brasileira genuína. Sonho que vinha sendo sonhado e perseguido por Caxias, Deodoro, Floriano, Medeiros Mallet, Hermes e Clodoaldo da Fonseca, e pelos *"Jovens Turcos"* da Revista a Defesa Nacional, os veteranos de nosso Exército, que lutaram ao lado da França na 1^a Guerra, os missionários indígenas da Missão Indígena da Escola Militar do Realengo 1919/1921, os pensadores militares J. B. Magalhães e Castelo Branco e muitos outros, que seria exaustivo enumerar, até 1945. Como outros eventos marcantes de seu comando na EMR registre-se:

O recebimento do Espadim de Caxias, das mãos do Presidente Getúlio Vargas, pelo primeiro recipiendário do Espadim de Caxias a atingir a Presidência da Nação e a Chefia Suprema das Forças Armadas o ex-Presidente General João Figueiredo. Envio de representação de um Pelotão de Cavalaria a Porto Alegre, para o Centenário da Revolução Farroupilha. Definição de 23 de abril, data de início do funcionamento da Academia Real Militar em 1810, como data oficial do aniversário da AMAN. Consagração da Escola Militar como Campeã Universitária de Atletismo e, finalmente, incorporação à Escola, em 25 de fevereiro de 1937, do bronze *"Pela Pátria, pela Humanidade"*, alegoria ao gesto heroico do Aspirante Humberto Pinheiro Vasconcelos, que deixou mutilar sua mão e braço, colocado do lado de fora da sala, por uma janela para evitar que granada de mão, acionada accidentalmente, atingisse a tropa que instruía numa sala.

A partir de 1936, o Coronel Mascarenhas registrou o brilhante auxílio que passou a receber do então Major Tristão Alencar de Araripe, emérito instrutor da Tática Geral na ECEME, como seu Diretor de Ensino, personalidade que destacou-se na 2^a Guerra Mundial na defesa de Fernando de Noronha e depois, como historiador e Presidente, diversas vezes, do Instituto de Geografia e História Militar

do Brasil, além de membro do IHGB e comandante da Escola de Estado-Maior, e também um grande defensor do ensino de História Militar Crítica à luz dos Fundamentos da Ciência e da Arte Militar e não como História Descritiva.

Atuação na 2ª Guerra Mundial

A ação de nosso herói moderno foi providencial, relevante e vitoriosa na 2ª Guerra Mundial. Tanto na fase Defensiva no Nordeste como na Ofensiva na Itália, em resposta ao acordo Militar Brasil - EUA (Mar 1942).

Na fase Defensiva, como comandante da 7ª Região Militar, no Recife para: ***“Assegurar a integridade do Nordeste ‘O Saliente Nordestino incluído no cinturão de Defesa Estratégica dos EUA, contra possível ataque alemão partindo da África”***, até que ocorreu o desembarque vitorioso americano naquele Continente.

O correto e eficaz desempenho dessa missão é atestado pela citação do presidente dos EUA - Franklin Delano Roosevelt, ao conceder-lhe a Ordem da Legião do Mérito:

“Conduta excepcionalmente meritória, de setor que incluía bases aéreas e portos. Organizou e dirigiu a defesa dos mesmos quando era constante a ameaça de ataques. Sua previsão, excelente critério, iniciativa, habilidade para organização, faculdade inventiva e superior direção, contribuíram de maneira inestimável para a continuação do esforço de guerra no Nordeste”.

Nessa honrosa missão teve o concurso de cerca de 50.000 militares. Entre eles alguns historiadores do IHGB. O primeiro, o general Estevão Leitão de Carvalho que lhe ***“fez inspeção severa e preciosa com observações úteis e plausíveis”***. O terceiro, após ter deixado o Nordeste, o General Tristão de Alencar Araripe, no comando da defesa de Fernando de Noronha ***“A guarnição sacrifício”***, cujos 99 canhões 152, foram desembarcados em trabalhos hercúleos e épicos, pelos pontoneiros do 4º Batalhão de Engenharia de Combate de Itajubá, que tive a honra de comandar em 1981/82. Canhões que foram instalados e apontados pelo nosso estimado

confrade nos IHGB e IGHMB General Francisco de Paula Azevedo Pondé, também Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e hoje Patrono de cadeira na FAHIMTB.

Na fase Ofensiva, coube-lhe conduzir a FEB à vitória, nos campos da Itália. Feito maior que trataremos sinteticamente por se achar bem preservado e divulgado e com suas fontes significativamente arroladas, pelo Coronel Francisco Ruas Santos, expedicionário da FEB e introdutor na AMAN em 1961 do ensino de História Militar Crítica, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar. Trabalho editado pela BIBLIEX, sob o estímulo de seu diretor, à época e também nosso ilustre consócio, Gen Umberto Peregrino que se preocupou em editar trabalhos sobre a FEB e que apoiou o Marechal, através da BIBLIEX, na primeira cerimônia realizada no Monumento aos Mortos da 2^a Guerra Mundial, ainda em construção no Aterro do Flamengo. História da FEB cujas fontes primárias reunimos numa sala especial no Arquivo Histórico do Exército quando o dirigimos em 1985/1991, sendo Secretário do Exército o hoje Acadêmico Emérito Gen Ex Jonas de Moraes Correia Neto, ocasião em que conseguimos mudar o nome de Arquivo do Exército para Arquivo Histórico do Exército, com sua missão definida em placa de Bronze em sua entrada. Atuaram em apoio ao Marechal mais três ilustres consócios e chefes militares, primeiro o general Estevão Leitão de Carvalho, como representante do Brasil na Comissão Mista Brasil - EUA, intermediário entre os dois governos, em tudo que se referia à FEB e ex-comandante da Escola de Estado-Maior. Segundo, nosso confrade no IHGB, o então tenente-coronel Nelson Lavanére-Wanderley, pioneiro do primeiro vôo do CAN, e hoje seu patrono e também patrono de Delegacia da FAHIMTB em Santos Dumont, MG, e como integrante da comitiva do Marechal na África, para os primeiros contatos com oficiais dos EUA no TO do Mediterrâneo e que permaneceu naquele TO, como Oficial de Ligação de Aeronáutica das forças brasileiras com as norte-americanas.

Em terceiro lugar, o então tenente-coronel Aurélio Lyra Tavares, integrando a Chefia do Estado-Maior do Interior no Brasil,

encarregado de assuntos relacionados com a FEB, na Itália, cujos detalhes nos fornece em sua obra o **Brasil de minha geração** v.2 e que, na qualidade de Ministro do Exército, baixou ato em 1968, incluindo foto e dados sobre o Marechal, no **Almanaque dos Oficiais do Exército**, logo a seguir a página reservada ao Duque de Caxias - como Patrono do Exército.

Além das vitórias colhidas na FEB pelo Marechal Mascarenhas e os cerca de 25.000 brasileiros que comandou (militares do Exército, da Polícia Militar de São Paulo e Força Aérea, enfermeiras e civis do Banco do Brasil) merece destaque o grande feito pouco percebido e enfatizado, mesmo por especialistas. Feito semelhante ao milagre da transmutação da água em vinho! Ele consistiu na adaptação da FEB na Itália, da Doutrina Francesa em implantação há 24 anos no Brasil, para a Doutrina Americana, graças à criatividade e adaptabilidade do soldado brasileiro e o valor de chefe do futuro Marechal.

Doutrinas com diferenças gritantes em seus processos e equipamentos. A americana baseada na motorização, no fuzil Garand, nos canhões 105 e 155, na observação aérea, etc., coisas desconhecidas do Brasil, com seu Exército hipomóvel, voltado para a Defesa das fronteiras Sul e Oeste e não para uma Expedição Ultra Marina.

Durante a campanha, Mascarenhas tomou duas decisões históricas de grande repercussão na sucessão de vitórias da FEB, segundo Meira Mattos.

A primeira foi a centralização do comando, depois dos insucessos de Monte Castelo, particularmente o preplano e conduta das operações de combate. Daí por diante, as ações da FEB foram conduzidas com sucessos assinalados pelas vitórias de Monte Castelo, Castelnuovo, Montese e Colléchio, entre outras. Sobre isto escreveu:

“A FEB somente passou a resplandecer no cenário da guerra, quando centralizei em minhas mãos o comando periclitante de nossa Divisão Expedicionária”.

A situação traz-me à lembrança a conduta da guerra do Paraguai, até o desastre de Curupaiti, que determinou a ida de Caxias para assumir o Comando Único e Centralizado.

À primeira vista é uma preciosa lição da História Militar do Bra-

sil. É um assunto importante a ser analisado como lição.

A segunda foi embarcar a Infantaria nos caminhões da Artilharia, na fase da Perseguição as forças inimigas em retirada. O Marechal foi formado na era hipomóvel.

Esta decisão determinou a Surpresa Tática das unidades alemãs que tiveram a retirada cortada pela FEB, através do rio Pó. Isto resultou na rendição de 15.000 alemães e o abreviamento da campanha.

Este feito traz à lembrança a manobra desbordante de Caxias, de Piquiciri, através do Chaco, com o desembarque de surpresa, em Santo Antônio, entre o grosso adversário e a capital Assunção.

Por sua brilhante atuação no comando da FEB, Mascarenhas de Moraes foi alvo das citações do Presidente dos Estados Unidos cujo termos sintetizo:

“Demonstrou em grau superlativo, habilidade, liderança e coragem. Conduziu a FEB por 299 dias de ação contínua, contra o inimigo, sob intempéries por ele desconhecidas. Suas tropas fizeram cerca de 20.000 prisioneiros. Cumpriu todas as missões recebidas dos oficiais do Exército dos EUA, sob cujas ordens serviu, demonstrando suas magníficas qualidades de líder de combate.” E em outra citação:

“Dirigiu hábil e corajosamente operações contra resistências sob condições adversas do Terreno. Neste afã se expôs a grave perigo nas áreas avançadas. Pela sua vigorosa e sábia direção a FEB mostrou adaptabilidade e zelo na execução de cada missão. O largo conhecimento profissional e habilidade para cooperar e coordenar com as unidades aliadas, envolvidas nas operações, granjearam-lhe créditos e estão em acordo com as mais altas tradições dos exércitos aliados”.

Do povo brasileiro recebeu consagração através de Projeto Lei nº 115 de 1948 do Congresso Nacional, assinado por 143 deputados, entre os quais sócios do IHGB, General Jonas Correia e Afonso Arinos. Foi também deputado signatário Euclides Figueiredo, Jovem Turco e Missionário Indígena, e pai do ex-Presidente General João Figueiredo. Projeto transformado na Lei nº 1.488 de 10 de dezembro de 1951, sancionada pelo seu antigo calouro do Rio

Pardo, o então Presidente Getúlio Vargas e com seguinte espírito:

Investidura no posto de Marechal-de-Exército, reversão e permanência no Serviço Ativo até morrer.

Na justificação do projeto seus signatários se expressaram entre outros nos seguintes termos:

“Sob seu bravo comando a FEB realizou os mais gloriosos feitos. Onde quer que tenha atuado antes da guerra, deixou a marca de uma forte individualidade e de militar dotado das virtudes essenciais à profissão de soldado. Democrata nas ideias e nos hábitos, discreto, inimigo do ruído em torno de seu nome e atos. Modelo em resumo, do oficial completo para quem o serviço da Pátria é o objetivo supremo da existência. Na direção das tropas, no estrangeiro, longe da Pátria, mostrou, finalmente, como era de fato incomum a sua capacidade de chefe militar e de esplêndido condutor de homens. Capacidade de comando revelada pela ascendência sobre os subordinados, baseado no exemplo e na confiança que soube conquistar, pela prática das verdadeiras virtudes militares e provas positivas e permanentes das qualidades de chefe”.

Significação histórica

O Marechal Mascarenhas de Moraes é símbolo e padrão do soldado brasileiro moderno. Comandou à vitória forças brasileiras, na Itália, no esforço de guerra dos Aliados na 2ª Guerra Mundial, que culminou com a derrocada da ameaça nazi-fascista no maior conflito da Humanidade. Por essa razão, principalmente, conquistou lugar de grande relevo, entre os maiores guerreiros do Brasil, cultuados, evocados e apontados como exemplos à Nacionalidade. Nosso marechal conheceu em vida a glória e a consagração, como herói nacional militar, em demonstrações espontâneas oportunas e justas de parte do Povo Brasileiro e do Exército do Brasil. Iniciando a vida militar, como aluno, passou pela graduação de soldado raso e atingiu a culminância da Hierarquia militar no posto de Marechal, por vontade soberana do Povo Brasileiro. Esta, manifestada através

do Congresso Nacional. Por vontade desse mesmo Povo Brasileiro reconhecido, teve o privilégio da vitaliciedade no Serviço Ativo e o de ser soldado na Ativa por 65 anos, até morrer.

Sua espada honrada só foi desembainhada em defesa da Lei, da Ordem e das Instituições, no campo interno, e da Democracia e da Liberdade Mundial, no campo internacional. Prestou assim brilhantes serviços, de grande projeção no Brasil, em sua marcha rumo à conquista de seu destino sonhado de grandeza.

Concentrando no comando da FEB, na Itália, e no retorno vitorioso da mesma, grandes poderes legais e, potenciais de fato, em suas mui dignas mãos, jamais abusou dos mesmos, virtualmente soldado, não cedeu às tentações políticas, em que caíram vários generais, ao retornarem cobertos de glórias do campo de batalha, conforme o registra a História da Humanidade.

Suas glórias imortais e consagradoras, como a maior espada até o presente, da República, ele as conquistou com soldados tropicais no montanhoso e por vezes nevados campos de batalhas na Itália, já sexagenário, e na condição de o mais velho general Aliado em campanha, naquele Teatro de Guerra.

Lá, segundo seu Oficial de Operações, o então Tenente-Coronel Humberto de Alencar Castello Branco, nosso herói afrontou a morte com serenidade, expondo-se aos lances e perigos da guerra, com característica de Ato de Bravura. Esta, reconhecida em citação do Presidente Harry Truman dos EUA. Bravura capaz de justificar a concessão de medalha específica a “única que não recebeu e que mereceu mais do que ninguém” e que completariam as suas 27 condecorações, das quais 11 nacionais e 16 internacionais.

Escolhido por sua ciência e virtudes para comandar a FEB, segundo o acadêmico Menotti del Picchia:

“O Marechal que aliava dignidade à bravura, transformou aquela força, de um punhado de bravos, num corpo de combate, homogêneo, eficiente, não raro audaz e impetuoso que nos trouxe as vitórias de Castelnuovo, Montese, Fornovo e o instante épico de Monte Castelo que iluminou de glória: as virtudes do soldado brasileiro”.

Nosso Marechal à frente da FEB, a História o comprova, revelou ao Brasil, um espírito superior ao chamar a si a responsabilidade do revés e dividir os louros da vitória. Mostrou-se modelar como chefe e líder militar brasileiro, consciente e com alto grau de seus deveres e responsabilidades em sua histórica missão de **"comandar a maior aventura militar do Brasil na República"**. Ele revelou calma, equilíbrio intelectual e emocional no insucesso e humildade e modéstia na vitória. Foi organizador silencioso, discreto, metílico e previdente. Estrategista e tático inspirado. Planejador sóbrio e objetivo. Condutor sereno, tenaz, enérgico, perseverante, estoico e capaz dos maiores sacrifícios. O grande historiador brasileiro Dr. Pedro Calmon assim definiu o Marechal Mascarenhas de Moraes:

"Herói providencial por ter sido sem injustiça, sem ilegalidade, sem egoísmo e impelido por sua única paixão, compatível com os deveres cínicos - a paixão do Bem Comum. Providencial por ter feito como soldado modelo, do destino nacional a sua diretiva da glória sem mácula, a sua ambição, do sacrifício o seu timbre heráldico, das vitórias ganhas pelo país os títulos impessoais de sua carreira militar honrada".

Todos os seus feitos que o consagraram na galeria dos maiores soldados guerreiros do Brasil, foram praticados sem alardes, arruídos, violência desnecessária e abusiva. Não se embriagou com a glória. Não tripudiou sobre os vencidos. Ao contrário, exigiu para os prisioneiros de guerra trato humano coerente com as melhores tradições brasileiras e recusou assinar proclamações que expusessem seus homens a manipulações psicológicas.

Como gaúcho foi fiel às características de **Firmeza e Doçura** do gaúcho histórico que encontraram no General Osório a sua expressão maior e mais autêntica. Características inscritas na bandeira da República Rio-Grandense sob a forma de dois amores-perfeitos:

"Firmeza no combate ao lutar com toda a bravura, garra, firmeza, tenacidade e determinação. Doçura depois da vitória, traduzida pelo respeito, como religião, à vida, à honra, à família e ao patrimônio do vencido."

Foi além, a expressão viva da dignidade e do respeito à ética e a

encarnação da lealdade autêntica à Ordem, à Lei e às Instituições, pelo que sua dignidade pagou alto preço em 1930.

Não foi um líder carismático, arrebatador. Mas sim líder que firmou sua liderança em função de suas elevadas capacidades profissional, militar e administrativa. Esta, decorrente das aptidões de muito bem planejar, organizar, comandar, controlar e coordenar. Tudo embasado em: inteligência e saúde mental invejáveis; caráter superior; espírito público e integridade em grau superlativo; coragem física e moral, provada em diversas ocasiões; capacidade de decisão e de diagnosticar situações humanas, como no caso de seu Estado-Maior antes da vitória de Monte Castelo; grande capacidade de autoanálise, auto-domínio e fortaleza de espírito que resistiu na guerra às enormes pressões, que não lhe deixaram sequelas na paz, caso comum entre veteranos de campanhas.

Comparando-o com um **iceberg**, a ponta era representada por sua figura humana que ele classificou certa feita de **minúscula**. Sob ela, a parte restante e a maior do iceberg, era representada por seu espírito superior e providencial, para comandar os brasileiros na primeira participação militar extracontinental da Nacionalidade.

Chefe e amigo de seus subordinados, foi o arquiteto de seus entusiasmos, levou, todos os dias, em todos os recantos de sua Zona de Ação a sua presença, a sua assistência moral, a palavra certa e sobretudo a confiança. Na paz continuou atento aos seus destinos e na luta pela defesa de seus legítimos interesses.

Além das qualidades excelentes e modelares de cabo-de-guerra e cidadão brasileiro, foi esposo modelar. Alimentou um amor-veneração correspondido por sua esposa Adda Brandão, exemplo de filha, esposa, mãe e avó de soldados do Exército Brasileiro. Heroína brasileira moderna que repousa ao lado do Marechal, no Mausoléu dos Veteranos da FEB, no cemitério São João Batista, que inauguraram com seus veneráveis despojos. Eis mais um traço comum do Marechal com o Duque de Caxias, entre tantos outros estudados em **Letras em Marcha** pelo seu oficial de Logística na FEB, do falecido general Agnaldo Senna Campos, autor do anteprojeto do célebre distintivo da FEB “**A cobra está fumando**”.

Bravo histórico e providencial cabo-de-guerra brasileiro!

Marechal Mascarenhas de Moraes, hoje denominação histórica da gloriosa **1ª Divisão de Exército**, da Vila Militar, que carrega as mais caras tradições da **1ª Divisão de Infantaria Expedicionária da FEB**, à frente da qual colhestes com teus bravos soldados, louros inacessíveis para armas brasileiras, na Itália na II Guerra Mundial. Hoje, nesta minha **Memória Evocação** para o Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL) através da palavra deste relator, modesto soldado e pesquisador e divulgador da História do teu Exército, prestar-te, por justiça e dever, uma das poucas homenagens que te eram devidas e mais do que isto, para consagrarte!

Como historiador e geógrafo brasileiro e, fundamentalmente como padrão, símbolo e patrono espiritual do soldado brasileiro moderno, com projeção histórica que mais se aproxima do ínclito Duque de Caxias - o Patrono do Exército. Como general brasileiro que conquistou nos campos de batalha na Itália, lugar na galeria dos capitães da História Militar Mundial: o de maior soldado latino-americano deste século e um dos maiores da História do Brasil e que esteve à altura e honrou as tradições militares brasileiras dos Guararapes, Catalan, Taquarembó, Passo do Rosário, Monte Caseros, Paissandu, Passo da Pátria, Tuiuti, Curuzú, Humaitá, Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Campo Grande.

Bravo Marechal Mascarenhas de Moraes! Que o teu imortal exemplo de soldado gaúcho moderno continue a inspirar e alicerçar o presente e o futuro do Brasil e em especial o do Exército Brasileiro - o teu Exército - o Exército do Duque de Caxias - O Pacificador".

Finalizando: O Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, ao falar em nome do Exército, no sepultamento do Duque de Caxias, assinalou como maior característica do Patrono do Exército **"A grandeza de sua simplicidade"**.

Do Marechal Mascarenhas, falando em nome das instituições históricas que eu presido ou integro creio, interpretando

os sentimentos gerais, podemos afirmar que suas maiores características foram **“A grandeza de sua dignidade e a de sua consciência profissional”**.

FONTES CONSULTADAS

BENTO, Claudio Moreira. *Marechal Mascarenhas de Moraes - Significação Histórica*. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* nº 344:119-136, jul/set 1984. (Nossa oração no Centenário do Marechal a convite do Dr. Pedro Calmon).

_____. *O Dia da Vitória. Letras em Marcha*, 07 mai 1977.

_____. *A participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial*. Volta Redonda: Gazetilha, 1ª ed. 1994 e 2ª ed. Porto Alegre: ANFEB: Contursi Produções, 2000. A 1ª ed. com prefácio do General Plínio Pitaluga e a 2ª ed., de José Conrado de Souza, ambos acadêmicos da FAHIMTB e veteranos da FEB. Disponível em Livros no site www.ahimtb.org.br.

_____. *As duas faces da Glória*. In *Revista A Defesa Nacional*, nº 255, abr/jun 1992, p. 131

_____. *Marechal Mascarenhas de Moraes. Significação histórica - síntese*. In *Revista do Clube Militar*, nov/dez 1983, p. 21/24. Mensário *Letras em Marcha* nº 146, nov 1983. *Diário Popular* Pelotas nov 1983 e *Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, tomo 69, 1983, p. 93ss.

_____. *Evocação do Comandante da FEB nos 60 anos do Dia da Vitória*. In: *O Guararapes* nº 45 da AHIMTB, abr/jun 2005, disponível em Informativo no site www.ahimtb.org.br.

_____. et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. *A participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial*. In: *Brasil - Lutas contra invasões, ameaças e pressões externas...* Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2014, p. 388/420.

_____. *Palavras finais* na posse como acadêmico do General Domingos Ventura Pinto Junior na cadeira Marechal Mascarenhas de Moraes, disponível em artigos no site www.ahimtb.org.br.

FAHIMTB. *Orações de posse na Cadeira Marechal Mascarenhas de Moraes: General Carlos de Meira Mattos, Cel Germano Seidl Vidal, General Domingos Ventura Pinto Junior e Cel Roberto Mascarenhas de Moraes*, no Arquivo da FAHIMTB, na AMAN.

FIGUEIREDO, Osório Santana. *João Baptista Mascarenhas de Moraes*. In: *Terra dos Marechais*. Santa Maria: Pallotti, 2000, p. 77/103.

MASCARENHAS DE MOARES, Roberto. *Meu avô Mascarenhas de Moraes* (depoimento de quatro páginas cedido ao autor).

MATTOS, Carlos de Meira. *Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*. Rio de Janeiro: BIBLIE, 1983 (Tomos I e II).

_____. *Traços da personalidade do Comandante da FEB*. In: *Revista Militar Brasileira*, nº especial dedicado à FEB, 1973 p. 84-85.

OLIVEIRA, Tácito Theophilo Gaspar de. *Marechal Mascarenhas de Moraes, Centenário*. In *Revista do Instituto do Ceará*, 1981, Tomo 97, p.1/7.

PERES, Carlos Roberto (org). *Cel João Baptista Mascarenhas de Moraes*. In: *Dois séculos formando oficiais para o Exército*. Resende: IPSIS-Graf. Ed. 2011, p. 88/89.

VIDAL, Germano Seidl. *A figura excelsa de Mascarenhas de Moraes*. In *Revista do Exército*, v. 139, 3º quadrimestre 2002.

Pedro Calmon ao prefaciar suas Memorias 2v publicado pela BIBLIE assim o encerra:

O marechal deixou o renome da FEB no mausoléu, em que repousam os mortos da campanha, e no livro que os elogia, túmulo provisório dos soldados que caíram, pois os esvaziou a ressurreição — no agradecido respeito do Brasil. De ambos cuida a Nação. O sepulcro guardado pela fidelidade das Forças Armadas. O livro, editado, reeditado, e ora novamente entregue ao público pela Biblioteca do Exército. Os dois — o mármore comemorativo e o livro reimpresso, ficarão ao alcance do futuro. Para que veja num e leia n'outro, o legado do Comandante impecável às gerações novas e à consciênci a nacional."

Roberto Pechman o estuda nas p.3887/3892 no Vol IV do **Dicionário Histórico Geográfico Brasileiro** da FGV.



General Carlos de Meira Mattos

Pensador militar fecundo, historiador militar e geopolítico brasileiro, autor das seguintes obras publicadas entre artigos diversos.

- **Brasil – Geopolítica e Destino 1975**

- **Geopolítica e as Projeções de poder 1977**

- **Geopolítica e Trópicos 1884**

- **Geopolítica e Teoria de Fronteiras 1990**

Merece destaque seu livro publicado em 1986.

- **Estratégias militares dominantes no mundo contemporâneo 1986.**

Sua obra teve projeção no desenvolvimento da Doutrina do Exército.

Fomos honrados com o seu prefácio de geopolítico brasileiro consagrado em nossa plaqueta: **Inpirações geopolíticas de Portugal e do Brasil na conquista e consolidação do Rio Grande do Sul**, disponível no site da FAHIMTB (www.ahimtb.org.br).

Escreveu na Revista da Academia Militar:

- **AMAN e West Point** nº 1 ilustrado

Escreveu na A Defesa Nacional

- **Atlântico Sul sua importância estratégica** nº 73 p.6 61/.684.
Castelo Branco Oficial de Estado-Maior, Chefe Militar e o

Estadista nº 111. 693. **Desinformação histórica e Segurança Nacional** nº 61, p. 684. **Pensamento Militar Estratégico Brasileiro, projeção e influência em nossa continentalidade.** nº 5, p 684. - **Pensamento Militar Estratégico Brasileiro, projeções e influência em nossa continentalidade** nº 5 p.686 ss. e - **Teorias aplicadas a Arte Militar** nº 51 p. 621ss.

Edição da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB) RESENDE — RJ, 2007

SUMÁRIO

- General de Divisão Carlos de Meira Mattos por Cel. Cláudio Moreira Bento presidente da AHIMTBpág 04
- Gen. Meira Mattos Veterano da FEB 23jul. 1913 - 26jan. 2007pág 09
- Cerimônia de sepultamento - crônica e cobertura fotográfica de Israel Blajberg Acadêmico da AHIMTBpág 13

Inaugurou a Cadeira Especial Gen Carlos Meira Mattos da FAHIMTB o acadêmico Cel Hiran Freitas Câmara, o biógrafo do Marechal José Pessoa, o idealizador da AMAN.

General de Divisão Carlos de Meira Mattos

O General Meira Mattos faleceu aos 93 anos e meio, em 25 de janeiro de 2007, no Hospital Santa Catarina, na cidade de São Paulo, onde se internara no início de dezembro para uma cirurgia, da qual não conseguiu se recuperar. Faleceu de falência múltipla dos órgãos. Era natural de São Carlos-SP onde nasceu em 23 de julho de 1913, filho de Liberato Mattos e D. Benedita de Meira Mattos. O General era viúvo de D. Serrana (Maria Aparecida Caetano da Silva), gaúcha natural de Passo Fundo, que falecera recentemente e pais de Maria Carolina Whitaker e de José Carlos e eram seus netos Ana Carolina, Carlos e os gêmeos Pedro e Cecília.

Na Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) o general foi o primeiro a ser empossado como acadêmico, na cadeira

Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, em sessão no dia 8 de junho de 1996, no Auditório da Faculdade D. Bosco, em Resende, em presença de cadetes e, de funcionários da AMAN de seu tempo de comando para os quais conseguira financiamento para casa própria.

A AHIMTB se fez representar no dia de seu sepultamento pelos seus acadêmicos Generais-de-Exército Jonas de Moraes Correia Neto, ocupante de cadeira que tem por patrono o seu pai General Jonas Correia e por Luiz Gonzaga Schroeder Lessa que passou a ocupar a cadeira Marechal Humberto Castelo Branco, na qual foi recebido, em 8 de março 2006, pelo General Meira Mattos, representando os sentimentos do Colégio Acadêmico. Presente também o acadêmico emérito Luis Carlos Carneiro de Paula e o acadêmico eleito Cel. Hiran Freitas Câmara que foi comandado do então Coronel Meira Mattos, em São Domingos. A Diretoria foi representada pelo acadêmico Ten. R2 Artilharia Israel Blajberg, ocupante da cadeira Cel Mário Clementino e na qualidade de coordenador da Delegacia da AHIMTB no Rio de Janeiro, Marechal João Batista de Mattos e que a nosso pedido cobriu a cerimônia com fotos e elaborou o texto a seguir.

Depois do lindo e expressivo texto e fotos a seguir do acadêmico Ten. R12 Israel abordaremos traços da marcante trajetória de soldado e escritor do Gen. Meira Mattos.



O Gen. Meira Mattos no IME, sendo agraciado, em 2004, pela AHIMTB, como Comendador do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil junto com os acadêmicos generais de Exército Jonas Moraes Correia Neto e Gleuber Vieira. À direita o comandante do IME, general Geraldo Silvino. O Gen. Meira Mattos, neste dia, distribuiu aos presentes um CD com hinos.



Composição da mesa, da esquerda para a direita: Alte. Fernando do Nascimento, Ten. Brig. do Ar Ivan Moacyr da Frota, Gen. Ex. Luiz Gonzaga Schroeder Lessa, Ten. Brig. do Ar Otávio Júlio Moreira Lima, Cel. Cláudio Moreira Bento, Gen. Ex. Gleuber Vieira, Gen. Ex. Alberto dos Santos Fajardo, Gen. Div. Carlos de Meira Matos e Cel. Arivaldo Silveira Fontes

Em 8 de março o General Meira Matos recebeu em nome do Colégio Acadêmico da AHIMTB o Gen. Ex. Luis Gonzaga Schroeder Lessa como acadêmico, na cadeira Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. (Foto Revista Clube Militar, Mar 2006)

Gen. Div. Carlos de Meira Matos 1913-2007

O General Meira Matos estudou no Colégio N. Sra. do Carmo dos Irmãos Maristas em São Paulo-SP. Aos 19 anos lutou como revolucionário paulista na Revolução de 1932 e no ano seguinte ingressou, em março, na Escola Militar de Realengo, sendo declarado Aspirante a Oficial em janeiro de 1939. Em 1940-41 foi instrutor da referida Escola sendo promovido a capitão em setembro de 1942. Integrou o Estado-Maior da FEB como oficial de ligação da FEB com o IV Corpo de Exército dos EUA, tendo tomado parte no Combate de Monte Castelo como comandante da 2ª Cia/1º Btl do 11º RI.

Ao retornar ao Brasil integrou Comissão de Repatriamento dos nossos mortos na FEB. Foi Instrutor Chefe do Curso de Infantaria da atual AMAN. Em 1946 cursou a ECHEME. Promovido a major foi instrutor da ECHEME, 1951-54, sendo a seguir nomeado Adido Militar

na Bolívia. Promovido a Tenente Coronel, em abril de 1957. Foi nomeado instrutor da ECEME e cumulativamente, a partir de 1959, instrutor de Geopolítica da ECEM da Aeronáutica. Foi Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra General João Segadas Viana de 1961-62 e neste último ano, Chefe da 2^a Seção do EME. Promovido a Coronel em agosto de 1963, foi comandar em 1964, o 16º Batalhão de Caçadores em Cuiabá, tendo participação destacada na Contra Revolução de 1964. Meira Matos assumiu o cargo de interventor de Goiás sendo substituído cerca de 2 meses após por governador eleito pela Assembleia Legislativa. Depois foi nomeado subchefe de Gabinete Militar do presidente Castelo Branco. A seguir comandou o Destacamento Brasileiro — o FAIBRAS, da Força Interamericana da OEA na República Dominicana. E ao retornar desta missão comandou o Batalhão de Polícia da Capital Federal, sendo que em 19 de novembro, depois da decretação do AI 2, recebeu ordem de cercar o Congresso para dele retirar deputados cassados, oportunidade em que teve áspero e rápido diálogo com o Presidente da Câmara. Em 1967, o Coronel Meira Matos cursou a ESG e nela ocupou o cargo de Adjunto para Assuntos Militares, foi quando o conheci como aluno do 1º ano da ECEME, ao ir a sua casa solicitar um trabalho de Geopolítica, para um amigo do Sul, que se preparava para a ECEME, o então Major de Engenharia Roberto Martinez. E fui muito bem atendido. Ele já era um nome famoso na Força. De 11 de janeiro de 1967 a 8 de abril de 1968 presidiu comissão para emitir parecer sobre reivindicações estudantis, tendo produzido o **Relatório Meira Mattos** com diversas sugestões para melhorar o Sistema Educacional Superior no Brasil. Ano de 1968 assinalado por graves agitações estudantis pelo mundo e em especial na França. Promovido a General de Brigada foi nomeado comandante da AMAN em 1969, ano em que concluímos a ECEME. Em 71 foi comandar em Natal-RN a 7^a Brigada de Infantaria. Foi quando teve início nossa amizade com o ilustre casal. Dele havia recebido grande estímulo, através de carta que nos enviou Natal, que fez sobre nosso livro lançado na inauguração do Parque Nacional dos Guararapes em 19 de abril de 1971, **As Batalhas dos Guararapes**

— **análise e descrição militar.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971. Em carta que nos enviou deu-nos este grande incentivo: “**Li de um só fôlego e com apurado interesse seu livro As Batalhas dos Guararapes análise e descrição militar. Penso que nesta obra o senhor se consagrou definitivamente como historiador militar, O livro é um primor de clareza e objetividade. As descrições são escorreitas e nítidas. A análise sempre séria e bem fundamentada em sólidos conhecimentos históricos e profissionais. As conclusões abalizadas. Os esboços anexos fornecem uma ajuda extraordinária aos estudiosos de História Militar. São esboços falantes e ajudam na compreensão topotática das situações vividas... A força de sua pesquisa meticulosa repõe na história, no lugar que ele ocupou nos acontecimentos, esse soldado regular, um dos poucos profissionais entre tantos guerreiros formados na necessidade da luta - o Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso.**” (carta de Natal de 10 jun 1971).

Noutra oportunidade a seu pedido e D. Serrana, os guiei em visita ao Parque Histórico Nacional dos Guararapes, com seus interesses, em especial pelo monumento a FEB que construímos com apoio da Prefeitura de Recife, contendo estes palavras do Marechal Mascarenhas ao ali depositar os louros da vitória da FEB na Itália, creio que com sua participação na redação das mesmas, pois sabe-se que ajudou o Marechal a redigir e organizar suas **Memórias**, tornando-se mais tarde o seu biógrafo, em dois volumes editados pela BIBLIEx. E foram estas palavras do Marechal Mascarenhas ao depositar os louros da vitória da FEB nos Montes Guararapes e que foram colocadas em bronze no citado monumento.

“Nesta colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação Brasileira. Daqui ela partiu e já atravessa mais de 3 séculos a Monte Castelo, Castelnuovo, Montese e Fornovo. Na qualidade de comandante da FEB deponho no Campo de Batalha de Guararapes, os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra tropas germânicas nos campos de batalha do Serchio, dos Apeninos e do Vale do Rio Pô.”

Ele e o General Bina Machado muito trabalharam no meio estudantil. E acompanhei os esforços de ambos para criar líderes estudantis. Presenciei palestra que o General Meira Matos fez para universitários da PUC-Recife. Fiquei admirado de sua capacidade de bem se comunicar com a juventude. Em 1972 ele foi nomeado Diretor de Vias de Transportes, quando éramos adjunto da Presidência de Comissão de História do Exército do EME onde muito me valeu suas orientações sobre História do Exército. E pude atender diversas solicitações de empréstimo de livros para suas pesquisas de Geopolítica. General de Divisão em novembro de 1973 foi nomeado vice chefe do EMFA e a seguir, em 1975, Vice Diretor do Colégio Interamericano de Defesa. E ao retornar em 1977, passou para a Reserva, com 44 anos de serviço e 64 anos por haver atingido idade limite Nesta ocasião esteve presente em nossa posse como sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo a que ele pertencia e me apresentou diversos historiadores paulistas presentes. Sessão imortalizada em fotos nossas que guardo em meu arquivo.

Em 1983 assistiu no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Centenário do Marechal Mascarenhas de Moraes, minha palestra sobre o mesmo, por incumbência do Dr. Pedro Calmon. E ele especialista no tema muito apreciou nossa interpretação, como mais importante integrante da geração do Exército, pós 2^a Guerra Mundial. Tivemos a oportunidade de lutar por seu nome para ingressar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ao ser proposto pelo sócio Marcelo de Ipanema. Em 8 de junho de 1986 inaugurou o Colégio Acadêmico da AHIMTB ao ser o primeiro acadêmico a ser empossado, honraria que a seguir dispensamos aos acadêmicos General Plínio Pitaluga e Gen. Ex. Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira. O General Meira Mattos nos honrou com o seu prefácio nosso trabalho **Inpirações geopolíticas das ações de Portugal e do Brasil no Prata e suas projeções no Rio Grande do Sul**. Resende: AHIMTB, 2002. Em sessão no IME em 24 de novembro ele foi agraciado pela AHIMTB como Comendador da Medalha do Mérito Histórico e Militar Terrestre do Brasil, criada no bicentenário

do Duque de Caxias, patrono da AHIMTB, no ano anterior.

Em 7 de março de 2005, na cerimônia de comemoração dos 10 anos da AHIMTB no Clube Militar ele recebeu em nome da AHIMTB, o novo acadêmico Gen Ex Luiz Gonzaga Shoroeder Lessa. Sessão para cuja preparação trocamos diversos e-mails.

Sua produção literária é vasta cabendo destacar os seguintes trabalhos sobre Geopolítica: **Projeção mundial do Brasil** (1960), **A experiência da FAIBRAS na República Dominicana (1967)**, **Doutrina Política de Potência** (1976), **Brasil geopolítica e destino (1975)**, **Geopolítica — projeções do poder** (1977) e **Uma política pan-amazônica** (1980). Marcou presença em nossas revistas do **Clube Militar, A Defesa Nacional, Revista do Exército** e na imprensa especialmente na **Folha de São Paulo**.

Junto com o Cel. Jarbas Passarinho formava uma dupla que considero maiores e abalizados escritores castrenses, de seu tempo e sempre usados com muito proveito. É pois com pesar que a Academia lamenta a perda de tão expressiva personalidade de seus quadros, um homem realizado e que será sempre lembrado e consultado pela relevância de sua vida e obra de patriota e soldado valoroso e o maior geopolítico brasileiro de seu tempo.

As palavras com que foi recebido na AHIMTB e o elogio ao seu patrono Marechal Mascarenhas de Moraes constam do livro **AHIMTB — posses de Acadêmicos 1996-1997** publicado pelo SENAC tendo o acadêmico Cel. Arivaldo Silveira Fontes vice presidente da AHIMTB como o seu organizador.

Gen. Carlos Meira Mattos Veterano da FEB 23 jul. 1913 - 26 jan. 2007 - Israel Blajberg (*)

A Capela do Cemitério São João Baptista era pequena para todos que vieram dar o último adeus. Espalhando-se pelo corredor, antigos camaradas da FEB, ESG, IGHMB, AHIMTB. Alguns foram ministros, outros tantos governadores, empresários, outros ainda soldados, irmãos de armas, amigos, admiradores, alunos. Todos expressando um sentimento único. Foi uma grande perda, não só para o Exército, mas para o Brasil. Ao longo de seus quase 94 anos, a trajetória do Cadete do Realengo nascido em São Carlos em 1913 foi extensa e

relevante, destacando-se a sua contribuição à Geopolítica, das mais relevantes, coroando uma carreira profícua. Nela se desempenhou com esmero das mais diversas lides castrenses, seja em ação na FEB, nas Forças de Paz em São Domingos, seja no ensino na AMAN, ESG, seja em funções de governo na Presidência da República e no EMFA, entre tantas missões sempre bem cumpridas. Aos 70 anos, doutorou-se em Ciência Política pela Universidade Mackenzie, onde teve Gilberto Freyre como examinador de sua tese. Paladino das teses do Brasil Potência, Civilização nos Trópicos, Herança, Destino, Projeto Nacional, sua palavra ponderada e opinião esclarecida era ouvida com atenção nos diversos fóruns a que comparecia, quer pessoalmente quer na rica produção bibliográfica ou na mídia, onde ainda há poucos dias publicou uma última contribuição na **Folha de São Paulo** sobre os destinos da Amazônia, com grande lucidez preconizando a necessária postura nacional. Pontualmente às 17 horas, Cadetes da AMAN que o General comandara conduziram o caixão envolto na Bandeira Nacional, seguidos em cortejo pelos presentes, formando extensa fila ao longo das aleias do São João Batista. A tarde não foi tão quente como prenunciava. O Sol escondeu-se atrás das nuvens, como que desejando permitir também aos velhos soldados, ex-combatentes dos campos da Itália, acompanhar o General até o jazigo da família, próximo ao Mausoléu da FEB. No Mausoléu, inaugurado em 13 nov. 1982, repousam para sempre o Comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes e sua esposa D. Adda Brandão, cujos restos mortais para lá foram trasladados ao cumprir-se o Centenário de Nascimento do Marechal. Como Oficial de Ligação do QG/I DIE, o então Capitão iniciou uma amizade com o Cmt. da FEB, que duraria muitas décadas. Aquele Capitão do 6º RI se destacaria ainda em Monte Castelo, tendo sido agraciado com a Bronze Star, nesta que foi a maior epopeia das forças brasileiras no Teatro de Operações Italiano. Uma Companhia do Batalhão de Guardas desincumbiu-se das honras fúnebres, ao longo do trajeto que levava ao Mausoléu. As vozes de comando entrecortadas pelas salvas regulamentares de mosquetão trouxeram um pouco para perto dos presentes os

sons da guerra, ao percorrerem a alameda ao longo da fileira de soldados. Nestes breves momentos, aos veteranos veio a lembrança daquele dia cintento em Monte Castelo, quando superando forças mais experientes entrincheiradas nas alturas e arrostando o frio inclemente e chuvas torrenciais que impediam o avanço mecanizado e o apoio aéreo, nossos bravos pracinhas colheram brilhantes vitórias na dureza daqueles combates. Se hoje temos a democracia sob este sol tropical, certamente o devemos também aqueles valentes soldados, dos quais derradeiros remanescentes agora levam para a última morada um de seus grandes expoentes. Diante da sepultura, um amigo de longa data faz a última saudação.

A voz do General Octavio Costa ecoa na amplidão do campo santo, destacando o patriotismo lúcido e o carinho do companheiro que partiu. Em palavras candentes emotivas, diante das dezenas de assistentes, afirma o exemplo do General, carreira digna de servir como paradigma às futuras gerações.

Dois soldados descobrem a Bandeira Nacional do caixão, dobram-na e entregam aos parentes. O corneteiro executa o toque de Silêncio. É um toque pungente que envolve a todos, especialmente familiares, cujas lágrimas refletem a dor daquele momento. Destacando-se contra o céu azul, a estrutura do Mausoléu associa-se a silhueta do Cristo no Corcovado, como se ele, o contemplando do alto, eternamente enviasse sua bênção aos heróis que nele repousam. Ao final da cerimônia, o céu agora assumiu um tom metálico brilhante, graças aos reflexos do Sol por trás das nuvens brancas, como a querer também prestar uma última e significativa homenagem ao velho General. Deus disse a Adão: **“Retornarás ao solo, pois é do solo que foste feito.”** (Bereshit 3:19). Dizem nossos sábios, a alma é eterna, apenas migra para outra dimensão, e assim eleva-se aos Jardins do Éden, atravessando o Portal do Paraíso. Os presentes vão se dispersando, até que mais ninguém está por ali. Apenas restou a sepultura, recoberta por inúmeras corbeiltes. Mas para sempre perdurarão as boas e valiosas lições que o irmão Carlos de Meira Mattos nos ensinou, antes de passar agora para o Olam haEmet (Mundo da Verdade).

() Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil onde ocupa a Cadeira nº. 24 — Cel Mário Clementino. E Coordenador da Delegacia da AHIMTB no Rio de Janeiro iblaj@hotmail.com*

Nota: Fomos convidados pelo General Meira Mattos na qualidade de historiador militar e Diretor do Arquivo Histórico do Exército para fazer parte de grupo no qual o filho da Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco entregava a ECEME arquivos do seu ilustre pai hoje, como ato de justiça na voz da História do Exército consagrado como sua denominação histórica. Ao perder sua esposa D. Serrana ao encontrar-me o General Meira Mattos me falou: **A sua amiga faleceu!** D. Serrana era filha de Passo Fundo município gêmeo de meu berço natal Canguçu-RS cuja história perdida resgatamos e nela fundamos a Academia Canguçuense de História ,na qual depositamos expressivo acervo sobre a História do Exército Brasileiro, relacionados com nossas atividades de 45 anos como seu historiador.



Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco

Como comandante da ECEME, Chefe do Estado-Maior do Exército e mesmo como Presidente da República, o Cel Francisco Ruas Santos e o então Major Fernando Maia Pedrosa resgataram parte do pensador militar Marechal Castelo Branco em livro **O Marechal Castelo Branco e seu pensamento militar 1960**. Obra lançada na ECEME em 1966, quando eu me preparava no 1º Batalhão Ferroviário para prestar concurso a ECEME. Foi pensador militar de destaque, em especial como comandante da ECEME e Chefe do Estado-Maior. Como comandante da ECEME seu esforço foi no sentido de consolidar a Doutrina de combate a Guerra Revolucionária e orientou a cadeira de História Militar da AMAN, a ministrar História Militar Crítica, como iniciação aos oficiais inclinados para o estudo da História Militar crítica, para agregá-los **Sabedoria Militar** ao invés de somente **Conhecimento militar**. **Sabedoria militar** útil para desenvolvimento progressivo da Doutrina Militar do Exército, pós 2ª Guerra Mundial. Como instrutor chefe do Curso de Infantaria da Escola Militar do Realengo escolheu junto como seus cadetes o Brigadeiro Antônio de Sampaio, como patrono da Infantaria. Cursou no Exército dos EUA, curso de atualização na Doutrina do Exército dos EUA, antes de

assumir a função de Oficial de Operação da FEB, onde contribuiu expressivamente para suas vitórias em Monte Castelo, Montese.

De retorno comandou a ECEME e o IV Exército, onde conseguiu a desapropriação dos terrenos onde tiveram lugar as Batalhas dos Guararapes, local onde, em 1970/1971, foi construído o Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes, cujo projeto, construção e inauguração, tivemos a honra de coordenar como missão militar a nos atribuída pelo Comandante do IV Ex (atual CMNE) Gen Ex Arthur Duarte Candal de Fonseca, o prefaciador de nosso livro, por ele sugerido, **As Batalhas dos Guararapes descrição e análise Militar**, já na sua 3ª Edição.

O seu cadete no Realengo General de Divisão Octávio Pereira da Costa em artigo no **PADECCEME** nº 19, 3º Quadrimestre p. 4/10 2008 intitulado Castelo Branco. Seu perfil na profissionalização das Forças Armadas e na construção da Doutrina Militar Brasileira.

E destaca empenho do Marechal Castelo Branco na formulação de uma doutrina para enfrentar guerras insurrecionais e o Foquismo da Revolução Cubana.

O cel Ruas Santos escreveu: Três são as publicações da Biblioteca do Exército tratando do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco. Aqui vamos tratar apenas de atividade em que se empenhou quando ainda coronel, de uma significação excepcional neste início de milênio: a aplicação do método de trabalho do comando. (Ou do processo de trabalho de comando derivado do discurso de Descartes ou Método aplicável a resolução de qualquer problema). Tal significação só poderá ser bem compreendida se antes resumirmos o quadro geral com que ela se relaciona. Vejamo-lo. Os modernos cientistas da Informação nos alertam para a Incompetência Mundial, fruto de vários fatores, mas, principalmente devido à falta de domínio das informações necessárias à vida humana. O aumento explosivo dessas informações em decorrência do desenvolvimento científico e tecnológico nos últimos séculos, o aumento exponencial da população da terra explicam essa falta das informações por parte do Mundo como um todo. Daí o surgimento da Informática. Nessa conjuntura alarmante as competências

ou o domínio pleno da Informação ficaram setorializadas ou individualizadas. Daí dizerem aqueles cientistas ser o setorialismo informacional o mais sério obstáculo para que o Mundo saia da sua incompetência. A hierarquia é, segundo diz Peter, no seu best seller sobre a Incompetência Mundial, a principal causa desta.

De fato se um chefe autoritário decide apenas segundo sua cabeça, que não pode dominar as informações no caso necessárias, o erro da decisão ocorrerá segundo altíssima probabilidade. Ou só se acertará por acaso, lotericamente. Para que tal não ocorresse no âmbito do nosso Exército concebeu-se o **método de trabalho do comando**, pelo qual o **chefe é quem decide**, mas sua decisão deve ocorrer segundo uma das linhas de ação que seu estado-maior tiver sugerido ao final do trabalho intelectual do comando, o do chefe com sua equipe. Em síntese: para se chegar à decisão, realizar trabalho de equipe, a do chefe com seus auxiliares imediatos.

Como Colocar os Temas de Emprego das FTB a Serviço dos Objetivos da História do Exército.

Um exemplo: Em 1973, no EME - CHEB, realizamos a pesquisa a seguir transcrita, tudo à luz do Sistema de Classificação de Assuntos de História das FTB, do EME - 1971:

CHEB, Boletim de Pesquisa nº 63 - Do Major Cláudio Moreira Bento.

No livro - Marechal Castelo Branco Seu Pensamento Militar; Rio de Janeiro: Imprensa do Exército - 1966.

LISTA DE ASSUNTOS

- 1 - REYNALDO Mello de Almeida, Gen Bda (Bibliografia, p. 7-8)**
- 2 - CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal. B (Pensamento Militar)**
- 3 - CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal. B (Bibliografia)**
- 4 - RUAS SANTOS, Francisco, Cel, B (Bibliografia)**
- 5 - 115.1 ECEME (Função segundo Castelo Branco), p. 15-7**
- 6 - 105.1 Trabalho de Comando, 1948, ECEME, p. 19-40**
- 7 - 105.1 Arte Militar 1946-8, ECEME, p. 15-7**

- 8 - 105.1 Arte Militar - Guerra de Movimento, p. 62-5
9 - 105.1 Arte e Ciência Militar 1946-8, ECEME p. 40-72
(Doutrina Militar e Guerra Moderna)
- 10 - 105.1 Arte Militar, 1962, ESAO, p. 73-85 (A Manobra Ofensiva)
- 11 - CASTELO BRANCO, Humberto de Alencar, Mal, B (Estudioso de História Militar pragmática, p. 89-117)
- 12 - 412.20 Guerra Holandesa 1624-54, p. 85-95
- 13 - 441.1 Revolução de São Paulo 1842, p. 96-101
- 14 - 441.1 Combate de Santa Luzia 1842, p. 96-101 (*Manobra de*)
- 15 - 413.40 Guerra contra Rosas e Oribe, p. 102-3
- 16 - 413.60 Guerra da Tríplice Aliança 1864-70, Comando Aliado, (*Manobra Piquiciíri.*) Estudo das operações 1866-1068, p. 104-125
- 17 - 443.40 Campanha da Itália 1944-5, p. 134-5 (Problema humano -Participação do Brasil)
- 18 - 042.0 O combatente brasileiro na FEB 1944-5
(Comportamento, características), p. 160-161
- 19 - 042.0 Forças Morais no combate em relação a FEB, p. 160-
- 20 - CAXIAS de, B (Militar e Político), p. 163-5
- 21 - SAMPAIO, Antônio de, Brig, B (Valor Militar), p. 166-70
- 22 - OSÓRIO, Luiz Manoel, Mal, B (Homem, militar e chefe), p. 171-7
- 23 - 042.2 Chefia e Liderança, p. 179-80 (Problema humano no Exército)
- 24 - 042.2 O profissional militar, p. 181-2 (Perfil desejável)
- 25 - 042.2 O Dever Militar, p. 183-4 (Concepção)
- 26 - 042.0 O Oficial de Estado-Maior, p. 185-9
- 27 - 527.0 Forças Terrestres e a política de Segurança Nacional, p. 190-211
- 28 - NACIONALISMO, p.190-211
- 29 - 312 Guerra Revolucionária, p. 13-27
- 30 - 020.0 Doutrina Militar Brasileira, p. 229-87- 250
- 31 - Estratégia, p. 289-98 32-118.1 Estado-Maior do Exército 1963-4

PAPEL DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

(Oração proferida pelo General-de-Exército Humberto de Alencar Castelo Branco ao assumir a chefia do Estado-Maior do Exército - Digitalizado pelo autor da Revista nº44, p. 27/30 do IGHMB).

Acabo de receber do Exmo. Sr. General-de-Exército JOSÉ MACHADO LOPES a Chefia do Estado-Maior do Exército, consciente dos atributos desta Organização Militar e da dignidade do cargo e voltado para a personalidade do dignitário que agora já é meu antecessor. A seus méritos e serviços, na paz e na guerra, rendo a minha homenagem, como seu sucessor e companheiro de muitas lides. Cabe-me a honra de substituí-lo em tão elevadas funções e, entre os meus propósitos, estão os da continuidade dos estudos e trabalhos por Sua Excelência retomados ou iniciados, com tanto descritino, e de conservar o empenho de bem servir ao Exército.

O Exmo. Sr. Ministro da Guerra preside a este ato de assunção de Chefia e, assim, me traz o destacado estímulo de sua presença e, mais do que isso, o testemunho do apreço ao Estado-Maior do Exército. Renovo ao Exmo. Sr. General-de-Exército JAIR DANTAS RIBEIRO o meu reconhecimento à proposta de minha nomeação para esta Chefia, aprovada pelo Exmo. Sr. Presidente da República, ambos movidos por interesses de natureza militar e de confiança profissional. A decisão do eminentíssimo Chefe do Poder Executivo muito me enobrece e a iniciativa do Comandante do Exército me associa intimamente ao trato dos problemas do Ministério da Guerra, que, com abalizado tirocínio militar e devotamento, dirige atualmente. Procurarei colaborar com os meus melhores esforços e com a franqueza, a lealdade e o respeito necessário ao entendimento entre Chefes e ao destino comum.

O antigo servidor do Estado-Maior do Exército junta agora, ao orgulho de já haver pertencido a seus quadros, a honra de Chefiá-lo. A convivência de que participei aqui deixou em mim, além da aprendizagem, a convicção de que a eficiência militar depende essencialmente do rendimento de seu trabalho, de sua atuação e do prestígio que lhe atribuem.

Duas vezes trabalhei em suas salas. A primeira, sob a direção do Gen AUGUSTO TASSO FRAGOSO, em que, ainda jovem oficial, assisti a dominância intelectual promover acabamento das transformações trazidas pela Missão Militar Francesa, pertinentes, em particular, às escolas, ao serviço de estado-maior e aos regulamentos operacionais e técnicos. A outra, na época da Chefia do General ÁLVARO FIÚZA DE CASTRO, me deu oportunidade para presenciar uma marcante evolução interna deste próprio órgão, mutações fecundas no ensino e uma nova fase de amplo planejamento e de estudos correlatos, num ambiente de seriedade, patriotismo e perseverança. Mais tarde, exercei um cargo intimamente dependente desta Chefia, então exercida pelo General EMÍLIO RODRIGUES RIBAS JÚNIOR, que, com o espírito aberto à corrente de ideias, acolhia e estimulava a atividade desenvolvida em derredor desta casa. Recordo tais passagens, não só para reverenciar aqueles que aqui me chefiam, como, também, para assinalar, sem tradicionalismos, mais um aspecto deste reencontro.

Tenho por bem conhecido neste momento o que cabe, essencialmente, ao Estado-Maior do Exército, a saber, cuidar "de todas as questões básicas de organização, adestramento, mobilização, apoio logístico e emprego das Forças Terrestres, na paz e na guerra".

A tarefa tem a amplitude que o caracteriza como um órgão central do Exército. Transformá-la em atividade, desdobrá-la e conseguir resultados intensos e extensos é meta que impõe trabalho persistente além de tornar indeclináveis as atribuições que lhe cabem, inclusive face às responsabilidades dos escalões superiores, laterais e subordinados. Para isso, também conservase na dependência do Ministro da Guerra, como Chefe do Exército, principalmente quanto a diretrizes deste emanadas e quanto à sua apreciação de pareceres, sugestões e anteprojetos que apresente o Estado-Maior do Exército;

— na ligação e colaboração mútua com os Departamentos, em busca, sobretudo, de curso que deve ter a orientação expedida para logística;

- na disciplina intelectual para a observância da orientação indicada pelo Estado-Maior das Forças Armadas;
- permanentemente voltado para os Exércitos e Grandes Comandos isolados, com a orientação e a supervisão que lhe compete empreender e em benefício da eficiência da tropa;
- em constantes condições de acionamento e controle de ensino;
- sempre prestante em sua posição singular no Alto Comando;
- em relações de esclarecimentos recíprocos com os Estados-Maiores das duas outras Forças Armadas.

O Estado-Maior do Exército é, assim, necessariamente, o fiador da estrutura e da Doutrina das Forças Terrestres. Pensante e atuante, tem que dar substância à instituição e saber que uma e outra evoluem, particularmente no que se refere à eventualidade dos tipos e formas dos conflitos admitidos, ao progresso da técnica e às mutações das próprias instituições políticas nacionais. É, então, imperativo que ele viva, com pensamento e atuação, a sua época, identificado com o espírito do tempo, e não só absorvido, pelo dia a dia, mas de modo a não estudar na fantasia qualquer guerra, não se atrasar quanto ao aparelhamento bélico e não se desligar da evolução da política nacional.

A estrutura tem que estar sempre adequada às mutáveis necessidades militares do país, para que o Exército bem possa, com atualidade, cumprir sua destinação e mesmo para resistir às tentativas de desvios de organização e mentalidade. Ela é permanente e nacional dentre das instituições políticas, e, portanto, com estas evolui, para garantia delas e da soberania nacional.

Há reformadores oportunistas que querem substituí-la, por meio de um solapamento progressivo e antinacional, e instituem o Exército Popular, um arremedo de milícia, com uma ideologia ambígua, destinado a agitar o país com exauridos pronunciamentos verbais e a perturbar com subversões e motins a vida do povo. Em seu processo de destruição empenham-se no desprestígio de padrões profissionais, em tornar marginais os que cuidam da profissão menosprezar a seleção dos valores, além de trazerem pela discriminação a cizânia

no meio militar. Não tem absolutamente características de uma estrutura revolucionaria, e sim de uma desejada organização para a tomada do poder, a serviço de quem possa custeá-los e apoiá-los.

A estrutura militar para corresponder as finalidades autenticamente nacionais, tem portanto que emanar das instituições políticas vigentes e acompanhar a sua evolução, a Doutrina Militar por sua vez assegurar vida ao organismo militar e estabelece bases para o seu preparo e emprego. Isto constitui uma relevante e inalienável e privativa obra deste Estado Maior.

E u me volto, agora, para os meus auxiliares, os Exmos. Srs. Generais Subchefes e Chefe de Gabinete, os Chefes de Secção, de Subsecção e de Divisão, os Oficiais Adjuntos, os Sargentos e demais praças e os funcionários civis. Volto-me também para os Exmos Srs. Generais Diretores de órgãos diretamente subordinados a esta Chefia. A todos eu manifesto a minha intenção de, com todos, o Estado-Maior do Exército continuar ativamente a cumprir as suas missões.

A minha autoridade não exclui o franco assessoramento, a valia dos trabalhos de equipe, o esclarecimento recíproco e a convivência da camaradagem militar. Estou convencido de que a exigência do desempenho de responsabilidades implica a garantia das faculdades e prerrogativas de detentor de qualquer cargo. E a aplicação desse princípio de trabalho permite, sem dúvida, maior eficiência.

Procuraremos manter a unidade de espírito e de doutrina nos resultados dos trabalhos. Faremos esforços para a consecução de tão necessário desiderato com os objetivos sempre antecipadamente formulados, o reconhecimento da legitimidade de opiniões funcionais e com as decisões do Chefe cumpridas, sobretudo, pela prática da disciplina intelectual. Ainda mais, para o mesmo fim, porfiaremos no enquadramento de nossa atuação na legalidade das atribuições de cada um dos servidores e no respeito aos poderes constitucionais do país.

Finalmente, de minha parte, eu forcejarei em me identificar profundamente com o cargo que acabo de assumir, não só com as suas responsabilidades e atribuições, como, também, para corresponder à honra de chefiar o Estado-Maior do Exército.

Muito se tem escrito sobre o Marechal Castelo Branco e sua ação no desenvolvimento da Doutrina Militar Brasileira. Dentre eles registro o general Octávio Pereira da Costa em especial em seu artigo no PADECEME nº 19, 3º Quadrimestre 2008. Seu perfil na Profissionalização das FFAA p. 4/16. Ao fundarmos a Academia de História Militar Terrestre do Brasil Cadeira que foi ocupada sucessivamente pelos acadêmicos; Cel Elber de Mello Henriques, Gen Hélio Ibiapina Lima, Gen Luiz Gonzaga Shoereder Lessa e General Luiz Eduardo Rocha Paiva, em cujo comando do ECEME centenário desta Escola, a ECEME foi denominada Escola Marechal Castelo Branco. O General Meira Mattos, escreveu sobre o Marechal Castelo Branco. Sobre o General Hélio Ibiapina Lima, o conhecemos em 1942, aos 11 anos, quando ele foi residente em Canguçu de Residência do 1º Batalhão Ferroviário, instalada no fundo da chácara de minha avó materna Firmina Percília Moreira, filha do veterano da Guerra do Paraguai Ten Cel Honorário do Exército Theophilo de Souza Mattos que comandou o Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu na Conquista do Forte de Curuzu. Em Canguçu deixou marcado na memória local a sua presença. E foi observando ele nadar na represa construída no fundo da propriedade de minha avó que tomei conhecimento do Crow Australiano que eu desde então pratico, com regularidade aos 87 anos. E pelos tempos afora fomos mantendo contato. E quando ele presidiu o Clube Militar, o empossamos acadêmico na Cadeira Marechal Castelo Branco. Seu discurso apresenta aspectos interessantes de sua relação, diria íntima, com seu co-estaduano Marechal Castelo Branco. Seu discurso de posse preservado pela hoje FAHIMTB em seu arquivo no **Volume de posses nº 27 em 2000**, composto material relativo ao Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. O Cel Francisco Ruas Santos estudou o seu pensamento militar, o qual analisamos nesta abordagem. Na **História do Casarão da Várzea**, disponível na sede da FAHIMTB, abordamos sua vida como aluno da CMPA, muito relevante foi que na década de 60, como comandante da ECEME e Chefe do EME orientou a cadeira de História da AMAN, a ministrar História Militar Crítica, a geradora de **Sabedoria Militar**. Orientação

com experiência adquirida em cursos na França e nos Estados Unidos e como oficial de Operações da FEB. Ensino de História Militar Crítica, ministrado por oficiais com o Curso na ECEME onde haviam praticado análise militar crítica. E foi com apoio na **História Militar Crítica**, praticado na ECEME, que escrevi o meu primeiro livro **As Batalhas dos Guararapes, descrição e análise militar**. E daí em diante a maior parte de meus livros disponíveis no site da FAHIMTB para serem baixados. Inclusive a análise militar crítica pioneira do **Combate de Monte Castelo** no manual de minha autoria **Como estudar e pesquisar a História do Exército** edições de 1978 e 1999 publicados pelo Estado-Maior do Exército e distribuídos em grande número as AMAN, EsAO e ECEME e ao EME. E preocupado com o abandono desta importante dimensão da História Militar, que agrupa **Sabedoria Militar** fundamental para o desenvolvimento da Doutrina e da Instrução, escrevi artigo **A História do Exército - Ontem, Hoje e Amanhã** que espero que seja entendido no Exército e como minha homenagem ao grande pensador militar Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. O Marechal Castelo Branco foi consagrado denominação histórica da ECEME, segundo o General Rocha Paiva comandante da ECEME no centenário desta escola e com apoio Estado-Maior na seguinte argumentação:

“Ele foi instrutor, diretor de Ensino e comandante da ECEME, alem de ter sido oficial de Operações da FEB e, como tal representa o oficial de Estado-Maior, provado em combate, um dos fulcros da missão da ECEME. Além disto pela trajetória como exemplar líder e chefe militar, outro cerne da ECEME a sua missão de formar o oficial de Estado-Maior e o Chefe Militar.”

Segundo o marechal Mascarenhas de Moraes ao iniciar suas Memórias homenageia três oficiais e dentre ele o Marechal CASTELO BRANCO como oficial de estado-maior e nos seguintes termos: **Inteligência privilegiada: lucidez e objetividade na apreensão da situação tática e estratégica; firmeza nas convicções e lealdade ao chefe; valoroso na conduta desassombrada e serenidade nas situações críticas; caráter e pensamento; energia e ação; patriotismo e desambição —**

são as maiores das excelsas virtudes desse modelo e guia do oficial de estado-maior. Foi o meu grande e emérito auxiliar no planejamento das operações e nos estudos de situação durante a Campanha da Itália. No pós-guerra, continuou a prestar-me eficiente e denodada colaboração.

Monica Kornis o aborda às p. 1209/1229 no Vol I do **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro** da FGV 2^a ed.

MINHA PALESTRA NA ESG SOBRE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

(Para o Grupo de Pesquisas e Estudos de Guerra da Escola Superior de Guerra em 5 dez 2018)

1 – Agradeço o honroso convite de comparecer nesta Escola Superior de Guerra, comandada por um estimado amigo, que foi meu cadete em 1979 e que me ajudou na comemoração do Centenário de morte do Gen Osório, em 1979 na AMAN, e na 2^a edição da História das Batalhas dos Guararapes.

2 – Cursei em 1975 o Curso A, de analista de alto nível da Escola Nacional de Informações onde estudei o que era estudado na ESG, para melhor informar os formandos egressos dessa Escola. E em diversas oportunidades atuei em funções ligadas ao Curso. São iguais os protocolos de produção de Informações militares e o de produção de Informações históricas.

3 – A seguir farei uma doação à ESG de obras de minha autoria, que creio as mais expressivas.

- Brasil, Lutas externas e lutas internas que considero hoje os livros da História Militar Terrestre do Brasil, assim definido pelo Marechal Ferdinand Foch que foi historiador militar crítico da Escola Superior de Guerra da França, de onde saiu para comandar a vitória aliada na 1^a Guerra Mundial.

“Para alimentar o cérebro de um exército, na Paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro da História Militar”.

- **Amazônia História Militar Terrestre 1616-2017** (aborda Lutas Externas e Internas na Amazônia);
 - Manual nossa autoria **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**;
 - **História da Doutrina Militar da Antiguidade a 2ª Guerra Mundial**;
- (Estes dois últimos foi onde estudou o cadete Edson Luiz Shons)
- **2010-200 anos da criação da Academia Real Militar à AMAN**
 - **Caminhos históricos e estratégicos de penetração e devassamento do Vale do Paraíba.**
 - **História do Comando Militar do Sul.**
 - **Organização e desenvolvimento da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil 1996-2018.**

4 – Importância da História Militar

Elá é de suma relevância para os exércitos, como fornecedora de subsídios para o desenvolvimento da sua Doutrina e da sua Instrução e para a preservação e controle de seu patrimônio Histórico e Cultural. E neste último se insere a **SABEDORIA MILITAR**, os ensinamentos colhidos na forma acertos do Exército, em sua História Operacional e Institucional e os erros cometidos nas mesmas. Subsídios de grande valor que o **CÉREBRO** do Exército deve dispor na formulação e atualização do seu Corpo de Doutrina.

5 – História Militar Descritiva e História Militar Crítica – Diferenças.

História Militar Descritiva é aquela que é resgatada por historiadores com apoio em fontes primárias, íntegras, autênticas e fidedignas, História Militar Descritiva é **CONHECIMENTO MILITAR**.

História Militar Crítica é a que resulta da análise militar crítica da História Militar Descritiva, à luz dos fundamentos da Ciência e Arte Militar. História Militar Crítica é **SABEDORIA MILITAR**. Exemplo de fundamentos de crítica:

Os objetivos nacionais permanentes ONP.

O meu primeiro trabalho de análise militar crítica, à luz dos fundamentos da Ciência e da Arte Militar foi meu livro.

As batalhas dos Guararapes, descrição e análise militar, com

os ensinamentos que adquiri na ECEME e, os por conta própria, na Literatura da ESG. Livro este no prelo, na sua 3^a edição e prefaciado pelo comandante desta Escola. Fundamentos de crítica de História Militar Terrestre que alinho em meu livro na forma de manual.

Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro publicado pelo Estado-Maior do Exército e distribuído a AMAN, EsAO e ECEME, em edições de 1978 e 1999, livro do qual deixo exemplar à ESG. E está disponível para ser baixado do site da FAHIMTB. Obra que redigi em 1977, como preparação para assumir as funções de instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 .

6 – Cérebro e Corpo de um Exército

Cérebro, referido pelo Marechal Foch, no caso do Exército Brasileiro, seria constituído por uma minoria. Um exemplo: Comandante do Exército e seu Estado-Maior e Gabinete, Generais comandantes e chefes e seus estados-maiores ou assessorias, táticos, estrategistas, geopolíticos, historiadores militares, diplomatas, geógrafos militares terrestres e planejadores militares, adidos militares e encarregados de administrar atualizar o **Corpo de Doutrina**.

Este **Cérebro** teria a missão de desenvolver a Doutrina do Exército, que a cada dia evolui com maior rapidez, em função da Tecnologia.

Corpo do Exército seria a sua imensa maioria, a qual cabe treinar e executar a Doutrina do Exército. E neste particular, no tocante ao desenvolvimento progressivo da Doutrina Militar, tem desempenhado relevante papel, os **Pensadores militares terrestres brasileiros**, motivo deste nosso ensaio pioneiro.

7 – Explosão das informações de História Militar Terrestre do Brasil e os descarte generalizado das lições de História. Historiador americano Thimothy Snyder, professor de Yale e formado em Oxford, com notável bibliografia e credibilidade, afirmou em entrevista ao programa **Milênio**, que **o mundo está descartando as lições da História no momento em que mais delas precisa**. E creio, por extensão, acontece o mesmo no Brasil e, em especial no tocante a sua História Militar. As informações

explodiram!!!. Segundo um analista, “elas dobravam de 200 em 200 anos. E hoje elas dobram de ano em ano. De modo que uma criança de cerca de 10 anos dispõe de mais informações do que um imperador romano, no auge do Império Romano”.

E como temos reagido para tentar dominar as informações históricas. Como instrutor de História, já historiador militar consagrado, premiado e membro de instituições históricas. Com o patrocínio do Estado-Maior do Exército coordenamos e enriquecemos os livros textos da Cadeira de História: **História da Doutrina Militar e História Militar do Brasil** e mais o **Manual Como estudar e Pesquisar a História do Exército**. Os dois primeiros foram livros textos durante 20 anos até 1999 quando foram descartados. Como Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985-1990, elaboramos índice do conteúdo de revistas militares etc. Eles foram micro filmados e seus arquivos deixados no Arquivo Histórico e, em Brasília, na Diretoria de Informática. Inclusive o livro registro de alunos da Academia Real Militar, Revista do Clube Militar, Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil etc. Eles foram micro filmados e disponíveis no AHEX e guardo exemplar deles para que depois de digitalizados os incorporarei em Instrumentos de Trabalho do Historiador em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB.

Na atualidade nossa produção histórica está sendo digitalizada e disponibilizada, no site da FAHIMTB e inclusive livros de nossa autoria para serem baixados. Mas creio que não será suficiente e estamos colocando o site em DVDs, para tentar assegurar sua perenidade e distribuí-los a Bibliotecas. Estamos consultando índices de revistas militares para salvar as obras dos **Pensadores Militares Terrestres Brasileiros**, que contribuíram para a evolução da Doutrina Militar Brasileira e chego à conclusão, que atualmente periódicos sem índice, são sepulturas do pensamento militar brasileiro. E que para resgatá-lo impõe-se a indexação dos índices destes periódicos militares e mais do que isso, **a digitalização do conteúdo das revista e a disponibilização dos mesmos na Internet, em sites militares diversos**. Dá pena ver que trabalhos

notáveis jamais serão consultados enquanto não foram colocados na Internet. A realidade é que a juventude militar e civil acadêmicas recorrem ao Google em seus celulares.

8 – Teoria da História do Exército ou Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras.

De 1970-1974 trabalhamos na Comissão de História do Exército do Estado-Maior como assessor do seu Presidente, o Cel Francisco Ruas Santos. E lá participamos de trabalho publicado pelo Estado-Maior do Exército intitulado **Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres do Brasil SCAHFTB** e com apoio nele classificamos todo o precioso acervo de História Militar acumulado por cerca de 72 anos por sua Seção de Geografia e História. Sistema que no Centro de Documentação do Exército foi abandonado e reclassificado por bibliotecárias contratadas o que causou ao Cel Ruas Santos e a mim uma grande decepção. O **SCAHFTB** que em realidade relaciona o Emprego de forças terrestres brasileiras, nas mais variadas condições, em lutas externas e internas, desde o Descobrimento.

Como instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980. Em nosso manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército**, simplificamos a **Teoria de História do Exército** para os casos de Emprego de Forças Terrestres Brasileiras em diversos tipos de lutas. E de cada uma, procurar-se à luz dos Fundamentos da Ciência e Arte Militar, determinar os erros e acertos praticados e, se possível, a Doutrina Militar empregada no tocante a Organização, Equipamentos, Instrução, Motivação e Emprego.

9 – Historiador Militar Terrestre Brasileiro.

Em contrapartida a explosão das informações militares terrestres, os historiadores militares terrestres críticos brasileiros diminuíram a níveis perigosos. O historiador militar terrestre brasileiro é decorrência de vocação (vocare, chamado). Assemelha-se a um alpinista, o qual faz um enorme sacrifício físico para chegar ao topo de uma montanha, e quando lá chega esquece todos os sacrifícios que são compensados com a satisfação de ter atingido o topo.

O historiador militar passa por trabalhos imensos para realizar seu trabalho, enfrenta a indiferença geral, o isolamento, inveja e o boicote mas se sente compensado por ter completado o seu trabalho. No meu caso a satisfação de ter realizado algo importante é relevante para pesquisar, preservar e divulgar a História do Exército, em 48 anos de atividade. Este é o meu legado!!! E lamento a perda do acervo de destacados historiadores do Exército, por não terem suas obras preservadas na Internet com o auxílio da Inteligência Artificial. Mas suas obras podem ainda ser resgatadas, dependendo da decisão superior, no sentido de digitalizar seus periódicas militares e seus conteúdos e disponibilizá-los em sites militares. Mas como convencê-los da situação de gravidade da historiografia militar terrestre brasileira. Tenho esperança que meus ex-cadetes que em número 7, hoje comandam Comandos Militares e a ESG, me ajudem nesta tarefa de salvar a historiografia militar terrestre do Brasil e, a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil que há 23 anos, na AMAN, pesquisa, preserva e divulga a História Militar Terrestre do Brasil. Enfim, que se faça uma avaliação da situação da História Militar Terrestre do Brasil depois de 1999 com a praticada de 1960-1998. Continua como está ou nos moldes anteriores por orientação do então general Castelo Branco, como chefe do Estado-Maior do Exército.

10 – Importância da História Militar para os Exércitos

Trabalhando por vocação com História Militar há 48 anos e, em especial com a História das Forças Terrestres do Brasil (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Policiais e Bombeiros Militares) e com ênfase na História do Exército, aprendemos alguns conceitos que passo a abordar.

O Marechal Ferdinando Foch que deixou a Escola de Guerra da França onde lecionava História Militar, para comandar a Vitória aliada na 1^a Guerra Mundial, repito que assim definiu a importância da História Militar para os exércitos.

“Para alimentar o cérebro de um exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade de uma guerra, não existe livro

mais fecundo em lições e meditações do que o livro da História Militar.”

E os seguintes cabos de guerra assim definiram a importância da História Militar.

Frederico o Grande: “Eu estudo toda a espécie de História Militar, desde César até Carlos XII. E a estudo com todas as minhas forças.”

Orientação de Frederico o Grande ao professor de História Militar de seu filho:

“Não o faça decorar como se fora um papagaio. Faça ele rationar e tirar conclusões sobre erros e acertos praticados.”
(História Militar Crítica).

Napoleão: “O conhecimento superior da Arte da Guerra, só se adquire pela experiência e pelo estudo da história das guerras e das batalhas dos grandes capitães. Façam a guerra como Alexandre Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Eugênio e Frederico o Grande. Leiam e releiam a história de suas campanhas e guiem-se por elas. É o único meio de se fazer um Grande General e de aprender os segredos da Arte da Guerra.”

General Patton: “A leitura objetiva (crítica) da História Militar é condição de êxito para o militar. Deve este ler biografias e autobiografias de chefes militares. Quem assim proceder concluirá que a guerra é simples!”

O general Patton era um historiador militar fecundo, além de um grande general que sempre recorria as lições da História Militar.

Molke, o Velho: “A História Militar por dominar completamente a conduta prática da guerra é uma fonte inesgotável e ensinamentos.”

Moshe Dayan era arqueólogo e batizava suas vitórias com nomes bíblicos. Depois da Vitoria na Guerra dos Seis Dias reuniu os historiadores do Exército de Israel para lhes agradecer a Via de Acesso que lhe indicaram, na qual conseguiu surpresa.

Presidente Emílio Médici. Não se governa bem sem História e historiadores.

“A ninguém é lícito ignorar a importância da História no

Desenvolvimento Nacional, como instrumento de ação na elucidação de temas e na definição de alternativas prospectivas, assim como no encontro de métodos de análise dos acontecimentos que sirvam ao individual e ao coletivo. **Aqui também podemos afirmar que não se governa bem sem História e historiadores.** E nós brasileiros dizê-lo melhor do que ninguém, pois pacificamente nenhum país cresceu mais do que o nosso, pela pesquisa e análise de nossos historiadores

“Ignorar as lições de nossa História Militar é correr o risco de revivê-la com sangue.”

“Na Paz é a melhor quadra para que a nossa História Militar contribua para a elaboração e desenvolvimento de nossa Doutrina Militar.”

11 – Fundamentos da Arte Militar

Eu os abordo em meu livro **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro** em seu Capítulo 4, onde ressaltam Princípios de Guerra, Manobra e seus elementos ,além de uma enorme relação de outros fatores.

O citado livro **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, publicado pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e 1999 está disponível para ser baixado ao final de Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br. Nele encontram-se os seguintes assuntos relacionados com a importância da História Militar para as Forças Terrestres do Brasil e em especial para o Exército Brasileiro.

Capítulo 1 - História um entendimento e fontes de História p.1-1 a p.1-16,

Capítulo 2 - História Militar ou da Doutrina Militar p.2-1 a 2-12.

Capítulo 3 - Um pouco da História do Exército Brasileiro p.3-1 a p.3 a p.3-p.17.

Capítulo 4 - Fundamentos para a pesquisa e estudo crítico da História Militar p.4-1^a p.4 a 4-30.

Capítulo 5 - Temas históricos sobre o emprego de Forças Terrestres Brasileiras, para a pesquisa e estudo militar crítico,com vistas à formação do combatente e ao desenvolvimento da Doutrina Militar ou **Teoria de História do Exército** desenvolvida

pela Comissão de História do Exército do Estado-Maior 1970-1974 e aprovada e publicada pelo Estado-Maior do Exército p.5-1ª p.5-21.

Capítulo 6 - Metodologia de Estudo e Pesquisa de História Militar p.6-1 a p.6-34.

Capítulo 7 - Onde estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro p.7-1 a p.7 -21.

Apêndice 1 - Esforço editorial da BIBLIEEx, na divulgação de obras de interesse da História do Exército, História Militar Geral, Arte e Ciência da Guerra, Estratégia, Geopolítica e Segurança Nacional Apd 1-1 a Apd 1-10.

Apêndice 2 - Trabalhos de História Militar publicados fora da Bibliex Apd 2-1 a Apd 2- 4.

Apêndice 3 - Lista Parcial das principais fontes brasileiras, argentinas e uruguaias sobre a batalha do Passo do Rosário ou Ituizangó em 27 fev 1827.Apd 3-1 a Apd 3-7.

Apêndice 4 - 1ª Batalha dos Guararapes 19 abril 1648 (Análise Militar Crítica). Apd 4-1 a Apd 4-14.

Apêndice 5 - Combate de Monte Castelo 21 fev 1945 Apd 5-1 a Apd 5-5. (Analise Militar Crítica Pioneira).

Apêndice 6 - O Exército no desenvolvimento do Brasil. Ensaio interpretativo com apoio no Sistema de classificação de assuntos de História das Forças Terrestres do Brasil, ou Teoria de História do Exército Brasileiro. Apd 6-1 a Apd 6-6.

Apêndice 7 - Diretriz do Estado-Maior do Exército para as atividades do Exército no campo da História Militar Apd 7-1 a Apd 7-6.

Autor Cel Eng QEMA Claudio Moreira Bento currículo em 1999.

Palavras finais do autor

Índice do conteúdo do livro ao final.

O Ensino de História Militar crítica na AMAN, início da década de 60 do século passado, foi obra de dois veteranos da FEB, possuidores de cursos nos EUA, o General Castelo Branco e o Ten Cel Francisco Ruas Eles introduziram na AMAN, o Curso de História Militar Critica ministrada por instrutores de História Militar, com o

curso na ECEME, onde haviam praticado análises militares críticas. Estudo que visava fornecer as ferramentas essências para os então cadetes desenvolverem o assunto, ao longo de suas carreiras, e assim estarem preparados para um dia integrarem o **CÉREBRO** do Exército, o responsável pela grande missão de desenvolver a Doutrina do Exército, ou as maneiras como um Exército regulamenta e atualiza a sua **ORGANIZAÇÃO, EQUIPAMENTO, ENSINO e INSTRUÇÃO, A MOTIVAÇÃO (As Forças Morais da Guerra) e seu EMPREGO.**

História Militar a ser utilizada pelo Exército como instrumento para desenvolver a sua Doutrina e a sua Instrução e na preservação do patrimônio histórico e cultural segundo Diretriz do Estado-Maior do Exército.

“Sempre entendi, ainda nos bancos escolares do Internato do Colégio Pedro II, que a história de uma nação será a régua e o compasso para lhe moldar o presente. Alguns, e já comprovei esse desacerto, têm a petulância, ou ignorância, de tentar construir o presente sem se dar conta de que nos habita um passado. São os fantasmas cujos ectoplasmas plantam a síntese que define os arcabouços de qualquer nação. Aliás, todos os historiadores responsáveis e de saber universal sempre batem na mesma tecla: a indagação do passado é única argamassa para se construir o presente e se presumir o futuro. (Historiador do IHGB nos 180 anos desta instituição).

Já o historiador Heródoto, no século V Antes de Cristo já assim pensava sobre História:

“Pensar o passado, para compreender o presente e idealizar o futuro.”

E depois Cícero assim pensou:

“A História é a verdadeira testemunha dos tempos. A luz da verdade, a vida da memória, a mestra da vida a embaixatriz da Antiguidade.”

Sem historiadores não há História Militar.

É comum a afirmação: **“Sem documentos não há História”.** E poderíamos acrescentar: **sem historiadores para explorar os**

documentos, não haverá História.

De nada adiantará política de ensino de História Militar e apresentação de documentos sem que se disponha, em quantidade e qualidade, de historiadores habilitados a explorá-los, com metodologia e fins específicos. Sem historiadores militares capazes de reconstituir e interpretar fatos históricos. E mais, sem prepará-los previamente para aproveitamento por chefes, pensadores e planejadores militares, encontrarão estes enormes dificuldades, em concluir e aproveitar subsídios da História Militar. Terão, então, de substituir o historiador militar em suas tarefas. Ou seja, reunião, critica e análise de fontes e, finalmente, reconstituição e interpretação do fato. O resultado, além de improvisado, empírico e distorcido, roubará precioso tempo de suas tarefas específicas. E isto não seria o desejável. Julgamos que nenhuma organização que deseje evoluir e colher subsídios de sua própria experiência, para alicerçar o seu futuro, poderá prescindir de seus historiadores.

Portanto, penso, que em matéria de exploração de ensinamentos de História Militar, o historiador militar é o agente principal do processo e se não for formado, pelo menos um historiador do Exército por cada turma egressa da AMAN, acreditamos que será extremamente difícil ao Exército colocar a História de sua Doutrina ou de sua Ciência da Arte da Guerra, a serviço, da construção de seu futuro.

Este problema é mais grave hoje 2018 que ao tempo em que fui instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, quando foi publicado pelo Estado-Maior o Manual de minha autoria, **Como estudar e pesquisar a História do Exército.**

E concluindo:

O nosso Exército a que sirvo há 68 anos e 48 anos como historiador militar e, vejo orgulhoso 7 ex-alunos meus de História Militar na AMAN atingirem o topo da carreira, e creio que concordem com Heródoto e Cícero e de me ajudarem a avaliar os benefícios do que lhes instrui sobre História Militar. E se positivo me ajudaram na minha luta para evitar o descarte de nossa História neste momento em que as informações militares explodiram. E para tentar controlá-

las não se pode dispensar a Inteligência Artificial e assim ressuscite as obras e os que as produziram do sepulcro onde jazem esquecidos e que registram a evolução do Pensamento Militar Terrestre Brasileiro; Revista do Exército Brasileiro 1882/1889 e 1899-1908; Boletim do Estado-Maior do Exército 1911-1923; Nação Armada; A Defesa Nacional; Cultura Militar do EME; Revista do Clube Militar; A revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e o que levantei, a presença do Exército na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; etc.

E que o atual comando do Exército não venha passar a História como o responsável que conheceu a gravidade da historiografia militar terrestre e não a protegeu. Ou então, o comando do Exército que resgatou todo o pensamento militar brasileiro contido em nossos periódicos, bem como os nomes dos autores que neles escreveram. Aqui fica a minha visão de historiador por vocação há mais de 48 anos e há 68 trabalhando no Exército e que hoje vê seus ex-alunos de História Militar de 1978/1980 no Alto Comando do Exército.

A HISTÓRIA DO EXÉRCITO: ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Cel Claudio Moreira Bento
Presidente da FAHIMTB

Ao ser criado o Estado-Maior do Exército em 1898, a pesquisa e preservação da História do Exército passou a ser sua atribuição, como apoio ao desenvolvimento e atualização da Doutrina do Exército, seu encargo como nos demais estados-maiores das grandes potências.

E de 1898-1970 ela teve três interrupções e três recomeços. Em 1969, na ECEME testemunhou a sua grandeza e desenvolvimento, através de palestra feita por sua Seção de Geografia e História Militar, cuja chefia foi exercida por dois destacados historiadores e pensadores militares: o General Francisco de Paula Cidade e o Cel Francisco Ruas Santos.

Em 1970, por questões ligadas a necessidade de fazer frente atuações adversas contra o Exército, a seção de Geografia e História Militar foi extinta e em seu lugar criada uma Seção destinada a contra bater nos públicos interno e externo a propaganda subversiva, mais a oposição a Revolução de 1964. Em Recife chefiei seção específica dentro do espírito da nova seção do EME, e tive como missão o Planejamento, Construção e Inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e escrever meu primeiro livro As batalhas dos Guararapes descrição e análise militar, ora na 3^a reedição.

A História do Exército, passou a fazer parte da Seção de Doutrina e nela inserida a criada **Comissão de História do Exército do EME** (CHEB) chefiada pelo Cel Francisco Ruas Santos e tendo o autor, já historiador militar consagrado, como seu adjunto. Sendo o Cel Ruas Santos mais antigo que o chefe da Seção de Doutrina, a **Comissão de História do Exército** passou a atuar independente e subordinada direto ao Chefe do Estado-Maior, o então Gen Ex Alfredo Souto Malan. Comissão de História com a missão principal de projetar e coordenar a **História do Exército Brasileiro – perfil militar de um povo** como contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário da Independência.

Todo o precioso acervo de História do Exército, acumulado em 72 anos foi transferido para a citada Comissão de História (CHEB). E por mim classificada durante mais de 3 anos á luz do **Sistema de Classificação de Assuntos Forças Terrestres Brasileiras**, elaborado pela citada CHEB, ou **Teoria de História do Exército**, a qual reproduzi mais tarde, no tocante ao **Emprego** de força militar nas mais variadas lutas internas e externas.

Em 1974 a citada CHEB foi extinta, sob a minha direção provisória, e com o meu protesto veemente, disciplinado, naturalmente.

E no Centro de Documentação do Exército, para onde foi transferido todo o acervo do EME, foi abandonado a classificação do acervo de acordo com a **Teoria de História do Exército** e reclassificada à luz do sistema de classificação usado por bibliotecárias formadas em Biblioteconomia. E a História do Exército acumulado pelo EME em 72 anos e classificado em cerca

de 3 anos, à luz da **Teoria de História** do Exército do EME, foi se desfazendo e o **Centro de Documentação** mais voltado para a denominação histórica de unidades e com destaque especial para a atuação na sua chefia do acadêmico e historiador militar Cel Manoel Soriano Neto. O citado **C Doc Ex** foi extinto e seu acervo transferido para o recém criado **Instituto de Estudos e Pesquisas de História do Exército**, mas que não trabalha com a “joia da coroa” a **História Militar Crítica**, à luz dos **Fundamentos da Arte e Ciência Militar**, que acumula **Sabedoria Militar**, a matéria prima, a serviço do **Cérebro do Exército**, para desenvolver a sua **Doutrina, a Instrução e preservação do patrimônio histórico e cultural do Exército**, sendo de que deste último, a **História Militar Crítica**, ou **Sabedoria Militar** é a matéria prima à disposição do Cérebro do Exército.

Em 1978, depois de haver deixado a **Comissão de História do Exército** há 4 anos, fomos procurados pelo então Cel Alberto Lima Fajardo na AMAN e que nos solicitou ajuda nos seguintes termos:

“- Bento eu recebi a chefia de uma Seção de História no EME, que não possui livros nem pesquisadores. A cadeira de História poderia fazer algumas pesquisas para o EME.”

E desta cooperação surgiu a contrapartida do Estado-Maior de patrocinar a elaboração das seguintes obras, por mim coordenadas e enriquecidas, como o único historiador militar, já consagrado e premiado da cadeira de História Militar

- História da Doutrina Militar; - História Militar do Brasil 2v;
- Manual como pesquisar e estudar e pesquisar a História do Exército.

Estes livros foram utilizados na Cadeira de História até 1998, por cerca de 20 anos, nos quais estudaram todos os oficiais generais formados de 1978-1990. E os citados livros foram aposentados lamentavelmente e substituídos por iniciativa do Cel Paulo Macedo de Carvalho, Diretor da Biblioteca do Exército, pelas seguintes publicações por ela publicadas: **A Arte da Guerra**, do Cel Ruas Santos e a **História Militar do General Cordolino**. Esta última equivaleu a um retorno a História Militar Descritiva, que vigorou

até a introdução do estudo de **História Militar Crítica**, iniciativa do General Castelo Branco, chefe do EME. Os instrutores de História Militar crítica, e não professores com o curso da ECEME chegaram a numerar seis oficiais. Daí por diante, oficiais instrutores com o Curso de Estado-Maior foram retirados e substituídos por professores oficiais QSGE oficiais com Curso de História em Faculdades Civis para lecionar História Militar. A ECEME passou a subordinar-se ao Departamento de Educação e Cultura e não mais a EME, que perdeu a sua fonte de pesquisas em especial de **História Militar Crítica ou de Sabedoria Militar**.

As informações de História Militar explodiram exponencialmente e para tentar dominá-la, creio, salvo melhor juízo que é impositivo o **Exército indexar e digitalizar o conteúdo de todas as revistas militares e disponibilizá-las em vídeos militares acessíveis mediante senhas**. E todos reunidos num **Banco de Dados em Brasília**, à disposição, em especial do Estado-Maior do Exército. Deste modo seria retirado da sepultura onde jaz a evolução o **Pensamento Militar Terrestre Brasileiro** e os nomes dos autores que escreveram, hoje lamentavelmente sepultados. Creio que o resgate da História Militar Terrestre do Brasil ou da História do Exército, hoje contida em Revistas sem índice é impositivo.

E como medidas para o Exército resgatar sua História sepultada em periódicos militares, sem índice, sugiro, salvo melhor juízo:

1 – Voltar a História para o Estado-Maior do Exército, como ocorreu durante cerca de 72 anos.

2 – Voltar a ECEME a ser subordinado ao EME, como ocorreu até a sua transferência para o Departamento de Educação e Cultura. Ou uma dupla subordinação, ao EME, para efeitos de Doutrina do Exército e ao Departamento de Educação e Cultura para o fim do Ensino Militar.

3 – Colocar o Centro de Doutrina Militar subordinado ao Estado-Maior, como responsável pela Doutrina do Exército, como ocorre nos exércitos das grandes potências.

4 – Oficialização da **Federação das Academias de História**

Militar Terrestre do Brasil, pelo Exército e subordinada ao EME, que poderia dispor de todo o seu rico acervo, acumulado em 48 anos por seu Presidente e doada a AMAN, em Boletim.

5 – Caso adotada esta linha de ação, o EME enviar oficiais com vocação para o estudo e pesquisa da História do Exército, enviá-los a AMAN para que seu presidente hoje com 88 anos possa lhes transmitir o que praticou em 48 anos de atividade como historiador militar, cuja produção história mais expressiva consta em seu site www.ahimtb.org.br.

Do contrário, por contingência da idade e a carência de recursos para dar continuidade a FAHIMTB, terei como seu presidente de extinguí-la. Ela resistiu a durar apenas com o apoio da FHE-POUPEX e, contribuição para desconto em folha de militares do Exército, no valor de 700 reais e acessos de instalações pelo Exército. E o que ela realizou em 23 anos, em benefício de História do Exército está em anexo. Até hoje por não oficializado pelo Exército e ao abrigo da AMAN ela é sua hóspede, mas não a pode apoiar por não estar oficializada pelo Exército. Fui contratado por obra certa até 2018. Nesta condição escrevi, por exemplo, **A História do Exército no Rio Grande do Sul**, composta de 21 livros que começam a ser reeditados.

Este é meu pensamento, fruto de 49 anos de intensso labor e lida com a História Militar das Forças Terrestres do Brasil, Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícia e Bombeiros Militares.



General Aurélio de Lyra Tavares

Aurélio de Lyra Tavares nasceu em João Pessoa, Estado da Paraíba, a 7 de novembro de 1905. Filho de João de Lyra Tavares e de D. Rosa Amélia de Lyra Tavares, e iniciou seus estudos na terra natal, vindo, em 1917, para o Colégio Militar do Rio de Janeiro, no qual foi diretor da revista literária ***A Aspiração***.

Na Escola Militar do Realengo, onde ingressou em 1923, foi Presidente da Sociedade Acadêmica Militar, seu Orador oficial e Diretor da *Revista da Escola Militar*. Escolheu a Arma de Engenharia e nela foi declarado Aspirante na Turma de 30 de dezembro de 1925, recebendo, então, os Prêmios de **"Tática Geral"** e **"História Militar"**, concedidos pela **Missão Militar Francesa**.

Diplomou-se Bacharel em Direito (1929) e em Engenharia Civil (1930) pela Universidade do Brasil.

Em 1939, promovido a Major, concluiu o curso da Escola de Estado-Maior do Exército com **Menção Honrosa**, conceito àquela época superior ao **"Muito Bem"**, concedido raramente, como julgamento de exceção.

Como Tenente-Coronel, foi nomeado Observador Militar junto às Forças norte-americanas na invasão da África do Norte. Posteriormente, integrou a primeira Turma de Oficiais brasileiros a cursar a Escola de Comando e Estado-Maior de Fort Leavenworth.

Em 1945, foi nomeado Subchefe da Missão Militar Brasileira junto ao Governo Militar de Ocupação da Alemanha chefiando-a durante o bloqueio de Berlim.

Promovido a General de Brigada em 1955, foi Comandante da Artilharia Divisionária da 5ª Divisão de Infantaria, com parada em Curitiba, e depois Diretor de Comunicações e Chefe do Estado-Maior do I Exército. Como General de Divisão, comandou a 2ª Região Militar (São Paulo), foi Subchefe do Estado-Maior do Exército e, posteriormente, Comandante do IV Exército (Recife), sendo então promovido a General de Exército. Comandou a Escola Superior de Guerra e foi, em seguida, Ministro do Exército (Governo Costa e Silva). Integrou a Junta Gubernativa que assumiu o poder com a doença e a consequente morte do Presidente Costa e Silva. Transferido para a reserva do Exército, foi nomeado Embaixador do Brasil na França, onde permaneceu de julho de 1970 a dezembro de 1974.

É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e da Academia Brasileira de Letras, onde ocupa a cadeira nº 20, cujo Patrono é Joaquim Manuel de Macedo. Foi Presidente como cadete da Sociedade Acadêmica Militar (SAM).

Escreveu na Revista da Escola Militar os seguintes assuntos:

O Grupo de Combate e sua ponte de apoio, nºs 19 e 20 e 22 e 23 (como aluno de Engenharia).

Conferência publicada nos números 11 e 12.

A margem do Direito nº12.

Sobre o reaparecimento da Revista A Defesa Nacional e quartéis, nº 4.

Suas principais obras literárias:

O Soldado-Símbolo — Rio, 1926;

Canções Militares Oficiais — Rio, 1927 a 1961;

Domínio Territorial do Estado — Prêmio Rio Branco da Escola Politécnica, Rio, 1931;

História da Arma de Engenharia — Rio, 1942;
Impressões da África do Norte — Rio, 1943;
Quatro Anos na Alemanha Ocupada — Rio, 1951;
Telecomunicações e Segurança Nacional — Rio, 1959;
O Fator Militar no Planejamento Nacional dos Transportes — Rio, 1954;
Território Nacional — Soberania e Domínio da União — Rio, 1955;
Caráter Monopolístico da Economia do Petróleo — Rio, 1955;
Política Nacional de Transportes — Rio, 1955;
Segurança Nacional — Antagonismos e Vulnerabilidades — Rio, 1958;
Política Nacional de Telecomunicações — Rio, 1959;
Compreensão da Segurança Nacional — S. Paulo, 1963;
Segurança Nacional — Problemas Atuais — Rio, 1965;
A Engenharia Portuguesa na Construção do Brasil — Lisboa, 1965;
O Nordeste, Aspectos Políticos, Econômicos e Sociais — Rio, 1965;
Exército e Nação — Recife, 1965;
Temas da Vida Militar — Recife, 1965;
O Exército Brasileiro — Recife, 1965;;
A Pesquisa Social e a Segurança da Democracia — Recife, 1965;
The Brazilian Army — Rio, 1966;
A Engenharia Militar na FEB — João Pessoa, 1966;
Plano de Ação do Ministério do Exército — Rio, 1967;
Orações Cívicas e Militares — João Pessoa, Paraíba, 1967;
Além dos Temas da Caserna — Rio, 1968;
A Reforma Administrativa no Exército — Rio, 1968;
O Exército Perante o Senado. Efetivos Militares — Rio, 1968;
A Ação do Exército no Programa do Governo — Rio, 1968;
Objetivos e Realizações do Exército — Rio, 1968;
O Exército Brasileiro Visto Pelo seu Ministro — Recife, 1968;
Instituição Militar e Trópico — Recife, 1968;
A Engenharia na Batalha do Desenvolvimento — Rio, 1968;
Dever de Ofício — Rio, 1969
Missões e Rumos do Exército — Rio, 1969;
O Exército Brasileiro e a Atual Conjuntura — Rio, 1969;
Posse na Cadeira Número 20 da Academia Brasileira de Letras — Rio, 1970;

A Independência do Brasil na Imprensa Francesa — Rio, 1972;
A Amazônia de Júlio Verne — Rio, 1973;
Regards Sur 5 Siècles — France-Brésil — Paris, 1973;
O Estudante Alsaciano — Uma pesquisa que vem de longe — Rio, 1976;
A Engenharia Brasileira no Segundo Reinado.

Artigos na Revista A Defesa Nacional:

“Novos meios de defesa: Camuflagem e abrigos” - *XIX, 107/111.*
Parte de uma conferência realizada no 1º BE.;

“Noções indispensáveis – subsidio para o exame de admissão a E.E.M.” - *XXIII, 695/698, n. Out, 407/411. n. Nov, 516/521.* (Exame de admissão a hoje ECEME);

“Portadas motorizadas para a travessia dos rios” - *XXVI, 1255/1257;*

“O registro civil e futura lei do serviço militar” - *XXVIII, 1239/1242;*

“Dever militar” - *XXIX, 363/371 (Set);*

“A campanha da África do Norte” - *XXX, 39/45 (Jul);*

“A batalha de El Guettar, na Tunísia” - *XXX, 599/602 (Out);*

“O oficial arregimentado” - *XXXVIII, 5/10 (Abr).* Palestra para a 1º sessão de instrução dos aspirantes do 3º BE., Em Cachoeira do Sul;

“Dever militar” - *XL, 21/27 (Nov);*

“Conrado Bittencourt, patrono do 3º B.E” - *XLX, 87/95 (Set);*

“O Brasil visto da Alemanha” - *XLI, 139/141 (Out);*

“Páginas de glória da nossa engenharia Militar” - *XLII, 79/82 (Ago)*
– Conferência pronunciada no IGHMB, por ocasião do centenário do Batalhão Vilagran Cabrita.

Artigos Na Revista do Clube Militar:

- **Discurso** nº 21, 1932, p.119;
- **Duque de Caxias** nº 132, 1954, p. 43;
- **Mar Territorial** nº 142, 1056, p.14;
- **França nos 150 anos da Independência** nº 195, 1972, p. 30;

- **O Proclamador da República** nº 211, 1977;
- **Uma grande vida – Gen Pantaleão** nº 239, 1980, p. 49;
- **Reflexos sobre a Independência** nº 243, 1980, p.45;
- **Mal Mario Ary Pires** nº 254, 1982, p. 7;
- **Família Militar** nº 204, 1984, p.44;
- **O Exército e a Cultura Brasileira** nº 268, 1985, p.3;
- **História deturpada – FEB** nº 271, 1985, p. 52;
- **Um chefe que pensava no amanhã**, nº 277, p.7;
- **A instituição dos patronos** nº 177, p. 7;
- **Discurso em, sessão solene do clube** nº 281, 1987;

Artigos Na Revista do IGHMB:

- Impressões da África do Norte** nº 4, p.38ss;
- O Chaceler da Paz** nº 7, p. 19ss;
- Discurso de homenagem ao Cel Alvaro de Alencastre** nº 7, p. 57ss;
- A Margem da História do Btl Vilagran Cabrita** nº 19, p. 197ss;
- O Exército ao tempo de Maria Quitéria** nº 26, p.151ss;
- Exposição Bolivariana** nº 27, p.155ss;
- A Diretoria de Obras e Fortificações** a herdeira do antigo Arquivo Militar nº33, p. 39ss;
- Coisas da História da Paraíba** nº 38, p.115ss;
- O Brasil : Povo e Território** nº 60, p.35ss;

Artigos na Revista do IHGB:

- A engenharia brasileira no 2º Reinado** 338: 259-278, jan/mar 1983;
- História e Civismo** 273: 137-146, out/dez 1966;
- O Segundo Reinado e a Unidade Nacional** 314: 268-284, jan/mar 1977;

Artigos na Nação Armada:

- O Ensino Militar e a Reorganização do Exército** nº 72, p.27/29.

Nota do autor: Como Diretor do Arquivo Histórico do Exército concordo que o Arquivo Histórico do Exército não descende do antigo Arquivo Militar e que foi uma criação independente destinada a abrigar os arquivos de OM, do Gabinete do Ministro da Guerra e do EME e Alterações de ofícias falecidos etc. Hoje sua ligação com o antigo Arquivo Militar se deve a incorporação de plantas de construções e cartas topográficas do Antigo Arquivo Militar, transferidas da Diretoria de Obras e Fortificações.

Em 1971 ao lançarmos nosso primeiro livro **As Batalhas do Guararapes** recebemos dele este estimulante comentário, ao iniciarmos em 1970, nossa jornada de historiador militar há 49 anos.

"...Como historiador e soldado de formação, muito apreciei o seu trabalho de trazer de tão longe no tempo, para o Brasil de nossos dias, como fruto de exata pesquisa, esse encontro do Rio Grande do Sul, do General Osório, com o meu Nordeste dos Guararapes em seus excelentes **A Grande Festa dos lanceiros** e **As Batalhas dos Guararapes**, lançados na inauguração do Parque Nacional dos Guararapes, em 19 de abril de 1971. Nos montes Guararapes, onde combateu a figura de Vidal de Negreiros, paraibano de nascimento, assinou como pernambucano a Ata de Rendição dos holandeses na Campina do Taborba..."

(Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares, Embaixador do Brasil na França, em carta ao autor, de Paris, em 30 Nov 1971).

Nos honrou com o seu Prefácio em nosso álbum **Memória da Canção Militar Brasileira**, publicado pelo GBOEx e disponível no site da FAHIMTB e divulgado pelo GBOEx com o título de **Amor Febril**.

O acadêmico cel Dinis Esteves titular da cadeira 50 Cel Jarbas Passarinho o aborda em sua obra **Ministros da Guerra e do Exército**, p.409/436. E Anélio Coutinho o estuda às p.5661/5665, Vol V do **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro** da Fundação Getulio Vargas 2ed.

Índice dos dois volumes de **O Brasil de minha geração**, do General de Exército Aurélio de Lyra Tavares, um precioso Conjunto de suas Memórias históricas até seu merecido ingresso na Academia Brasileira de Letras.

No 1º volume da BIBLIE, 1976

I — O que é Este Livro	1
II — Meu Nordeste	9
III — Como foi Mudando o Soldado Brasileiro	21
IV — Nessa Grande Escola Chamada Exército	33
V — Causas da Revolução de 1930	45
VI — Os Males Orgânicos do Brasil	55
VII — A Segunda República	65
VIII — Nossa Vida Universitária	73
IX — Como eu vi a Revolução de 1930	83
X — Rumo à Tropa e às Escolas	87
XI — Primeiros Problemas da Segunda República	93
XII — A Transição dos Regimes	103
XIII — O Ministério da Aeronáutica	115
XIV — O Confronto dos Totalitarismos	123
XV — O Estado Novo	129
XVI — A Segunda Guerra Mundial	139
XVII — Roosevelt e Getúlio em Natal	153
XVIII — Reminiscências da África do Norte	161
XIX — A Força Expedicionária Brasileira	175
XX — A Redemocratização, Depois da Guerra	197
XXI — O Brasil, na Ocupação da Alemanha	215
XXII — Na Tchecoslováquia, Fevereiro de 1948	233
XXIII — Democracia e Desenvolvimento	241
XXIV — Depois da Guerra, a Reconstitucionalização	263
XXV — A Racionalização do Planejamento Nacional	285
XXVI — O Retorno de Getúlio Vargas	301
XXVII — Agosto de 1954	319
XXVIII — A Crise da Sucessão	327

ANEXOS

1 — Ligação do Partido Nazista com o Brasil, em 1936. (Cópia de um dos numerosos documentos sobre o Brasil, encontrados durante a ocupação da Alemanha, no arquivo do Partido Nacional Socialista, em Berlim)	353
2 — Recepção no 2.º Escalão da FEB — Discurso do General Góes Monteiro.....	357
3 — Recepção do 3.º Escalão da FEB — Discurso do General Góes Monteiro.....	362
4 — Saudação à Marinha de Guerra e ao seu representante junto à FEB	365
5 — Carta do General Mark Clark ao Autor	368
6 — Crise da Sucessão do Presidente Vargas — Dezembro de 1954. Documento dos Chefes Militares ao Presidente Café Filho.....	369
7 — Ofício do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Humberto Castello Branco, ao Autor.....	371

ILUSTRAÇÕES

1 — O Comando da Escola Militar em 1925	37
2 — A Junta Militar passa o Governo a Getúlio Vargas - 1930	69
3 — O Ministério do Estado Novo.....	119
4 — O Presidente Vargas nas Manobras de Saicã - (Rio Grande do Sul) - em 1940	125
5 — O Presidente Vargas e Senhora, na janela do Palácio do Catete, ouvem o povo gritar: "Queremos a Guerra".....	133
6 — Reunião do Ministério para a Declaração de Guerra.....	145
7 — Encontro dos Presidentes Roosevelt e Vargas, em Natal....	157
8 — hasteamento da Bandeira Brasileira em Oujda (Marrocos) na África do Norte — Cerimônia presidida pelo General Mark Clark	167

9 — Local do encontro do I Exército Norte-Americano e do VIII Exército Britânico, na Tunísia (África do Norte) ...	185
10 — Primeira turma de oficiais brasileiros diplomados pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos	205
11 — O Estado-Maior da FEB, no Interior — Mobilização da FEB.....	251
12 — Desfile Militar de 7 de setembro de 1954. Tribuna Oficial	321

2º Volume da BIBLIEx, 1977

I — Razão deste novo livro	9
II — Como eu vinha dizendo	13
III — A unidade das Forças Armadas.....	22
IV — O rumo do populismo.....	27
V — A implantação de Brasília	37
VI — O caminho da crise	48
VII — A renúncia do Presidente	56
VIII — O Brasil em 1963.....	69
IX — 31 de Março de 1964	83
X — A obra da reconstrução	99
XI — Meu reencontro com o Nordeste.....	115
XII — O Governo Costa e Silva.....	130
XIII — No Ministério do Exército.....	149
XIV — O Exército perante o Congresso.....	164
XV — Páginas de amenidade.....	176
XVI — A Revolução se reafirma	181
XVII — O Exército e a Imprensa	194
XVIII — A doença do Presidente.....	206
XIX — O agravamento da situação	223
XX — A sucessão.....	234
XXI — No Serviço do Itamarati.....	242
XXII — Na Academia Brasileira.....	254
XXIII — Últimas páginas	261

Anexo I — Entrevista concedida à revista Realidade (março de 1969).....	269
Anexo II — Entrevista concedida pelo Ministro do Exército à Televisão Francesa (12 de dezembro de 1968).....	274
Anexo III — Manifesto subversivo colocado pelos terroristas sequestradores no carro do Embaixador dos Estados Unidos (4 de setembro de 1969).....	281
Anexo IV — Segunda nota dos sequestradores.....	284
Bibliografia	286



General Golbery Couto e Silva

Ele teve muita influência como pensador militar, através das seguintes obras sobre Estratégia que publicou pela BIBLIEx:

- **Planejamento Estratégico 1955;**
- **Aspectos Geopolíticos do Brasil 1957;**
- **Geopolítica e Poder;**
- **Conjuntura política internacional e a Geopolítica do Brasil.**

Na tropa escreveu em 1939 a obra: **Tiro de Morteiro**, que creio foi muito utilizado pela FEB na Itália.

Na Revista da Escola Militar escreveu: **Mocidade da terra do Brasil - Exortação em prol do engrandecimento do Brasil** números 10 e 11.

Sobre guerrilhas escreveu que **“a guerrilha e a estratégia do fraco contra o forte”**.

E ela se tornou eficiente contra os holandeses no Nordeste, contra os espanhóis no Rio Grande do Sul, contra estrangeiros na Amazônia.

Golbery primeiro aluno de sua turma na Escola Militar de Realengo em 1930. Como capitão serviu na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional. 1º lugar em 1941, em concurso de admissão a ECEME. Em 1977 cursou Estado-Maior na Escola de Guerra em Fort Leavenworth. Dali foi enviado para integrar a FEB,

como oficial de inteligência estratégica e informações. Serviu no EMFA com a finalidade de preparar decisões estratégicas relativas a organização em grupo conjunto das Forças Armadas. Na Escola Superior de Guerra no comando do General Juarez Tavares, pôs em prática o “eu” de uma elite tecnológica, para fortalecer a segurança nacional e comprometida com os ONP. Sua Doutrina de Segurança Nacional foi absorvida pela ESG e ela alinhava o Brasil com o bloco ocidental, sob a liderança dos EUA. O Gen Golbery foi um dos criadores da Doutrina de Segurança Nacional e um dos fundadores do Sistema Nacional de Informações (SNI).

Serviu como chefe da Casa Civil dos governos dos presidentes Ernesto Geisel e João Figueiredo. A partir de 1974, foi o idealizador da “política de distensão” que marcou o início do processo de abertura política. Teve forte repercussão interna o seu livro **Geopolítica do Brasil**.

Plínio Abreu Ramos o aborda as p.5411/5419 do Vol. V do **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro** da Fundação Getúlio Vargas.



General Francisco de Paula Azevedo Pondé

Sua contribuição como pensador militar foi através das seguintes obras de resgate da Organização e Administração do Ministério da Guerra no Império e na República através das seguintes obras:

- **Organização e Administração do Exército no Império 1986.**
- **Organização e Administração do Ministério da Guerra na República 1994.**

Ele resgatou livros registros na Real Academia Militar, que lhe permitiram resgatar expressivamente a sua história e de seus alunos, esclarecendo esta declaração do Cel José Pessoa em 1939, ao contar a História do Espadim de Caxias, **“para que não ocorresse com ele o que ocorreu com a Real Academia Militar que dela hoje se sabe que apenas existiu”**.

O General Pondé era técnico e dirigiu superiormente o Arsenal do Rio de Janeiro no qual organizou notável Museu de Armas que assinalaram a evolução da Doutrina do Exército no tocante a seu Armamento. Publicou valiosa obra sobre documentação histórica do Arsenal do Rio de Janeiro. Na inatividade atuou ativamente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e presidiu o Instituto Histórico do Rio de Janeiro. Resgatou e divulgou a História da Indústria Militar do

Exército. É patrono de cadeira na FAHIMTB.

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DO ACADÊMICO ENG. MILITAR CHRISTÓVÃO DIAS DE ÁVILA PIRES JÚNIOR NA CADEIRA GENERAL PONDÉ:

Exmas Senhoras,

Exmo Senhor presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil Cel. CLAUDIO MOREIRA BENTO,

Exmo Senhor Gen. Bda. EDIVAL PONCIANO DE CARVALHO, Comandante e Diretor do Instituto Militar de Engenharia - IME,

Exmas autoridades, Componentes da mesa,

Exmos Senhores, Jovens.

Eleito para a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, quero, em primeiro lugar, agradecer ao Instituto Militar de Engenharia - Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, aqui presente seu comandante e diretor, General Bda EDIVAL PONCIANO DE CARVALHO e sua digníssima esposa, o que muito nos honram - Esta universidade militar, que completou minha formação em Engenharia Militar de Fortificações e Construções.

Além do seu comandante, agradeço aos Oficiais-Alunos do IME, que, como porta vozes do Colégio Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, nos saudaram, simbolizando este encontro de gerações, aqui representado também o poder feminino, admitido pela primeira turma de graduação deste ano, no IME:

Ten. ANA MARIA ABREU TEIXEIRA; Ten. BRENO FERREIRA GROSSI; Ten. GUSTAVO DA LUZ LIMA CABRAL e Ten. AUGUSTO LOPES CANCIO PEREIRA SOARES.

Tomando posse formalmente neste Sodalício, na Cadeira nº 32, devo falar sobre seu patrono, o historiador e pensador militar terrestre brasileiro General FRANCISCO DE PAULA E AZEVEDO PONDÉ, ilustre representante da cultura baiana, que tantas e tão

importantes contribuições deu à Cultura Brasileira, e a quem tive a grande honra de conhecê-lo pessoalmente, como aliás também, muitos dos aqui presentes:

Falecido no Rio de Janeiro a 12 de dezembro de 1995. Sua formação escolar: Secundário: Ginásio Ipiranga e Colégio Antônio Vieira - Salvador - Bahia; - Universitário: Escola Militar do Realengo - Curso de Artilharia, turma de 1925. Meteorologia: Ministério da Agricultura - 1930.

Pós-graduação: Escola Técnica do Exército (hoje Instituto Militar de Engenharia - IME); Engenharia Industrial e de Armamento, 1938; Master in Science of Engineering - University of Michigan, USA, 1947; Automotive Course - Aberdeen Proving gound, Maiyland, USA - 1948; e Escola Superior de Guerra - Curso Superior, 1967.

Exerceu, o General Pondé, as mais importantes funções militares e de ensino técnico, no Exército Brasileiro, com dezenas de trabalhos publicados, dentre livros, artigos e conferências.

Estagiou na Indústria Civil e no Exército, nos Estados Unidos. Serviu como oficial de Artilharia no 8º Regimento de Artilharia Montada (Pouso Alegre), Fortaleza de São João, 4º Regimento de Artilharia Montada (Itú), Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Como engenheiro militar foi o fundador do Curso de Automóveis da Escola Técnica do Exército, 1948, e professor simultaneamente dos cursos de Metalurgia, Armamento e Automóvel.

Foi Diretor da Fábrica do Andaraí, chefe de Gabinete da Diretoria de Fabricação e Chefe de Gabinete do Departamento de Produção e Obras do Exército. Como Oficial-General foi diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, Diretor de Fabricação e Recuperação e Membro da Comissão de Promoção de Oficiais do Ministério do Exército.

Em 1961, no comando e direção do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, criou o Museu de História do Arsenal, por ocasião das comemorações do bicentenário daquele Arsenal, o mesmo museu que está sendo agora incluído num roteiro de visitação, dentro da nova política de difusão do nosso Exército Brasileiro.

Recebeu as seguintes condecorações:

- Medalha de ouro com passador de platina (40 anos de serviço militar);
- Medalha de Grande oficial da Ordem do Mérito Militar;
- Medalha do Pacificador;
- Medalha Maria Quitéria;
- Medalha Souza Aguiar;
- Medalha José Bonifácio;
- Medalha Cultural e Cívica José Bonifácio de Andrada e Silva;
- Medalha Cândido Rondon.

Além de Militar de brilhante carreira, foi um primoroso investigador da História Pátria. Devemo-lhes obras singulares. Raros, no terreno da pesquisa paciente e construtiva, terão revelado as qualidades que dele fizeram um mestre.

Foi presidente, durante cerca de 18 anos, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e seu primeiro presidente Honorário, foi presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico de Petrópolis, do Museu de Armas Ferreira da Cunha em Petrópolis e Conselheiro Editorial da Biblioteca do Exército.

Saudoso Gen. Pondé! A última vez que o vi, não tem dois anos; foi numa sessão solene do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando eram comemorados seus 90 anos de idade. Após a solenidade, no Salão Nobre do IHGB, sentado numa grande poltrona, recebendo os cumprimentos de uma multidão de amigos, ao lado seus familiares, ainda tivemos oportunidade de falar de seus importantes estudos e pesquisas sobre / fortificações. Era um de seus assuntos preferidos! Perguntou-me ele como iam os trabalhos no Castelo da Torre, na Bahia, e quis detalhes sobre mapas e documentos encontrados que revelaram a localização do Forte Garcia D'Avila, na praia de Tatuapara.

- Master in Science of Engeneering - Michigam;
- Sócio Efetivo do Inst. Histórico e Geográfico da Guanabara;
- Sócio Honorário do Inst. Histórico de Petrópolis;
- Sócio Efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil;

- Sócio Benemérito do Museu de Armas Ferreira da Cunha;
- Conselheiro do Museu de Armas Ferreira da Cunha, Petrópolis.

TRABALHOS PUBLICADOS (Livros, Artigos, Conferências)

- Metalografia e Tratamentos Térmicos - ETE - 1944;
- Trabalhos Práticos de Metalografia Microscopia - ETE - 1949;
- Demonstrações de Munições - Trabalho apresentado após retorno de viagem a Suécia - publicado no boletim de informações técnico-científicas de Departamento Técnico de Produção Militar do Exército - ano 7, nº 01, 3 Trim. - 1954;
 - História da "Casa do Trem" e sua posição Histórica - Anais do MHN Vol. XTV - 1953 e Rev. do Inst. de Geografia e História Militar do Brasil, nº 42, Vol. XXPV - 1962;
 - Indústria Militar - Jornal do Brasil - 1965;
 - Indústria Militar - História - Ver. Revista Militar Brasileira, nº 03 - Vol. LXXXI - 1966;
 - Discurso de apresentação do professor Adolfo Morales de Los Rios Filho;
 - Centro de Estudos do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro - Ver. do Inst. de Geografia e História Militar do Brasil - IV e 44 Vol. XXXI - 1963;
 - Trabalhos de Fundição - Apresentação;
 - Armas e Uniformes do Exército ligados à História do Rio de Janeiro - Conferência no Clube Militar no Ciclo do 4º Centenário do Rio de Janeiro - 1965 (na biblioteca do Exército);
 - História das Armas e Uniformes - Conferência no Pen Clube - 1965;
 - História dos Uniformes nos tempos de D. Pedro II - Discurso de Posse no Inst. - Histórico de Petrópolis - 1966;
 - De Montes Caseros a Tuiuty - História, Armas e Fardamentos - Conferência no Museu Histórico Nacional - 1966 Publicado nos Anais do MHN, Vol. XVIII Com. do 1º Centenário da Batalha de Tuiuty;

- Conde da Cunha - Conferência no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro - 1963;
- Discurso de Posse no IHGG - sobre Frei Vicentie do Salvador e Luiz Edmundo;
- D. João VI e a Emancipação Intelectual do Brasil - Conferência do IHG Brasileiro - 1967 - Ver. do IHGB, Vol. 279 - 1968;
- A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro - Conferência no Clube Militar, no Ciclo do 4º Centenário do Rio de Janeiro - 1965;
- Ten. Coronel Carlos Antonio Napión - Patrono do Quadro de Material Bélico - Ver Inst. de Geografia e História Militar do Brasil - Ano LTV, nº 01 Vol. LXXXV - 1968;
- História de Defesa Territorial Fluminense - conferência em Petrópolis, na Colônia Fluminense sob os Auspícios, do Inst. de História de Petrópolis - 1968;
- História e Mensagem do Arsenal de Guerra do Rio - Rev. Militar Brasileira;
- O Porto da Estrela e sua História Inédita;
- Discurso de agradecimento, em nome do Ministro da Guerra, Gen. Artur da Costa e Silva, na Conf. Nac. da Ind./1964 - Boletim da Conf. Nac. da Indústria;
- Várias Conferências em Organizações do Ministério do Exército.

OUTRAS FUNÇÕES:

- Representante do Exército Brasileiro na Mostra Internacional de Munições - Suécia - 1954;
- Criador do Museu de História do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro - 1961;
- Representante do Exército Brasileiro nas Comemorações da Academia Militar da Nicarágua - Manágua - 1964;
- Coordenador do Seminário de Estudos sobre Produtividade VI Congresso Brasileiro de Ensino Técnico Comercial - Min. da Educação e Cultura - 1965;
- Presidente da Comissão Julgadora do Prêmio Tasso Fragoso,

de Literatura - Biblioteca do Exército - 1966.

**RELAÇÃO DE ARTIGOS ESCRITOS PELO GENERAL DIV.
FRANCISCO DE PAULA E AZEVEDO PONDÉ, NAS SEGUINTE
REVISTAS:**

Revista do Instituto de Geografia História Militar do Brasil:

- Volume XXIX número 42;
- História da Casa do Trem e a sua posição na história p. 09
- Volume XXXIII número 62;
- Armamento das tropas de terra da cidade do Rio de Janeiro p. 43.
- Volume XLIX número 63;
- As espadas do primeiro Imperador p. 177 Vol. XLVII número 60;
- Discurso de posse do general Francisco de Paula e Azevedo Pondé em 16 de dezembro de 1969, no Auditório do Arsenal de Guerra do Rio - p. 21.
- Volume L número 64,
- Como foi comemorado cinquentenário da Independência p. 61.
- Volume LIII número 66;
- As fortificações do território fluminense p. 27, Volume LX;
- A indústria militar antes da implantação da IMBEL p. 71.

A Defesa Nacional (Revista de Assuntos Militares e Estudos de Problemas Brasileiros):

- Volume número 714 - Duque de Caxias p. 167;
- Volume número 716;
- A defesa das fronteiras terrestres (1750 - 1780) p. 153;
- Volume número 293.

Escreveu na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

A campanha sertanista de Rondon 148 (354): 19-35, jan/mar 1987 ilustrado.

O centenário de Gen Augusto Tasso Fragoso 286: 64-81. Jan/mar 1970.

D. João IV e a emancipação cultural do Brasil 279:114-135, abr/

jun 1968.

A Defesa das fronteiras terrestres 1750-1780, 155 (382): 197-226, jan/mar 1983.

O Duque de Caxias, 338:175-184, jan/mar 1983.

A fazenda do barão de Pati do Alferes, 327: 83-155 abr/jun 1980.

A indústria do Brasil à época da Independência 305:5-33, out/dez 1974.

O Porto da Estrela 293:35-93 out/dez 1971 ilustrado.

Saudação a Consuelo Pondé de Sena 154 (381): 271-275, out/dez 1993.



Coronel João Batista Magalhães

Cel João Batista Magalhães, considerado pelo Marechal Castelo Branco como pensador militar, em especial com seus livros:

- **Noções Militares fundamentais 1945**
- **A Compreensão da Unidade Nacional 1956**
- **A Evolução Militar do Brasil**
- **Civilização, Guerra e Chefes Militares**

Publicou na Revista do Clube Militar:

- **Oração de posse na cadeira** 31, nº 13, 1979, p. 167 - **Quarto Centenário de São Paulo.**

Publicou na Nação Armada:

A luta na Rússia e a realidade das guerras – Stalingrado nº 11/15, **O que é em realidade a cooperação aérea** nº 45 p,20/29 Trad.Art. Cap F.O. Mikshe. **Por que a força da Rússia na guerra,** nº47. p.5/12. **Ataque e defesa na guerra da Era industrial,** nº 49,p.10/18. **A doutrina de guerra e sua aplicação,** nº 50. Com base art. Ten Cel Snydeer L. Peebles. **Os fatos marcantes da História e os arquitetos da Nacionalidade** nº 51, p.13/31. **A Guerra não muda ...mas os hábitos mudam...** nº53, p.13/31. **Por que a força russa na Guerra? A Ciência e a guerra moderna** nº 55, p.45/54. **O Ministério Militar único** nº 55, p.5/22. **Suvorov** nºs 60, 61 e 62, p.27/44, 17/32 e 5/18. De livro em elaboração, **Pensamentos**

militares do General Osório nº 77 p.43/59. E a respeito da segunda derrocada da França (vista através do processo de Rion). nº 81, p.7/56.

ORAÇÃO DE POSSE NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DO ACADÊMICO AMERINO RAPOSO FILHO NA CADEIRA Nº 18 QUE TEM POR PATRONO O CEL. JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES

ELOGIO DO CEL. J. B. MAGALHÃES

- PALAVRAS INICIAIS

1. Referência aos Coronéis Cláudio Moreira Bento e Arivaldo Silveira Fontes, respectivamente Presidente e Vice-Presidente da Academia e aos demais integrantes da Colenda Mesa pela acolhida que me proporcionam.

Destaque ao Cel. Bento, pelo Convite e realce do seu admirável trabalho em prol da História Militar Brasileira. Distinguido historiador, incansável pesquisador de fastos, fatos, vultos do tempo-espacó histórico-militar do Brasil; emprestando contribuição inestimável à historiografia pátria; contribuição realmente notável à Memória da Força Terrestre.

2. Agradecimento à Saudação dos Cadetes.

Jovens Cadetes que me distinguis com Saudação tão generosa!

Dupla emoção me assalta neste momento: o fato de estar sendo saudado pela juventude militar, esperança do Brasil da virada do século; e ser Caxias o Patrono deste Sodalício e neste dia comemorar-se a Data Magna do Soldado-Símbolo do Brasil.

3. Ainda nesta introdução, desejaria externar a tríade de sentimentos que me dominam deste momento:

De Saudade, pela recordação de tempos idos, pretéritos, que não voltam mais. A propósito, lembro-me, faz 57 anos, na vetusta Escola Militar do Realengo, em 25 ago. 40, quando recebi o Espadim de Caxias, símbolo da Honra Militar. Lembro-me, e jamais duvidaria,

do final da Ordem do Dia do Cel. Cmt.: "**(...) Sede, Cadetes, servos da Soberania e da Integridade pátria, tudo sacrificando, inclusive a própria vida, para sua conservação Integral, Intangível, para os pósteros**". E foi isso que procurei perseguir, em toda minha vida militar: entregar-me ao serviço da Pátria, com absoluta e voluntária devoção, na paz e na guerra, sem nenhuma vacilação; sempre fiel e escravo do Dever, servidão às Instituições e ao Brasil.

Também relevo o sentimento de Orgulho, por estar neste Templo Castrense, de Caxias, autêntico Templo de Janus, cujas portas se abrem hoje, não para travar uma guerra, como na Roma Antiga, antes para reverenciá-la, meditando sobre o pensamento estratégico militar de Chefes Militares ilustres, como o Cel. J. B. Magalhães, que a estudaram, estudando o Brasil e o problema político-militar de seu tempo.

• Por fim, sentimento de Esperança, pela convicção de que, nas próximas décadas do século que alvorece, nossa Força Terrestre, nosso Brasil, certamente contará com Chefes Militares, que muitos de vós então sereis, para Defender a Pátria, a Lei e a Ordem. Defender a Soberania e a Integridade pátria, contra conceitos, ideias e ideologias ofensivas à estatura do Brasil como Estado-Nação independente e autodeterminado. Sobretudo, dissuadindo potências que intentem dificultar o acesso do Brasil ao Centro de Poder mundial e Globalizante, num Mundo que se Planetariza.

4. Por todas essas razões, sinto profunda emoção estar entre vós, para o cometimento altamente distinguido de tomar posse na Cadeira, cujo Patrono é o Cel. J. B. Magalhães.

POSSE NA CADEIRA Nº 18

1. Cabe-me a honra e o privilégio de ocupar a Cadeira no. 18, cujo Patrono ínclito Cel. JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES. Faço-o com humildade e emoção, altamente distinguido por estar entre vós, dignos representantes da "intelligentsia" desta Sociedade histórico-cultural.

• Sou imensamente grato pela honraria que acabais de conceder

Procurarei, neste final de vida, continuar, à moda camonianiana, "Venho tratando, pelejando"; estudando e pesquisando, em permanente sonho por um Brasil que continue com as dimensões agigantadas, intocável dos nossos antepassados. Antepassados, que produziram:

Um Raposo Tavares, a ampliação do espaço tridimensional do Brasil Colonial, em excepcional Estratégia Expansionista;

Um Caxias, a manutenção íntegra, unida e absolutamente coesa integridade pátria do Brasil Imperial, mediante exponencializada Estratégia Político-Militar;

Um Rio Branco, a definição, mediante consagrada Estratégia Político-Diplomática, do contorno territorial do Brasil Republicano, respaldada na Obra de Caxias;

Um Clóvis Ramalhete, a ampliação de 1/3 de nossa soberania, mar a dentro, no Brasil dos 1970.

• Esses, os Homens-Símbolo, Numes tutelares que merecem consagração perene, culto permanente, pelas gerações de hoje e do amanhã.

Quando o Mundo interesseiro do G-7, veicula conceitos absolutamente inaceitáveis para países como o Brasil - que aspira ao pódio das grandes potências no próximo século. Quando o G-7 intenta exportar conceitos inadmissíveis de Soberania Limitada, Patrimônio da Humanidade, Novo Conceito de Estado-Nação - conceitos que jamais terão guardia entre nós! Que nos inspirem esses ícones da Nacionalidade, que nos orientem os Respeitáveis Patronos desta Casa, como J.B. Magalhães, na Direção dos Interesses Vitais do Brasil, de forma permanente e obstinada.

2. Como Vejo a Academia de Historia Militar Terrestre do Brasil

Instituição histórico-militar de crescente importância, no sentido de estimular e despertar nos futuros oficiais da Força Terrestre o gosto, o interesse e o desenvolvimento de trabalhos que enriqueçam a Doutrina Militar da Força Terrestre, nos níveis operacionais-táticos, da batalha e do combate.

Ademais, deve este Sodalício estimular a produção de teses necessárias à formação de historiadores militares, nas Escolas

Militares e nas Universidades, como já ocorre, visando à conclusão de Doutorado e Mestrado sobre Historia Militar da Força Terrestre.

Nesse sentido, a Academia bem poderá empreender obra realmente interessante, ao pensamento político-estratégico e estratégico-militar das Forças Armadas brasileiras, de modo geral, vez que já se tenta instituir cursos de história militar nas principais Universidades do País.

Pois, assuntos referentes a história e a estratégia, em especial na sua adjetivação militar-operacional, devem merecer atenção crescente nas Instituições militares de formação, aperfeiçoamento, especialização e altos estudos - para que tais matérias não propiciem, de futuro, comentários contrários aos formulados por L. George e Clemenceau aos chefes militares, da Inglaterra e da França, em 14/18, no sentido de que: "a Estratégia seja assunto importante demais, para ficar restrito ... aos civis...".

- ELOGIO AO CEL. JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES

1. Falemos da Cadeira que, com imenso prazer e respeito, orgulho e responsabilidade venho de ocupar, cujo Patrono é o Cel. JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES.

• Justíssima homenagem presta a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, presidida pelo historiador e jornalista Cel Claudio Moreira Bento a este sodalício a um ilustre Chefe Militar:

Que o seria, dos mais dignos, conspícuos e destacados da constelação castrense, tais e tantas suas virtudes cívico-militares, domínio doutrinário-operacional da Força Terrestre e exemplar comportamento e postura militares;

Que não o foi, quem sabe? -embora a Instituição se tenha privado de um Chefe, seguramente dos mais eminentes e admiráveis quem sabe o General Destino não o estivesse convocando para missão mais intemporal, mais desligada da servidão conjuntura e da gravitação de poder, normalmente atritante e de muito desgaste?

• E parece que assim ocorreu, para que ele se impusesse, nos dez a vinte anos de vida que lhe restaram, encargo realmente

Fundamental e de índole prospectiva, que condizente com o pensamento político-estratégico e, sobretudo, estratégico-militar de nossa formação histórico-cultural e militar-profissional.

• E foi, na verdade, a que se consagrou o Mestre J.B. Magalhães: pesquisando, estudando, escrevendo; proferindo conferências; inventariando, enfim, nossa historiografia, para dela fazer emergir o que de mais cristalino pudéssemos encontrar. Cooperando intensamente no esforço de guerra do Brasil, organizando cursos, oferecendo conferências nos centros militares e civis envolvidos na mobilização nacional, para enfrentar a realidade da guerra, que chegava, traiçoeira, ao nosso litoral.

2. Dados Biográficos e Formação Profissional

• Brilhante Oficial de Cavalaria e de Estado-Maior, Oficial da OMM, Oficial da Legião de Honra da França; nascido a 20 Maio 1887 - praça de 01 set. 1905, Aspirante 02 jan. 1909, Tenente 05 jul. 1911, 1º Tenente 07 nov. 1917, Capitão 07 set. 1922, Major 30 mar 1931 (antiguidade); tenente-coronel 30 dez 1933 (merecimento), Coronel 03 maio 1938 (merecimento) - portanto, de Aspirante em 1909, percorre trajetória de grande relevo como adiante será mostrado, até a promoção a Coronel, nesse posto passando à reserva, após 38 anos de serviço ativo.

Possuía os Cursos de Inf., Cav. e Eng., de EM e Superior de Guerra da França (1929/31); regressando para servir no EME (3ª Seção). Destaque para o Curso que concluiu na EEM (ECEME) (1924/26), com brilho excepcional, sendo premiado com viagem à Europa e nomeado instrutor da Escola. Comandou o 5º RCI (Quaraí - RS) e serviu no EM/ 3ª RM (1936/1937), sendo nomeado Professor de TG e EM a. 1ª DC (Santiago - RS) (1939/1940), desempenhando a comissão com brilho excepcional, revelado na famosa Manobra Regional de 1940, em Saicã.

Da segunda vez que serviu no EME mereceu referências altamente elogiosas do Chefe EME **"dos mais completos oficiais de EM (...) deixa precioso acervo de estudos e trabalhos de grande relevância, que bem traduzem o mérito de sua privilegiada inteligência, a serviço de uma consciência profissional**

formada no culto do dever e do amor às responsabilidades, que deles decorrem, para com o Exército e a Nação excepcional realce à sua capacidade de ação de instrutor de escola oficial de EM de excepcional valor (...)".

Ao sofrer preterição injusta, pede transferência para a reserva, dizendo, em sua despedida: "**reafirmar minha fé e confiança no Exército, como esteio principal da existência de nossa Pátria, considerando ambos imperecíveis. Ambos sabem ressurgir das cinzas dos incêndios que às vezes os devoram (...) para conquistarem ordem e progresso (...)"**.

Essa amargura de J. B. Magalhães e, principalmente, a esperança que depositava no ressurgimento do Exército e da Pátria, como valores maiores e permanentes da Nacionalidade; isso me faz regressar à "**Oração aos Moços**" (1921):

"Eia, senhores ! Mocidade viril ! Inteligência brasileira. Nobre Nação explorada - Brasil de ontem e de amanhã! Dai-nos hoje, que nos falta !".

3. Cultura e Produção Intelectual

Ao longo de sua carreira, desde jovem tenente, J. B. Magalhães preocupa-se com a formação cultural do oficial, contribuindo, em níveis crescentes, para o aperfeiçoamento profissional dos quadros do Exército. Assim é que, nos tempos de oficial subalterno, escreve: "**A propósito do Regulamento de Equitação**", "**Homenagem a Armando Jorge**" (1918) e "**O Problema da Remonta**".

"Empenha-se, mais tarde, com um grupo de oficiais jovens "em promover o progresso do Exército, aplicando os conhecimentos adquiridos na França e na Alemanha, adaptados às características do Brasil" (Mal. Estevão Leitão de Carvalho).

Ademais, colaborou ativamente em órgãos da imprensa, do Rio e de São Paulo, e em revistas técnicas, como "**A Defesa Nacional**" e "**Nação Armada**", criticando as instituições militares, realçando erros e falhas, o que lhe valeu algumas transferências para guarnições longínquas do País.

Regressando da França, proferiu notáveis conferências na EEM (ECEME) sobre "**impressões do Estágio no Exército Francês**" e "**O**

Comando Moderno e a Organização da Defesa Nacional"; além de elaborar, por determinação do EME, "Estudo sobre as disposições a inserir na nova Constituição relativamente à Defesa Nacional e às Classes Armadas". Em todos esses trabalhos, revelando visão abrangente do cenário europeu de pós - Guerra 14/18, o problema militar francês e recomendações pertinentes para a estrutura de defesa nacional.

Alcança a plena maturidade intelectual já na reserva, quando, em produção intensa e crescentemente importante, oferece notável bibliografia: **"Frederico II"** (tradução comentada, de grande alcance teórico-doutrinário e operacional - tático), **"A guerra Antiga e a Arma Branca"**; **"O Fenômeno Militar Russo"** (1943); **"Alguma Coisa da Rússia"** (1945); **"Estudos sobre a Rússia"**; **"Osório, símbolo de uma época"** (1945); **"Noções Militares Fundamentais"** (1945); **"A Consolidação da República"** (1947); **"A Compreensão da Unidade do Brasil"** (1956); **"A Evolução Militar do Brasil"** (1958); **"Civilização, Guerra e Chefes Militares"** (1945); **"A Compreensão da Guerra"** (1943); **"Conferências na EEM"**; **"Estratégia do Terror"** (tradução - 1943); **"A Batalha do Monte das Tabocas"** e **"A Guerra no Mar"** (1951). Era considerado quem mais conhecia a vida e a excepcional personalidade de Osório, Patrono de sua Arma.

Pensamento Político-Estratégico e Estratégico - Militar

- Tivemos, neste século que anoitece, muitos pensadores e historiadores militares eméritos, como Tasso Fragoso, Genserico de Vasconcelos, Gustavo Barroso, e tantos outros de igual relevo; alguns, fulgurantes em vários campos epistemológicos e da política nacional; todavia, a copiosa obra produzida por J.B. Magalhães se apresenta com abrangência mui ampla, reveladora de enorme cultura geral e profissional, denunciando notável pesquisador, distinguido historiador militar, sistematicamente colocando seus estudos e pesquisas entre os níveis político-estratégico e estratégico-militar, não raro alteando suas elucubrações ao

domínio conceptual - teórico e, mesmo, filosófico político.

Dotado de notável cultura geral e profissional, pesquisador emérito, pensador e historiador militar destacado, desvelava-se em orientar seus trabalhos para o enfoque de temas histórico - militares e de natureza doutrinário - operacional; sempre lastreando-os em fundamentação filosófico - sociológica, de índole ético-moral e de envolvimento político - estratégico.

Pensador histórico militar do seu tempo, com visão clausewitziana e um pouco jominiana da guerra, concebida e conduzida ao estilo napoleônico; segue, no entanto, o pensamento estratégico - militar e operacional - tático de Ardant du Pucq e, principalmente, é discípulo aplicado Ferdinand Foch, **na concepção dos princípios de guerra e da conduta da guerra**. Sendo de formação intelectual francesa, é natural que raízes do seu pensamento estratégico - militar sejam inspiradas no pensamento francês, de antes de depois de 1918, nos anos 20/30.

Personalidade singular, nos aspectos militares, de cultura geral e como expressão moral, posicionava-se como fecundo escritor e historiador, exercendo infatigável atividade intelectual no campo político - militar, estratégico - militar e doutrinário - operacional, sendo imenso o legado oferecido aos coetâneos e pósteros.

Absolutamente correto, postura moral espartana, tudo produziu para tudo oferecer em bem do Exército e do Brasil com absoluta dignidade, altivez e retidão moral.

Sua atuação, com raro brilho e domínio histórico - cultural e militar profissional, fê-lo ligar-se a várias Instituições, dirigindo-as ou prestando notável colaboração. Nesse sentido, dirigiu a Biblioteca Clássica de Cultura Militar (Editora Peixoto S.A.), quando editou, prefaciando, comentando e compilando textos clássicos, como **"Arte Militar de Maquiavel"**, **"A Arte Militar de Frederico II"**, **"A Guerra Antiga"**, dentre outras obras.

Igualmente, ingressou no IHGB (1947), colaborando intensamente, como sócio benemerito; integrando comissões importantes; também pertenceu ao IGHMB, atuando proficuamente como sócio titular. Pertenceu, ainda, aos IHGs de Minas Gerais e de São Paulo.

Pontos relevantes de sua Obra

Pena não poder resenhar as principais obras de J.B. Magalhães sobretudo "Noções Militares Fundamentais", "A Consolidação da República", "A Compreensão da Unidade do Brasil", "A Evolução Militar do Brasil", "Civilização, Guerra e Chefes Militares" e "A Compreensão da Guerra"- pois fugiríamos ao escopo de nossa presença hoje, que intenta configurar a personalidade de J. B. Magalhães em seus lineamentos amplos e globalizantes.

No entanto, três desses estudos merecem ligeira referência: "**A Compreensão da Unidade do Brasil**", "**Civilização, Guerra e Chefes Militares**" e "**A Consolidação da República**".

Em "**A Compreensão da Unidade do Brasil**" (1958), J. B. Magalhães empreende notável pesquisa, reveladora de saber histórico-filosófico, para interpretar a singularidade brasileira, o **milagre da Unidade Nacional**, que unifica e integra um conjunto múltiplo, que mais tendia ao desmembramento multipolar que à unidade definitiva. Para desincumbir-se desse desiderátum, estuda os imperativos de defesa, as razões econômicas e a religião amalgamada. Aprecia o papel militar de São Paulo, Pernambuco, Belém (Pará), Bahia e Rio de Janeiro, ressaltando a contribuição unificada dos vários blocos insulados do imenso arquipélago brasileiro e as atividades militares que centralizam as forças divergentes. O autor estuda a unidade brasileira, através de fatores essenciais (fenômeno sócio-político, milagre (I), predomínio da língua e da religião católica); mas alerta para a compreensão de fatores determinantes (formação histórico - política, desenvolvimento dos ciclos econômico e expansão colonial e, por fim, a consolidação da obra). Nesse cenário amplo da formação brasileira, atuam forças centralizadoras e descentralizadoras do poder político. Enfim, fica evidente neste estudo profundo, empreendido em forma de síntese, que a **Unidade do Brasil é fruto de muita luta e conquista permanente, não produto "do acaso"**, que se vai afirmando e consolidando pela solidariedade espontânea, essencial à defesa contra invasões

de franceses, holandeses e ingleses. Unidade que só se estrutura em sua fisionomia espacial, após a Independência e estabilidade definitiva do Império, assegurada, interna e externamente, pela espada sempre vitoriosa de Caxias, a serviço do Brasil, na paz e na guerra.

Em **"Civilização, Guerra e Chefes Militares"** (1958), obra considerada acima e além da época do autor, revelando notável pensador, com incursões insistentes e de grande percussão ao nível filosófico social. Obra, na verdade, de consulta obrigatória aos que se debruçam sobre a guerra como fenômeno kantiano e contingente da civilização, na sua longa evolução no tempo-espacó histórico - cultural. Nessa titulação ternária de um trabalho extenso, J. B. Magalhães oferece uma visão da humanidade, em dimensão global e evolutiva, relevando o Mundo Ocidental. Nesse contexto, privilegia a guerra, no desenvolvimento científico - tecnológico dos meios, crescentemente complexos, das armas e das organizações. Configurando o tempo histórico - político - estratégico e o espaço estratégico - operacional, o autor viaja longamente pelas principais lutas, conflitos político militares e instituições jurídico - políticas do Estado, nas diversas eras da caminhada da sociedade, dos equipamentos e armas oferecidas pela evolução científico-tecnológica, se detendo em vários momentos, para pinçar a figura de chefes militares eminentes, desenhando-os nos seus valores ético-morais e profissionais de maior realce. O livro apresenta-se, portanto, como importante contributo ao estudo da guerra, como fenômeno político - social, por excelência; com peculiaridades morfológicas e tipológicas, variáveis com a evolução do processo civilizatório. O autor se propõe ao **"exame das suas transformações em presença das razões que as determinaram"** (p.27). É o binário guerra civilização o "leit-motiv" de todo o exaustivo trabalho; guerra, menos como continuação da política do que, às vezes, como falência polemológica ou, até como objetivo, por ela formulado ou aceito.

Em **"A Consolidação da República"** (1947), deparamo-nos com um estudo que é, em verdade, um ensaio para a filosofia da

história brasileira; contribuição para a apreciação do fenômeno republicano nos primeiros anos da federação nascente. Nessa obra, apresentada ao 11 Congresso de História da Revolução de 1894, questões cruciais são debatidas: natureza civil da contenda, o procedimento dos militares, a verdade sobre a proclamação da República, as reações de índole monárquica e aspectos da intervenção estrangeira. Releva na obra a preocupação de J.B. Magalhães com as razões profundas do conflito político - militar, que determinam a conduta dos partidos em luta. Ademais da preocupação do autor em "não taxarmos de errados ou bandidos os vencidos, nem de heróis os vencedores", uma figura merece estudo amplo: o General Gomes Carneiro, eminente chefe militar, que atuou com extrema competência, coragem e abnegação, chegando ao sacrifício final; tão grande em sua estatura moral e de fidelidade ao Poder Central, cujo Chefe Supremo era o Marechal Floriano; ambas figuras exemplares e estelares da Consolidação da República.

Essas e outras obras de J. B. Magalhães bem mereceriam ser analisadas e debatidas nesta Academia, como, de resto, no IGHMB, em sessões plenárias específicas. Pois, quanto de atualidade e, até, visualização prospectiva, não contem muitas delas? Dai porque de grande valimento seria para as novas gerações, a reedição pela BIBLIEx de muitas das obras de J.B. Magalhães, vez que a maioria se encontra esgotada.

TEMPO DE CONCLUIR

1 - O Mestre e o Discípulo

O Patronato a que Cel. J.B. Magalhães foi elevado nesta Academia corre à conta da sua multiforme personalidade de militar, cidadão absolutamente correto, caráter impoluto, aureolado por uma constelação realmente estelar de copiosa e fecunda produção como historiador militar e, em especial, pensador; sob vários ângulos pioneiro na contribuição para o desenvolvimento da doutrina militar brasileira; empreendendo estudos de índole

sociológica, histórica e geográfica, direcionados à configuração de cenários político estratégicos e estratégico militares, desaguando no **compartimento doutrinário operacional e tático**, que versava com maestria. Tanto mais relevante essa preocupação, quando se sabe que os **estudos metodológicos de natureza político-militar e de fundo prospectivo doutrinário operacional eram**, à época de sua numerosa produção intelectual, desenvolvidos sem uma sistematização adequada à estruturação da **Doutrina Militar brasileira**, hoje formulada e em plena experimentação e aperfeiçoamento. Aí, talvez, o relevo maior de suas pesquisas e proposituras fluentes de aprofundados labores.

Como Mestre dos mais renovados, deixa obra numerosa e fecunda, extremamente importante à Memória de nossa Força Terrestre.

Curiosamente, sempre foi imensa a minha admiração e respeito pela obra de J. B. Magalhães, que li, estudando praticamente a todos os trabalhos publicados, nos anos 40 e 50, de minha juventude militar, de tenente a major. Inclusive, fui honrado com o seu prefácio aos estudos que realizei, em 1958, na ECEME, sobre **Caxias e a Doutrina Militar brasileira**. De resto, o embasamento de minha iniciação aos estudos histórico militares muito se inspira nas lições oferecidas pela obra do Mestre.

2 - Mensagem à Academia

Ao se fecharem, hoje, as portas deste Templo de Janus, apraz-me registrar o quanto de distinção significa ombrear com talentosas figuras da historiografia e da doutrina militar da Força Terrestre castrense, neste Sodalício que nasce sob a inspiração de Caxias e a visão idealística das Agulhas Negras, e que viceja e se alimenta da seiva vivificadora e estimuladora da juventude militar de Resende.

Duas Academias aqui se encontram, na verdade, a de edificação do Passado Militar da Força Terrestre, e a de construção do Futuro do nosso Exército. Uma, arquitetura da Memória histórico militar; outra, engenharia do Futuro promissor de nossas Forças Armadas, garantidoras da Independência, da Soberania e da Integridade

territorial e cívica do Brasil.

Ambas, sob inspiração do Patrono comum, Duque de Caxias, consolidador da Integridade Pátria e, portanto, **Símbolo da Unidade Nacional**; e, por outro lado, modelo e padrão do Soldado Brasileiro, neste sentido, **Símbolo da Honra Militar**, da qual - Cadetes ! - sois detentores, na empunhadura do Sabre do Marechal, Vencedor de Campanhas e que fez o Pavilhão Auri-Verde tremular vitorioso em 3 países sul-americanos.

Enfim, ambas as Instituições configurando simbólica Ponte, ancoradas as bases no Passado e no Futuro da Força Terrestre Brasileira. Por sob ela correndo as águas caudalosas do pensamento político estratégico e estratégico militar fluentes da Obra de +Patronos, como J. B. Magalhães, a sugerir inspirações idealísticas, fundamentadas em cenários retrospectivos (histórico - culturais e militar - profissionais) e estruturadas em cenários prospectivos (**estratégico - militares e doutrinário - operacionais**).

Ao aderir ao chamamento do eminentíssimo historiador militar e distinto amigo, Cel. Cláudio Moreira Bento, coloco-me ao inteiro dispor para oferecer nossos modestos préstimos a esta novel Instituição histórico militar; cujos estudos, preocupações e proposições dos que nos distinguíram, acolhendo-nos na sua colenda e venerável grei, certamente invadirão a memória coberta pela pátina do tempo, por vertentes epistemológicas da teoria do conhecimento, sempre presentes na Obra de J. B. Magalhães, e que, no século que alvorece, sugerem inventário das diversas teorias axiológica (dos valores), Cratológica (do poder), praxiológica (da estratégia) e polemológica (dos conflitos), para melhor situar a História Militar na inteligência dos novos tempos. Eis, como dizia Machado de Assis, **"a glória desta Academia; glória que fica, honra, e consola"**.

Eis o que pretendíamos dizer, do Cel. J. B. Magalhães.



General Alfredo Souto Malan

Foi um chefe muito preocupado com as lições de nossa História Militar. Como comandante do IV Exército deu início as providências que resultaram, em 19 de abril de 1971, a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cujo Projeto, Construção e Inauguração, coordenamos como missão militar.

Como chefe de Estado-Maior do Exército deu todo o apoio e incentivo para a concretização da obra **História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um povo**, contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário de nossa Independência, cabendo-lhe fazer o Prefácio que conclui com estas palavras.

“Quanto ao Exército Brasileiro que receba esta obra como manual, que lhe faltava, para rever-se o passado e motivar-se para as lides do presente e do futuro.”

O General Malan publicou pela BIBLIEs as seguintes obras, todas centradas na obra de seu pai o General Malan D'Ambrósio:

- **Uma escola, um destino;**
- **Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro;**

Missão contratada por seu pai então capitão, como Adido Militar do Exército Brasileiro na França.

Alfredo Souto Malan nasceu em Porto Alegre no dia 8 de junho

de 1908, filho de Alfredo Malan D'Angrogne e de Clementina Souto Malan D'Angrogne. Seu pai era natural de Gênova, Itália, e, já naturalizado brasileiro, foi um dos signatários do manifesto que intimou o presidente Washington Luís a renunciar logo após a eclosão do movimento revolucionário de outubro de 1930. Foi também chefe do Estado-Maior do Exército (EME) entre novembro de 1930 e março de 1931.

Alfredo Souto Malan iniciou sua vida militar aos 16 anos, ingressando em abril de 1924 na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, de onde saiu aspirante-a-oficial da arma de Engenharia em janeiro de 1929. Foi promovido a segundo-tenente em julho seguinte e a primeiro-tenente em fevereiro de 1931. Fez o curso de especialização em Transmissões da Escola de Armas de 1933 a 1934 e em outubro desse último ano foi promovido a capitão. Nessa patente fez os cursos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais em 1935 e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) entre 1939 e 1940. Promovido a major em dezembro de 1942, entre 1943 e 1945 serviu como adjunto do adido militar em Washington e integrou, durante dois meses, a delegação brasileira que foi a São Francisco, também nos EUA, para estabelecer as bases da Organização das Nações Unidas (ONU).

De volta ao Brasil em 1945, passou a instrutor da ECEME, sendo promovido a tenente-coronel em dezembro do ano seguinte. Deixou a escola em 1947, ao ingressar no curso da Escola Superior de Guerra na França, onde também estagiou durante três meses em seu corpo de instrutores. Retornou ao Brasil em 1949 e em junho desse ano passou a integrar o Corpo Permanente que organizou a Escola Superior de Guerra (ESG) brasileira. De 1951 a 1952, já no segundo governo do presidente Getúlio Vargas, comandou o Batalhão-Escola de Engenharia. Neste último ano serviu durante alguns meses no Gabinete do Ministro da Guerra, general Ciro do Espírito Santo Cardoso. Em setembro de 1952 foi promovido a coronel e dois meses depois assumiu o posto de subcomandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), sediada em

Resende (RJ), onde permaneceu até 1954.

Em fevereiro deste último ano foi divulgado um documento assinado por 82 coronéis e tenentes-coronéis, entre os quais Souto Malan, dirigido à alta hierarquia das Forças Armadas em protesto contra a exiguidade de recursos destinados ao Exército e a promessa governamental de elevar em 100% o salário mínimo. O documento ficou conhecido como Manifesto dos Coronéis e contribuiu decisivamente para a demissão dos ministros Ciro do Espírito Santo Cardoso, da Guerra, e João Goulart, do Trabalho. Em julho de 1954, Malan foi convidado para chefiar a 3^a Seção do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA). Exerceu essa função até 1960, quando assumiu a chefia da 7^a Região Militar (7^a RM), em Recife. Em novembro desse último ano, foi promovido a General-de-Brigada, permanecendo em Recife como chefe do Estado-Maior do IV Exército.

Em setembro de 1962 passou a ocupar o cargo de subchefe do EMFA, no Rio. Partidário do movimento político-militar de março de 1964, que depôs o presidente João Goulart, em maio desse ano deixou a subchefia do EMFA para comandar a AMAN. Em julho foi promovido a general-de-divisão e em outubro, por ocasião da visita do general Charles de Gaulle ao Brasil, foi designado pelo Ministro da Guerra, general Artur da Costa e Silva, para acompanhar o presidente da França durante sua permanência no país. No final de 1964, passou a comandar a 4^a Região Militar e a 4^a Divisão de Infantaria, ambas com sede em Juiz de Fora (MG). Voltou ao Rio em 1967 para chefiar a Diretoria Geral de Engenharia e Comunicações. Em março do ano seguinte passou a General-de-Exército e dois meses depois assumiu o cargo de comandante do IV Exército, sediado em Recife, substituindo o general Rafael de Sousa Aguiar. Ocupou esse comando até setembro de 1969, quando foi substituído pelo General-de-Exército Artur Duarte Candal Fonseca.

Assumiu a chefia do Departamento de Provisão Geral do Exército em outubro de 1969, substituindo o general Augusto César de Castro Muniz Aragão. Em janeiro de 1971 passou o cargo

para o general Artur Duarte Candal Fonseca e nesse mesmo mês foi empossado na chefia do Estado-Maior do Exército (EME), no lugar do general Antônio Carlos da Silva Murici. Na qualidade de chefe do EME, fez uma série de declarações que tiveram grande repercussão. Em abril de 1971, em cerimônia de entrega de espadas aos novos generais-de-brigada, realizada no Quartel-General do Exército em Brasília, alertou para o perigo do isolamento e da arrogância do poder e defendeu a necessidade do diálogo para evitar um divórcio entre chefes e subordinados e garantir a transmissão de ideias aos mais jovens. Em junho desse ano realizou uma viagem de 20 dias à França e a Portugal, durante a qual visitou, como convidado, a Exposição de Aeronáutica e Armamentos de Paris e estabeleceu contatos com os exércitos francês e português, além de proferir diversas conferências sobre o Brasil, destacando as realizações do movimento político-militar de 1964.

Em dezembro de 1971, mais uma vez, em cerimônia de entrega de espadas aos novos generais, proferiu um discurso no qual destacou a necessidade de que se fortalecessem os quadros civis na cúpula do governo federal, para facilitar um **"desengajamento lento e progressivo dos militares"**, que deveriam dar uma maior dedicação às atividades profissionais. Em maio de 1972 deixou a chefia do EME, passando para a reserva, e foi substituído no cargo pelo general Breno Borges Fortes. Em junho de 1975 tomou posse na Comissão de Publicações da Biblioteca do Exército.

Foi também vice-presidente da Associação dos Amigos da Escola Superior de Guerra da França.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 5 de novembro de 1982.

Foi casado com Heloísa Sampaio Malan, com quem teve cinco filhos.

Publicou **Uma escolha, um destino: vida do general Malan D'Angrogne** (1979).

FONTES: CHAGAS, C. 113; CORRESP. SECRET. GER. EXÉRC.; Grande encic. Delta; Jornal do Brasil (17/4, 25/6 e 18/8/71 e 11/6/75); MIN. GUERRA. Almanaque; Perfil (1972); Veja (22/12/71).

ORAÇÃO DE POSSE NA CADEIRA 37 GEN EX ALFREDO SOUTO MALAN DE SEU FILHO CEL ENG SAMPAIO MALAN

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

Elogio do Patrono da Cadeira N° 37 Gen Ex Alfredo Souto Malan

"Os seres humanos passam pela vida como um arado a sulcar a terra. Uns deixam marcas profundas outros mal arranham o solo.

Nós passamos, mas nas etapas de nossa caminhada, deixamos nossas marcas por palavras, gestos, atitudes ou omissões.

Os grandes homens que balizam a História se inscreveram por escassas razões. Ou deixaram obra duradoura particularmente nas ciências ou nas artes, ou nasceram em berço de ouro, ou morreram em feito espetacular, ou tiveram bons advogados que souberam, muitas vezes como agradecimento, destacá-los da massa."

Frases colhidas do rascunho ETAPAS DA MINHA CAMINHADA do Gen Alfredo Souto Malan.

Se já não fosse bastante a honraria de ter meu pai, como patrono da cadeira n° 37 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, quis o destino e a bondade de sua Diretoria aqui representada pelo seu Acadêmico e presidente Cel Eng Cláudio Moreira Bento, que me fosse concedido pertencer a este seletº grupo de historiadores militares, tomando posse na cadeira que tem como patrono, meu maior exemplo de cidadão e soldado.

Alfredo Souto Malan é um dos cinco filhos do Gen Alfredo Malan D'Angrogne e Clementina Pereira Souto.

Malan D'Angrogne, nasceu em Gênova, no dia 25 de junho de 1873, foi adido militar na França no período de 1914-1918, onde na fase final de sua missão representou o nosso Governo no Contrato da Missão Militar Francesa e, como consultor Técnico, tomou parte no Congresso de Paz. Foi Subchefe e depois chefe do Estado-Maior do Exército, na primeira oportunidade serviu sob as ordens do seu camarada e amigo TASSO FRAGOSO, considerado por muitos o Pai da História do Exército. Historiador, geógrafo, correspondente

do **"Correio do Povo"** com suas "Quinzenas de Guerra", o Gen Malan D'Angrogne inspirou através de suas atitudes, palavras e principalmente pelo exemplo, o nosso patrono Gen Alfredo Souto Malan.

Alfredo Souto Malan, nasceu no dia 8 de junho de 1908, na cidade de Porto Alegre - RS. Segundo seus próprios relatos, teve uma formação primária tumultuada, iniciando seus estudos na Escola Pública Marechal Hermes em Porto Alegre (1915-1916) e no Lycée Janson-de-Sailly em Paris, no período em que seu pai era adido na França (1916-1920). Sua formação secundária (1920-1924) foi realizada no Colégio Santo Inácio; Colégio Militar e Curso Anexo da Escola Militar, todos na cidade do Rio de Janeiro.

Inicia sua formação profissional sentando praça na Escola Militar do Realengo, no dia 7 de abril de 1924. Conclui o Curso da Escola em 1928, sendo declarado Aspirante-a-oficial da Arma de Engenharia, em 19 de janeiro de 1929.

Como oficial subalterno em 1929, serve como Aspirante no 3º BE (Cachoeira do Sul-RS), como 2º Ten no 1º BFv (Jaguarão-RS), onde participa há um ano, destacado no trecho, acampado em barraca de campanha. Transferido para a cidade do Rio de Janeiro, já 1º Ten, passa pela 1ª Cia Fv (Deodoro) e no 1º BF Vila Militar).

Durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, passa à disposição da Diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

Após este período especializa-se em Comunicações, no então Centro de instrução de Transmissões em 1933, permanecendo como instrutor ao seu término.

Como capitão, em 1935 realiza o Curso de Aperfeiçoamento na então Escola das Armas, cujo juízo sintético obtido pelo Capitão Malan ao término do Curso merece ser citado: **"Inteligente, trabalhador e metódico. Possui cultura profissional equilibrada e redige com muita clareza e propriedade. Suas decisões são prontas. Foi dos alunos mais destacados da turma"**. Na turma composta de 29 alunos ocupou o número 2.

Volta a Escola de Transmissões como instrutor, ficando de 1936

a 1938. Começa a aparecer uma característica desse jovem oficial, ao término dos cursos que concluía, normalmente era convidado a permanecer como instrutor.

Ainda como Capitão, prepara-se para o Concurso da Escola de Estado-Maior. Na apreciação sumária que consta do seu requerimento àquela Escola assim se expressou o Cmt do Curso Especial de Transmissões, sobre o Cap Alfredo Souto Malan. **"O oficial em apreço é, em seu posto e em sua arma, um verdadeiro expoente. É muito trabalhador e disciplinado, competente e honesto. Pelos seus caracteres deve ser, futuramente, um brilhante Oficial de Estado-Maior."**

Logra aprovação no seu intento de cursar a Escola de Estado-Maior no ano de 1938 e durante seu Curso não decepciona seu antigo Comandante, pois conclui o Curso em 1940 com menção MB, obtendo o 2º lugar.

Seu conceito ao término do curso fala por si mesmo! **"E oficial de grandes possibilidades: boa base anterior, bom método e grande capacidade de trabalho. Aprende com facilidade todas as questões. Raciocina bem, tem flexibilidade de espírito; decide com segurança; exprime-se e redige com clareza. É desembaraçado no terreno. Os seus trabalhos tiveram sempre impecável apresentação. Oficial, embora jovem, tem personalidade definida. Dotado de ótimo preparo profissional criterioso poderá ser brilhante Oficial de Estado-Maior. Convém que seja aproveitado como auxiliar de ensino desta Escola".** É bom lembrarmos que Alfredo Malan ainda era Capitão, quando concluiu a Escola de Estado-Maior, sendo naquela época o único Capitão de Engenharia que tinha o Curso de Estado-Maior.

Terminado seu Curso de Escola de Estado-Maior é convidado para comandar a Companhia de Engenharia da Escola Militar. Assume em 1941 a Chefia do Curso, recebendo do então, Major Machado Lopes. Após um ano, ainda Capitão é transferido para a Secretaria do Conselho de Segurança Nacional e a seguir por necessidade de realizar seu estágio de Estado-Maior, é transferido para sua cidade natal, Porto Alegre-RS, onde, no período de 1942 (3ª

Região Militar). Foi membro da Comissão de Defesa Passiva no Rio Grande do Sul. Nesta função é promovido a Major e seu período de estágio de Oficial de Estado-Maior. Agora Maj Malan é designado adjunto do adido militar, em Washington-DC, nos Estados Unidos da América. Durante o período da Guerra (1943-1945) participa da Conferência da ONU em São Francisco, onde como assessor do Gen Leitão de Carvalho adquire, conforme seu próprio relato, uma experiência muito grande.

Após essa sua primeira experiência profissional como militar no exterior, volta para o Brasil para ser instrutor da Escola de Estado-Maior e chama a atenção do Maj Malan, a presença do Coordenador Geral, o então Subdiretor de Estudos - Coronel Humberto de Alencar Castello Branco. Após um período de quatro anos (1945-1948), como Instrutor de Tática Geral é o já agora Ten Cel Malan, designado a Cursar a Escola Superior de Guerra, em Paris, na França. Retorna o Ten Cel Malan, a França país que morara dos 8 aos 12 anos. Com certo orgulho, sem nunca negar suas origens gaúchas, lembro-me de meu pai dizer. **"Que era um gaúcho, educado na França".**

Após a conclusão de seu Curso é convidado a permanecer no Corpo Permanente da Escola. É o único estrangeiro a permanecer ao término do 1º Ciclo, uma vez que o 2º Ciclo não era aberto para estrangeiros.

Retorna ao Brasil em meados de 1949 e após fazer uma exposição sobre o Curso da Escola Superior da França, ao Gen Osvaldo Cordeiro de Farias, é convidado pelo então Comandante, para servir no Corpo Permanente da recém-criada, em 1949, Escola Superior de Guerra do Brasil.

Em 1950, houve a primeira turma que se forma na Escola. Os oficiais do Corpo Permanente, foram considerados da turma de 1950, entre eles Ernesto Geisel, Antônio Carlos Muricy, Golbery do Couto e Silva, Rodrigo Otávio Jordão Ramos, Alfredo Souto Malan entre outros. Já nessa época, era Comandante o Marechal Juarez Távora.

Do Corpo Permanente da ESG sai para Comandar o Batalhão

Escola de Engenharia, na Vila Militar, no Rio de Janeiro. Depois do Comando é convidado para fazer parte do Gabinete do Ministro Espírito Santo Cardoso. Não se demora muito tempo no Gabinete, sendo promovido a Coronel em setembro de 1952 e a convite do General Jair Dantas Ribeiro, exerce de (1952-1953) as funções de Subcomandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Da Academia, em 1954, é transferido para o Estado-Maior das Forças Armadas, onde chefia a 3^a seção do Estado-Maior do Marechal Mascarenhas de Moraes. Durante quase seis anos serve no Estado-Maior das Forças Armadas, tendo durante este período contato com a Escola Superior de Guerra, particularmente com o Curso de Estado-Maior e Comando das Forças Armadas.

Após este longo período no EMFA é convidado pelo General Inimá Siqueira, para chefiar o Estado-Maior da 7^a Região Militar, em Recife-PE. Permanece praticamente seis meses na Chefia do Estado-Maior, pois havia sido transferido em meados de 1960 e em 25 de novembro do mesmo ano, é promovido a General de Brigada. Permanece no Nordeste, agora a convite do Gen Emílio Rodrigues Ribas, então Comandante do IV Exército, passa a exercer as funções de Chefe do Estado-Maior do IV Exército.

Com a designação do Gen Ribas para Chefe do Estado-Maior do Exército, o Gen Malan o acompanha como chefe de seu Gabinete, retornando ao Rio de Janeiro.

Durante o curto período que passa pela chefia de Gabinete em 1961, organiza e sistematiza a Cerimônia de entrega de espada de General, que se realiza até hoje, com um aspecto digno de ser assistido.

Do Estado-Maior do Exército segue novamente para o EMFA, dessa vez para ser Subchefe do Exército. Lá passa 62, 63, até 64. Na revolução de 64, era Subchefe do EMFA, representante pessoal do Chefe do Estado-Maior do Exército, que era no momento o Gen Castello Branco, com o qual manteve um contato muito estreito.

Logo depois da revolução é convidado pelo Gen Syseno Sarmento, chefe do Gabinete do Ministro, que em nome do Ministro, o estava indicando para o Comando da Academia Militar

das Agulhas Negras. Assume o Comando da AMAN em 8 de maio de 1964, e em julho é promovido a General de Divisão. Embora o Ministro Costa e Silva pleiteasse a sua permanência até o final do ano de 64 no Comando da AMAN, o Gen Castello Branco agora Presidente da República, decide pela necessidade do Gen Malan no Comando da 4^a Região Militar e 4^a DE, em Minas Gerais.

De 64 a 67, durante dois anos e oito meses, segundo depoimento do próprio Gen Malan, foi este um dos períodos mais interessantes de sua vida profissional. É nessa época que surgem as Ações Cívico-Sociais (ACISO).

Certa feita, ao comentar com meu pai, sobre a quem caberia a idéia das Operações ACISO uma vez que havia dúvida sobre o seu idealizador. Modestamente, como era de seu costume, disse-me: **"Não importa quem a idealizou, o importante é que ela seja realizada."**

Durante seu Comando realiza seis operações (Exercício no Terreno) sendo que o último teve aspecto real na região de Caparaó.

Quando da visita do Gen De Gaulle ao Brasil, em 1964, é colocado a disposição do Presidente da França durante todo período em que aqui permaneceu.

Do Comando da 4^a Região Militar vai para a Diretoria de Engenharia e Comunicações. Durante um ano procura sistematizar a carreira do Oficial de Engenharia, procurando ouvir as preocupações e as aspirações dos oficiais da Arma, que foram concluídas num trabalho sobre a Carreira do Oficial de Engenharia. Em 25 de março de 1968 é promovido a General de Exército e como tal, classificado no Comando do IV Exército em Recife-PE. De maio de 68 a setembro de 69 Comanda o IV Exército, num período em que com a doença e posteriormente morte do Presidente Costa e Silva, participa de uma sequência de encontros do Alto Comando do Exército, que marcaram aquela época. Emprestou grande estímulo à concretização do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, onde contou com a participação ativa do pesquisador e historiador, Cel Cláudio Moreira Bento.

Do Comando do IV Exército, vai para o Departamento de

Provisão Geral - hoje Departamento Geral de Serviços, de Out 69 até Dez 70.

Do Departamento de Provisão Geral, é convocado pelo Ministro Orlando Geisel para a Chefia do Estado-Maior do Exército, em Dez de 70 e nela permanece até Mai 72. Desempenha em princípio no Rio, e depois por decisão do Gen Orlando Geisel, transfere numa operação pormenorizadamente elaborada, o EME para Brasília, em maio de 71.

Deu continuidade à obra realizada por seu antecessor na Chefia do EME. General Muricy, no sentido de concretizar a obra: **A História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo**, editado pelo EME em 1972, em Comemoração ao Sesquicentenário da Independência, hoje esgotada e seguramente o ponto culminante da literatura histórica do Exército Brasileiro.

Seus discursos e conferências no período em que esteve na Chefia do EME, foram reunidos numa publicação editada pelo EME, que o Gen Malan era dedicada aos camaradas que deixava na Caserna, na esperança de que neles pudessem encontrar algo daquilo que tanto se valera ao buscar ensinamento e conforto no legado de acertos - e também erros - dos antigos chefes que presidiram sua formação de soldado.

Assim em 10 de maio de 1972, encerra o Gen Malan seus quarenta e oito anos de atividade militar, exercendo a função, que seu pai exercera, cinquenta anos atrás, como Chefe do Estado-Maior do Exército do Ministro Pandiá Calógeras.

Durante a sua carreira militar o Gen Malan foi agraciado com as seguintes medalhas e condecorações:

- Medalha Militar - Passador de Platina (mais de 40 anos de serviço);
- Medalha de Guerra;
- Medalha do Pacificador;
- Medalha Marechal Hermes - Aplicação e estudo (Passadeira de ouro com uma coroa);
- Medalha Marechal Trompowski;
- Medalha Especial da Junta Interamericana de Defesa;

- Medalha Militar do Mérito da Venezuela;
- Ordem do Mérito Judiciário;
- Ordem do Mérito Militar de 1^a Classe de Portugal;
- Ordem Nacional da Legião de Honra da França - Comendador;
- Ordem Nacional do Mérito da França - Comendador;
- Ordem da Inconfidência - Grande Oficial;
- Ordem do Mérito Aeronáutico - Grande Oficial;
- Ordem do Mérito Naval - Grande Oficial;
- Ordem do Mérito Militar do Paraguai - Grande Oficial;
- Ordem do Mérito Militar(BR) - Grã Cruz,
- Ordem do Mérito de Rio Branco - Grã-Cruz;
- Ordem Militar de Aviz (Portugal) - Grã-Cruz.
- Medalha Marechal Thaumaturgo de Azevedo;
- Medalha do Mérito da Cidade de Recife;
- Medalha Santos Dumont;
- Medalha Cultural Afonso d'Escagnolle Taunay;
- Ordem Estácio de Sá - Grande Oficial.

Quando da passagem para a reserva do Gen Malan, assim se expressou o Gen Orlando Geisel, Ministro do Exército:

"Na folha de alterações do Gen Malan encontram-se quase cinquenta anos de serviços a bem do Exército e do Brasil. Estudem-no e tomem-no como exemplo."

O soldado retira-se de cena e entra o cidadão e o chefe de família exemplar, casado com Heloísa Sodré de Sampaio em 18 de janeiro de 1931, com quem teve cinco filhos: Helena, Alfredo, Alda Maria, César e Carlos José.

Surge também o historiador e biógrafo na busca da verdade histórica. Alfredo Souto Malan escreveu artigos:

Na "Defesa Nacional":

- Reparafinadeira - 1932; Arma de Transmissões - 1943;
Transmissões: Arma ou Serviço – 1943

Em "Letras em Marcha".

- ACISO;
- Chefia do EME.

Na "Revista do Clube Militar"

- A Rota de Cachimbo.

Na revista "Cultura Militar":

- Posição e papel do EME - 1972.

No "Jornal do Brasil":

- Memórias do Gen Weigaud

Proferiu Conferências:

- Na Biblioteca Pública de Porto Alegre: "**A Defesa Passiva**"- 1943;
- No Grupamento de Unidades Escola (GUEs) - Vila Militar:

"Guerrilhas" - 1950:

- No Gabinete Português de Leitura - Rio: "**Comunidade Luso-Brasileira**" - 1962 (Reproduzida na "Revista Militar" portuguesa);

- Em Belo Horizonte: Aula inaugural do Ciclo de Estudos da ADESG **-1965;**

- Na ESG de Paris: "**O Brasil e seu Exército**"- 1971 (Reproduzido no "Bulletin Trimestriel de l'Association des Amis de l'Ecole

Supérieure de Guerre" - Paris;

- Na ESG/Rio:-"Os trabalhos preparatórios para o planejamento da Segurança Nacional";

- "Desembarque no Sul da França" ; "Estratégia: princípios"; "Geopolítica e Segurança Nacional"; "Tendências da forma da Guerra".

- Na cidade de marechal Deodoro/AL: "**Deodoro, o Soldado**"- 1977.

Publicou Livros:

- "**Coletânea de impressões**" (Composição e anotações Imprensa do Exército - 1968);

- "**Discursos e Conferências**" - EME 1972;

- "**Uma escolha, um destino**" (Vida do Gen Malan D'Angrogne -BIBLIE/1977);

- "**Missão Militar Francesa de instrução ao Exército Brasileiro**" -BIBLIE/1988).

Após a transferência para a reserva, Alfredo Souto Malan desempenhou as seguintes funções:

- Diretor Vice- Presidente da Empresa "Café Solúvel Brasília S/A" (1972-1974, exonerado a pedido);

- Diretor Vice-Presidente da Empresa "Bhering Companhia S/A" (1974, exonerado a pedido);

- Membro do Conselho Consultivo da Empresa "Editora de Guias LTB S/A" - 1973/74, exonerado a pedido);
- Membro da Comissão de Publicações da BIBLIEx - 1975/77, exonerado a pedido);
- 1º Vice-Presidente da Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), eleito para o biênio 1976/77;
- Membro do Conselho Administrativo da "Association des Amis de Ecole Supérieure de Guerre" - Paris, eleito por 3 anos em 1977;
- Membro Honorário da Academia Brasileira de História - 1977;
- Vice-Presidente da "Associafion des Amis de Fecole Supérieure de Guerre" - Paris, eleito em 27 Out 1977;
- Diretor da Ass. dos Membros da Legião de Honra da França;
- Sócio-fundador do Centro Brasileiro de Estratégia (CEBRES);
- Sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB) - admitido por unanimidade em 3 Nov 81.

Alfredo Souto Malan deveria tomar posse em sua cadeira de historiador militar no (IGHMB) no dia 9 Nov 82, tendo por patrono o Duque de Caxias e ao lado do qual figura como patrono seu ilustre pai e geógrafo militar Alfredo Malan D'Angrogne. Mas quis o destino, que em 5 Nov 82, quatro dias antes de sua posse, viesse a falecer na cidade do Rio de Janeiro, em consequência de uma embolia pulmonar, após uma operação de ponte de safena,

Gostaria de terminar esta apresentação de meu Patrono, como iniciei, usando suas próprias palavras; deixando com os senhores uma frase, que meu pai sonhava que, um dia será inscrito, em letras de bronze, no Portão Monumental, na entrada da Academia Militar das Agulhas Negras, que segundo ele sintetiza a carreira militar:

"Se vens em busca de honrarias, não entres, encontrarás decepções. Se vens em busca de um ideal, então entra, encontrarás honrarias."

Nota do Cel Bento: Ecrevemos um Necrológio do Gen Malan, com o título: General Malan e a História do Exército, na Rev. do Clube Militar, nº 256, p.8.



General Antônio de Souza Junior

Foi pensador militar revelado através das seguintes obras pela BIBLIEEx:

- Do Recôncavo aos Guararapes 1949, - Caminhos históricos de invasão nas Campanhas Militares do Sul 1950 e - O Brasil a Terceira Guerra Mundial.

- Teve destacada atuação na elaboração da **História do Exército perfil militar de um povo**, como Diretor do Projeto no Rio de Janeiro, estruturação dos capítulos e coordenação geral do texto. Ele atuou como historiador no Estado-Maior da FEB. Não sabemos a dimensão de sua atuação na organização do Arquivo da FEB, o qual em 1985-1980, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército demos tratamento especial, o reunindo separado em Sala Especial e a inaugurando com a presença do Gen Ex Aurélio Lyra Tavares, Gen Bda Jonas de Moraes Correia Neto, Secretário do Exército e o Presidente da ANVFEb ao que recordo.

No que se refere aos caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul e pelo litoral usado em 1769 pelo General Pedro Cebalhos e o pelo interior em 1777 por D. Vértiz y Salcedo, descobrimos outro que seria usado em 1801, mas que foi detida a invasão por ele em 1800, no corte do rio Jaguarão e assim batizado: Forte de Cerro Largo - Passo Centurion no rio Jaguarão, Herval do Sul – Piratini –

Canguçu. E a partir deste ponto convergir sobre Rio Pardo ou sobre Rio Grande, ou ao mesmo tempo para os dois. E ali cortar por terra as comunicações da bases militares portuguesas de Rio Grande e Rio Pardo. Para cobrir esta direção foi criada em 1800 a Capela Curada N. Sra. da Conceição de Canguçu e antes, em 1789, a Vila dos Casais, atual cidade de Piratini.

O General Souza Júnior como historiador das Batalhas dos Guararapes em **Do Recôncavo aos Guararapes**, meu texto sobre As Guerras Holandesas mereceram de sua parte atenção especial e poucas foram suas sugestões de mudança.

SAUDAÇÃO pelo General ADALARDO FIALHO

Gratíssima a missão que nos foi cometida de receber e saudar, em nome do Instituto de Geografia e História Militar, o nosso prezado camarada, General Antônio de Souza Júnior. Grata e honrosa por todos os títulos. Não só porque lhe exornam o caráter as mais nobres qualidades de cidadão exemplar, como porque traz, para o nosso Instituto, o prestígio de um nome consagrado como historiador. Se observarmos a carreira de escritor do nosso homenageado, ressalta o dividir-se ela nitidamente em três fases. A primeira teve início em 1946 e durou vários anos. Foi quando chefiou, na Escola de Estado-Maior, o curso de História Militar. Chamar esse período de "fase de preparação" seria falsear a verdade porque, quando Antônio de Souza Júnior assumiu as responsabilidades daquele curso, já era cultor da História. Mas podemos dizer que acostumou o seu espírito à sistematização do estudo da História, devendo ter-lhe sido de pleno proveito o método cartesiano para exame de problemas militares, regra geral em todos os cursos daquela academia de altos estudos militares. 'Editou então o seu **"Curso de História Militar"**, onde já: se revelam as suas qualidades de analista perspicaz e fiel observador das normas didáticas, qualidades que lheão de valer, ou sobressair, em todos os seus trabalhos, daí por diante. Data dessa época, ainda, o seu opúsculo **"Grandes Unidades na Batalha"**. À segunda

fase podemos chamar indubitavelmente de “fase de maturação”, quando Souza Júnior já estava preparado para altos vôos de erudição. Começa em 1949, quando publicou **“Do Recôncavo aos Guararapes”**, em nossa opinião, e salvo melhor juízo, o seu melhor livro. Arrima a nossa opinião o haver esse trabalho conquistado o primeiro prêmio, no concurso instituído, pela Biblioteca Militar, para comemorar o tricentenário da segunda Batalha dos Guararapes. Livro aos brasileiros, porque retrata fielmente o sentimento nativista que já ia despontando, mesmo na luta ombro a ombro com os portugueses, daqueles índios, daqueles pretos e daqueles mamelucos ou mulatos, dos quais Camarão, Henrique Dias e Vidal de Negreiros eram a expressão máxima. Livro admirável porque exalta aquele punhado de bravos, firmes na determinação de expulsar o holandês de um solo que já anteviam como seu, a ponto até de se sobrepor à determinações de Barreto de Menezes, o Mestre-de-Campo português que os comandava, para ir ao encontro do inimigo e batê-lo, como aconteceu na segunda Batalha dos Guararapes. A descrição aos mestres-de-campo luso brasileiros, porquanto, separados por boqueirões, e limitados por várzeas e banhados, neles não poderia, como não pôde, desenvolver o holandês insuspeito as suas formações de linhas. Já mestre de História, Souza Júnior realça com facilidade os pontos dignos de menção na atuação militar dos nossos. Merece citado o fato de os luso-brasileiros, antecedendo-se de cem anos às ideias do século XVIII, no campo militar, procurarem sempre destruir os efetivos inimigos, ao passo que os holandeses buscavam antes objetivos geográficos. Concentravam forças, enquanto que os patriotas as dispersavam. Informavam-se bem, escolhiam o terreno adequado e o momento propício para golpear, empregavam a astúcia a par da bravura. Até reconhecimentos e golpes de mão, recursos que a arte militar moderna sanciona, foram inteligentemente utilizados pelos valentes curibocas contra a inação dos holandeses, demasiadamente confiantes na arrogância e fama de seus exércitos. Depois deste livro, seguiu-se **“Caminhos Históricos de Invasão”**, outro belo trabalho histórico-militar, seara

onde agora Souza Júnior passa a colher com desembaraço. É uma bem compilada coletânea de fatos que focalizam, antes de tudo, as vias de penetração por onde, às vezes acertada, e de outras feitas erradamente, os adversários sulinos, primeiro portugueses e espanhóis, posteriormente brasileiros e platinos, encaminharam os seus efetivos, e com eles, também, as suas ambições, idiossincrasias e rivalidades. A batalha do Passo do Rosário, como não podia deixar de ser, é o ponto alto deste estudo, escudado em vasta bibliografia, o autor, sem cansar o leitor, soube tirar oportunos ensinamentos de sua tese, revelando notável espírito de síntese, a par de fidelidade ao método expositivo. São páginas de um professor de História. Interessante é a sua advertência aos que seriam tentados a repetir operações do passado, seguindo os mesmos caminhos de invasão: **“é preciso sempre saber distinguir as analogias e as diferenças, apreciar exatamente as situações e não cometer o erro do tomar uma época por outra”**, **“Fronteiras Flutuantes”**, editado em 1954, é o volume que encerra esta fase. É a transição para a terceira fase, que chamamos de **“fase especulativa”**. **“Fronteiras Flutuantes”**, na verdade, é integrado por dois livros. A primeira parte é um fascinante estudo do complexo processo do delineamento das nossas fronteiras ocidentais. Matogrossense de coração, pois que, embora filho de Uberaba, mudou-se, aos sete anos, para Mato Grosso, e lá deitou raízes, Souza Júnior derrama-se, neste trabalho, em exaltações e louvores, aliás justos, à terra e aos fastos mato-grossenses. Perpassam pelos nossos olhos episódios memoráveis das lutas entre espanhóis e portugueses para a fixação das lindes entre as duas coroas, na capitania de Mato Grosso, como o ataque de D. Lázaro de Ribeira, governador do Paraguai, ao Forte de Coimbra, dando ensejo a que Ricardo Franco. Comandante do Forte, respondesse à intimação para se render com aquela alta mensagem que o imortalizou na História, e que não nos furtamos de transcrever :

“Tenho a honra de responder categoricamente a V. Excia. que a desigualdade de forças sempre foi um estímulo que animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus

postos e defendê-los até às duas extremidades: ou de repelir o inimigo, ou de sepultarem-se debaixo das ruínas dos Fortes que se lhes confiarem; e nesta resolução se acham todos os defensores deste presídio, que têm a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Excia., a quem Deus guarde muitos anos. Coimbra, 17 de setembro de 1801.”

Desfilam ainda pela nossa retina, como em visão caleidoscópica, tal a riqueza e colorido, páginas como: a guerra do Paraguai, da qual resultou o Tratado de Limites de 1872, complementado só em 1927; as consequências da independência das colônias sul-americanas sobre os novos Estados da região central do continente; a questão da navegação dos rios Paraná e Paraguai e a incorporação do Acre ao Brasil, ressaltando o papel de Plácido de Castro e Rio Branco. Seu estudo vai mesmo mais longe, alcançando até a época em que Assunção e São Paulo eram os focos irradiadores das bandeiras de espanhóis e portugueses, respectivamente. Deixando de lado a parte histórica, Souza Júnior passa ao estudo fisiográfico da terra. Revela-se então um enamorado de Mato Grosso. Quando descreve o rio Paraguai, dir-se-ia um poeta a cantar o majestoso caudal que De Fontaines classificou de **“o maior alagadiço do mundo”**. De fato, com seus 2.000 quilômetros, seus numerosos afluentes, e espraiando-se por 300 quilômetros, o Paraguai é um dos maiores fenômenos da natureza. Nem o Paraná, que também possui 2.000 quilômetros, se lhe compara porque, ao contrário do Paraguai, é rio de planalto e corre torrentoso, porque encaixado. Muitos não sabem que o Paraguai é tão extenso e o seu regime de águas tão singular que, na mesma época, em certos trechos está em cheia, e em outros em vazante. Descreve também o Guaporé, outro gigante de 1.000 quilômetros, que se espraia por 120, mas pertencente à bacia amazônica. Passando ao estudo de Mato Grosso como Unidade política, sucedem-se, novos quadros empolgantes nesta lanterna mágica de fatos históricos, tais como a descoberta do ouro em Cuiabá, **“importante e transcedente marco da nossa história colonial”**. Citando Pedro de Moura em “Bacia do Alto Paraguai”, Souza Júnior acrescenta :

“Mais do que a riqueza que o ouro pôde trazer, mais do que as vantagens materiais decorrentes do precioso metal, mais mesmo do que o marco de expansão para o oeste, com a fixação do homem e a garantia da conquista trazida pelas audazes bandeiras, mais do que tudo isso, O OURO DE CUIABÁ É UMA DAS PEDRAS ANGULARES DA UNIDADE NACIONAL”. “A ele devemos a expansão para o ocidente: a conquista de Mato Grosso e a fixação das nossas lindes no Guaporé; a ele devemos a expansão brasileira pelo Paraguai, tornando-o um rio brasileiro, das nascentes até Baía Negra, com uma vigilância constante, e armada, do terreno conquistado; a ele devemos, principalmente, a ligação do sul com o norte, através dos caminhos históricos do Tietê e do Guaporé, visando ambos Cuiabá.”

Segue-se o estudo do desenvolvimento da pecuária, principalmente como fator de povoamento, ao dispersar os primitivos falseadores de ouro, no rio Paraná, cuja bacia abrange terras em que Mato Grosso, é também focalizado. Seu potencial energético atinge 12 milhões de H.P. Nada escapa à radiografia de Souza Júnior que, em brilhante conclusão, salienta ainda o papel estratégico de Mato Grosso, tendo em vista os antecedentes históricos, a sua posição geográfica e o estado atual das vias de penetração no grande Estado central, e é esta primeira parte de **“Fronteiras Flutuantes”**, pelo colorido e originalidade dos temas e pela admirável síntese conclusiva, recomenda o livro. Mas Souza Júnior não se contenta. Montado em seu método histórico-geográfico de judiciosa escolha, pesquisa e análise dos assuntos tratados e, assim como, na primeira parte, já tirara ilações corretas de seu estudo sobre Mato Grosso, agora, nesta segunda parte, apresenta uma série de artigos publicados, em sua maior parte, na imprensa de São Paulo, focalizando aspectos geopolíticos e militares da 2ª Grande Guerra, todos confirmados pelos acontecimentos. Hoje, como ontem, confirmam-se as conclusões dos doutrinários da geopolítica, aduz ele, como Ratzel e Jacques Ancel:

“As orlas dos países oscilam e variam perpetuamente, pois uma fronteira não é estável senão como expressão de um equi-

líbrio dinâmico, transitório, resultante das ações que mutuamente exerçam os Estados confrontantes.”

Visa Souza Júnior a comprovar, com essa segunda parte, “**a importância que assumem o estudo e os conhecimentos da história militar na solução dos problemas estratégicos**”. Com ela, Souza Júnior abre caminho para a terceira fase de sua carreira de escritor, ou seja a fase especulativa, como a batizamos. Encabeça-a “**O Brasil e a Terceira Guerra Mundial**”, editado em 1959, seguido do “**Problemas Internacionais da Atualidade**” e “**A Influência da Geografia Sobre a Estratégia**”, ambos editados em 1961, e “**Os Problemas Mundiais e seus Reflexos no Continente Americano**”, editado no corrente ano. Trata-se, como os títulos indicam, de trabalhos especulativos antes que pragmáticos. Terreno difícil e delicado que requer, a par de penetrante espírito analítico, grande poder de síntese. O difícil aqui é correr o risco de sermos superados, em nossas conclusões, não só pelo vertiginoso progresso da ciência e da técnica, como pelos próprios acontecimentos internacionais, nesta época em que ditadores como Kruchev ou Mao Tse Tung, à maneira de Hitler, podem fazer qualquer coisa, deitando por terra todas as previsões. “**O Brasil e a Terceira Guerra Mundial**”, por exemplo, é um vigoroso ensaio de “Sociologia da Guerra, aplicado a um tema objetivo”, em que o autor, à maneira Bouthoul, procura prever, “**mercê de métodos de análise científica, aplicados sobre fatos conhecidos, os eventos humanos, inclusive as guerras, pela projeção, no futuro, das causas e móveis que determinaram o passado**”.

Apesar da ousadia do tema, Souza Júnior sai-se bem. Mais do que nunca resplende a sua cultura. Uma infinidade de assuntos delicados são examinados com acuidade e justeza. Entre outros, a repercussão do emprego das armas atômicas nas guerras futuras, o papel do petróleo do Oriente Médio na conjuntura política mundial e o estudo dos meios legais que a humanidade tem empregado para estruturar a paz, tais como alianças, tratados e sistemas defensivos. Ressalta ainda a Política Nacional de Energia Nuclear e focaliza, com rara felicidade, a importância do Nordeste

brasileiro na eventualidade de uma terceira Guerra Mundial. Dificilmente se encontrariam condensados num só volume tantos e tão empolgantes temas de viva atualidade. Sob este ponto de vista, o livro é de grande e indiscutível valor documentário.

A respeito do valor do Nordeste brasileiro, em face de novo conflito mundial, temos opinião própria. Julgamos que o seu valor decresceu, desde a abertura das rotas polares, consequente ao aumento da velocidade e do raio de ação dos aviões. Tal é o progresso da aviação que, muito recentemente, uma inteira Divisão Blindada americana foi transportada pelos ares, em apenas alguns dias, dos Estados Unidos para a Europa. Os novos dados da ciência e da técnica (basta citar que o XB-70, avião americano, desenvolve uma velocidade de 3.500km por hora) alteram os conceitos antigos, ou mesmo os recentes. Vamos mais longe mesmo, e pedimos desculpas ao auditório pela nossa irreverência: com o aparecimento dos submarinos nucleares, espalhados pelos 7 mares do mundo, capazes de permanecerem submersos por tempo indefinido, e dotados de foguetes "polaris", vale dizer, de bombas atômicas, a frase de Napoleão "**A Geografia traça o destino dos povos**" caiu por terra. Na verdade, o conceito da estratégia esfumou-se. E isso sem falar na nova era que se avizinha, de artefatos nucleares, acionados à distância, lançados de veículos espaciais. Estas ideias, fruto de mera opinião pessoal, em nada desmerecem o livro de Souza Júnior, aliás escrito em 1958, porquanto nenhum estudo de fundo especulativo, seja em que domínio for, perde o seu valor. O espírito humano age por aproximações. O que hoje é mera hipótese, amanhã será verdade inconcussa. "**Cada descoberta que se realiza, cada teoria que se aventa, cada hipótese que se emite**", no dizer de Sampaio Mitke, renomado autor, "**constitui um passo à frente (raramente um passo para trás) ou um elo a mais na cadeia infinita do Saber**". "Sem os progressos alcançados pela astronomia no tempo dos caldeus e assírios — que tiveram sabida propensão para a ciência dos astros — diz ainda o referido autor, "**não seria possível a Thales, de Mileto, prever eclipses 600 anos antes de Jesus Cristo, nem a Ptolomeu legar à posteridade**

o célebre Almagesto”, no qual já consigna mais de mil estrelas e expõe o sistema geocêntrico que prevaleceu durante mil anos; sem Copérnico, que derrubou o erro geocêntrico ptolemaico, mostrando que é a Terra que gira em torno do Sol, Kepler não teria podido formular as três leis do movimento planetário; sem o conhecimento do sistema heliocêntrico copernicano e das leis de Kepler, bem como da luneta astronômica de Galileu — que também provou o movimento da Terra — Newton não teria podido legar à humanidade a maravilha que é a lei da atração universal, nem Laplace teria podido emitir a extraordinária hipótese cosmogônica que possibilitaria a concepção de todas as outras que se lhe seguiriam”. Eis porque “**O Brasil e a 3ª Guerra Mundial**”, livro essencialmente especulativo, guarda todo o seu valor, ao advertir o povo brasileiro e chamar-lhe a atenção para os problemas internacionais, dos quais tanto descuramos. Sob este ângulo, preenche inteiramente suas finalidades. Os outros livros e opúsculos desta fase são igualmente brilhantes interpretações de fatos de marcante atualidade. Ajudam à compreensão de complexos problemas e situam com propriedade o papel do Brasil no conserto das nações. Notável a facilidade com que Souza Júnior, habituado ao estudo da História, comenta fatos de nossos dias e antevê eventos futuros.

CONCLUSÃO: Escritor fecundo e versátil, põe em toda a sua obra, cujo conjunto é monumento de erudição, uma centelha de patriotismo. Souza Júnior é nacionalista, mas não desse nacionalismo propositada e maliciosamente estrábico que se opõe a tudo que, em nossa Pátria, contraria os interesses de Moscou e se omite ou combate tudo que favorece os interesses de Washington, porém é forrado desse genuíno nacionalismo que procura conhecer, estudar e interpretar os problemas brasileiros, e ainda prestar-lhes colaboração desinteressa em sua solução. Dentro dessas ideias, esforça-se por incutir, em todos os seus escritos, a consciência histórica, na verdade a base da formação de qualquer nacionalidade. Para Haberlandt, “**se o clima e a situação geográfica constituem a metade da sorte de um povo, a base histórica em que ele repousa constitui a outra metade. Um povo que não**

toma conhecimento de sua própria história é um povo sem laços aglutinantes. O passado alumia o futuro". Citando Plínio Salgado:

"O conhecimento das nossas origens é fundamental para o fortalecimento da nossa personalidade nacional. Perceberemos, pelas constantes das nossas direções históricas no passado, pela psicologia dos nossos ancestrais, pelo que fizeram e pelo que deixaram escrito, pelas soluções nas vicissitudes adversas, pelo comportamento dos governantes, pelo estilo de vida dos que nos precederam, pelas atitudes na coexistência internacional, por tudo o mais que alicerça a Nação de que somos filhos, como deveremos proceder para sermos dignos de um destino entre os povos."

"A personalidade nacional, a sua força, a sua resistência, a sua firmeza, a sua invulnerabilidade e a sua influência entre as Nações devem buscar na História e na Tradição os elementos de sua vitalidade."

"Ou conhecemos a nossa História e cultuamos as nossas tradições, ou perderemos a personalidade nacional, antes mesmo de perder a liberdade."

Eis porque, e acima de tudo, Souza Júnior é recebido nesta casa como historiador. Como escritor, seu estilo é sóbrio e despretensioso, mas em contrapartida, é convincente, fácil e agradável. Nele não se encontra a empola estéril da jactância, mas, sim, raciocínio seguro, pleno de ideias viris. Honesto a toda prova, Souza Júnior derruba montanhas de livros para aclarar uma tese. Suas numerosíssimas citações denunciam-lhe o caráter nobre. Outra qualidade é a sua unidade de pensamento. Nada mais desagradável quando o autor se desvia de sua tese, entra por atalhos inconsequentes, desfigura as próprias ideias. Souza Júnior, ao contrário, em todos os seus livros, mantém-se fiel ao pensamento original. Desbasta o assunto até às últimas extremidades, mas jamais perde de vista a estrela Alfa que o ilumina e inspira. Como militar, desempenhou os mais honrosos cargos, tanto na paz, como na guerra, pois fez parte do Estado-Maior do Comando da Força Expedicionária Brasileira, na Itália. Ornam-lhe o peito,

entre outras, as medalhas da Ordem do Mérito Militar, de Guerra, de Campanha e à Bronze Star, dos Estados Unidos. Não desejamos, por mais tempo, privar o auditório do prazer de ouvir a oração do General Antônio de Souza Júnior. Ao saudá-lo, apresentamos-lhe, em nome do Instituto de Geografia e História Militar, que se honra com o seu ingresso em seus quadros, e no nosso próprio nome, os mais cordiais cumprimentos e os melhores votos.

Souza Junior publicou os seguintes artigos na Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, o Rio de Janeiro:

- **Manuscritos do Brasil nos Arquivos de Portugal, nº 36 p.35ss.**
- **Aspectos militares da colonização do Rio de Janeiro, nº 38 p.30ss.**
- **Du Clerc e Du Guay – Troin no Rio de Janeiro, nº 39 p. 61ss.**
- **A Encyclopédia Britânica um verbete sobre a FEB, nº 40 p.89ss.**
- **O período filipino da História do Brasil nos arquivos espanhóis, nº 44 p.103ss.**
- **Saudação ao Gen Francisco de Paula e Azevedo Pondé, nº 49 p.59ss.**
- **Saudação ao Gen Carlos de Meira Mattos, nº 53 p.111ss.**

Recebi do autor do clássico **Do Reconcavo aos Guararapes** em 1971 o seguinte estímulo:

“Li com muita atenção e agrado a sua As Batalhas dos Guararapes a Análise e descrição militar. Apesar de se tratar de assunto que também já pesquisei, nele encontrei novos aspectos e imagens de muito interesse, que o seu espírito imaginoso e poder de dialética conseguiram configurar no quadro tumultuário, mas heroico, das lutas sustentadas pelos luso-brasileiros contra os holandeses.[...] Felicito-o pelo que já fez e espero que prossiga porque os seus trabalhos têm a marca inconfundível do talento e vocação do legítimo historiador militar...” (Gen Antônio de Souza Júnior, chefe da Sessão de História da FEB e autor do clássico **Do Recôncavo aos Guararapes**).

A ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA E UM VERBETE SOBRE A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Gen ANTÔNIO DE SOUZA JÚNIOR

Em congresso médico realizado em São Paulo, em 1960, ilustrado conferencista procurou mostrar, à margem das teses e debates específicos, como o Brasil ainda é desconhecido no exterior e como notícias errôneas e, por vezes, depreciativas a respeito do nosso país têm largo curso em todos os quadrantes do mundo, através de livros e jornais, sem que vozes autorizadas se levantem para corrigi-las ou contestá-las. Entre os vários exemplos coligidos e apresentados, citou o congressista um verbete da ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA, segundo o qual a "FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA teria sido, em parte, responsável, na última guerra mundial, pelo decréscimo do poder ofensivo dos aliados, em sua perseguição aos alemães, no vale do Rio Arno, no período de junho a setembro de 1944."

Alertados para o assunto, ocasionalmente, procuramos averiguar a verossimilhança do reparo e, em seguida, de posse dos subsídios essenciais, dirigimos, na época, ao INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL, elucidativa comunicação, sugerindo que:

1º) — se procedesse a minucioso estudo do texto encontrado, para verificar se, efetivamente, a parte descritiva fugia à realidade dos fatos e a conclusão permitia interpretação, ou juízo menos primoroso sobre a atuação da FEB, na Itália, no período considerado;

2º) — provada a incorreção do registro, se solicitasse, oficialmente, aos editores da referida encyclopédia, a emenda, em futura edição, do texto impugnado.

General Antonio de Souza Júnior

Como, faz pouco tempo, tivemos oportunidade de ouvir comentários que deturpam a intenção da iniciativa e atribuem

outros propósitos àquela publicação de renome universal, voltamos ao assunto novamente, para esclarecê-lo melhor. Inicialmente, devemos convir que tais enganos e senões são muito comuns em obras dessa natureza. Depois, é de se acreditar que o redator do verbete ou do texto somente tenha tido às mãos subsídios de fonte inglesa ou norte-americana, nos quais não se encontram descrições ou referências muito pormenorizadas acerca da participação das forças brasileiras no conjunto das operações dos exércitos aliados na Itália. Finalmente, a retificação parece-nos medida simples e fácil, dependente exclusivamente de interferência adequada e oportuna.

O texto que deu motivo a comentários naquele congresso de medicina e serviu, depois, de tema à nossa comunicação ao INSTITUTO, em setembro de 1960, é o seguinte, traduzido literalmente⁽¹⁾:

"No meado de junho, os franceses recapturaram Livorno e avançaram para o Rio Arno. Por esse tempo, entretanto, Alexander teve de entregar três Divisões norte-americanas e sete francesas, de primeira qualidade, para montarem a operação "Dragoon", um desembarque na costa meridional francesa destinado a limpar o sul da França, em apoio à operação principal "Overlord". Em seu lugar, o 15º Grupo de Exércitos recebeu uma Divisão brasileira e uma Brigada grega, que não eram tão experimentadas em combate. Com isto resultou o decréscimo de seu poder ofensivo, a diminuição do ritmo de avanço; e isto permitiu aos alemães ocupar sua seguinte posição preparada, a Linha Gótica, que se estendia aproximadamente de Pisa a Rimini. Apesar das perdas, os aliados capturaram Florença.

A 13 de agosto, e romperam a extremidade oeste da Linha Gótica, com a captura de Pisa, a 2 de setembro".

ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. São Paulo Quadricentennial Edition. Vol. 23, p. 792 G, N. 5)

1- Todas as expressões grifadas o foram pelo autor deste trabalho, a fim de ressaltar registos e conclusões.

No texto apontado há, portanto, duas partes distintas a considerar:

1º) — a inexatidão da época da entrada em ação da Divisão Brasileira, no quadro das operações militares conduzidas pelo 15º Grupo de Exércitos, do qual a Força Expedicionária Brasileira fazia parte, como integrante do IV Corpo de Exército e do V Exército norte-americanos;

2º) — a alusão descabida à falta de experiência da tropa brasileira, como causa principal do decréscimo do poder ofensivo, da diminuição do ritmo do avanço do 15º Grupo de Exércitos e da ocupação pelos alemães da sua “Linha Gótica”.

Passemos, pois, a contraditar e esclarecer cada uma dessas proposições.

PRIMEIRA

A redação muito resumida dos fatos, justificada, aliás, pela natureza e finalidade da ENCICLOPÉDIA, deixa margem à suposição de que a Divisão Brasileira tenha entrado em ação na época em que as Divisões norte-americanas e francesas foram retiradas da frente, a fim de prepararem o desembarque ao sul da França, o qual teve início no dia 15 de agosto de 1944. Nessa ocasião, entretanto, apenas um escalão das tropas brasileiras se encontrava na Itália, e assim mesmo em período de instrução e adestramento. É o que está registrado nas próprias memórias de Winston Churchill, Primeiro-Ministro britânico, ao descrever sua visita ao Teatro de Operações da Itália:

“Pediram-me mais tarde (19 de agosto) para inspecionar a Brigada Brasileira, a precursora da Divisão brasileira, que tinha acabado de chegar”. (Página 111).

A HISTÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. Volume VI, 1ª Parte. São Paulo: Comp. Edit. Nac, 1954.

E é o que confirma o depoimento autorizado do Marechal Mascarenhas de Moraes, em seu livro sobre as atividades da Força Expedicionária Brasileira na Itália:

"A 19 de agosto esteve em visita ao V Exército o Primeiro-Ministro Sr. Winston Churchill, que acabara de assistir à invasão do Sul da França, realizada pelo VII Exército". (Página 50).

"Ao passar revista às tropas, deteve-se o "Premier" inglês diante da tropa brasileira, sendo então informado pelo General Mark Clark da nossa presença naquela solenidade". (Página 52).

"Os últimos dias do "período de instrução final" foram vividos dentro do grande exercício de 36 horas, iniciado a 10 de setembro, o qual constituiu a recordação emocionante do acampamento de Vada". (Página 52). (A FEB PELO SEU COMANDANTE. São Paulo: IPE, 1947).

Ora, enquanto os expedicionários do Brasil se adestravam em Vada, o 15º Grupo de Exércitos Aliados, desfalcado das dez Divisões já mencionadas, e ainda sem o concurso de qualquer tropa brasileira, retomava sua progressão para o norte da Itália, no encalço dos alemães. Estes efetuavam, na realidade, uma retirada, metódica e bem planejada, do Rio Arno para as suas novas posições preparadas na chamada **"Linha Gótica"**. O Primeiro-Ministro Churchill, referindo-se ainda à campanha italiana, registrou em seu livro de memórias:

"Na Itália, o General Alexander havia recomeçado a ofensiva, em fins de agosto". (Página 154).

Obra e Volume citados

Por sua vez, o então General Comandante da FEB, precisando datas e fatos, descreveu e fixou, em seu livro, o momento exato da entrada em ação das tropas brasileiras, primeiro, com um Destacamento (à base de um Regimento de Infantaria e de um Grupo de Artilharia), e, depois, com a Divisão, integrada de todos seus elementos orgânicos.

"A primeira missão de guerra recebida pelo Destacamento da FEB, emanada do IV Corpo de Exército, consistiu em deslocar-se na noite de 13 de setembro para uma zona de reunião ao sul de Pisa e substituir elementos americanos ao norte dessa cidade,

na noite de 15". (Página 74).

"A 6 de novembro, o General Mascarenhas de Moraes recebia no seu QG Avançado, em Porreta Terme, a sua primeira missão de guerra, como Comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária". (Página 108).

Com efeito, ratificando esses registros, o General Willis Crittenberg, Comandante do IV Corpo de Exército, ao qual estava subordinada a FEB, escreveu, no livro sobre as operações daquela Grande Unidade norte-americana, que a Divisão brasileira, na primeira semana de novembro, era a última das Unidades que estavam então prontas para entrar em linha. **(THE FINAL CAMPAIGN ACROSS NORTHWEST ITALY. Pág. 3 Milão: HQ IV Corps U.S. Army, 1945).** Do exposto, fica evidente que:

— a Divisão brasileira, no Teatro de Operações da Itália, somente entrou em ação a partir do dia 6 de novembro de 1944, conforme atestam o seu próprio Comandante e o Comandante do IV Corpo de Exército;

— nas operações descritas pela ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA, em seu Volume 23, Página 792 G, sob o título "Ofensiva de Verão, maio — setembro de 1944", apenas uma fração da FEB, um Destacamento, como foi denominado, tomou parte efetivamente, e assim mesmo só durante os últimos quinze dias da fase considerada.

SEGUNDA

O texto extraído da **ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA** deixa, de fato, subentendida a participação das tropas brasileiras nas operações dirigidas pelo General Alexander, entre junho e setembro de 1944. E, o que é lamentável, ainda insinua que a ocupação da **"Linha Gótica"** pelos alemães e a diminuição do poder ofensivo e do ritmo de avanço do 15º Grupo de Exércitos Aliados, ao final da **"Ofensiva de Verão"** decorreram fatalmente da substituição das dez excelentes Divisões, americanas e francesas, por uma Divisão brasileira e uma Brigada grega, que não eram tão experimentadas em combate!

Diante dos dados e argumentos que alinhamos anteriormente, podemos verificar como é improcedente essa conclusão, em relação à Divisão brasileira, a qual não participou realmente dessas operações. Verdadeiro que fosse, porém, o que está sucintamente relatado na **ENCICLOPÉDIA**, ainda assim seria injusto atribuir a culpa do insucesso do final da “**Ofensiva de Verão**” à inexperiência de uma Divisão brasileira e de uma Brigada grega, chamadas a substituir, na mesma frente de batalha, dez aguerridas Divisões francesas e americanas!

Não obstante, para demonstrar que nem mesmo faltou espírito ofensivo ao Destacamento brasileiro lançado em perseguição ao inimigo, nos últimos dias de setembro e durante o mês de outubro, tiramos, do livro do General Comandante da FEB, alguns trechos convincentes:

“Na noite de 25 para 26 de setembro, o inimigo, em virtude de apresentar parte do dispositivo em situação difícil, decidira romper o contato, entregando-nos posições fortemente organizadas em alguns pontos. Ruíra, desse modo, o restante da frente inimiga. As forças brasileiras capturaram trinta e um prisioneiros em ações que duraram dez dias e que nos proporcionaram um avanço de dezoito quilômetros.” (Página 80).

“Em princípios de outubro, o Comando do IV Corpo de Exército (General Crittenberg) prescreveu a manutenção das posições atingidas, e avocou para si a escolha da ocasião da retomada do movimento”, (Página 86).

“Em face das informações trazidas pelas nossas patrulhas, o General Zenóbio da Costa solicitou ao Comandante do IV Corpo permissão para efetuar novo lançamento com o Destacamento, o que lhe proporcionaria a posse da transversal Gallicano-Barga”. (Página 87).

EM CONCLUSÃO

A face da argumentação desenvolvida, fica-nos a impressão de que o texto transladado da **ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA**

merece realmente sofrer emenda e ter diferente redação. A atual versão não corresponde à veracidade dos fatos; é inexata na descrição e intempestiva na conclusão. Não contém, é verdade, qualquer intenção dolosa ou conceito desprimatoroso, mas encerra interpretação dúbia e injusta em relação à atuação da **FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA** na Itália.

Estamos certos, no entanto, de que a própria **ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA**, assim que tomar conhecimento oficial do assunto, terá o maior interesse e empenho em proceder à revisão do texto, no sentido de ajustá-lo rigorosamente à verdade histórica. O prestígio e a confiança que, no mundo, inspira essa importantíssima obra de informação cultural não lhe ensejam outra alternativa.



General Aguinaldo José Senna Campos

Saudação ao ingressar como sócio no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil pelo Ten Brigadeiro-do-Ar, Nelson Freire Levanere Wanderley, atual Patrono do Correio Aéreo Nacional e patrono da Delegacia da FAHIMTB em Santos Dumont-MG.

Nascido em 20 de fevereiro de 1900 em Cordeiro-RJ, Município de Cantagalo. O General Aguinaldo José Senna Campos é filho do Dr Bernardino de Almeida Senna Campos e de D Rita Milagres Senna Campos.

Declarado Aspirante a Oficial em 7 de janeiro de 1922, em 10 de novembro de 1933 atingiu o posto de Capitão; e nesse ano fez o curso da **Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais**; em 1940 terminou o da Escola de Estado-Maior do Exército. **E tive o prazer e a honra de ser seu colega de turma nesses três anos. A nossa turma, aliás, foi a primeira a terminar o curso nas novas instalações da Praia Vermelha.**

Desde 1931, Senna Campos vem se destacando em sua atuação como Oficial da Arma de Artilharia; já nesse ano, o Coronel Demó-crito Barbosa, ao deixar a Interventoria do Estado do Rio de Janeiro, referiu-se a ele como sendo possuidor **"das mais nobres qualidades militares e civis"**.

Ao ser desligado da Escola de Artilharia, o seu comandante ao referir-se a Senna Campos disse: "**no exercício de suas funções esse operoso oficial soube confirmar o belo nome que vem constituindo no conceito dos seus chefes e camaradas, possuidor que é de uma brilhante inteligência e notória capacidade profissional, aliadas a um caráter em que se conjugam as mais belas virtudes morais, tornando-se um dos ornamentos cheios de esperança da Arma a que pertence**".

Em 1941 foi estagiar no Estado-Maior da **7ª Região Militar em Recife**, onde foi promovido, por merecimento, ao posto de Major "**já então começou a se distinguir pelos conhecimentos de Logística em que mais tarde seria um dos maiores especialistas do Exército Brasileiro**".

Quando o então General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes foi investido no Comando da Força Expedicionária Brasileira, o Major Senna Campos foi, desde logo, passado à sua disposição, como **Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária**; e em dezembro de 1943 seguiu na comitiva daquele General para a África do Norte e a Itália, tendo visitado o **Teatro de Operações do Mediterrâneo**, onde se inteirou dos principais problemas que os expedicionários brasileiros teriam de enfrentar.

Em julho de 1944, o Major Senna Campos embarcou para a Itália no **Escalão Avançado da Força Expedicionária Brasileira**.

Em outubro de 1944, o General Mascarenhas de Moraes publicou no Boletim da FEB a seguinte referência elogiosa: "**Cumprindo com um dever de justiça, apresento ao Major Aguinaldo José Senna Campos, Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior, os seguintes louvores: Esplêndido Oficial de Estado-Maior, é possuidor de notáveis qualidades de previsão e execução que o consagram como excelente chefe da seção de Estado-Maior. Modesto e eficiente, inteligente, metódico e disciplinado, o Major Senna Campos vem sendo um dedicado e prestimoso colaborador do meu comando, desde o embarque da tropa brasileira no Rio de Janeiro e durante sua estada na Itália**".

Durante o inverno de 1944/1945 a **Força Expedicionária Brasileira** encontrou grandes dificuldades, tendo que lutar num terreno extremamente montanhoso, enfrentando um frio rigoroso e um inimigo implacável; foi nesse período que Senna Campos recebeu do General Mascarenhas de Moraes o seguinte elogio que consta dos seus assentamentos militares: "**Habituai-me a ver no Tenente-Coronel Senna Campos um excelente oficial de Estado-Maior, possuidor de destacadas qualidades que o recomendam ao desempenho de qualquer função e que inspiram, sempre a confiança no seu serviço, nas suas atitudes e no acatamento que dispensa aos chefes e subordinados.** Não é surpresa a sua ação, agora, nas operações que se desenrolam na Região do Reno, onde dá cabal desempenho ao que é exigido da seção que chefia, a 4ª, e onde graças à sua operosidade, vigilância e espírito de iniciativa, a tropa é atendida a tempo e a hora e as dificuldades são contornadas com rara habilidade. Louvando tão prestativo colaborador, registro, ainda, a serenidade absoluta que soube manter nas situações difíceis da guerra e saliento a colaboração eficaz que presta para que a Força Expedicionária Brasileira seja tida no mais alto conceito entre os seus companheiros de luta."

Dois meses mais tarde, o mesmo General Mascarenhas assim se referia:

"Ao Tenente-Coronel Aguinaldo José Senna Campos, Chefe da 4ª Seção do Estado-Maior, louvo pela grande dedicação e eficiência com que acionou todos os órgãos dos Serviços ligados à operação sobre Monte Castelo. Em particular os transportes, o remuniciamento e as evacuações estiveram impecáveis e foram certamente elementos preponderantes no êxito que a Divisão alcançou."

Pouco antes de terminar a guerra na Itália, o Comandante da Força Expedicionária Brasileira disse:

"Os grandes lances da Divisão Brasileira para os cortes dos rios Panaro, Serchio Enza, Parma e Taro foram operações magistralmente apoiadas no bom funcionamento dos serviços e no esforço excepcional dos transportes acionados pela 4ª

Seção. O Tenente-Coronel Senna Campos fez jus aos elogios que aqui ficaram registrados e que representam um preito de justiça. "Por ocasião da rendição da 148º Divisão Alemã e restos da Divisão Bersaglieri (Itália) e da 90º Divisão Panzer Grenadier, os seus serviços foram inestimáveis na organização e execução da apreensão do material capturado aos alemães, trabalhando ininterruptamente nas jornadas de 28 e 29 de abril, de modo a tornar mais grandiosa aquela vitória das nossas armas".

Terminada a guerra na Europa, o Tenente-Coronel Senna Campos recebeu o diploma de **Membro Honorário do IV Corpo de Exército do Exército Norte-Americano** e foi agraciado com a Medalha de Campanha, a Medalha de Guerra, a Ordem do Mérito Militar e a **Medalha da Legião do Mérito Norte-Americano**.

Em novembro de 1951 foi promovido ao posto de Coronel, por merecimento e nos três anos seguintes serviu, com destaque, no **Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra**.

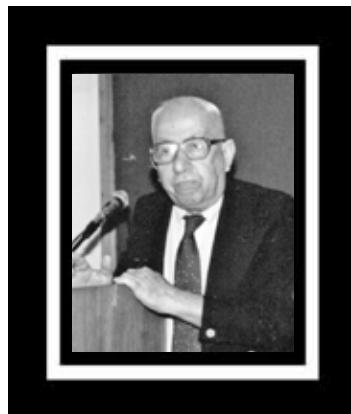
No ano de 1952, Senna Campos publicou o seu livro "**Logística na Paz e na Guerra**". Em 1956 foi transferido para a Reserva no posto de General de Divisão.

Depois da Revolução de 1964, o General Senna Campos ocupou o cargo de Presidente do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**.

No ano de 1985, publicou o livro **Logística para a Invasão**; em 1970, o interessante livro "**Com a FEB na Itália**" e em 1972 e a obra "**A micro-região homogênea de Cordeiro**".

Por essa rápida resenha da carreira do ilustre confrade que hoje toma posse no nosso Instituto, podemos assegurar que o nosso grupo de estudiosos de História se enriquece com a admissão de um experimentado guerreiro, extremamente dedicado às coisas do Exército Nacional e do Brasil.

As obras que publicou o credenciam, fartamente, como historiador; as glórias que conquistou no Teatro da II Guerra Mundial, fazem com que nos orgulhemos com a sua entrada para o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. General Senna Campos, seja bem-vindo!



Coronel Francisco Ruas Santos

Sua projeção como pensador militar se revela como introdutor na AMAN da História Militar Terrestre crítica à luz dos Fundamentos da Ciência e Arte Militar e de seu livro **A Arte da Guerra**, produzido pela editora acadêmica em 1998 e republicado pela BIBLIEEx em 1998.

Outra sua grande obra, com a qual colaboramos como seu adjunto na Comissão de História do Exército do EME e como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, foi o Plano de Obra e a coordenação da **História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo** 3v, contribuição do Exército às comemorações em 1972, do Sesquicentenário da Independência do Brasil.

Outra grande contribuição como pensador militar terrestre brasileiro foi desenvolver a Teoria de História do Exército Brasileiro, publicada pelo Estado-Maior do Exército como **Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras**.

Sistema que em meu manual **Como pesquisar e estudar a História do Exército Brasileiro**, publicado pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e 1999, reduzimos para somente o Emprego de Forças Terrestres nas diversas circunstâncias. E da análise de

emprego da força em cada evento, tentar concluir a Doutrina Militar utilizado quanto a sua Organização, Equipamento, Instrução, Motivação (Forças Morais de Combate). E desta análise militar crítica, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, concluir os acertos e erros cometidos.

O Cel Ruas foi uma vida dedicada a História do Exército, como historiador e pensador militar. O Cel Ruas publicou pela BIBLIEX os seguintes livros:

- **Fontes para a História da FEB /1958.**
- **Ensaio e Estudos Militares 1959.**
- **Coleção Bibliográfica Militar 1960.**
- **Arte da Guerra 1988**, reedição de trabalho na AMAM em 1962. E pela Editora Acadêmica da AMAN:
- **Teoria e Pesquisa em História Militar, 1961.**
- **A Arte da Guerra 1962.**

Era muito preocupado em produzir instrumentos de trabalho do historiador militar brasileiro. **Coleção bibliográfica militar** e um índice da revista **A Defesa Nacional**.

Ele fez o índice da **Revista a Defesa Nacional** até 1957 bem como a da **Revista da AMAN**, os quais me doou e os doei à AMAN em Boletim Interno de 17 nov 2014, no comando do General Tomas Ribeiro Paiva.

Hoje os estudantes civis e militares dificilmente recorrem a livros e sim ao Google para acessarem de seus celulares o desejado. Assim muitos periódicos se tornaram, sem índice de seu conteúdo e de autores, e mais do seu conteúdo, sepulturas do pensamento militar.

Ficou extremamente complexo as controlar e a razão de colocarmos a mais expressiva parte de nossa produção cultural, depois de digitalizá-la no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br.

Mas isto não é mais suficiente, pois a modernidade, segundo o historiador norte-americano Timothiu Snyder em entrevista ao **Milênio** da Rede Globo, sobre a Democracia ameaçada, concluiu que a **“História está sendo descartada no mundo (e por extensão no Brasil) no momento em que o mundo mais do que nunca dela precisa.”**

Para o cel Ruas Santos ao introduzir o ensino de História Militar crítica orientado pelo General Castelo Branco. A AMAN se propunha apenas a iniciar o cadete no estudo da História Militar e, de tal modo, que possa prosseguir sozinho. Além daqueles objetivos conquistados" o Cel Ruas me declarou que havia dado uma dose cavalar de História Militar aos cadetes e que julgava que havia errado, pois os cadetes possuíam pesados encargos. Como instrutor de História Militar 1978-1980 e como historiador militar já consagrado e membros de instituições históricas e historiador premiado, procuramos simplificar o ensino de História Militar a publicação dos seguintes livros textos:

- **História da Doutrina Militar da Antiguidade a 1945.**
- **Historia Militar do Brasil 2 volumes textos e mapas.**
- **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, edição de 1978-1999 e distribuído em grande número as AMAN, ESAO e ECEME. A realidade é que as vocações de historiadores militares e civis no Brasil diminuíram significativamente e as entidades de História que a cultuam como "**a mestra das mestras**", "**a mestra da vida**" pouco avançam, em parte por falta de apoio financeiro às instituições de História por parte dos governos que são eleitos para representar o povo e assim responsáveis para preservar, desenvolver e divulgar sua História.

Todos os dias atravesso a Biblioteca da AMAN para atingir a sede da FAHIMTB e deparo com uma variedade enorme de livros e revistas militares. Tenho vontade de lê-las, mas é impossível dada a sua enorme quantidade.

E lá isolada, como um sepulcro do pensamento histórico militar brasileiro uma coleção incompleta da **Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil**, cujo conteúdo me esforço para salvar através de índice de seu conteúdo. Revista em que seus historiadores escreveram e que ali caminham para o esquecimento to, bem como, páginas notáveis das histórias do Exército, Marinha e Aeronáutica.

A Revista **A Defesa Nacional** aborda a evolução do pensamento militar brasileiro durante um século mas que está sepultada em

suas coleções sem que se disponha de um índice de seu conteúdo e talvez até uma coleção completa.

O General do Exército Enzo Martins Peri, atendendo nosso apelo, ordenou a Biblioteca do Exército que elaborasse um índice da **A Defesa Nacional** e o disponibilizasse na Internet, bem como o conteúdo digitalizado da Revista. Esta prática hoje se impõe!

O Cel Ruas Santos a guisa de apresentação no final da mesma coloca este apelo:

“O Curso de História Militar da AMAN deseja que os futuros oficiais do Exército meditem sobre a situação em que se encontra a História Militar do Brasil e, seguindo os impulsos de seu gosto e inclinação, contribuam, na medida do possível, para colocá-la ao nível sonhado de grandeza do Brasil.”

Situação da História do Brasil que creio salvo melhor juízo se encontra mais crítica hoje do que em 1961. Conferir a obra de verificação e simples raciocínio. Em sua homenagem publicamos o seguinte obituário no Informativo **O Guararapes** da FAHIMTB.

CEL FRANCISCO RUAS SANTOS 1914-2008

Faleceu aos 94 anos no Rio de Janeiro o Cel Francisco Ruas Santos, natural de Belo Horizonte e Patrono de Cadeira, em vida, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que foi inaugurada pelo Cel Manoel Soriano Neto. Honraria que a Academia lhe conferiu em vida, pelos relevantes serviços que prestou a pesquisa, preservação, culto e divulgação da História do Exército e, em especial, o planejamento coordenação e edição da **História do Exército** em 1972, como Presidente da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971/74, da qual fomos o seu adjunto e por ele indicado para escrever o Capítulo sobre as Guerras Holandesas.

Como escoteiro assistiu a tomada do 12º RI em Belo Horizonte na Revolução de 30 e as Olimpíadas na Alemanha no Governo de Hitler, o qual combateria cerca de 14 anos mais tarde como Capitão na Defesa Territorial no Pará e como expedicionário da FEB do 11º

RI de São João de Rei.

Como oficial, no Serviço ativo realizou obra histórica notável como Comandante do CPOR/RJ e instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, onde elaborou vários livros textos. Desenvolveu numerosos instrumentos de trabalho do Historiador Militar entre eles o **Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres do Brasil** do Estado- Maior do Exército pelo o que o considero autor da **Teoria de História do Exército Brasileiro**, instrumento, que salvo melhor juízo, poucos exércitos dispõem. Em nosso **Manual Como pesquisar a História do Exército Brasileiro** editado pelo EME/AHIMTB 2ed aproveitamos a parte relativa ao emprego da força para a pesquisar e depois concluir qual a doutrina militar usada em cada intervenção.

Sonhava com uma História Científica do Exército, nos moldes que o Centro de Documentação da Marinha realizou na administração do comandante Max Justo Guedes.

Hoje nos preocupamos com a História Militar Crítica, de intervenções históricas de nosso Exército ao longo do processo histórico do Brasil, para concluir quais as lições obtidas da análise militar, a luz dos fundamentos da Arte da Guerra, sobre a forma de erros e acertos, visando com eles subsidiar o desenvolvimento de uma doutrina militar genuína brasileira, como sonharam o Duque de Caxias, O Marechal Floriano Peixoto e os coronéis J. B. Magalhães, Amerino Raposo Filho e Nilson Freixinho etc, que fizeram o que lhes foi possível em seus tempos.

Na inatividade dedicava-se a seu Centro de Documentação particular no Largo do Machado.

Síntese biográfica

Nasceu em Belo Horizonte - MG em 4 de agosto de 1914 . Filho de Vitoriano de Barros Santos e Maria Augusta Ruas Santos.

Fez os cursos da Escola Militar do Realengo (1937), da EsAO, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, da Escola Superior

de Guerra (CEMCFA) e, em Fort Benning, nos EUA, o curso avançado de Infantaria do Exército.

Atingiu o posto de coronel, por merecimento em 1964. Durante a carreira militar, exerceu os comandos da Companhia Independente de Fronteira 1943/44 e do CPOR do RJ 1965/67. Foi instrutor, professor em comissão e chefe da Seção de Ensino História e Geografia da AMAN; chefe da 1ª Divisão de Relações Públicas do Ministério do Exército Brasileiro. No Estado-Maior do Exército 1973/74, foi encarregado de organizar a pesquisa histórica militar terrestre e, responsável, pela elaboração da História do Exército Brasileiro, pelo Estado-Maior do Exército em 1972. Montou o modelo reduzido de um Centro de Documentação Militar Terrestre, base para a criação do Centro de Documentação do Exército. Planejou e coordenou a criação do Centro de Informações Culturais do Museu Histórico Nacional. Participou da FEB na Campanha da Itália. Fundou e dirigia o Centro de Informações Culturais, onde, durante muitos anos, desenvolvia sistemas e técnicas da informação, sobre o que escreveu e publicou numerosas comunicações, folhetos e Tesaurus.

Pertencia ao IGHMB, ao IHG/SP, ao IHG/RJ. Foi eleito sócio honorário do IHGB em 15/12/75, passando a efetivo em 17/12/77. renunciou à condição de sócio em 1989. É patrono de Cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Possuía a Medalha Cruz de Mauá (Min. dos Transportes), a Cruz de Combate de 2ª Classe (Campanha da Itália), Medalha de Campanha da FEB, Medalha de Guerra, Medalha da Ordem do Mérito Militar (Grande Oficial), Medalha do Pacificador, Medalha Rui Barbosa.

Além de artigos, publicou: **A preparação para a Escola do Estado-Maior do Exército**, SP, Livros & Publ. Milit. Ed., 1949 – **Fontes para a história da FEB**, RJ, BIBLIE, 1958 – **Ensaios e estudos militares**, RJ BIBLIE, 1959 – **Coleção Bibliográfica Militar**, RJ, BIBLIE, 1960 – **Memórias de um mosqueteiro francês**. **Os holandeses na Bahia**, 1624/1625, RJ, Record, 1964 – **As forças Armadas no Brasil**, RJ, Record, 1964 – **A segunda Guerra Mundial**,

RJ ECEME, 1967 – **Osório**, RJ, BIBLIE, 1967 – **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**, do Gen. A. Tasso Fragoso, notas e comentários, BIBLIE, 1956, 5v. – **Teoria e Pesquisa em História Militar**, Resende, AMAN, 1961 – **Marechal Castelo Branco: seu pensamento militar**, RJ, ECEME, 1968 (organização e notas). De sua vasta bibliografia, constam ainda estudos sobre guerras mundiais e localizadas para os alunos da AMAN, e índices de várias revistas, artigos e conferências.

“Homem profundamente interessado e conhedor da História do Brasil e do Exército Brasileiro, ajudou com suas obras e conselhos a muitos estudiosos de Genealogia e de História do Brasil e de Portugal” (Eng Te n R/2 Eng Luiz Alberto Costa Fernandes seu aluno no CPOR/RJ).“

Ao lançarmos em 1971 nosso primeiro livro as **Batalhas dos Guararapes análise e descrição militar**, dele recebemos o seguinte estímulo do que resultou minha transferência do IV Exército para o Estado-Maior do Exército e minha destinação para ser seu adjunto na Comissão de História Exército do EME (CHEB) seguido de convite do Chefe do EME Gen Ex Alfredo Souto Malan para escrever o Capítulo da **História do Exército Brasileiro perfil Militar de um Povo** relacionado as Guerras Holandesas.

“Trata-se do mais completo trabalho histórico-militar sobre as duas Batalhas dos Guararapes. O autor soube valorizar as fontes pertinentes, analisou-as com critério e de modo cabal e interpretou-as devidamente, com lógica e boa fundamentação topo-tática e histórica. Elaborou para a boa compreensão de parte dos leitores, uma coleção de esboços que enriquecem o trabalho e com apoio num levantamento de curvas de níveis de 10 em 10 metros que solicitou ao Ministério da Agricultura para a construção da Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cuja coordenação lhe esteve afeta.[...] O trabalho do Major Cláudio Moreira Bento está fadado a servir de base a um roteiro de turismo cultural, tendo por fim o conhecimento dos locais ligados aos dois grandes feitos das armas luso-brasileiras, em 1648 e 1649, destino que lhe atribuímos dada a objetividade de que a

obra se reveste."(Parecer da Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército, em 29 Abr 1971, por seu presidente Cel Francisco Ruas Santos).

O Cel Ruas Santos publicou os seguintes assuntos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

Análise e indexação da Revista do IHGB 345 e c41:141-150,out/dez 1983.

Arquivos históricos e computadores 345:119-120. out/dez 984.

Atualização da Informática 339: 121-135, abr/jun 1983.

Atualização dos Institutos históricos 341:151-153, out/dez 1983.

Capistrano de Abreu: sua grandeza e atualidade ... 148 (355): 219-224, abr/jun 1987.

O conceito entre torre e casa forte entre 1548 e 1648. 323: 30-38 ab/jun 1979.

Dicionários históricos 340:21-24 jul/set 1983.

As efemérides cariocas de Roberto Macedo 342:241-246 jan/mar 1984,

O Ensino de História do Brasil por meios modernos 147(351):362-370.

Eugênio Vilhena de Moraes guerreiro do bom combate... 149(359):231-237 abr/jun 1988.

A Guerra da Tríplice Aliança 344:87-94 Jul/set 1984

A iconografia de Caxias: vocabulário político 340:25-26 jul/set 1983.

Artigos do Cel Ruas Santos na Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Discurso de posse na cadeira nº 12, nº 41 p,149ss.

As forças terrestres brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança lições de validade permanente. Nº 48 p.15ss.

Saudação ao Cel Waldir da Costa Godolphim nº 50 p,159 ss.

O Exército Imperial,antecedentes, constituição e papel na Independência nº 52 p.159ss.

Posse do Maj. Fernando Maya Pedrosa nº 57 p.129ss.

Posse do Gen Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira nº 60 p.163ss.

Tentativa de atualização da História Militar do Brasil nº 44 p.105ss.



Coronel Amerino Raposo Filho

Artigos na Revista do Clube Militar

- **Dignidade do oficialato**, nº 139, 1955, p. 19.
- **Sentido histórico de Guararapes**, nº 142, 1956, p. 241ista.
- **Cel Antônio Sena Madureira** na Revista do Centenário do Clube Militar nº 280.

ORAÇÃO DE RECEPÇÃO NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DO ACADÉMICO CEL. AMERINO RAPOSOFILHO NA CADEIRA Nº 18 PELO CEL. NILTON FREIXINHO

Na data de hoje, aqui em Resende cidade dos Cadetes, tem lugar solene um importante evento na Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

É recepcionado e empossado no Colegiado Acadêmico desta instituição um novo membro: CEL. AMERINO RAPOSO FILHO. Escolhido não só pela projeção que logrou alcançar como militar de ação e de pensamento em seu passado, mais talvez, principalmente pela potencialidade da colaboração de elevada categoria que está em condições de prestar à Academia de História Militar Terrestre do Brasil e por encontrar-se na plenitude de suas forças, como pensador e empreendedor.

SÍNTESE DA PERSONALIDADE DO CEL. RAPOSO

Enriquece-se o patrimônio desta instituição com a inclusão do CEL. AMERINDO RAPOSO em seus quadros. Isso devido a três circunstâncias que se associam. De um lado, seu brilhante e intenso passado vivido no serviço ativo do Exército, de cadete a coronel, como oficial de Artilharia e de Estado-Maior, onde permaneceu cerca de 35 anos após ter nele ingressado no ano 1940. De outro lado, depois de transferir-se para a reserva, em fevereiro de 1976, ao tomar a iniciativa exclusivamente pessoal de contribuir em prol da cultura brasileira nos setores da história, estratégia, alta política e planejamento governamental, tanto no meio militar, como no meio civil. A partir desta notável experiência que logrou, traz o Cel. Raposo para o colegiado da Academia de História Militar do Brasil, o vigor de seu pensamento, orientado para os altos estudos da problemática brasileira e a vontade inquebrantável de ser útil à nação.

Na carreira das armas, não foi um militar de espada virgem, pelo contrário. Por duas vezes teve a oportunidade de exercitar sua aptidão e sua capacidade de soldado para o combate em guerra externa, a única que o Brasil participou no séc. XX (1944-1945). E A SEGUNDA NUM GRAVE EPISÓDIO DA CRISE POLÍTICA INTERNA (1964), QUE AMEAÇOU A INTEGRIDADE NACIONAL.

Vale relembrar tais atividades:

Como tenente, em 1944 e 1945, integrou a Força Expedicionária Brasileira, no Teatro de Operações Europeu (Itália) fazendo parte do III Grupo 105/FEB (Grupo Souza Carvalho), hoje o 2º Regimento de Obuses Auto Rebocado, Quitaúna, São Paulo. Naquela oportunidade, o Ten Raposo participou ativamente das missões de tiro em apoio a Infantaria Brasileira, na fase da conquista do Bastião inimigo de Montese, e no aproveitamento do êxito com vários combates que culminaram com a rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã às tropas da FEB, totalizando 16.000 homens, 4.000 animais e 2.500 viaturas. Cabe registrar que

o novo Acadêmico, Cel. Raposo, é dos poucos militares brasileiros vivos com a experiência em combate em guerra externa, portando Medalha de Cruz de Combate e Medalha da Campanha.

Como oficial superior no posto de TC, no exercício do comando do 4º Grupo de Artilharia 75, a cavalo, da Segunda Divisão de Cavalaria, com sede em Uruguaiana-RS, comprovou suas excepcionais qualidades de comandante de corpo de tropa em situações difíceis, ao conduzir com serenidade e firmeza a unidade, em episódio de grave crise política interna, cooperando com a atitude do Exército em manter-se coeso para assegurar a integridade do País, julgando a ameaça de forças destrutivas, vinculadas a potência estrangeira (março de 1964).

ATIVIDADE DO CEL RAPOSO NA CARREIRA DAS ARMAS EM TEMPO DE PAZ

Nas atividades em tempo de paz, a carreira das armas de AMERINO RAPOSO teve por fio condutor sua personalidade de profissional de ESCOL, pois se empenhou constantemente, nas atividades relacionadas com a preparação do Exército para a guerra e nas vinculadas à segurança do país, em nível governamental.

Impõe-se nesse momento seguir a exemplar trajetória militar do Cel Raposo de Ten ao posto de Cel.

Como instrutor, em Escola de Formação de oficiais, destacou-se pela sua contribuição ao Curso de Artilharia na Academia Militar das Agulhas Negras (1947 a 1949).

Após concluir o curso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, abriu-se para Raposo, largo horizonte onde teve oportunidade de marcar, de forma permanente, sua presença no Exército e em atividades relacionadas com a segurança do país, como oficial de Estado-Maior de qualidades profissionais e de virtudes excepcionais.

Instrutor renomado de História Militar na ECEME (1950 - 1960), por cerca de 4 anos, quando teve o ensejo de aprofundar suas pesquisas pessoais sobre a arte da guerra e afirmar seu gosto

pelo estudo da aplicação da estratégia nas operações militares, tornando-se um dos mais abalizados instrutores e historiadores sobre a evolução do pensamento estratégico, culminando com a elaboração da obra "**DIMENSÕES DA ESTRATÉGIA**" em 4 volumes, dois já publicados. Essa obra, editada pela BIBLIE, consagra o Cel Raposo como Expoente de Cultura Militar Brasileira e projeta-o no cenário nacional.

Como integrante do alto órgão incumbido da preparação e do emprego da Força Terrestre (EME), deixou ali marcas indeléveis de sua relevante contribuição, nos trabalhos empreendidos. Este período representou a fase que foram lançadas as bases da reorganização e do reaparelhamento do Exército Brasileiro (1968 - 1972).

Exerceu funções relacionadas com a atividades governamentais e com a segurança do país em época difícil, no contexto da Guerra Fria: Na secretaria geral do Conselho de Segurança Nacional, no Departamento Federal de Segurança Pública e no Serviço Nacional de Informações (1964 - 1967).

Distinguido por seus méritos profissionais, Raposo foi designado para servir no exterior, no Colégio Interamericano de Defesa, Washington, EUA (1968 - 1970).

Durante o ciclo de sua carreira no serviço ativo do Exército, Raposo consagra-se como escritor militar. Foi incansável em produzir e publicar numerosos trabalhos, relacionados com a profissão militar, a maioria de sua autoria e outros via de tradução de artigos estrangeiros. Entre os de sua autoria cumpre citar: "**O Sentido Histórico de Guararapes**", "**Caxias e a Doutrina Militar Brasileira**", "**A Manobra na Guerra**", "**Guerra Moderna, Técnica e Surpresa**", "**Guerrilha e Guerrilheiros**".

APÓS O TÉRMINO DE TEMPO DE SERVIÇO NO EXÉRCITO, RAPOSO LANÇA-SE EM NOVO CICLO DE ATIVIDADES

Após transferir-se para a reserva do Exército, que soube honrar e dignificar, AMERINO RAPOSO FILHO, inicia novo e fecundo ciclo de atividades, para produzir novos fatos como escritor e pensador

engajado na área dos estudos e da formulação da estratégia, da alta Política Nacional e do Planejamento Governamental. É vigorosamente impulsionado pelas motivações nascidas e cultivadas na caserna.

Duas referências ilustram a afirmação:

A elaboração e a publicação de sua obra; **Dimensões da estratégia; Evolução do pensamento estratégico.** Esta obra abrangente e minuciosa já se tornou clássica na Literatura Política-Estratégica, no Brasil e no exterior. Trata-se de excelente análise da estratégia mundial, envolvendo o Brasil. São 25 séculos da análise, com grande brilhantismo, assinalando "**A Dinâmica da Estratégia**" como instrumento para fundamentar o poder e a política, no tabuleiro dos confrontos de natureza e nível planetário.

A segunda referência obrigatória quanto às atividades do Cel. Raposo, que presentemente exerce, situa-se no desempenho da função de direção no **Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos** (CEBRES). Trata-se de Instituição que, devido em grande parte a seu desempenho pessoal, vem ganhando projeção e renome nos Centros de Estudos Político-Estratégico no Brasil e no exterior, nas Universidades do país e mesmo em esferas governamentais do Estado-Nação Brasileiro. Devido à alta categoria dos trabalhos ali realizados e incentivados, por influência do Cel. Raposo, o nosso mais novo membro tornou-se fonte de consulta obrigatória aos que se dedicam aos estudos e a formulação da Alta Política Nacional, da Estratégia e do Planejamento Governamental.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Esse é o perfil caracterizado da personalidade do novo membro da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL. Está de parabéns a Instituição em tê-lo em seu Colegiado.

Felicidades Coronel Amerino Raposo Filho!

(Minuta elaborada pelo Acadêmico Coronel Newton Freixinho do Colegiado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em junho de 1997.)



Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves

(1921-2015) MINHAS MEMÓRIAS
Cel Claudio Moreira Bento

Foi com pesar como soldado, historiador militar e jornalista que tomamos conhecimento, através do Jornal Matinal da **TV Globo**, com noticiário dedicado ao Rio de Janeiro, do falecimento, aos 94 anos, do General Ex Leônidas Pires Gonçalves, acompanhado de seu julgamento político injusto, sem levar em conta as suas circunstâncias, no contexto político mundial, dominado pela **Guerra Fria**, entre os Estados Unidos e a Rússia. Julgamento sem se esperar decorrer pelos menos 100 anos para a História concluir sobre a procedência ou não do envolvimento das Forças Armadas na Revolução de março de 1964. Julgamento que creio somente o jornalista Alexandre Garcia não partilhe, embora julgue que houve excessos de ambos os lados, que cabe a História julgar, e não ao responsável jornalista pela reportagem. E, até lá deve vigorar a Anistia decretada com o elevado objetivo de reconciliar as partes envolvidas, no sentido do seguinte espírito declarado pelo Duque de Caxias, ao pacificar a Família Brasileira depois de cerca de 13 anos de lutas internas que sacudiram o Brasil, na Regência, e que o ameaçaram transformá-lo numa colcha de retalhos de países hostis

entre si. Obra Pacificadora que lhe valeu a consagração como a honrosa distinção de **O Pacificador** e declarar ao final:

“Maldição Eterna a quem recordar as nossas antigas dissensões !”

E me cabe como soldado, historiador militar e também jornalista aqui abordar a projeção da grande obra do General Leônidas, como Ministro do Exército, de 15 de março de 1985 a 15 de março de 1990, por cerca de cinco anos, coincidente com o tempo em que fui Diretor do Arquivo do Exército, denominação por ele mudada para Arquivo Histórico do Exército, atendendo a nossa proposta encaminhada e defendida pelo seu Secretário Geral do Exército, o hoje Gen Ex Jonas de Moraes Correia Neto, acadêmico emérito e historiador da FAHIMTB, na qual inaugurou a cadeira que tem por patrono o seu pai, o consagrado historiador militar brasileiro General Professor Jonas de Moraes Correia Filho e deputado federal constituinte em 1946, por quem muito honrado fui por ele recebido como sócio dos Institutos de Geografia e História Militar do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Casa de Pedro Calmon.

Mas, esta é a real projeção da obra do General Leônidas no fortalecimento do Exército como integrante do Braço Armado do Povo Brasileiro, para melhor o protegê-lo dissuasoriamente na Paz e em caso de conflitos externos e internos e, as suas riquezas de ambições externas crescentes e, por outro lado, atualizar e modernizar a sua Doutrina de Emprego para o deixar a altura e reconhecido pelo seu Povo, como nos Estados Unidos suas Forças Armadas e seus veteranos de guerra, conforme discurso do Presidente Barack Obama dirigido a seus veteranos de guerra no **Memorial Day** do qual destacamos este trecho.

“É graças aos soldados, e não aos sacerdotes, que podemos ter a religião que desejamos. É graças aos soldados, e não aos jornalistas, que temos liberdade de imprensa. É graças aos soldados, e não aos poetas, que podemos falar em público. É graças aos soldados, e não aos professores, que existe liberdade no ensino. É graças aos soldados, e não aos advogados, que

existe o direito de julgamento justo. É graças aos soldados, e não aos políticos, que podemos votar..."

No Brasil observo há 50 anos, como historiador, e ha 48 como historiador militar, a indiferença generalizada pelos seus heróis de todas as nossas guerras, do **Descobrimento até a 2ª Guerra Mundial** e, em especial por aqueles bravos que alicerçaram com seus sacrifícios, sanguess e vidas preciosas a construção e manutenção de um **Brasil Continente** que não é obra de um milagre! Heróis em sua maioria esquecidos pelos brasileiros que hoje se beneficiam deste patrimônio que aqueles heróis construíram e preservaram. Indiferença da Mídia, e até da Historiografia brasileira, alheia as necessidades de contribuírem com as Forças Armadas, com sua especialidade, no resgate, com fontes históricas primárias autênticas íntegras, da História Militar Brasileira para que nela seus profissionais militares realizem suas análises militares críticas, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, para desenvolverem uma Doutrina Militar Brasileira genuína, visando a aperfeiçoar com soluções brasileiras genuínas a Arte e a Ciência Militar Brasileiras, e,a instrução realista de seus quadros de um pais com crescente projeção mundial econômica e social, mas **que necessita desenvolver progressivo poder militar defensivo dissuasório compatível**, para melhor proteger as suas riquezas e o Povo Brasileiro, do qual as suas Forças Armadas, insistimos, são o seu Braço Armado. Forças estruturadas com Base na Hierarquia e da Disciplina que fundamentam o Ordenamento Jurídico, expresso na Constituição Brasileira em vigor. Mas quem de sã consciência contesta esta visão! História é Verdade e Justiça! E aqui a nossa reverência aos historiadores militares civis patronos de cadeira da FAHIMTB, o Barão de Rio Branco, Pedro Calmon, Gilberto Freire, Luis Antônio de Souza Mello, Jordão Emerenciano, Arthur Ferreira Filho e Dante de Laytano que muito enriqueceram como brasileiros, esta dimensão da História do Brasil, a sua rica História Militar. Exemplos que precisam serem seguidos por outros historiadores civis para que os profissionais militares não tenham de realizar ao mesmo tempo, as tarefas que cabem ao historiador

com formação em Faculdades de História e o seu trabalho como profissional de **análise militar crítica da História Militar**, para delas extrair subsídios válidos para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar Brasileira genuína e a instrução de seus quadros em Arte e Ciência Militar Brasileira. Pasmem, a respeito da FEB tenho recebido depoimentos de pessoas dignas de crédito que seus feitos e seus heróis são mais cultuados pelos italianos do que pelos brasileiros civis e militares. Constatar é obra de simples verificação e raciocínio! Apreciaria ser convencido do contrário. E de que não procedem minhas reflexões no todo ou em parte. Mas no Brasil percebo não se tem a visão das Forças Armadas constituírem o Braço Armado do Povo Brasileiro que devem ser o melhor armado dentro das possibilidades financeiras do país pelos poderes Executivo e Legislativo que o Povo Brasileiro elegeu para representá-lo e o defender.

Até hoje não assisti um colega jornalista a não ser Alexandre Garcia, fazer qualquer elogio ou incentivo a nossas Forças Armadas, E sim criticarem suas falhas e silenciar sobre suas realizações positivas e sobre sua História em defesa do Brasil.

Segundo Stephen Charles Kanitz, consultor de empresas e conferencista brasileiro, mestre em administração de Empresas de Harvard Business School e, Bacharel em Contabilidade pela USP, uma semana depois da Revolução de 31 de Março de 1964, o Governo Revolucionário que assumiu o Governo, a Emenda Constitucional nº 9 de 22 de julho de 1964 que foi aprovada pelo Congresso 81 dias depois. Emenda que obrigou os jornalistas, escritores e professores brasileiros a pagar Imposto de Renda, como os demais brasileiros a que estavam dispensados desde 1934. E segundo Kanitz aí estaria a explicação desta hostilidade da Mídia e do Magistério contra as Forças Armadas e, em especial contra o Exército. Se procedente ou não esta motivação segundo Kanitz, a realidade é que os militares das Forças Armadas, constatam que as Forças Armadas só aparecem na Mídia em notícias negativas e não são referidas em suas ações positivas. Enfim existiria no Brasil um divórcio entre as Forças Armadas e Polícias Militares, com o Povo

Brasileiro da qual são o seu Braço Armado , Reação pela Mídia e, parte do Magistério Superior.

A Projeção da obra administrativa do General Leônidas no fortalecimento da Defesa Nacional.

Em 27 de fevereiro de 1988, foi inaugurada a duplicação do Novo Conjunto Principal da AMAN pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Gen Leônidas Pires Gonçalves, dentro de seu Projeto Força Terrestre 1990, FT-90, com placa comemorativa da ampliação e colocada na entrada principal do Novo Conjunto Principal, em que assim foi definido o expressivo melhoramento:

"Preservando suas históricas tradições, a Academia Militar das Agulhas Negras amplia sua estrutura física, para possibilitar o engrandecimento da estrutura anímica e profissional do oficial brasileiro, que há de enfrentar os desafios impostos ao Exército que se prepara para o século XXI.

AMAN, 27 de fevereiro de 1988.

Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves, Ministro do Exército".

Em discurso que pronunciou na ocasião assim referiu-se, em certo trecho, o Ministro Leônidas:

"A inauguração da ampliação da AMAN insere-se no contexto das transformações imprescindíveis e inadiáveis consubstanciadas no projeto Força Terrestre 1990 (FT-90), o qual visa modernizar o Exército de modo a transformá-lo numa força terrestre, que em 1990, esteja por sua vez, apta a incorporar inovações estratégicas, táticas e tecnológicas, que tornem uma Força adequada às necessidades, riscos e imposições do ano 2000".

Na Academia Militar das Agulhas Negras construiu o moderníssimo Stand de Tiro. E no contexto do seu Projeto FT-90 repaginou o Exército, a começar pela adoção de novos uniformes cuja marca mais característica foi a boina verde, criou a Aviação do Exército com aeronaves de asa móvel os helicópteros, hoje com sua pujante e moderna base em Taubaté-SP, introduziu o levantamento cartográfico no Exército, por satélites, introduziu e, desenvolveu a **Doutrina no Exército de Guerra Eletrônica** ao criar

em Brasília o **Centro de Guerra Eletrônica** em magníficas e amplas instalações, onde foi seu pioneiro o nosso falecido acadêmico Cel Com Humberto Correia, ocupando cadeira na FAHIMTB dedicada a Guerra Eletrônica, especialidade fundamental na modernização de nossas Forças Armadas. E também sua administração deu grande impulso à valorização ao culto no Exército de sua História, Tradições e Valores morais, espirituais e históricos do Exército, detalhes que registramos em nosso livro, **2010-200 anos da criação da Academia Real Militar à Academia Militar das Agulhas Negras**. Resende: AHIMTB, 2010.

Em 1987 produzimos para a FHE-POUPEx, o álbum em parceria com o pintor Newton Coutinho **Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil**, contendo gravuras com legendas de todas as escolas de formação de oficiais de nossa Marinha, Exército e Aeronáutica. Inclusive as 6 escolas do Exército e dentro dela a primeira e esquecida Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho, criada em 1792, pelo Vice Rei Conde de Resende, no aniversário da Rainha D. Maria I e sob a égide do Príncipe Resende D. João. Academia Real que foi a pioneira no ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil, o de Engenharia civil e militar, Real Academia destinada a formar para o Brasil Colônia, oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia (em especial para as suas fortalezas) e engenheiros civis e militares.

Para o lançamento desta obra em Brasília fomos convidados pelo presidente e fundador da FHE-POUPEx, General Milton Paulo Teixeira Rosa, para o lançamento desta obra no Clube do Exército em Brasília. Lançamento e apresentação do álbum feita pessoalmente e com entusiasmo pelo Ministro do Exército General Leônidas. Ao ser inaugurada a Ampliação da AMAN ele determinou que as 6 pranchas do álbum relativas as escolas do de formação de oficiais do Exército fossem colocadas, com destaque, na moderna em ampla biblioteca do novo Conjunto da AMAN. Circunstância que muito me alegrou. Lamentavelmente estas gravuras foram dali retiradas em 1999 e seu destino ignorado. Hoje as coloquei de meu acervo na sede da FAHIMTB e AHIMTB Resende Marechal

Mário Travassos no interior da AMAN, onde as FAHIMTB e AHIMTB Resende foram acolhidas no bicentenário da AMAN em 2011 por seu comandante o hoje acadêmico da FAHIMTB Gen Ex Edson Leal Pujol e comandante do Exército em 2019.

Como Diretor do Arquivo Histórico do Exército fui encarregado pelo General Leônidas para organizar e presidir Comissão integrada por autoridades civis em museus, pintura e fortificações para propor o local ideal para ser criado um Museu do Exército. E esta Comissão chegou a conclusão que o local ideal seria o Forte de Copacabana, local onde o General Leônidas decidiu criá-lo. E depois de cerca de mais de 25 anos lá retornamos para presidir cerimônia a cargo da FAHIMTB RJ para comemorar os 70 anos do término da 2ª Guerra Mundial e homenagear os 10 sobreviventes de nossas Forças Armadas, moradores no Rio de Janeiro e ficamos encantados com o altíssimo nível atingido pelo Museu do Exército no Forte de Copacabana, cujo relatório das conclusões da Comissão que presidimos entregamos ao seu 1º comandante.

"História é Verdade e Justiça!" Com historiador militar e jornalista que possuem protocolos semelhante para encontrar a verdade história e a notícia verdadeira, para transmitir a seus públicos alvos, cumprimos o nosso dever ao fazermos estes registros.

Conhecemos o General Leônidas como Chefe da Seção de Doutrina da ECUME quando a cursamos de 1967/1968. Por seu porte elegante e muito acima da média, os alunos da minha turma em tom de brincadeira o classificavam como Oficial de Estado-Maior tipo Exportação. Mais tarde em 1971/1972, como Major integrante da Comissão de História do Estado-Maior do Exército, e na ausência de seu Presidente Cel Francisco Ruas Santos pesquisando no Rio de Janeiro para produzir em equipe a **História do Exército Brasileiro perfil militar de um povo**, contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário da Independência, muito recorriamo a ele e ao Cel Nilton Freixinho, hoje acadêmico da FAHIMTB, para fazer por nós os despachos com o Chefe do Gabinete do Estado-Maior, o meu

comandante na ECEME o General Reinaldo Mello de Almeida, filho do grande escritor e político paraibano José Américo de Almeida, que em 1971, me honrara com estimulante comentário sobre meu 1º livro. **As Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar**, publicado pela UFPE e lançado na inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, cujo projeto, construção e inauguração fui encarregado como oficial do Estado-Maior do IV Exército. E mais tarde como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, quando lhe remetíamos exemplares de trabalhos produzidos pelo Arquivo com instrumentos de Trabalho do Historiador e convites de suas promoções culturais que ele sempre respondia e estimulava, através de seu Assistente o hoje acadêmico emérito da FAHIMTB Gen Ex Gilberto Gonçalves Figueiredo, o 3º ocupante da Cadeira da FAHIMTB Marechal José Pessoa. E dele partiram as orientações para o Arquivo Histórico comemorar os centenário de generais brasileiros e de reunir em separado numa sala todo o Arquivo Oficial da FEB, em cuja inauguração, ele se fez representar por seu Secretário do Exército o Gen Bda Jonas de Moraes Correia Neto . Evento que contou com a presença do ex Ministro do Exército e acadêmico da Academia Brasileira de Letras, o Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares, hoje patrono de cadeira na FAHIMTB.

Sintetizamos a vida e obra do Gen Ex Leônidas Pires Gonçalves em nosso livro **Comando Militar do Sul (quatro décadas de História (1955-1995)**. Porto Alegre: CMS.1955, as p.206/ 2º8 e sua foto na Galeria de Comandantes na p.214.Obra dentro do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, idealizado pelo Comandante da 3ª Região Militar Gen Div João Carlos Rotta, falecido acadêmico da FAHIMTB. Projeto que dirigimos e concluímos num total de 21 livros. E o acadêmico da FAHIMTB, Cel Diniz Esteves titular da Cadeira nº 50 Cel Jarbas Gonçalves Passarinho aborda a Administração do Ministro General Leônidas na obra **Ministros da Guerra e do Exército 1951-1999**. Brasília: EME,1999, as p.608/644 ilustradas com 7 fotos do General Leônidas.

Conclusão do presente ensaio

Como historiador militar por vocação (vocare chamado por uma força invisível) minhas preocupações com futuro do nosso Exército diminuiram ao ler o precioso livro da BIBLIE (Segurança e Guerra Cibernéticas) e a existência do Comando de Defesa Cibernética (Com D. Siber). E mais em 10 de setembro a esclarecedora entrevista do Ministro da Defesa Gen Ex Fernando Azevedo Silva ao jornalista Roberto D'Avila, não deixando sem resposta nenhuma das perguntas do jornalista. Em 11 fev 2019 ouvimos na AMAN a preciosa e muito esclarecedora Aula Inaugural na AMAN intitulada: **Ser Cadete!** Proferida pelo Comandante do Exército Gen Ex Edson Leal Pujol, o comandante da AMAN em seu Bicentenário em 2011 e acadêmico emérito da FAHIMTB.

E ali, com certo orgulho, egresso como aspirante a oficial de Engenharia declarado há 64 anos em 15 fev 1955, constatar a presença no Alto Comando do Exército de meus ex-alunos de História Militar em 1978-1980, do quais dois deles que acabam de prefaciar e fazer as orelhas de reedição de meu livro **As Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar**. Prefácio do Gen Ex Edson Luiz Shons e Abas do Gen Ex Artur Costa Moura na condição de Comandante Militar do Nordeste, sem esquecer o Gen Ex Geraldo Antonio Miotto, que prefaciou a 2ª edição de meu livro **Amazônia Brasileira e Conquista, Consolidação e Manutenção – História Militar Terrestre da Amazônia**.

E o próprio comandante do Exército Gen Ex Edson Leal Pujol que por um ano não foi meu aluno de História Militar, nos honrou e o Exército de Caxias com o seu prefácio em nosso livro **2010 – 200 anos da Academia Real a AMAN** e reedição do meu livro **História do Comando Militar do Sul 1953-2018**, este, agora, em parceria com Historiador militar e acadêmico, benemérito da FAHIMTB Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis.

Há 69 anos trabalhei no Exército como profissional e continuei na Reserva e como Reformado como seu historiador militar, cuja produção historiográfica em sua parte mais expressiva esta

disponível no meu site www.ahimtb.org.br em DVDs e está sendo colocado na Nuvem e, muito dela em meu nome no Google Mas minha preocupação é com o futuro de nosso Exército, no contexto da Cibernética, Internet, Inteligência Artificial, 4^a Revolução Industrial em curso. Ao proferir palestra sobre História Militar em 5 nov 2017 na Escola Superior de Guerra para seu **Grupo de Pesquisas e de Estudos da Guerra**, deparamos com nosso ex-aluno de História Militar Cel Com Luiz Cláudio de Souza Gomes que nos passou sua valiosa monografia **A Evolução da Arte da Guerra, segundo os reflexos dos conflitos mundiais a partir de 1970**.

Cita Lider Hart que afirma “que se deve infligir ao inimigo o menor dano permanente, pois o inimigo de hoje é o freguês de amanhã e aliado do futuro”.

E que improvável que as nações com interesses potenciais militares antagônicos que recorram ao confronto atômico. Mas que patrocinem conflitos entre nações satélites dos dois blocos, procurando até espaço vital. E como ficará o futuro de nossa Amazônia num confronto de economias destes dois blocos? E face a um ataque militar cibernético existiria plano B ou paralisaria nossas defesas? É indiscutível o grande poder militar que dispõe o EUA, Rússia, China, França, Alemanha Israel e sua auto-suficiência na produção de armamentos.

É o desafio para os pensadores militares terrestres brasileiros do Futuro de encontrar soluções para nosso Exército cumprir suas missões neste insondável futuro militar. Segundo o pensador militar General Pedro Aurélio Góes Monteiro “**um país para se defender ou deve possuir as melhores armas, ou fazer uma boa aliança militar.**” Contra Napoleão, o Brasil se aliou à Inglaterra, circunstância a qual muito se deve a Independência do Brasil na qual, ocorrência da vinda da Família Real para o Brasil, o Rei D João VI, em cerca de 13 anos infra-estruturou o Brasil, o deixando em condições de se tornar independente. Sua obra foi notável, mas lamentavelmente até agora uma figura caricata na Memória Nacional. E na tentativa de reverenciá-lo denominamos de D João VI, a Delegacia da FAHIMTB em Lisboa. Foi sob sua égide que foram criadas em 1792,

a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho, a pioneira nas Américas no ensino militar acadêmico e a pioneira curso Brasil no ensino Superior Civil, com seu curso de Engenharia civil e militar. Isto explica ser o primeiro busto que se depara ao adentrar a AMAN pelo seu antigo Conjunto Principal. O Brasil o maior país da América do Sul foi aliado militar com os Aliados e com destaque com os Estados Unidos na 1^a Guerra Mundial, tendo enviado uma Divisão Naval (DNOG), uma Missão Médica e uma Comissão para buscar informações sobre a evolução da Doutrina Militar na Europa e novos armamentos, como surgimento dos então adquiridos Tanks de Guerra, cujo primeiro comandante foi o capitão Cav. José Pessoa que de lá trouxe preciosas ideias que implementou na AMAN, como o Espadim de Caxias, a semelhança do que era feito na França, com o sabre de Napoleão.

Na 2^a Guerra Mundial mais uma vez em Aliança com os EUA tendo contribuído para a Vitória Final, com a cessão das bases aéreas então construídas pelos americanos no AMAPÁ, BELÉM e RIO GRANDE DO NORTE, o celebre Trampolim da Vitória para atingirem a África e depois a Europa. E neste contexto, a nossa FEB, ELO e ESQUADRÃO DE CAÇA, o SENTA PUA e os recursos de nossa Marinha.

Nota: Este livro é artesanal, eu o digitei, formatei e o ilustrei com mais de 87 anos. E seguramente contém erros e falhas. E solicito ao leitor que se fixe no fundo e não na forma. E nossas desculpas antecipadas pelas falhas e erros.

Tecnologias Novas

Nos últimos 10 anos 2009-2019, tiveram lugar grandes revoluções com apoio da Internet. O **Google** substituiu a Listel, Páginas Amarelas e Encyclopédias. Os **Smartphones** substituíram câmeras amadoras, fotografias e revelações. A **Nuvem** complicou os pendrives. O **Uber** está competindo com os táxis. O **Youtube** complicou a vida das emissoras de TV, jovens preferem assisti-lo, do que as TVs de canal aberto. O **WhatsApp**, complicou os telefones fixos. A **Tesla**, complicou as montadoras de automóveis.

A **Olx** acabou com classificados em jornais e o **Email** complicou a vida dos Correios. E vem mais tecnologias novas. Aguardemos !!!

Agradecimento especial de justiça na voz da história

Ao término de meu contrato por Obra Certa (PTTC), na Academia das Agulhas Negras em Dezembro de 2018, tive que deixá-la e me organizar no meu Apartamento, e não mais contar, como antes, com apoio do pessoal da Biblioteca da AMAN e outros serviços, inclusive, assistência do material de Informática a serviço da FAHIMTB. E passei a desenvolver em casa dois livros patrocinados pela **FHE-POUPEx** e colocar minha produção literária no site da FAHIMTB (www.ahimtb.org.br). E para tal contei com o apoio, diria logístico, de minha secretária do lar, Silvia Conceição Pimentel Oliveira e de minha jovem secretária estagiária na FAHIMTB Camila Karen Costa Santos, concluindo o colegial no Colégio Estadual Olavo Bilac, com o projeto de ingressar como cadete na Academia Militar das Agulhas Negras. À dedicação, responsabilidade e devoção as suas tarefas, devo a tranquilidade para desenvolver os dois livros e fazer um levantamento de toda a minha obra literária, para disponibilizá-la na Internet. Camila Karen como digitadora, e com muitos bons conhecimentos de Informática, encarregada de elaborar balancetes de recursos recebidos da **FHE-POUPEx** e serviços de Correios, pagamentos e me representando junto a Agência do Banco do Brasil. A elas o meu sincero agradecimento, e que tenham a consciência de que prestaram grandes serviços, em especial a História do Exército Brasileiro. A Camila Karen votos de que conquiste seu sonho de ingressar na AMAN.

Cel Bento - Presidente da FAHIMTB

Nota: Este e outros livros e plaquetas estão disponíveis para serem baixados no site (www.ahimtb.org.br), criado e administrado pelo Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Stumpf Bento, meu filho.

Posfácio



Daniel Mata Roque¹

O honroso desafio de redigir este posfácio me foi feito pelo Coronel Cláudio Moreira Bento, fundador e presidente da FAHIMTB, um dos maiores historiadores militares brasileiros vivos e também um pensador militar terrestre nacional.

Nas páginas anteriores, vimos desfilar grandes pensadores, grandes exemplos de patriotas. Homens que pensaram no Exército e no Brasil e que refletiram sobre as ciências militares, a arte da guerra, sobre estratégia e defesa nacional, no desenvolvimento de nossa doutrina militar terrestre.

A atualidade deste livro pioneiro vem da própria atualidade da guerra. Lamentavelmente, desde que se tem notícia, a humanidade não passou um único dia sem que algum conflito armado ocorresse em algum recanto do planeta.

Certamente que a dinâmica do conflito mudou. Fomos da pedra lascada ao veículo aéreo não tripulado (VANT, ou na expressão em inglês, drone), passando por inovações como espada, pólvora, dinamite, armas automáticas, aviões, veículos blindados, bombas atômicas e tantas outras.

A guerra está na origem humana, na formação das sociedades,

na consolidação dos Estados Nacionais, na manutenção de fronteiras e soberanias, na conquista de liberdade e democracia. Está em nosso passado, em nosso presente e estará em nosso futuro.

Como registrou o filósofo e historiador alemão Oswald Spengler, “de pé no passado, vivendo o presente, nos debruçamos sobre o futuro”. É fundamental crescer com os acertos passados e, também, aprender com os fracassos vividos.

Para as novas gerações de pensadores militares, que contribuirão para a atualização da doutrina militar de nossas Forças Terrestres, ao enfrentarem a ciber guerra, o terrorismo, as guerras assimétricas e a realidade do poder brando, este livro pioneiro surge como marco e ponto de partida, revelando as práticas e estratégias que nos moldaram até o século XXI e dando o impulso para os novos pensamentos, as novas teses que, calcadas no sucesso do passado, nos levarão ao futuro.

Este livro não é um manual. É um gatilho.

1 - Cineasta e memorialista. Diretor do MILITUM - Festival de Cinema de História Militar. Secretário Executivo da AHIMTB-RIO, onde ocupa a Cadeira Especial Brigadeiro João de Souza da Fonseca Costa (que foi amigo, Ajudante de Ordens e Chefe do Estado-Maior do Duque de Caxias durante a Guerra da Tríplice Aliança, herdeiro testamental de sua invicta espada).



*Comentários de Israel Blajberg **

A Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) em boa hora, com o patrocínio da FHE POUPEX, traz a lume mais uma obra, que vem somar-se a tantas outras que o Coronel Cláudio Moreira Bento tem nos brindado.

O presente volume se constitui em relevante contribuição pioneira, à historiografia nacional, apresentando, em um só volume, alentado, conjunto sobre a vida e os trabalhos de ilustres Pensadores Militares Terrestres Brasileiros.

Seu valor didático é dos mais relevantes, por tratar-se de publicação única, eis que aborda uma plêiade de ilustres pensadores militares terrestres que ajudaram a construir o pensamento crítico histórico militar desde os tempos do Brasil Colônia, até os dias de hoje, de Antônio Dias Cardoso a Golbery do Couto e Silva, de Caxias e Osório a Ruas Santos e Amerino Raposo Filho.

Juntando-se a dezenas e dezenas de trabalhos já publicados no Brasil e no Exterior, este livro ora apresentado à comunidade histórica nacional, se constituirá em ferramenta de consulta da maior utilidade para os que militam no campo da História do Brasil e da História Militar, sejam civis, sejam fardados, eis que uma e outra transcorrem pari passo.

Um ilustre pensador, tem todo merecimento para figurar em posição de destaque neste volume, Estamos nos referindo ao estimado Coronel Claudio Moreira Bento, ele mesmo uma das ilustres personalidades que há 48 anos vem auxiliando a levantar o pensamento militar terrestre crítico brasileiro Insigne mestre de Doutores e Generais, cuja maior obra é a magnífica Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), sediada em Resende-RJ, na Academia Militar das Agulhas Negras, já tendo completado 2 décadas de profícua atuação em todo Brasil e também em Portugal, através de sua Delegacia D. João VI.

Será pois com grande interesse que a presente obra será acolhida nos meios acadêmicos, históricos e culturais brasileiros, interessados em problemas relacionados com a Defesa do Brasil, pelo que desde já apresentamos nossos melhores cumprimentos ao eminente confrade e amigo Coronel Bento, distinto soldado e denodado lutador social, por vocação, da Memória Histórica Nacional, em especial das Forças Terrestres Brasileiras (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares).

Rio de Janeiro, aos 74 anos do Dia da Vitoria Aliada na Europa, 08 de maio de 2019.

() Presidente – AHIMTB-RIO
Vice-Presidente – CASA da FEB – RIO
iblajberg@poli.ufrj.br*



Autor e suas obras
Curriculum Militar e Cultural do
Cel Cláudio Moreira Bento

CLAUDIO MOREIRA BENTO é historiador militar, jornalista, presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), fundada em 10 de março de 1996, em Resende-RJ, a qual tem sua sede na Academia Militar das Agulhas Negras. Fundador do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), fundado em 10 de setembro de 1986 em Pelotas e com sua sede hoje em Caxias do Sul. Fundador da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), fundada em 13 Set 1988, a qual tem sua sede própria em Canguçu-RS. É membro emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). É acadêmico da Academia Brasileira de História, na qual é titular da Cadeira 12 - General Augusto Tasso Fragoso; é acadêmico correspondente da Academia Portuguesa de História, e sócio correspondente da Real Academia de História de Espanha, da Academia Argentina de História, dos institutos de História do Uruguai e Paraguai e de entidades congêneres no Brasil dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e das cidades do Rio de Janeiro, Pelotas, São Leopoldo, São Luiz Gonzaga, Itajubá-MG, Sorocaba-

SP, Resende, Itatiaia, Barra Mansa e Volta Redonda, RJ. Integra, no Rio de Janeiro, a Sociedade Geográfica Brasileira e também os Institutos Bolivariano, dos Centenários, Histórico do Brasil - Peru - Marechal Ramon Castilla e o Instituto de Estudos Vale-paraibanos. Integra, em Porto Alegre, o Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL). É correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul, da Paraíba e da Raul Leoni em Petrópolis. Possui o curso de Pesquisadores das Forças Terrestres Brasileiras pelo Estado-Maior do Exército. Coordenou em 1970/71, como missão militar, o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, coordenou as operações de pesquisa histórica do Projeto Rondon nos Guararapes e o Projeto Rondon - Arquivos 1. Integrou a Comissão de História do Exército Brasileiro do Estado-Maior do Exército (CHEB/EME1971/74) como adjunto de sua Presidência, a qual teve entre outras missões, e a seu cargo, o projeto, coordenação e edição da História do Exército Brasileiro - Perfil Militar de um Povo, que é uma contribuição do Exército às comemorações do Sesquicentenário da Independência, cabendo-lhe, também, como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército Gen Ex Alfredo Souto Malan, redigir o capítulo relativo às Guerras Holandesas. Presidiu comissão da Revista do Exército evocativa do bicentenário do Forte de Coimbra e a que estudou a criação do Museu do Exército no Forte de Copacabana. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, 1978/80, quando teve editado pelo Estado- Maior do Exército, em 1978, sob a forma de manual, o seu livro *Como estudar e pesquisar a História do Exército*, obra reeditada pelo Estado- Maior do Exército em 1999 e distribuída às escolas AMAN, EsAO e ECEME. No EME, Integrou na AMAN, as comissões evocativas dos centenários de falecimento do Marechal Osório em 1979 e a Duque de Caxias em 1980 e também a a elaboração dos livros textos História Militar do Brasil, patrocinados pelo EME e História da Doutrina Militar da Antiguidade a 2^a Guerra Mundial, os quais coordenou e enriqueceu, como historiador militar já consagrado, premiado e membro de instituições de História nacionais, estaduais e municipais.

Foi premiado em concursos literários com os seguintes trabalhos:

- O gaúcho fundador da Imprensa Brasileira (1974), pela Associação Rio-grandense de Imprensa e pela Assembleia Legislativa do RGS;
- O Negro na Sociedade do RGS e - Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS (1975 - 76), pelo Estado do Rio Grande do Sul;

A produção de Informações Estimadas (1975), pela EsNI; - O Exército Brasileiro no Desenvolvimento (1988), pela Military Review do Exército dos EUA; - O Exército e a Abolição (1988) e - O Exército na Proclamação da República (1989), pela Diretoria de Assuntos Culturais do Exército (DACEDE), publicado pelo SENAI-RJ, lançado na ECEME e distribuído na AMAN. E autor do livro Amazônia Brasileira - Conquista, Consolidação. Manutenção. História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003, ora em reedição ampliada. E autor do livro A Revolta do Contestado 1912/16 nas memórias e ensinamentos de seu Pacificador.

É autor de cerca de mais de 107 obras, entre livros, plaquetas e álbuns, além de centenas de artigos sobre a História Militar do Brasil e de suas Forças Armadas e, em especial, a do Exército Brasileiro, em periódicos civis e militares, nacionais e estrangeiros. No conjunto de seus trabalhos publicados, registram-se, entre outros, As Batalhas de Guararapes (Recife: UFPE, 1971, 2v); A grande festa dos lanceiros (Recife: UFPE, 1971); Símbolos do RGS (Recife: UFPE, 1971); Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS (P. Alegre: IEL, 1975); O Negro na Sociedade do RGS (P. Alegre: IEL, 1975); Como estudar e pesquisar a História do Exército (Brasília: EME-EGCCF, 1978); Canguçu - reencontro com a História (P. Alegre: IEL, 1983, reeditado ampliado em 2007); A História do Brasil através de seus fortés (P. Alegre: GBOEx, 1982); Álbum Escolas de formação de oficiais das FFAA (Rio: FHE-POUPEx, 1988); Álbum A Guardião do Rio de Janeiro na Proclamação da República (Rio: FHE-POUPEx, 1980); Amor Febril - memória da canção militar brasileira (Porto. Alegre: GBOEx, 1990). E as plaquetas Centenário do término da Guerra do Paraguai (Maceió: Trib. Contas, 1972); Tradição e Disciplina (Fortaleza: UFCE, 1971); A Conquista da Amazônia (Rio: DNF, 1972); O Libertador do Acre (Belém: SUDAM, 1973); Sesquicentenário da PMSP (São Paulo: PMSP, 1981); O mineiro cérebro da Revolução Farroupilha (Itajubá: EFEI, 1981); Síntese Histórica do 4º BECmb (Itajubá: 4º BECmb, 1981); Sesquicentenário do combate de Rio Pardo (Rio: MONASA, 1981); Centenário de Conrado Ernani Bento (Canguçu: 1988); Porto Alegre - Memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias (Brasília: ECGCF, 1989); O Exército Farrapo e os seus chefes (Rio: BIBLIEx, 1992, 2v.); A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende (Rio: SENAI, 1992) e O Jubileu de Ouro da Academia Militar das Agulhas Negras; Álbum Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil (Rio de Janeiro: FHE/POUPEx,

1988); A Participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na II GM (Resende: 1995); Canguçu - síntese histórica (1991); Real Feitoria do Linho-cânhamo do Rincão do Canguçu 1783/89 (Canguçu: Prefeitura, 1992, Administração prefeito Nelson Edi Grigolleti); Os Puris do Vale do Paraíba (Volta Redonda: Gazetilha, 1995); Os 68 sargentos heróis da FEB mortos em Operações de Guerra (Resende: FAHIMTB, 2011) publicado em 2011 e lançado na Escola de Sargentos das Armas no centenário do Sargento Max Wolf e Marinha Mercante na II GM (1995), pela ANVFEB, por iniciativa do Dr. Joaquim Xavier da Silveira, veterano da FEB, além de inúmeras pesquisas básicas de História Militar nas revistas A Defesa Nacional, Revista do Exército, Revista do Clube Militar, Revistas dos Institutos de Geografia e História Militar do Brasil, Histórico e Geográfico Brasileiro, Histórico e Geográfico de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, e Rio Grande do Sul, etc.

Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no centenário da entidade, em 1977. Nos centenários da República e da Bandeira Nacional integrou comissões do Exército e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemorativas do evento, tendo publicado várias matérias e tendo coordenado a publicação da obra alusiva ao tema: Cadernos da Comissão do Exército para as comemorações dos centenários da República e da Bandeira (Rio: BIBLEx - SENAI, 1991).

Natural de Canguçu-RS, nascido em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 1930 e 1932. Coronel Reformado de Engenharia, Turma Asp Mega, 15 Fev 1955. Foi diretor do Arquivo Histórico do Exército em 1985-1990. E irmão da Santa Casa do Rio de Janeiro e detentor da Comenda João Simões Lopes Neto, conferida por Lei pela cidade de Pelotas-RS, além de outras distinções como cidadão honorário das cidades de Itajubá-MG, Resende e Itatiaia-RJ e transcrições de artigos de sua autoria na Câmara Federal, Assembleias Legislativas de Minas Gerais e Goiás e na Câmara de Vereadores de Recife.

Fez seus estudos no Colégio Nossa Sra. Aparecida, em Canguçu, 1938/44; em Pelotas, no Ginásio Gonzaga e Pelotense, 1945/50. Praça do Exército em 27 Jan 1950, na 3^a Cia de Comunicações em Pelotas. Foi Aluno da EPPA - Porto Alegre, 1951/52; Cadete na AMAN 1953/55 - Turma Asp Mega, 15 Fev 1955; 6^a Cia de Comunicações, São Leopoldo, 1955/57; 1^º Batalhão Ferroviário, Bento Gonçalves, 1957/59 e 1961/66; 3^a Cia Comunicações e 3^º BE Combate, Cachoeira do Sul, 1959/61; EsAO,

1964; ECEME, 1967/69; EM/CMNE, 1970/71; EME, 1971/74; DEC, 1974; EsNI, 1975; EM/CMSE, 1976/77; AMAN, 1978/80; Comandante do 4º BE Cmb, Itajubá, 1981/82; EM/1ª RM, 1983/84; Diretor do Arquivo Histórico do Exército, 1985/90.

Transferido para a Reserva com 40 anos de efetivo serviço, fixou residência em Resende/Itatiaia-RJ, onde fundou e presidiu as Academias Resendense e Itatiaiense de História em 1992. Em Resende foi diretor cultural da Sociedade Resendense de Amigos da AMAN (SORAMAN).

Sua biografia parcial consta das seguintes obras: - Dicionário bibliográfico de historiadores brasileiros. Rio: IHGB, 1981, v.I e Dicionário bibliográfico gaúcho (P. Alegre: EST/Edigall991, p.31).

Possui muitos artigos de interesse da História da 3ª RM e do CMS na Imprensa do Rio Grande do Sul: Diário Popular - Pelotas; Correio do Povo, Zero Hora e O Tradição, de Porto Alegre, O Liberal de Canguçu, Santa Vitória e São Gabriel; A Platéia e Folha Popular em Sant'Ana do Livramento; O Correio do Sul em Bagé; Folha de São Borja; Rio Grande de Rio Grande; O Timoneiro em Canoas e nas revistas do IHGRGS, Academia Rio-Grandense de Letras, Instituto de Filosofia da UFRGS, etc.

A BIBLIE publicou seu livro A guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1874-76, abordagem pioneira de grande interesse para a História Geral do Rio Grande do Sul e hoje disponível no site da FAHIMTB (www.ahimtb.org.br), bem como os trabalhos de sua autoria Medalhas de Honra do Brasil (condecorações civis e militares do Brasil), e também o álbum esgotado A História do Brasil através de seus fortes, patrocinado pelo GBOEx, ou seja, a citada História do Brasil através de seus fortes com o título Fortaleza Brasil. E também no site o álbum Os patronos nas Forças Armadas do Brasil.

Dentre suas condecorações se destacam: Comendador do Mérito Militar; Medalha de Platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército, Cavaleiro do Mérito das Forças Armadas; Medalha do Pacificador, de Honra da Inconfidência, por méritos cívicos, e Medalha de Santos Dumont, por Minas Gerais; Medalha de Mérito Tamandaré, pela Marinha; Medalha Presidente Coruja, pela Associação Sul-Riograndense; Medalha do Sesquicentenário da Polícia Militar de São Paulo; e por Resende, a Comenda Conde de Resende, além de inúmeras comemorativas de eventos históricos.

Desenvolveu, como vice-presidente do Instituto de Estudos

Valeparaibanos e, como coordenador científico, o XIII Simpósio de História do Vale do Paraíba em Jul 1996, tendo por tema O vale do Paraíba na História Militar, trabalho cujo exemplar guarda na sede da FAHIMTB. Evento em cuja preparação foi fundada a hoje FAHIMTB que completa, em 20 de março de 2019, 23 anos de profícuos serviços, em especial à História do Exército Brasileiro e, em particular, a sua História Militar Crítica, a serviço da instrução e ensino dos quadros e da tropa e do desenvolvimento da Doutrina do Exército Brasileiro. Sua grande e pioneira contribuição à História do Exército no Rio Grande do Sul foi a conclusão do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, constituído de 21 livros: História do CMS, 1995, ora atualizado e reeditado em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; A História da 3^a Região Militar em três volumes sendo que o 2º volume foi reeditado. A História da 3^a e 6^a Divisões de Exército; a História da 8^a Brigada de Infantaria Motorizada, da 6^a Brigada de Infantaria Motorizada e a História da 1^a, 2^a e 3^a Brigadas de Cavalaria Mecanizadas; a História da 3^a e 6^a Artilharias Divisionárias; a História do Casarão da Várzea; das Escolas Militares de Rio Pardo e as biografias dos líderes de batalha e de combate que atuaram na área: Duque de Caxias, Marques do Erval, Conde de Porto Alegre e Brigadeiro Antônio de Sampaio, este O Bravo dos bravos de Tuiuti. E também a História de Hipólito da Costa, filho de militar, sobrinho do Capelão Militar de Colônia do Sacramento, pai de um marinheiro brasileiro e pai e avô de oficiais do Exército Inglês.

Obras para qual concorreram como parceiros o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, na maioria delas e, em uma obra, o Cel Mário José de Menezes. Outros, o Cel Ernesto Caruso, Major Andrei Clauhs, Subtenente Osório Santana Figueiredo, Sargento Ref Carlos Fontes e o Dr. Eduardo Cunha Miller. Projetos nos quais foi relevante a contribuição do acadêmico benemérito, Professor Flávio Camargo como editor, em especial do nosso livro Caxias e a Unidade Nacional e também no projeto, regulamento e adoção da Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, a do Mérito Farroupilha, e a Medalha do Cerro da Liberdade da Academia Canguçuense de História. E também a contribuição de meu filho Capitão de Mar- e- Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento na elaboração das capas da maioria dos livros do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul.

ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES

Doutrina Militar: É como um Exército regulamenta a sua Organização, Equipamento, Instrução, Motivação (Forças Morais) e Emprego.

Corpo de Doutrina: É o conjunto de regulamentos da Doutrina Militar de um Exército.

Constantes uma Doutrina Militar: “O homem e sua contínua mudança.”

Cérebro de um Exército: É uma minoria encarregada do desenvolvimento de sua Doutrina: Cmt do Exército, seu Estado-Maior, generais comandantes, chefes e seus estados maiores e assessorias, estrategistas, táticos, pensadores militares e historiadores militares críticos, adidos militares (em especial), diplomatas, engenheiros etc..

Corpo de um Exército: A maioria de um Exército, cuja missão é treinar e cumprir a Doutrina, emanada do Cérebro do Exército.

História Militar Descritiva: É a que resulta do estudo especializado, por historiadores formados em História, de fontes primárias de História Militar, Integrais, Autênticas e fidedignas.

História Militar Crítica: É a que resulta da análise militar crítica, à luz dos fundamentos da Ciência e Arte Militar, por historiadores militares críticos, em princípio.

História Militar Descritiva é Conhecimento Militar.

História Militar Crítica é Sabedoria Militar: É a que contribui para o Desenvolvimento da Doutrina, da Instrução dos Quadros e da Tropa, e para da preservação do Patrimônio Histórico e Culturas do Exército considerado. (É a jóia da Coroa da Doutrina Militar!)

Importância da sua História Militar para os Exércitos: O Mal Ferdinand Foch que comandou a vitória aliada na 1ª GM declarou: “Para alimentar o Cérebro de um Exército na Paz, para melhor prepará-lo para a guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro História Militar.

Teoria de História do Exército Brasileiro: Relaciona todos os casos de forças terrestres em lutas Externas e Externas. Teoria traduzida pelo Estado-Maior do Exército em seu manual “Sistema de classificação de assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras”.

Fundamentos de crítica de Ciência e Arte Militar: Abordados no cap.4 do livro “Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro”, manual em que abordo somente os casos de Emprego de Força constantes da Teoria de História das FTB, para deles tentar extrair ensinamentos sobre Organização, Equipamento, Instrução, Motivação, bem como sobre erros e acertos cometidos.

Fundamentos da Ciência e da Arte Militar: Abordados no capítulo 4 do supracitado manual, que encontra-se disponível para ser baixado no final de Livros e Plaquetas no site www.ahimtb.org.br. Exemplos: Princípios de Guerra, Manobra e seus elementos, Fatores da Decisão Militar, etc.

Poder militar dissuasório possível: Refere-se ao poder militar que uma nação pode apresentar em função de sua economia, mas o suficiente para dissuadir aventuras militares contra sua Integridade e Soberania ...

Pensar o Passado, para compreender o Presente e idealizar o Futuro. (Heródoto Sec.VAC).